

**ANGELA VIANA MACHADO FERNANDES**

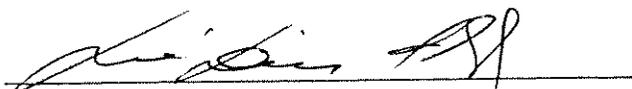
**O PAPEL DA PRÁTICA ADMINISTRATIVA  
NA IMPLANTAÇÃO  
DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS  
NÃO-AUTORITÁRIAS  
NAS ESCOLAS PÚBLICAS:  
EM RELEVÂNCIA CÉLESTIN FREINET**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**1990**

ANGELA VIANA MACHADO FERNANDES

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Angela Viana Machado Fernandes e aprovada pela Comissão Julgadora em 16-03-90



O PAPEL DA PRÁTICA ADMINISTRATIVA NA IMPLANTAÇÃO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS NÃO AUTORITÁRIAS NA ESCOLA PÚBLICA - EM RELEVÂNCIA A PROPOSTA DE CÉLESTIN FREINET

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de concentração: ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Dias Sobrinho.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP

CAMPINAS - SP

1990

ANGELA VIANA MACHADO FERNANDES

O PAPEL DA PRÁTICA ADMINISTRATIVA NA IMPLANTAÇÃO DE PROPOSTAS PEDAGÓGICAS NÃO-AUTORITÁRIAS NA ESCOLA PÚBLICA -  
EM RELEVÂNCIA A PROPOSTA DE CÉLESTIN FREINET

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MESTRE EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: ADMINISTRAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof.Dr. José Dias Sobrinho.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO — UNICAMP

CAMPINAS - SP

1990

COMISSÃO JULGADORA:

Maria de Lourdes  
James P. Maher  
Wilbur S.

## AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres s<sub>ó</sub>s, que apesar do carro que brado, da empregada que não veio, do filho doente, da falta de grana, do chuveiro que não funciona, do martelo que sumiu, enfim do cotidiano de ser pai e mãe, conseguiram escrever uma tese. Este discurso parece antigo, porém, só quem o vive sabe que infelizmente ele é pós-moderno.

Aos meus filhos Cid e Flora que "cresceram" muito neste último ano.

Aos meus pais Alexandre e Maria Helena que deram todo o respaldo para que eu terminasse este trabalho.

Aos mais que amigos; Natalia e Tiago; Cláudia Heller; Chico; Claudia do Valle e Joana; Regina, Roberto e Rafael; Túlio; Su; Marlene; Quincas; Dominique; Leda, Consuelo e Sérgio que me ajudaram discretamente e de forma tão significativa.

Aos co-orientadores Ruth Joffily e José Vaidergorn não só pelo apoio técnico mas pela leitura minuciosa e amiga que fizeram desta dissertação.

Ao José Dias por ter sempre acreditado neste trabalho.

A Maria da Gloria pela leitura crítica e positiva.

Aos meus irmãos Cacalo e Alexandre.

Aos professores batalhadores, Neuzinha, Cleuza,

Robeni, Ana, Rose, Lucinha, Wilson, Cla, Tania, Glaucia; Lena, Raquel; ao grupo de Paulínia, São Carlos, Angatuba, Fartura, São José dos Campos, Bauru e a Escola Curumim.

Aos colegas de Departamento da F.C.L. — UNESP, Araraquara.

Aos amigos, que, embora distantes participaram desta minha trajetória; Mané, Luis Celso, Bastian; Fernando e Deise; Ding-Dong; Arnaldo e Magra; Juares e Cacau; Marcinha; Pardal e Inês; Tirza; Inês e Antonio; Angela e Debora.

A Rosa Maria pelo carinho e atenção com que dactilografou a tese.

## RESUMO

Esta dissertação analisa o papel da prática administrativa na implantação da proposta de Célestin Freinet nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Para tanto, expus primeiramente a trajetória de Freinet na elaboração de sua proposta político-pedagógica e sua disseminação; incluindo o Brasil, onde arregimentei os dados sobre docentes que aplicam tais idéias nas escolas públicas.

A proposta de Célestin Freinet possui um caráter que a distingue das demais, pois trabalha a organização da sala de aula e dos alunos de forma cooperativa e democrática, contrapondo-se ao modelo institucional que segue os princípios rígidos, hierárquicos e autoritários da Administração em geral. A comparação entre estes modelos foi o escopo desta pesquisa, matizada pela análise das leis 4024/61 e 5692/71, que normatizaram a atual escola pública brasileira.

A partir de entrevistas feitas com professores da rede pública municipal e estadual do Estado de São Paulo, procurei verificar as possibilidades e limites da proposta de Célestin Freinet dentro de tal quadro.

## ÍNDICE

	pág
INTRODUÇÃO .....	05
<b>PARTE I</b>	
<b>CAPÍTULO I</b>	
HISTÓRIA DE CÉLESTIN FREINET .....	10
1. Contextualização social, política e econômica .....	10
2. A trajetória docente de Freinet .....	20
3. Princípios norteadores da proposta pedagógica .....	40
<b>CAPÍTULO II</b>	
A EXPANSÃO DO MOVIMENTO .....	52
<b>CAPÍTULO III</b>	
O MOVIMENTO FREINET NO BRASIL .....	59
<b>PARTE II</b>	
<b>CAPÍTULO I</b>	
ANÁLISE INSTITUCIONAL DA ESCOLA .....	69
<b>CAPÍTULO II</b>	
BUROCRACIA .....	76
<b>CAPÍTULO III</b>	
BUROCRACIA PEDAGÓGICA .....	81
<b>CAPÍTULO IV</b>	
LEGISLAÇÃO 4024/61 E 5692/71 .....	97

## CAPÍTULO V

DEPOIMENTOS E CONTRADIÇÕES - POLÍTICA MUNICIPAL E

POLÍTICA PARTIDÁRIA ..... 114

CONCLUSÃO ..... 128

BIBLIOGRAFIA ..... 134

ANEXOS ..... A001 a A129

## INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado que o leitor tem em mãos é mais que um simples relatório acadêmico de uma proposta pedagógica que pode ter resultados profundamente transformadores das relações sociais onde é aplicada. Meu contato com a chamada Pedagogia Freinet permitiu-me elaborar, no decorrer deste trabalho, uma análise que levou em conta várias experiências que vivi, em diferentes contextos, com tal proposta.

Meu primeiro contato as idéias de Célestin Freinet datam de 1977/78. Nesta época, quando ainda era estudante de 3º ano de Pedagogia e, ao mesmo tempo, professora de pré-escola, não obtive maiores e melhores informações que pudessem tornar claro o objetivo e alcance político de sua proposta pedagógica.

Desde meados da década de 70, muitas pré-escolas particulares surgiram, voltadas ao atendimento de uma clientela que procurava novas propostas pedagógicas. Isto pode ser entendido como uma nova demanda frente ao chamado "ensino tradicional", identificado grosso modo com as escolas confessionais ou as leigas destinadas ao preparo das "elites", e que não mais respondiam às novas necessidades desta clientela.

A escola pública, ao mesmo tempo, mostrava uma paralisia consequente aos impasses criados pela Lei 5692/71. Os princípios que a Lei sustentava tornavam-se inviáveis frente à realidade que as escolas de 1º e 2º graus apresentavam. Enquanto as normas pretendidas pela Lei mostravam-se ineficazes e paulatinamente caducavam, as estatísticas de analfabetismo, repetên

cia e evasão escolar mantinham-se assombrosas (\*).

É dentro deste quadro que um grupo de pais e professores, do qual eu participava, fundamos (em 1978) uma escola particular na cidade de Campinas - Estado de São Paulo. A concepção que animou desde o início esta escola era a do sistema cooperativista na administração e nos métodos pedagógicos (uma cooperativa de pais e professores), diferente dos modelos conhecidos pelo grupo até então. Os fundadores da escola considerávamos que tanto a rede pública quanto a particular de um modo geral, representavam sistemas rígidos, hierárquicos e autoritários, que não satisfaziam nossas demandas, sendo até nossa antítese.

Pedagogicamente, buscávamos propostas que favorecessem realizar certas idealizações que todos compartilhávamos, e que podem ser resumidos como um trabalho que privilegiasse um meio natural e aproveitasse as experiências da criança, bem como sua autonomia e cooperação.

Tais expectativas dirigiram os fundadores da escola ao encontro das idéias de Célestin Freinet, que procuramos conhecer cada vez melhor.

A pedagogia Freinet assume as necessidades de cada criança em exprimir seus sentimentos e idéias através do texto livre. A organização do trabalho se dá na dinâmica da classe onde a cooperação vai ser o elo de ligação das atividades. É uma pedagogia que, ao mesmo tempo que propõe à educação algumas técnicas de trabalho, é também uma pedagogia da totalidade. Não po-

---

(\*) Cf. FIBGE, Anuário estatístico do Brasil e Censo Demográfico de 1980. Em 1980, de cada 100 alunos que se matriculavam na 1ª série do 1º grau, 53 passavam para a 2ª série, 12,7 concluíam a 8ª série (fim do 1º grau), 8,1 terminaram o 2º grau e 3,4 o curso superior. O analfabetismo, no mesmo ano (após 10 anos de Moral) atingia 32% — um terço da população!

de ser, portanto, dividida em compartimentos estanques dos quais cada um retiraria, aleatoriamente, alguns procedimentos (\*\*).

É uma proposta que permitiria a criança construir uma nova relação com o mundo. Se dentro da escola sua atuação se der de forma cooperativa onde a expressão livre é representada e incentivada, a atitude da criança com o meio onde vive se modificaria.

Embora a escola fosse particular, os professores e pais sabíamos que era esse o espaço e a forma encontrados para experimentar a pedagogia Freinet, já que, na época, os responsáveis pela direção das escolas públicas vedavam (por todos os seus motivos) qualquer alternativa que colocasse em risco as normas vigentes.

Não obstante, o fim da década de 1979 e o início da seguinte presenciou, ao lado do crescimento da oposição ao regime político vigente no país, o reinício das discussões sobre a escola pública, sua função social, política e econômica, seus métodos e conteúdos. As reavaliações do sistema escolar acompanharam importantes estudos que subsidiaram propostas as mais variadas, a preocupante evasão escolar, opunha-se a necessidade de democratização do ensino público. Sob esta palavra de ordem acobertavam-se inúmeras concepções pedagógicas, entre elas, as que se opunham ao chamado "ensino tradicional", de valorização dos conteúdos, as que recolocavam a cultura popular como valor essencial etc.

É neste contexto e período que algumas experiên-

---

(\*\*) Dossiê Pedagógico da Revista L'Éducateur. Paris, ICEM, trad. Ruth Joffily, 10/09/79.

cias isoladas da Pedagogia Freinet passam a ser conhecidas na rede pública do Estado de São Paulo, mesmo sendo ainda a época do governo Maluf, identificado com o regime militar, e na rede municipal de Campinas e outros municípios paulistas.

Em termos estritamente teóricos, a proposta pedagógica Freinet poderia ser considerada como adequada às necessidades que a política educacional de então demandava. No entanto, a sua prática tornava-se muitas vezes inviável, devido aos entraves criados institucionalmente para sua execução.

Foi partindo de tais elementos que iniciei alguns estudos que, ao fim e ao cabo, terminaram se trazendo na pesquisa aqui apresentada. O tema que desenvolvo — "O papel da prática administrativa na implantação efetiva de propostas pedagógicas não autoritárias na escola pública - em relevância a proposta de Célestin Freinet", foi concebido dentro de um plano de trabalho que considerou aspectos salientes: minha prática como professora e diretora de escolas utilizou a Pedagogia Freinet e o conhecimento desenvolvido sobre tal proposta, bem como os relatos de professores que a praticam nas escolas públicas, confrontados com a realidade do ensino oficial (tema que me remeteu a um estudo do mesmo, no seu aspecto legal-institucional).

O encaminhamento da pesquisa foi delineado por certas questões permanentes. Nelas destacam-se algumas que, para efeito de sistemática, podem ser resumidos em dois itens:

— como pode sobreviver uma proposta cooperativa, que desenvolve a autonomia da criança e onde o professor não é aquele que manda mas ajuda a classe a se organizar cooperativamente, frente ao esquema hierárquico e autoritário próprio do quadro técnico-administrativo da escola pública?

— quais são as instâncias, dentro dessa escola, pú

blica que impedem as mudanças, e que tipo de mecanismos de controle possuem?

Ao iniciar a pesquisa, procurei levantar informações sobre quais condições que esses professores, que se utilizam da pedagogia Freinet, tinham de trabalho. Para tanto, utilizei-me de entrevistas com docentes de vários municípios do Estado de São Paulo. Considerei, como elemento de análise significativo, a solicitação de sigilo dos nomes da maioria dos entrevistados, bem como do lugar onde trabalhavam. É um fato importante, pois eles observam a permanência do sistema de sanções e controle tanto dentro quanto fora da escola em que exercem o magistério.

Mas quem sanciona? Quem controla? Quais são os mecanismos que atuam sobre os professores que procuram desenvolver um trabalho que pode atender às necessidades da criança dentro da escola pública?

Afinal, em quem e a quem a Pedagogia Freinet pode (e deve) incomodar?

Para responder a estas questões delineeii, em primeiro lugar, um quadro de análise histórica que contextualizasse Célestin Freinet na França da época em que viveu, para poder entender a construção de seu pensamento pedagógico, bem como dos pressupostos que o moveram. O relato sucinto de sua história docente por seu turno, esclarece o alcance político de sua proposta, que se mantém durante toda sua vida, bem como mostra os inúmeros obstáculos com que se defrontou ao implementar seu trabalho. Obstáculos que se remetiam ora a questões políticas, ora a questões legais, administrativas e/ou burocráticas.

Sua proposta pedagógica, para ser compreendida nos seus princípios norteadores, requer uma contextualização na França do período entre-guerras. É na população camponesa e operária que Freinet pensava quando criou técnicas e deu importân-

cia a uma pedagogia que atendesse às classes populares, já que seu objetivo era mudar a sociedade. Sua meta era a "Escola do Povo".

A primeira parte desta Dissertação traz todo esse relato, expondo também o alcance de sua obra. Será através da expansão do movimento de cooperativa e sua divulgação que poder-se-á verificar a presença da pedagogia Freinet no Brasil. Neste meu relato, concentrarei tal descrição no período da década de 1980, embora houvesse encontrado indivíduos e mesmo informações quanto a classes Freinet em épocas anteriores. Tal corte se justifica, já que é nesta data que as classes Freinet deixam de ser casos isolados. De fato, é só a partir da época citada que pude contar com dados confiáveis quanto ao desenvolvimento sistemático e menos fortuito da pedagogia de Freinet em algumas escolas públicas do Estado de São Paulo.

Para analisar tais casos fez-se necessário, na segunda parte deste trabalho, desmontar e criticar a estrutura institucional do sistema escolar e localizar, no seu interior, o professor e seu papel.

As relações de poder que estão subjacentes a tal estrutura requereram por sua vez uma análise da burocracia como a organização que define os papéis no interior da escola, delimitando suas funções. É através da exposição da burocracia pedagógica que pude, então, situar cada seu participante conforme regras hierárquicas pré-estabelecidas, e onde elementos de sanção e controle aparecem com nitidez. Na estrutura educacional brasileira recente, isto é caracterizado com as Leis 4024/61 e 5692/71. Esta última permanece até hoje como a regulamentação das escolas de 1º e 2º graus. Em tais escolas, desenvolvi minha pesquisa, e é nelas que professores seguidores da Pedagogia Freinet desenvolvem seu trabalho.

Desde a década de 1980, alguns municípios do Estado de São Paulo passaram a utilizar, em algumas classes, a Pedagogia Freinet. Os depoimentos de professores que atuam tanto na rede municipal de ensino como na estadual permitiram-me confrontar elementos antitéticos na análise conclusiva desta Dissertação, opondo uma estrutura autoritária, própria da escola pública brasileira, com uma proposta contrária, que luta por seus princípios e para atingir seus fins.

Como anexo, acrescentei a transcrição das entrevistas e depoimentos que, pelos motivos expostos, infelizmente, tiveram que ter omitidos os nomes dos professores e suas cidades de origem. Aos interessados, as fitas gravadas estão à disposição.

## PARTE I

### CAPÍTULO I

#### HISTÓRIA DE CÉLESTIN FREINET

##### 1. Contextualização social, política e econômica.

Para que se possa entender quais os pressupostos que levaram Freinet a delinear uma proposta pedagógica (que será exposta em capítulo posterior) achei necessário contextualizar historicamente este autor, pois todo seu trabalho está centrado na preocupação de uma prática política e social conseqüente, que seria "A Escola do Povo"

Na primeira metade do século XX as estruturas econômicas francesas já apresentam características de um capitalismo consolidado, em que a estabilidade das moedas, a facilidade da circulação de capitais e de homens, a multiplicação dos meios de transportes e uma contínua expansão econômica inserem a França na Europa Industrial. (1)

---

(1) A prosperidade européia, da qual a França fez parte, tem seu limite cronológico entre 1896 (fim da depressão iniciada em 1873) e 1914. Segundo Schumpeter, citado por Dobb, esta seria uma nova fase do ciclo de Kondratiev, mas teria uma novidade: a prosperidade seria atribuída exclusivamente às inovações técnicas ligadas à eletricidade. cf: Dobb, Maurice. A Evolução do Capitalismo, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 6ª edição - 1977, p. 366-390. Em termos das relações políticas no período, em especial a França do pós-caso Dreyfuss e a conquista das colônias africanas, cf: Pirenne, Jacques-Henri. Panorama da História Universal; segundo As grandes correntes da História Universal de Jacques Pirenne. São Paulo, DIFEL-Ed.USP, 1973, p. 303-310.

Antes da 1ª Guerra Mundial são implantadas na França as primeiras experiências do taylorismo (2). "Ao estalar a Primeira Guerra Mundial, a França era o segundo país do mundo no que respeita à exploração de capital" (3)

Nas eleições do 1913 as forças atuantes politicamente se dividiam grosso modo em: a "direita" (representado por R. Poincaré, então presidente da França que reunia a alta burguesia e a Igreja); o "centro" (pequena e média burguesia); e a "esquerda" (que reunia os sindicalistas e socialistas). (4)

"Na mesma época, e como consequência dos embates político-econômicos, o movimento sindical francês recrudesciu, colocando-se, junto com o partido socialista, contra a taylorização do trabalho industrial. Isto se manifestou com inúmeras greves no período imediatamente anterior à Guerra de 1914-1918(5).

Em oposição ao princípio concorrencial do taylorismo e fayolismo surge na França todo um movimento cooperativista que tem por objetivo a justa repartição da riqueza nacional. Às vésperas da guerra, esse movimento conta com um milhão de membros reunidos, principalmente, em cooperativas de consumo.

---

(2) Caracteriza-se pela racionalização da produção; separação entre o processo de concepção e execução.

(3) Cf. Zubok, Galkine, Efimov - História Moderna - O Imperialismo. vol. II Editorial Estampa, Lisboa, 1977, pg. 127.

(4) ibdem.

(5) Oliveira, Anne-Marie Milton - Revisando a obra de Célestin Freinet. Limites e Possibilidades de uma Proposta de Educação Popular na Escola Pública. Dissertação de Mestrado - Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, 1989 - p. 109.

(5<sub>1</sub>) Surgem nesta época as "Bolsas de Trabalho" criação do Movimento operário francês. Em cada cidade existe uma dessas "Casas dos Trabalhadores" cujas funções dentre outras era a ajuda mútua e o incentivo a ação cooperativa. p. 108.

É neste quadro que Célestin Freinet inicia suas atividades de militância política e pedagógica. Segundo Oliveira,

"É importante percebermos a importância do cooperativismo na França da época, porque este princípio constitui, sem dúvida, uma das linhas mestras do pensamento de Freinet. Não somente ele incentivou, ajudou constantemente a organizar as cooperativas de produção e de consumo na região onde viveu, como impregnou com o mesmo espírito sua pedagogia. A primeira organização docente que criou foi a Cooperativa do Ensino Laico em 1927, cuja intenção era subsidiar materialmente a todos os professores que começavam a se unir em torno de seu trabalho". (6)

Este período, que antecede a 1ª Guerra. é marcado por uma grande ascensão das forças de esquerda na Europa. (7)

Na França, o Partido Socialista (fundado em 1905), vai orientar-se pelo manancial teórico marxista e influencia sobre modo a organização dos professores.

Antes de 1914, o corpo docente francês já se unia para solicitar junto ao governo melhores condições de trabalho. Começava aí o seu engajamento no movimento de educação popular, reivindicando o fim do monopólio estatal do ensino. Em 1907 é fundada a Federação Nacional dos Professores Primários e em 1910 é fundada a Revista Pedagógica "L'Ecole Emancipeé" da qual Freinet vai ser um ativo colaborador. Em 1912, o presidente eleito R. Poincaré

---

(6) Cf. Oliveira, op. cit. pg. 109

(7) Cf. Zubok, Galkine, Efimou, op. cit., vol. II, 1977.

(que lutou contra o movimento socialista e preparou o país para uma guerra imperialista)) proíbe o sindicato dos docentes sob alegação de que fazia propaganda antimilitarista. (8)

O período em que Freinet desenvolve sua obra na França caracteriza-se politicamente, à semelhança do já citado período anterior à guerra, pelos grupos de direita (uma minoria de monarquistas e liberais); centro (os republicanos); e a esquerda (socialistas e comunistas).

Em 1920 os comunistas e socialistas se separam. Os primeiros passam a militar na extrema esquerda do movimento operário.

O movimento socialista francês da época vai se caracterizar por duas correntes: a de Proudhon (9) (1809-1865, um anarquismo que busca acabar com o Estado; e possui aversão aos partidos políticos e espírito libertário); e a Marxista (tradição de militância e lutas operárias).

O sindicalismo francês, da mesma forma, se dividia entre essas duas visões, a anarquista e a marxista. Por seu lado, a primeira queria ser independente dos partidos; por outro, a segunda acreditava na união partido-sindicato para conquista do Estado. (10)

Dentro de um plano mais específico, a política educacional articulava-se através da luta entre Estado e Igreja. A escola passou, na época, a ser usada como palco da batalha maior en-

(8) Cf. Pirenne, op. cit.

(9) Para maiores informações sobre o pensamento de Proudhon, cf. O que é a Propriedade? Lisboa Ed. Estampa, 2ª ed., 1975, A cooperativa do Ensino Laico de Freinet, aproxima-se bastante da visão proudhoniana.

(10) Prost, Antoine - Histoire de L'Enseignement en France 1800 - 1960. Paris, Librairie Armand Colin, 1968.

tre católicos e republicanos.

O Estado, com a derrota da Igreja, vai tutelar o ensino de forma centralizadora e hierárquica. Os professores passaram a ser funcionários do Estado. A administração centralizava-se. Os programas passam a ser únicos para todo o país. É criado o cargo de inspetor (para supervisionar as escolas) e são abertas as escolas normais.

"O pensamento republicano se opõe à religiosidade e torna-se a ideologia oficial da escola pública: Racionalismo (a burguesia interessava formar os quadros administrativos e técnicos necessários para consolidar a implementação da Revolução Industrial). E educação como meio de progresso social.

A escola como veículo para distribuir a todos o saber científico (levar a sociedade ao progresso material e espiritual como meio de conquistar um suposto progresso moral da humanidade)". (11)

A promulgação das leis Fundamentais da Instrução (12) em 1882, que foi defendida principalmente por Jules Ferry (primeiro ministro da Instrução Pública) marca não só a vitória dos republicanos sobre os católicos mas vem nortear o ensino público francês até hoje. Freinet deixou claro durante sua trajetória a aversão ao controle da Igreja sobre a escola. Para ele, esta, através da coerção,

---

(11) Cf. Oliveira, op. cit.

(12) As leis fundamentais da Instrução pública na França em 1882 tinham como objetivos principais, a obrigatoriedade, a gratuidade e a laicidade do ensino.

só vem submeter à criança à ideologia dominante.

Basicamente, as medidas educacionais deste período são centralizadoras, cabendo ao Departamento formar, remunerar, nomear, promover e inspecionar os professores tanto pedagógica como administrativamente. É o Conselho Departamental que fixa o Regimento Escolar e ainda fiscaliza para que seja cumprido. Aos inspetores cabe visitar regularmente as classes e avaliar o trabalho dos docentes. (13)

Embora o Estado venha legitimar seu poder via escola, Freinet buscou sempre a independência face aos poderes constituídos. Sua coerência política-pedagógica foi a luta pela educação libertária. Sempre se rebelou contra a hierarquia administrativa.

Como Freinet, outros professores primários foram punidos pelo poder local na luta por uma escola que tivesse a serviço da classe trabalhadora. As punições eram exemplares, tal como descrito por Elise Freinet:

"... era preciso pôr termo à agitação nacional e a crescente simpatia por Freinet. Caso contrário, ficaria seriamente ameaçado o prestígio dos superiores do humilde professor primário de Saint-Paul. A 21 de junho de 1933 Freinet é exonerado por ordem da prefeitura, 'no próprio interesse da escola leiga' diz o aviso, que as suas ações estão em vias de se comprometer..." (14)

O período de 1914 a 1945 na França caracteriza-se

---

(13) Cf. Prost, op. cit.

(14) Freinet, Elise - Nascimento de uma Pedagogia Popular. Lisboa, Ed. Estampa, 1978, p. 261.

por uma evolução radical do capitalismo, passando a fase concorren-  
cial para a monopolista. (15) A 1ª Guerra Mundial vem romper uma  
economia até então estável, onde a intervenção do Estado tornava-  
-se cada vez maior. Essa época foi marcada pelo crescimento do so-  
cialismo radical e da sua tentativa em se aliar ao Partido Comunis-  
ta Russo. O Partido Socialista Francês vai formar, em 1924, o pri-  
meiro governo de esquerda do pós-guerra, o "Cartel das Esquerdas",  
defendendo o laicismo e a democracia parlamentar (aqui a situação  
do sindicalismo melhora nitidamente). Com a queda do "Cartel" em  
1926, os professores vêem seu salário archoado. A isto acrescentam-  
-se medidas arbitrárias contra os professores sindicalistas. Foi  
também por sua atuação política enquanto secretário do sindicato  
nos Alpes Marítimos que Freinet é censurado.

"O descrédito dos governos de centro direi-  
ta se torna geral, o que vai contribuir pa-  
ra o surgimento de um amplo governo de es-  
querda em 1936: a Frente Popular, que pro-  
mulgou importantes leis trabalhistas princi-  
palmente a que limita a jornada semanal em  
40 horas, mas vai contrariar violentamente  
os interesses patronais e começar a sofrer  
um cerrado boicote dos capitalistas". (16)

A Frente Popular vai ser o primeiro governo a reunir  
todas as forças de esquerda. Em 1936, León Blum assume o governo  
formados por radicais e socialistas. O ministério da Educação é as-  
sumido pelo socialista Jean Lay, que prolonga a obrigatoriedade do  
ensino para 14 anos. (17)

---

(15) Cf. Dobb, Maurice - op. cit., p. 391-470.

(16) Oliveira, op. cit., p. 127

(17) Cf. Prost, op. cit

O governo Blum começa a perder sua popularidade quando nega auxílio à Frente Popular na Guerra Civil Espanhola.

"Exigiam os trabalhadores franceses que o governo da Frente Popular liberasse a exportação de armamentos para a República espanhola. Mas os radical-socialistas franceses temiam essa medida; receavam virem a ser arrastados e uma guerra contra a Itália e a Alemanha". (18).

A economia da França, apesar das reformas, continuava em crise, e em 22 de junho de 1937 Blum é derrubado. Outros governos socialistas, cada vez mais frágeis, se sucedem até abril de 1938, quando assume o governo de direita chefiado por Daladier.

Em 1938, Daladier revoga a jornada de trabalho de 40 horas conquistadas no governo da Frente Popular, o que ocasiona a greve geral dos sindicatos do dia 21 de novembro de 1938. (19)

Antes da 2ª Guerra, o corpo docente francês encontrava-se dividido: uma parte, voltada para a tendência pacifista, e a outra, para o internacionalismo operário. No plano pedagógico, os sindicalistas docentes revolucionários são adeptos da educação nova e discutem o papel da escola enquanto meio de produção social. Buscam a moral proletária em contraposição à moral burguesa.

O sindicato docente se vê às vésperas da Guerra sendo punido pelo Governo por seu pacifismo exacerbado. O movimento sindical se enfraquece e professores ligados ao comunismo são perseguidos e presos. Com a eclosão da guerra e a ocupação nazi, a re-

---

(18) Abendroth, Wolfgang - A História do Movimento Trabalhista Europeu. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1977, p. 100

(19) Idem, *ibidem*.

pressão aumentou ainda mais.

Em 1943, é fundado o Conselho Nacional de Resistência, organizando-se clandestinamente. A Resistência inclui socialistas e comunistas que vêm a ser as principais formações políticas francesas do entre-guerras..

Freinet, após sair do campo de concentração onde fira preso devido à sua militância, passa para a clandestinidade e vem a chefiar em 1944 o Maquis de Vercors nos Alpes Marítimos.

(20)

A "Resistência" à ocupação nazista na França, à época da guerra, compunha-se de dois grupos. Um, externo, era liderado por Charles de Gaulle e seus seguidores; o outro, interno, pelos comunistas e socialistas, lá majoritários. Os "gaullistas" voltavam-se, em sua luta pelo restabelecimento do capitalismo liberal, enquanto que os comunistas e socialistas pregavam o encaminhamento do país para o socialismo. Ao cair o domínio nazi, assumiu o governo De Gaulle, dividindo-se as forças que até então compunham a Resistência.

Economicamente, a França se desestruturou durante a Guerra, ficando à mercê da Alemanha. Com o fim da guerra, em 1945, a gestão da economia francesa passa, cada vez mais, a caracterizar-se pela intervenção do Estado.

Ainda em 1945 o partido comunista tornou-se o maior partido francês. Como as forças políticas dominantes no governo são de esquerda, os projetos educacionais são retomados. Os docentes demitidos são reintegrados. Surge o primeiro plano educacional do pós-guerra, o Langevin-Wallon.

---

(20) Cf. Freinet, Elise, op. cit.

Este plano rediscute a "escola única" propondo um ensino único obrigatório dos 7 aos 18 anos, e pedagogicamente volta-se para os pressupostos da Escola Nova. É dada uma grande importância à educação popular. (21)

Langevin, intelectual comunista, preside uma comissão de 20 membros para estudar o plano educacional. Desta comissão participam o Grupo Francês de Educação Nova, pertencente a Liga Internacional para Educação Nova, do qual Freinet faz parte.

Quando publicado, o plano suscitou muitas controvérsias tanto entre os burgueses, como entre os professores e dentro do próprio Partido Comunista.

A burguesia se opôs ao plano apontando a democratização do ensino como um rebaixamento do mesmo. Os professores se opõem devido à abolição da hierarquia entre os professores primários e secundários. Dentro do Partido Comunista existe uma tendência que considera a opção pela Pedagogia Nova como pequeno burguesa.

Diante destes impasses o plano não chega a ser posto em prática.

---

(21) Cf. Prost, op. cit.

## 2. A trajetória docente de Freinet.

O relato do contexto histórico que corresponde ao período inicial da vida de Freinet, feito nas páginas anteriores, permite entender o itinerário por ele desenvolvido.

Freinet, em toda sua trajetória docente, viveu inúmeras dificuldades institucionais em sua busca de uma educação que respondesse às necessidades da criação de uma sociedade democrática e conseqüentemente de uma escola também democrática. Este será o pressuposto básico para a formulação de uma teoria psicológica e pedagógica norteadoras de sua proposta.

Sua obra está intimamente orientada para uma "pedagogia de massas", visando a renovação do ensino e a educação popular:

"Dedicar-nos-emos a empenhar a criança, os pais, os educadores, numa tarefa que de cujo alcance emancipador têm de se aperceber para estarem melhor preparados para levar a cabo uma luta urgente em todos os domínios, social, sindical e político; para dar pão e cuidados aos filhos dos trabalhadores, para lhes construir habitações claras e bem arejadas, para construir escolas modernas, para as mobiliar e prover do material indispensável. É preciso que possamos mostrar pela experiência que nossa pedagogia é progressivamente possível em todas as classes do mundo". (22)

---

(22) Freinet, Elise - Nascimento de uma Pedagogia Popular. Ed. Estampa, Lisboa, 1978, p. 279.

Freinet (Célestin Freinet nasceu em Gars - Alpes Marítimos, em 15/10/1896), filho de camponeses, vive durante toda sua infância a participação ativa das crianças no trabalho familiar. Para ele a criança é membro da comunidade trabalhadora e, conseqüentemente, da sociedade produtiva.

Esta inserção da criança no trabalho terá para ele uma importância fundamental na delimitação dos seus pressupostos pedagógicos, como será descrito adiante.

Freinet iniciou seu trabalho como professor primário em uma aldeia (Bar-Sur-Loup), logo após a 1ª Grande Guerra (1914-1918).

Percebeu então que o ensino feito de maneira tradicional, que exige da criança uma atitude passiva, não obtinha o menor resultado. A partir daí começou a questionar as normas e programas estabelecidos oficialmente. Observou que o "catecismo" usado pela educação católica, tinha sido substituído nas escolas leigas por cartilhas, ao mesmo tempo que a relação de poder dentro de sala de aula se mantinha.

Vivendo em um sistema econômico capitalista, que parecia cada vez mais consolidado na França, sentiu que a reestruturação educacional era urgente.

"O único objetivo dos nossos esforços só pode ser uma sociedade... em que toda e qualquer forma de exploração do homem pelo homem tenha sido abolida..." (23)

Freinet percebe a escola perpetuando as diferenças sociais e reafirmando-as. A escola capitalista mantinha-se hie-

---

(23) Freinet, Elise - Nascimento .... , op. cit., p. 172

rárquica e competitiva. Em contraposição propõe que a competição seja substituída pela cooperação e hierarquia pela atitude anti-hierárquica do professor. Tendo como objetivo a sociedade socialista, levantava a bandeira daquilo que virá a ser o lema da Escola Moderna: "A Escola do Povo".

Freinet sempre se mostrou um internacionalista militante. Este internacionalismo não significava excluir as diferenças culturais, mas lutar contra as frações da burguesia regionais, nacionais e até mundiais, na busca de uma sociedade justa, com a união dos educadores do povo. Com isto, surge a necessidade de difusão do movimento da Escola Moderna, que adota então, como língua oficial, o Esperanto (24). Freinet toma contato com Marx e Lênin no início de sua carreira, o que vem subsidiar seu compromisso político com as classes populares.

Durante sua trajetória docente. Freinet participa ativamente do sindicalismo francês. Foi por duas vezes secretário do sindicato de seu Departamento. (25)

O Cooperativismo, que se tornará um dos pressupostos básicos de seu trabalho, é vivido por ele em todas as instâncias. No trabalho junto a comunidade cria cooperativas de produtos de consumo local. Em Bar-Sur-Loup instala, através do movimento cooperativo, uma mercearia e uma padaria. Em sua aldeia natal, orienta os moradores para uma modernização na construção de estradas. Junto ao Movimento funda a Cooperativa do Ensino Laico (CEL). Seu trabalho esteve sempre voltado para uma prática ligada às necessidades dos indivíduos que participam da sociedade em

---

(24) Esperanto - língua auxiliar de comunicação internacional, e laborada pelo médico judeu polonês Ludwig Lazar Zamenhof (1859-1917) e por ele divulgada em 1887.

(25) Departamento: divisão provincial da França moderna, em oposição à capital, Paris.

que estão inseridos.

Este talvez seja um dos pontos que refletem mais claramente sua proposta pedagógica: A "Escola da vida". A escola não deveria ser destacada da sociedade como uma instituição à parte. Segundo Freinet, a criança vive em um contexto e este deve ser trabalhado em todos os âmbitos. O cooperativismo passa a ser uma forma de ajuda mútua que deverá ser vivida tanto dentro como fora da escola na busca de uma sociedade mais igualitária (pensando nisto desenvolve a cooperativa escolar junto aos alunos e a cooperativa de consumo junto aos pais).

Em 1923, Freinet entra em contato com a chamada "Escola Nova", procurando em Adolphe Ferrère e seus adeptos, algumas respostas às suas questões. Basicamente o que os unia era a insatisfação com o ensino tradicional. Mas Freinet logo percebeu as diferenças fundamentais entre as propostas da "Escola Nova" e a sua. Para ele, a "criança ativa" não era um processo no sentido muscular e intelectual do termo, em oposição à imobilidade que seria imposta pela escola tradicional. A criança não é, pois, um ser abstrato deslocada de qualquer contexto histórico e social. Para ele esta era uma visão burguesa com a qual não compactuava. Seu trabalho esteve sempre voltado para a criança proletária. Ele condenava a visão escolanovista Montessoriana que "adestra a criança"; condena também a idéia de fazer da escola um "gueto", afastada dos problemas sociais existentes.

Freinet diferenciava os centros de interesse propostos por Decroly (26) que, visavam basicamente uma aquisição intelectual. A denominação dada por ele era "complexos de interes-

---

(26) A crítica de Freinet a Decroly será melhor exposta no item 3 adiante.

se".

"Mais do que centros de interesse, falamos de complexos de interesse. A nossa escola do trabalho está no centro da vida e condicionada pelos móveis múltiplos e diversos desta vida. Compete às crianças escolher entre as nossas seleções os artigos que lhes convêm perfeitamente". (27)

Freinet negou a psicologia tradicional, tida como artificial, voltando-se para uma pedagogia da unidade, dinamismo, ligando a criança ao meio social. Passou então a assumir responsabilidades sociais e pedagógicas de renovação conseqüente da sociedade.

Em 1925, Freinet, junto a outros docentes, vai visitar a União Soviética, na primeira delegação do Ocidente a ser convidada pelos sindicatos deste país. Esta visita foi-lhe de extrema importância. A escola russa possuía sua representação nas idéias de Pistrak, que buscava inserir a educação na realidade com uma perspectiva marxista, em que o trabalho se sobressai. Pistrak acreditava que a criança deveria sentir e dominar o processo produtivo. Para ele o trabalho em oficinas-escolares levaria ao trabalho na fábrica. A interação escola-trabalho, para Pistrak, é fundamental para que a criança se adapte naturalmente à vida produtiva. Dentro dessa perspectiva é necessária a auto-organização dos alunos, pois cada um seria responsável pela organização soviética. A participação dos alunos na instituição escolar, tanto no que diz respeito à administração como nos assuntos pedagógicos, faz par

---

(27) Freinet, Elise - O Itinerário de Célestin Freinet. Ed. Livros Horizonte, Lisboa, 1983. p. 87-88.

te dessa orientação. (28)

Freinet voltou de sua visita entusiasmado, refletindo sobre a relação escola-trabalho de forma mais nítida.

"O trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advirão todas as aquisições". (29)

Freinet trabalhou em Bar-Sur-Loup de 1920 a 1928. Em 1927 deu-se a criação legal da CEL. Freinet vai trabalhar em conexão com sindicatos do ensino, documentando e subsidiando seus adeptos com material disponível. A CEL vai editar um jornal L'Educateur Proletarien. Suas primeiras experiências levaram-no à descoberta do texto livre, da imprensa na escola e da correspondência inter-escolar. Em 1928, partiu para Saint-Paul de Vence onde ficou até 1932.

Durante seu percurso, Freinet contou com um número razoável de seguidores (docentes que buscavam alternativas pedagógicas e que começaram a se corresponder, filiando-se, em consequência, à CEL). Em oposição, enfrenta inúmeras barreiras institucionais.

Uma das maiores polêmicas que manteve foi quanto à supressão dos manuais escolares. Segundo Freinet, os manuais (livros didáticos) serviam aos programas oficiais, acentuando a sujeição da criança ao adulto e ao sistema. Os manuais destruíram todo o sentido crítico de quem os lê. A partir disto ele propôs que a criança criasse seu próprio texto, seu livro didático.

---

(28) Cf. Pistrak - Fundamentos da Escola do Trabalho. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981.

(29) Freinet, Célestin - Para uma Escola do Povo. Ed. Presença, Lisboa, 1969, p. 27.

Freinet discutiu também as sanções escolares e propôs sua extinção. Com isto, instigou inspetores e pedagogos que o condenavam, pois viam nas sanções a única alternativa viável para se conseguir da criança a acumulação do conhecimentos, a leitura e a escrita. Os objetivos, em suas palavras, seriam estes:

"Acabemos com as lições de moral!...

Acabemos com as lições de gramática e substituamolas pela prática esclarecida, viva, do texto livre, pela gramática vivida, integrada na sintaxe viva que é o pensamento da criança.

Acabemos com as lições de aritmética e substituamolas pela aritmética da vida social e familiar". (30)

As idéias de Freinet passaram a ser mais difundidas e, em 1929, realizou-se em Liège (França) uma exposição internacional de educadores alinhados nesta proposta. Imediatamente o Ministério da Educação mandou uma circular aos inspetores da Academia solicitando que recolhessem dados referentes às iniciativas e às realizações das escolas públicas.

Ainda em Saint-Paul de Vence, Freinet polemizou com o presidente da Câmara local. Ao chegar a esta aldeia deparou-se com uma escola cujas instalações não permitiam sequer iniciar seu trabalho. Freinet resolveu procurar o presidente da Câmara, que usou como argumentos para não melhorar as suas instalações a falta de verba e pouca necessidade que as crianças locais tinham de aprender. Bastaria que lhes ensinasse contar e ler. Diante disto, Freinet denunciou este fato às autoridades competentes o que vem fomentar uma batalha entre o professor primários e a prefeitura local. Uma das questões políticas que permearam este impasse foi que Saint

---

(30) Freinet, Elise - Nascimento..., op. cit., p. 295.

-Paul caracterizava-se por uma separação nítida entre a classe burguesa e os trabalhadores rurais e imigrantes. A escola de Freinet situava-se na região onde se concentravam os trabalhadores. Isto explicaria a não necessidade de melhorias na escola, já que o poder local na mão da burguesia, não via nesta nenhuma importância. Este confronto não só demonstrou a clara separação de classes, como provocou a burguesia, que passou a combater Freinet, intitulando-o de maníaco irresponsável ligado à bandeira vermelha.

Iniciou-se a partir daí uma campanha declarada contra Freinet. Cartazes clandestinos foram afixados em toda a cidade contra ele. Várias manifestações da burguesia local passaram a ser feitas em frente à sua escola. Freinet pede então ao Inspetor que abra um inquérito pedagógico e leva o presidente da Câmara ao tribunal.

A imprensa conservadora nacional e regional aproveitou para atacar Freinet, mas seus adeptos sindicalistas e escritores de esquerda não mediram esforços para defendê-lo, como Férreire:

"Célestin Freinet está em vias de elevar Saint-Paul à condição de uma das capitais pedagógicas da Europa.

A França pode orgulhar-se de um homem que, como os antigos Romanos, alia num grau tão elevado a simplicidade, a franqueza e a delicadeza de sentimentos a um espírito decidido e intransigente para com as injustiças, que concorrem para atrasar a progressão do homem no sentido de um Estado social mais conforme à razão, melhor orga

nizado e mais justo para todos". (31)

Mais importante que o conflito social que se dava em Saint-Paul era o administrativo e pedagógico, que opunha a educação da liberdade implantada por Freinet, com o velho ensino tradicionalista preconizado pelos seus superiores. As crianças alunas de Freinet começavam a questionar e a incomodar o poder local.

À medida que os artigos de divulgação da escola inovadora apareciam nas revistas sindicais ou pedagógicas, a velha pedagogia alarmava-se e tentava reagir: Freinet propunha uma pedagogia que devia partir "de baixo", da criança, e o professor seria aquele que ajudaria o grupo a se organizar. Esta atitude colocava em pauta a própria hierarquia do Inspetor. Este, ao sentir sua autoridade ameaçada, lança mão das artimanhas que o mantêm no poder.

Diante dos acontecimentos de Saint-Paul, somados à agitação nacional dos que se colocavam a favor das suas concepções, em 21 de junho de 1933 Freinet é demitido da escola pública. Caso isto não ocorresse ficaria seriamente ameaçado o prestígio de seus superiores. Esta ocorrência mostrou que tanto as municipalidades da direita como da esquerda tinham medo de acolher um professor primário que poderia suscitar inúmeras críticas. Freinet manteve-se pela força coletiva de seus colegas. Muitos outros professores que o apoiavam foram criticados, transferidos (como forma de sanção administrativa), enfim esmagados por uma administração que com freqüência encontra-se a serviço do poder.

Em junho de 1933 um grande jornal conservador francês. o "Ami du Peuple", lança um apelo aos leitores para organizarem uma "liga para defesa dos pais de família". Seu objetivo era

fazer com que professores primários insolentes recuassem, velando pela "neutralidade total" e pela "integridade moral" do ensino primário. As instruções expostas por esta liga incitavam a que todos fossem às escolas primárias buscar os professores que tentavam "envenenar" o espírito de seus filhos. De certa forma, os professores nesta época eram tidos como "autoridades locais" podendo ser uma ameaça a ordem estabelecida.

Em resposta, Freinet escreveu um artigo no L'Educateur Proletarien intitulado "Em busca da verdade Pedagógica", do qual transcrevo aqui alguns trechos:

"Acaso a nossa pedagogia, tal como a definimos e praticamos, é uma pedagogia revolucionária, e em que medida? Esta é a pergunta que há anos acompanha o nosso esforço; uns acusam-nos de extremismo perigoso outros, pelo contrário, duvidam do alcance dos nossos trabalhos sobre os esforços de libertação proletária.

"Através da tipografia na Escola alcançamos a fonte da verdade, liberta de todos os sofismas escolásticos que a enfraquecem. Nunca nos procuramos, em princípio, em saber se essa pedagogia poderia ou não receber a etiqueta de revolucionária...

"Que nos censuram afinal? O termo permitido que as nossas crianças dissessem que tinham fome, que os seus pais não tinham trabalho, que os ricos bebem champagne do bom, fatos, que, realmente, são sistematicamente ignorados nos manuais oficiais, em que

se ostenta um amontoado de conhecimentos que além de pseudomoraes, são instrumento da mística patriótica! Foi essa mesma mística que nos levou aos campos de batalha e que nosso ministério ainda hoje exalta como um dever inrente ao nosso cargo. Mal se nós! O professor primário não necessita de nenhuma análise especial para concluir a quem cabe essa responsabilidade, nas nossas escola públicas, tão evidente ela é: a falta de trabalho, os pardieiros, a subalimentação, o nervosismo, a tuberculose, as deficiências físicas e mentais, a anormalidade, é tudo fruto do nosso regime de exploração e só desaparecerá quando se instaurar a sociedade socialista.

"Levada até os seus limites normais, a ação pedagógica transforma-se, pois, necessariamente em ação social e mesmo ação política..." (32)

Nesse artigo, Freinet enfatizou a luta política de seu trabalho. Não existiria a escola popular sem o socialismo. Os argumentos de Freinet, na ocasião, devem ser analisados também na óptica das lutas políticas e sociais mais amplas. A partir de 1934, é necessário lembrar, não era só a questão pedagógica que estava em pauta, mas a própria legalidade republicana, frente à escalada do facismo.

Ainda em Saint-Paul, Freinet recomeçou um trabalho junto aos pais de alunos. Para ele, um trabalho educativo não se limitava à escola, mas voltava-se para mostrar aos pais que suas

---

(32) Idem, p. 271-273.

técnicas educativas se direcionavam para a independência da criança, e que esta deveria construir o seu futuro. Não se consegue, assim, separar da escola a vida da criança, sua família e o meio social em que vive. Discute-se dentro dessa perspectiva a função do regime capitalista. Para ele, a necessidade da interação pais-escola-sociedade é fundamental na educação libertária.

Nos anos de 1933/34, Freinet montou em Vence, com a ajuda de amigos e alguns empréstimos, uma escola particular. Passaram a frequentá-la filhos de operários parisienses e jovens espanhóis expulsos pela guerra civil. Nessa época, a CEL já editava L'Educateur Proletarien de 15 em 15 dias.

Em 1934, com a progressiva ascensão do fascismo na França, recrudescem as hostilidades à CEL e a Freinet. Politicamente, são reduzidas as verbas para a escola primária. Interrompeu-se a construção de escolas, é reduzido o número de professores primários e seus vencimentos. Reforçam-se as escolas confessionais na tentativa de restituir à religião conservadora a sua influência obscurantista sobre o povo. (33)

Frente a isto, Freinet e seus adeptos, coerentemente, vão aderir aos movimentos de esquerda e anti-facista. Repudiando o fascismo, principalmente o escolar, e a exploração capitalista, passaram a apelar aos professores primários e aos pais operários para que se organizassem constituindo associações de salvaguarda ideológica para a luta do proletariado. Freinet articula em Vence a "Liga dos Pais", e milita politicamente na Frente Popular e no sindicato. Empreende também um trabalho de organização cooperativa, abrangendo todos os Alpes Marítimos. Da mesma forma, ajuda a articular a união camponesa.

---

(33) Cf. Prost, Antoine - Histoire..., op. cit.

Novamente, Freinet passou a sofrer sanções administrativas. O Tribunal Correccional manda fechar a sua escola, usando como argumento a não oficialidade da mesma. Nas vésperas de formação da Frente Popular o impulso democrático possibilita sua reabertura.

A reabertura da escola de Freinet marca seu destino voltado à pedagogia Popular, segundo Elise Freinet:

"O trabalho de paciente organização que Freinet empreendeu no seio das massas camponesas abre-lhe realmente os horizontes sociais, da sua pedagogia. Nas viagens que faz às aldeolas com o fito de construir sindicatos de camponeses depara com o abandono das escolas, com o seu isolamento da vida do povo e o seu inquietante recuo no tempo. Como as Igrejas, elas são os santuários do silêncio das salmodias do passado. É preciso a todo custo unir a sorte da escola à sorte do camponês, é necessário que as reivindicações da escola se integrem nas reivindicações das populações rurais, é preciso conferir um caráter militante à pedagogia. De fato, há milhões de camponeses, de operários e de funcionários que se interessam pela sorte da escola, que vai decidir o futuro de seus filhos. Temos de estabelecer um laço efetivo entre a escola e a atualidade reivindicativa das massas. Assim as graves questões pedagógicas que compete aos

educadores definir, serão integradas na unidade de classe". (34)

A escola deverá portanto caminhar ao lado das reivindicações da sociedade. Com essa perspectiva, Freinet propõe que a pedagogia nova se integra às grandes correntes políticas e sociais, representadas por seus partidos e sindicatos, aproveitando as brechas abertas por um governo progressista.

Com a Frente Popular no poder, Freinet vê grandes possibilidades de conquista da "escola do povo". Participa do projeto "Frente pela Infância" que vem delinear uma nova atitude institucional em relação a criança. Seus objetivos eram: defender a escola leiga, melhorar as condições materiais da escola; nomear novos professores e melhorar seus salários; a escola deverá ligar-se ao destino das massas populares; criar uma imprensa infantil (teatros e cinemas); estimular e desenvolver a criação de cooperativas escolares e extra-escolares e atuar junto às organizações antifascistas.

Paralelamente à "Frente pela Infância", Freinet empenhou-se na reestruturação do ensino Francês.

Em 1936 houve um grande encontro de professores primários com os camponeses dos Alpes Marítimos. Ao final desse ano, Freinet, junto a CEL e ao grupo Francês de Educação Nova, tentou recolher e organizar dados para a Reforma do Ensino. Um pouco antes, na Bélgica, já havia acontecido a reforma do Plano de Estudos Belgas. Esse plano contava com algumas técnicas pedagógicas Freinet tais como: a imprensa, a cooperativa, a biblioteca e o intercâmbio escolar.

---

(34) Freinet, Elise. Nascimento..., op. cit., p. 310-311

Freinet, com todo o otimismo que lhe era peculiar, via a possibilidade de, através da pedagogia que fez nascer em Bar-sur-Loup, influir na Reforma de Ensino Francês. Através da CEL, distribuiu questionários nos sindicatos, associações pedagógicas, Comitês da Frente Popular e imprensa buscando subsídios para elaborar tal projeto. Este é então encaminhado à Comissão de Educação Nacional e ao ministro Jean Lay tendo como alguns princípios: mudança da função do Inspetor Escolar de "sanção" para apoio aos educadores; limite de crianças por sala; nomeação de uma comissão para observar e auxiliar as escolas na melhoria de condições físicas (higiene, iluminação, arejamento) para o trabalho; material da escola cooperativa e subsidiado pelo Estado; reuniões pedagógicas com todo o pessoal docente para discutir as técnicas e problemas pedagógicos.

A proposta da CEL, que buscou associar-se ao Grupo Francês de Educação Nova e ao sindicato, ficou no papel. O Grupo se dividiu: a CEL passava a representar a totalidade dos professores primários: o Grupo Francês, educadores isolados, pais de alunos interessados pela pedagogia nova, editores e professores do 2º grau. A Frente Popular, apesar das dificuldades políticas e econômicas que enfrentava na época, aproveitou algumas das sugestões feitas pela CEL e pelo Grupo, na tentativa de reformular o ensino Francês.

Em 1937, o Movimento Freinet contava com 15 mil adeptos, montando junto à CEL uma coletânea de brochuras de Educação Nova Popular em apoio aos professores de todos os graus, municipalidades, colégios e liceus.

Em março de 1938 iniciou-se gradualmente a Reforma de Ensino, em que as propostas de Freinet contribuíram parcialmente.

Com a eclosão da guerra, em 1939, o Movimento Frei.

net tomou um novo rumo. O governo francês proíbe o Partido Comunista. A CEL quase desaparece, Freinet passou a ser encarado como um perigoso líder terrorista e a Cooperativa como um depósito de armas e munições. Visitas de oficiais à escola de Freinet eram feitas diariamente buscando comunistas. "Era um tempo em que Deladier precisava descobrir todos os dias uma conspiração de comunistas".

(35)

Freinet foi preso em 1940, antes mesmo do início da guerra na França, junto a outros professores primários que lutavam pela educação popular, sendo mandado para o campo de concentração de Saint-Maximum. Estando doente, é transferido para outro campo, em Saint-Sulpice-du-Tarn. A França é então invadida pelos exércitos germânicos.

Ainda no campo de concentração, Freinet escreve "A Educação pelo Trabalho", "A Escola Moderna Francesa" e "Ensaio de Psicologia Sensível".

A 29 de outubro de 1941 Freinet saiu do campo de concentração. O seu nome figurava numa lista de sindicalistas que haviam sido reconduzidos à vida cívica. Freinet passa a fazer parte da Resistência assumindo, como já citado anteriormente, a direção dos "Maquis", nos Alpes, em 1944.

Com o fim da guerra, retoma suas reivindicações da "escola do povo", reorganizando a CEL. Surge, no entanto uma nova reforma do ensino de 1º grau e tanto Freinet com a CEL estão à margem dela. O argumento usado pelo Grupo Francês de Educação Nova era de que Freinet foi um traidor indo fazer conferências na Alemanha. O embate que se deu na proposta de reforma do ensino fran-

cês no governo da Frente Popular entre a CEL e o Grupo Francês vi  
nha à tona através de calúnias de inimigos que o queriam longe de  
qualquer reforma.

Em 1948 foi criado o Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), uma associação pedagógica voltada à pesquisa, que vem assegurar o aperfeiçoamento da CEL. Em 1949, a CEL contava com 20 mil adeptos.

O início dos anos 50 irão marcar a vida de Freinet com mais uma dificuldade institucional, a sua expulsão do Partido Comunista.

Alguns fatores contribuíram para que isso ocorresse. Primeiro, Freinet fazia parte da ala comunista que proponha, antes da guerra, a união das esquerdas em contraposição à outra que se orientava pelo Partido Comunista Internacional, rejeitando qualquer organização que não seguisse à risca as orientações de Moscou. Com o eclodir da guerra, a segunda tendência tornou-se dominante.

A escola que Freinet viu nascer na URSS passava a ser lá considerada pequena burguesa, e novas orientações são dadas. Educação passava a significar "transmitir conteúdos", onde o homem soviético deverá ser moldado. Esta visão educacional vai delinear a política do PCF. A proposta do Grupo Francês de Educação Nova, baseada nos métodos novos e taxada de burguesa, é rejeitada pelo Partido.

Os intelectuais ligados ao PC (entre eles Snyders), acusam Freinet de Escolanovista, cuja proposta pedagógica está a serviço da burguesia. Para eles, a educação deveria estar centrada no conteúdo, que deve ser único para a classe política.

Freinet discute e critica a forma autoritária e doutrinária com que o PC Soviético vem encaminhando a educação na URSS. Defende-se de seus acusadores mostrando que o trabalho na

escola não é só um recurso didático mas está intimamente ligado à prática social dos alunos. A disciplina autoritária imposta pela proposta educacional do PC nada tem a ver com seu trabalho. A disciplina se dará na organização do trabalho, Freinet jamais deixou de revelar a questão do conteúdo.

Enfim, justificava, através de seu trabalho, de sua vida, que a cooptação pelo poder não existiu. Em 1955, Freinet deixa enfim o PCF.

Dentre as várias lutas levadas adiante pelo grupo Freinet, em 1955, destacou-se, em toda a França, o alerta sobre o excesso de crianças nas salas de aula.

Freinet morreu em Vence, em 8 de outubro de 1966, uma semana antes de completar 70 anos.

Preocupados em não deixar fenecer o movimento, os militantes do ICEM redefiniram os princípios que os uniam.

Em 1968, a Carta da Escola Moderna, redigida pelo Movimento Freinet em Paris, confirmava o desejo de promover uma educação que fosse "expansão e ascensão, e não acumulação de conhecimentos, treinamento ou condicionamento", uma escola centrada na criança, fundamentada no trabalho criador. A carta rejeitava "a ilusão de uma educação que encontrava seu fim em si mesmo, fora das grandes correntes sociais e políticas que a condicionam". (36)

A carta contém as seguintes diretrizes:

#### A Declaração da Escola Moderna

01. A educação é o completo desenvolvimento e construção e não acúmulo de conhecimentos, adiestramento e condicionamento.
02. Nós nos opomos a qualquer doutrinação.
03. Recusamos a ilusão de educação que se baste a si mesma, à mar

---

(36) Dossiê Pedagógico da Revista L'Edicateur - ICEM, trad. Ruth Joffily, 10.09.79, p. 4.

gem das grandes correntes sociais e políticas que acondicionam.

04. A escola de amanhã será a escola do trabalho.

05. A escola estará centrada na criança que, com nossa ajuda, construirá sua própria personalidade.

06. A investigação experimental da base é a condição primeira de nosso esforço de modernização escolar, por meio de cooperação.

07. Os educadores da Federação são os únicos responsáveis pela orientação e a exploração de seus esforços cooperativos.

08. Nossos movimentos da Escola Moderna estão preocupados em manter relações de simpatia e colaboração com todas as organizações que atuam no mesmo sentido.

09. Nossas relações com as administrações são de colaboração com os colegas e de liberdade de ação no interior do movimento.

10. A pedagogia Freinet é, por essência, internacional.

Os 10 itens que compõem a Carta representam o resultado de toda uma prática vivida por Freinet na qual se deu a construção de uma proposta pedagógica vinculada politicamente ao meio social no qual a criança está inserida.

Em 1973, o manifesto de Aix precisa a amplitude política da pedagogia e conclui com estas frases:

"O combate pedagógico de nosso movimento para alcançar uma autêntica cultura popular se inscreve no contexto da luta econômica, social e política. Não podemos praticar, em sua plenitude, a pedagogia Freinet, nesta sociedade fundada na ganância e na exploração.

"Escolhemos, todavia, trabalhar em meio a tal sistema para ficarmos cientes dos dados do problema a partir de nossas experiências quer sejam sucessos quer sejam derrotas a

fim de promover uma pedagogia verdadeiramente popular que deverá mais tarde ter seu lugar numa sociedade realmente democrática.

"É dever de cada um de nós militar nos partidos, sindicatos e organizações para contribuir para o questionamento e a destruição do sistema atual.

"Recusando levar para o centro do ICEM estes reis querelas de partidos ou de tendências, só nos resta prosseguir juntos a ação pedagógica que é uma das formas de nosso engajamento político, a única que podemos fazer no interior do nosso movimento". (37)

Freinet teve uma trajetória docente cheia de conflitos, os quais o levaram muitas vezes a ser atacado tanto por grupos de direita como pelo colegas do Partido Comunista. Para que se possa fazer uma análise das preocupações que o levaram a descobrir formas de desenvolver um trabalho junto às crianças das classes populares, enumerarei e contextualizarei no próximo item as linhas de atuação da sua proposta pedagógica.

---

(37) Idem, p. 5.

### 3. Princípios Norteadores da Proposta Pedagógica de Célestin Freinet

Para Freinet, a escola tradicional estava baseada nos conteúdos a ensinar e nos programas que os definiam, hierarquizando-os através de uma disciplina autoritária. A criança deveria sair dessa escola apta a participar da sociedade seja como proletário, seja como burguês. A sua proposta esteve sempre imbuída de uma educação libertária que caminhasse para o socialismo. Nas palavras de Freinet:

"Impõe-se portanto, uma readaptação da nossa escola pública a fim de oferecer às crianças do século XX uma educação que responda às necessidades individuais, sociais, intelectuais, técnicas e morais da vida do povo, no tempo da eletricidade, da aviação, do cinema, da rádio, do jornal, da imprensa, do telefone, num mundo que aspiramos seja em breve o do socialismo triunfante." (38)

Freinet, no início de seu trabalho, percebia que a criança sentia-se insatisfeita na escola. A forma como o trabalho era dirigido, as crianças enfileiradas, o professor passando as lições em uma sala fria e totalmente distante da vida das crianças incomodavam-no. Percebia que deveria existir uma outra forma de trabalhar com as crianças. Aqui começa a tatear. Segundo sua esposa Elise,

"Freinet começa a carreira docente pelo em-

---

(38) Freinet, Célestin. Para uma escola ... op, cit., p.24

pirismo, o empirismo daquele homem que se deita à água sem saber nadar. A sua prática submetida ao tateamento de puro acaso, abre-lhe todavia o caminho da expressão livre da criança". (39)

Para ele, deveria surgir uma nova escola centrada na criança e nas necessidades da sociedade, onde cada indivíduo constrói a sua personalidade. Esta será a escola do trabalho, o motor da pedagogia popular.

O texto livre surge no início de seu trabalho como forma de expressão da criança. Mais do que um simples documento sintático é acima de tudo um texto psico-social da criança. É a valorização e o reconhecimento da cultura popular. Através dos primeiros textos, as crianças da aldeia de Bar-Sur-Loup escreviam sobre sua vida pessoal familiar e os acontecimentos da aldeia: "Através dele conhece-se a ação do meio sobre a criança e, reciprocamente, a ação desta sobre o meio". (40)

Todo o processo desde a criação, a correção e documentação do texto livre, permite, através do trabalho cooperativo, uma análise, discussão e valorização do trabalho individual que está inserido.

Para Freinet, o texto livre deve ser escrito quando a criança deseja, e sobre o que lhe interessar, o que o diferencia da redação da escola tradicional. "É a expressão escolhida pela criança para comunicar seus pensamentos mesmo que não corresponda aos critérios estéticos e morais do adulto." (41)

---

(39) Freinet, Elise. O Itinerário - op.cit., p.12

(40) Freinet, Elise. Nascimento... - op.cit., p.45

(41) Dossiê ... - op.cit., p.12

Freinet faz uma distinção entre a sua proposta de aprendizagem da leitura e a de Decroly.

"O doutor Decroly conhece a importância primordial do interesse pela aquisição da leitura. Mas admite facilmente demais, o divórcio entre a escola e a vida pois crê na necessidade de 'despertar' o interesse, como se esse não existisse fora da classe. A necessidade de preparar antecipadamente fichas e etiquetas para a leitura global pressupõe que o objeto de observação ou a imagem foram determinados pelo educador, que as frases foram estabelecidas sem ter em conta a necessidade de expressão das crianças no momento da lição." (42)

Para Freinet, a proposta de Decroly ainda pressupõe o trabalho pré-estabelecido pelo mestre, sendo os interesses das crianças por ele determinados. A necessidade da criança se comunicar é vista por Freinet como a base do texto livre e o professor é aquele que ajuda a correção dos mesmos, pois " a criança não aprenderá a escrever corretamente se não tiver à sua frente a perfeição dos textos manuscritos ou impressos." (43) Quando Freinet propôs acabar com os manuais escolares estava preocupado não só com o efeito doutrinário dos mesmos mas com sua ineficiência enquanto meio de se aprender a ler. Os silabários ali enunciados não tinham nenhum significado para as crianças. É a partir da criação e elaboração do texto livre que se daria a aquisição da leitura.

---

(42) Freinet, Elise - O Itinerário ... - op.cit., p.28-29

(43) Freinet, Célestin - O Texto Livre - Ed. Dinalivro, Lisboa, 1973, p.49

A leitura é uma atividade tão importante quanto as outras e ela se inicia no momento em que as crianças lêem textos produzidos por elas mesmas. A criança passa a ser autor dos textos e a leitura se dá pelo interesse e não pelo simples consumo .

"É a criança que deve fazer sua análise do mundo. Esta atitude particular, que deve desenvolver pouco a pouco é aptidão para tatear, experimentar, observar, relacionar, emitir hipóteses, verificá-las, aplicar leis e códigos, enfim compreender informações cada vez mais complexas." (44)

Um dos meios de utilização do texto livre é o jornal escolar. É um instrumento da expressão onde são editados não só textos livres mas desenhos e relatórios de pesquisas. É um instrumento cooperativo socializante em que se dá uma valorização do trabalho em grupo e o de cada um. É um meio autêntico de comunicação. É através do jornal que a criança sentir-se-á motivada tanto para a escrita como para a leitura. É uma forma de se sentir autor de texto, de troca entre a escola e a comunidade. A criação e composição de um jornal pelo grupo de crianças permite a crítica aos jornais escritos pelos adultos.

Um dos meios da criação do jornal é a imprensa. A impressa é um instrumento pedagógico particular favorecendo a aprendizagem da escrita, onde o texto impresso recebe do leitor uma atenção que o coloca ao nível do texto oficial. É a valorização do pensamento escrito da criança.

---

(44) Sampaio, R.M.W.F. - Freinet: Evolução Histórica e Atualidade Ed. Scipione, S. Paulo, 1989, p.38

Segundo Freinet,

"a tipografia na escola fez com que a expressão livre e a atividade criadora dos nossos alunos passasse para o domínio da prática cotidiana. Através da experiência mais eficaz do que todos os raciocínios pretensamente científicos juntos, abriu novos horizontes a uma pedagogia baseada no interesse autêntico, fonte de vida e trabalho (...).

"(...) A criança que se apercebe de que o seu trabalho tem um objetivo e que pode abandonar-se completamente a uma atividade não já escolar mas simplesmente social e humana, sente-se invadida por uma forte necessidade de agir, de procurar, de criar. Verificamos maravilhados que os nossos alunos, fortalecidos e renovados, desenvolviam livremente um trabalho bem superior qualitativa e quantitativamente, àquele que os antigos métodos opressivos lhe exigiam. E todas as classes em que se introduziam a Imprensa na Escola experimentavam esse persistente entusiasmo por parte dos alunos, não só pelas disciplinas motivadas diretamente pela Imprensa, mas também por toda a atividade escolar em geral." (45)

Da necessidade de se divulgar os textos impressos pelas crianças surgiu a correspondência escolar. A correspondência vem privilegiar uma situação autêntica de comunicação entre as

---

(45) Freinet, Elise - Nascimento... -op.cit.,p.114

crianças, aprimorando a expressão oral, escrita e até artística delas. O contato com outro modo de vida aumenta o seu universo, valorizando seu próprio ambiente através das comparações com o dos correspondentes.

Todo esse trabalho, texto livre, jornal, imprensa e correspondência é permeado pela organização cooperativa da classe.

Freinet não vai só propôr novas técnicas pedagógicas, mas novas atitudes escolares. Uma de suas primeiras mudanças em sala de aula foi a "abolição do estrado" (aqui com sentido simbólico, embora o professor até hoje continue acima dos alunos). (46) O professor deveria estar no mesmo nível do aluno.

A classe deveria se organizar cooperativamente para desenvolver os diferentes tipos de trabalho. Em oposição aos "exames" das escolas tradicionais, Freinet propôs os planos de trabalho que podem ser individuais ou coletivos. Estes planos contêm a organização das crianças aprimorando a expressão oral, para desenvolver os diferentes tipos de trabalho. Em oposição aos "exames" das escolas tradicionais, Freinet propôs os planos de trabalho que podem ser individuais ou coletivos. Estes planos contêm a organização das crianças que decidem o que vão fazer e a que horas, segundo seu ritmo. É através dos planos de trabalho que ela pode se avaliar e ao grupo.

Todas as decisões relativas à organização e encaminhamento do trabalho são tomadas coletivamente. Isto não significa que não exista uma diferença entre o professor e os alunos; o que se pretende é que todos que participam do processo educativo tenham acesso à palavra da mesma forma que o mestre. Ele será um mediador, permitindo à criança situar-se, experimentar, descobrir.

---

(46) Cf. Canetti, Elias - Massa e Poder - Ed. Melhoramentos, S. Paulo, 1983

O grupo trabalha cooperativamente em oposição à competição que se dá na escola tradicional. O texto livre, a correspondência, o jornal escolar, os planos de trabalho só podem funcionar se existir a cooperação. Nenhuma destas atividades encontra sua significação profunda se não estiver no quadro de uma organização realmente cooperativa.

A cooperação permeia todas as relações propostas por Freinet, não só dentro da sala de aula como na CEL e nas cooperativas criadas desde a comunidade de Bar-Sur-Loup.

Na organização do trabalho em sala de aula, Freinet vai propôr os já citados complexos de interesse, aqueles que se diferenciam dos "centros de interesse" propostos por Decroly. (Estes, conforme relatado acima, visavam antes de tudo uma aquisição intelectual).

A divisão do trabalho em salas ou oficinas de atividades permite que a criança escolha o quê e de que forma vai trabalhar.

Instrumentos como o texto livre, a correspondência escolar, a imprensa, o jornal, introduzem na sala de aula outros esquemas de relações que não passam necessariamente pelo professor. O objetivo da pedagogia Freinet é fazer com que as crianças conquistem sua autonomia. E é a partir disto que Freinet discute a disciplina imposta pelo professor, uma vez que a organização do grupo frente às suas necessidades vai delinear uma auto-disciplina para um verdadeiro trabalho cooperativo. A ordem e a disciplina passam então a ter um novo sentido. A disciplina passaria a ser dinâmica, em profunda comunhão com o trabalho.

"Antes de mais nada, é preciso perder o hábito de considerar que todos vossos alunos devem, no mesmo momento, entregar-se à mesma ocupação. Essa é uma concepção autoritária e

anti-natural, o que não era mais do que um expediente, e cuja fraqueza vocês começam a sentir. O trabalho individual ou por equipes estará diariamente na base de vossa atividade escolar." (47)

Para Freinet, é através de uma reorganização do trabalho com as crianças que se permitirá o desaparecimento da disciplina formal imposta pelo professor, tomando seu lugar a organização funcional da atividade e da vida da comunidade escolar. Partindo disto, o problema disciplinar passa para o segundo plano e o equilíbrio escolar se dá através da organização material, técnica e pedagógica do trabalho.

Nesse sentido o papel do professor é fundamental, pois, não é aquele que não intervém, mas aquele que ajuda a classe a se organizar cooperativamente; onde a necessidade de coação e sanção deixam de existir.

Tudo isto está permeado pela idéia de que a criança, a quem se oferece uma atividade que corresponda às suas necessidadades físicas e psíquicas, é sempre disciplinada e não precisa de regras impostas externamente para trabalhar cooperativamente. O grupo passa a criar as regras a partir das necessidades do trabalho.

O trabalho faz parte da proposta de Freinet como um pressuposto fundamental. Para ele,

"o trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advirão todas as aquisições.

---

(47) Freinet, Célestin - A Educação para o Trabalho - Ed. Presença, Lisboa, v-1.II, 1974, p.220

Na sociedade do trabalho, a Escola assim re-  
generada e retificada será perfeitamente in  
tegrada no processo geral da vida ambiente ,  
um elo do grande mecanismo de que está atual-  
mente bastante desligada." (48)

Este pressuposto não significa que a Escola deva  
preparar a criança para o mercado de trabalho de forma utilitária.  
Para Freinet, a separação do trabalho intelectual do manual, fruto  
da divisão de trabalho na sociedade capitalista, é concepção que  
visa nada mais do que a exploração. Dentro de sua proposta, o tra-  
balho é visto como um todo, cada indivíduo pode desenvolvê-lo de  
acordo com seus interesses. O trabalho na escola que propõe tor-  
nar-se um elemento da atividade educativa. Sempre que houver uma  
ação intelectual ou física respondendo a uma ação natural do indi-  
víduo, tal atividade estará acontecendo. Para ele, existe uma di-  
ferença básica entre ocupação (tarefa que se executa porque é  
obrigado a isso) e trabalho (se interessar em fazê-lo). É necessá-  
rio que as crianças recuperem a visão e a vivência de um trabalho  
não alienado excluindo a exploração do homem pelo homem.

As atividades desenvolvidas dentro de sua proposta  
permeiam esta relação de trabalho. Não o trabalho "produtivo", pa-  
ra se diminuir os custos da escola através da exploração das cri-  
anças, mas um trabalho que parte da necessidade das crianças e que  
poderá ser produtivo se elas assim o quiserem. Este ponto está in  
timamente relacionado à sua preocupação com as crianças que fre-  
qüentam sua escola. Ele discordava da posição de alguns escolano-  
vistas que viam a criança como um ser deslocado da sociedade, sen-  
do função da escola possibilitar a aprendizagem através dos jogos.

Tais educadores são apontados por Freinet como excessivamente preocupados com a escola burguesa.

Freinet ressalta ainda em sua proposta o que se chama Tateamento Experimental. É na vida da criança, na sua relação com o meio, manipulando, experimentando, observando, relacionando, emitindo hipóteses, enfim, verificando, que poderá compreender informações cada vez mais complexas e fazer suas análises do mundo.

"É este trabalho de pesquisa reflexiva sobre os materiais físicos ou mentais os mais diversos que nós chamamos de Tateio Experimental. Através do Tateio, os conhecimentos adquiridos pela criança enraizam-se profundamente, permanecendo, todavia, relativos e revisáveis quando novos fatos aparecem ou quando são feitas novas experiências." (49)

Para Freinet, é a prática que transforma a realidade de onde nascem os conhecimentos autênticos que se tornam teoria experimental :

"o homem do povo sabe que é preciso fazer antes de saber dizer; e que a necessidade da teoria está na linha natural do saber fazer, sendo a teoria o resultado esclarecido do saber fazer: a partir daí pode-se fazer melhor ainda e atingir-se-á um novo nível de eficácia e de conhecimento apto a mudar de novo a realidade." (50)

Freinet associa o materialismo dialético ao tatea-

---

(49) Dossiê ... - op.cit., p.27

(50) Freinet, Elise - O Itinerário ... - op.cit., p.127

mento experimental, o que será a base para compreender e explicar o fenômeno humano. É através da relação sujeito-objeto que se dá a passagem da realidade sensível à lógica racional. É a construção do que chama método científico.

Na sua trajetória pedagógica, Freinet levanta algumas questões sobre ser ou não a sua proposta denominada método. Para ele, método pressupõe uma educação baseada em elementos seguros provados cientificamente, coordenados de maneira lógica, e que a ciência pedagógica encaminha em seus primeiros passos. As técnicas que propõe deslocam o eixo educativo recolocando a criança e suas necessidades na base da educação popular. Porém, a distinção que faz de métodos e técnicas não permite que estas técnicas sejam trabalhadas aleatoriamente. Elas fazem parte de uma proposta global que pressupõe uma mudança de atitude do educador e uma nova relação da escola com a sociedade. Trabalhar a técnica em um contexto deslocado de seu sentido político, social, significa o fim de sua proposta pedagógica.

Todas as técnicas propostas por Freinet, voltadas para a educação popular, não são de renovação pedagógica mas política e social, vem introduzir na escola da sociedade capitalista uma nova atitude. O fato de achar que não existe uma escola verdadeiramente democrática sem a sociedade democrática não inviabiliza sua proposta, que não se restringe só ao âmbito escolar.

Aos professores cabe não só atuar na escola como junto à comunidade, aos sindicatos e partidos. As técnicas, através da relação cooperativa, se direcionam para que a criança possa expressar, entender e criticar as diferenças sociais.

Para Freinet, a nova atitude pedagógica não pode ser imposta. Deve partir da necessidade dos indivíduos que dela participam, pois pode-se incidir no erro dos que se usam dos métodos da escola tradicional. Assim, se dentro da sala de aula a fi

gura do professor passa a ter uma outra imagem, a nova escola também deverá tê-la. E isto não acontece por decreto.

Aqui, a sua proposta passa a ser possível, já que propõe uma nova atitude do indivíduo na possível reconstrução de uma sociedade mais democrática.

Desta forma, o papel do professor, além de pedagógico, é político. A proposta Freinet ultrapassa os limites de sala de aula: é um projeto de mudança social.

## CAPÍTULO II

### A EXPANSÃO DO MOVIMENTO

A difusão internacional das práticas propostas por Freinet se deu a partir de 1925 até a sua morte, pelas viagens e conferências no exterior como, por exemplo, na União Soviética, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e Espanha.

O primeiro órgão de difusão da pedagogia Freinet, como citei anteriormente, foi a Cooperativa de Ensino Leigo criada em 1927. A CEL se propunha tanto à difusão da pedagogia através das correspondências escolares como à produção de materiais didáticos. O trabalho se desenvolveu sempre de forma cooperativa entre os adeptos do movimento. Em 1927, no primeiro congresso dos Tipógrafos na Escola, a CEL já contava com mais de 100 filiados não só na França como Bélgica, Espanha, Tunísia e Suíça. A CEL começou a participar de diversos congressos tanto com material de impressão como jornais e revistas impressas (La Gerbe - revista redigida por crianças e para crianças e L'Edicateur Proletarien - impressa até hoje). Em 1929, o movimento, usando a bandeira de Abaixo os Manuais Escolares criou um novo instrumento didático, o "Fichário Escolar Cooperativo" (51) e, depois, as bibliotecas de trabalho que seriam produzidas pela CEL. Neste ano foram editadas 500 fichas cujos as-

---

(51) O Fichário Escolar Cooperativo completa o material escolar didático propiciando a individualização do ensino e contribuindo com o educador, apresentando um material barato e não tendo as características ideológicas dos livros didáticos.

suntos variavam desde atividade infantil (jogos, saúde, afetividade) até textos de História, Geografia, Política e Economia. Em 1931 a CEL contava com 500 membros. A sua divulgação e correspondência no exterior começou a se dar através do Esperanto e posteriormente Alemão, Inglês, Espanhol e Português. Em 1932 a correspondência inter-escolar se deu entre a CEL e 56 escolas soviéticas, 50 alemãs, 6 espanholas, 3 holandesas, 2 suecas e 7 inglesas. Durante os anos de 1933/34 surgiram na Europa núcleos da CEL. A partir de 1934, o boletim L'Edicateur Proletarien passou a sair quinzenalmente divulgando experiências, apontando elementos de estudo sobre as técnicas, como veículo de discussão permanente entre os adeptos do movimento.

A CEL tentou sempre associar-se a sindicatos com o intuito de lutar pela escola do povo e pela sociedade popular. Em 1936, ela se associou a sindicatos camponeses através de professores de diferentes regiões. No mesmo ano, aconteceu o encontro dos professores primários e dos camponeses dos Alpes Marítimos.

Ainda em 1936, o grupo Francês de Educação Nova recebeu membros da CEL para elaboração das novas Leis do Ensino Francês. Durante a guerra, como já foi descrito anteriormente, a CEL quase desapareceu. Depois da Libertação, o movimento adquiriu nova força. Freinet percorreu a França dando conferências e organizando estágios.

Em 1948, foi criado o Instituto Cooperativo da Escola Moderna (ICEM), associação pedagógica ligada à pesquisa que vem assegurar o aperfeiçoamento das edições da Escola Moderna.

O ICEM está aberto a todos os professores que se interessam pela pedagogia Freinet e queiram se filiar. Sua atuação se dá em dois níveis: O departamental e o nacional, através de grupos de trabalho e comissões. Sua estrutura é anti-hierárquica. Existem níveis de responsabilidade em que o objetivo maior é pro-

piciar a troca e ajuda mútua entre participantes do movimento buscando auxiliar a escola democrática. Segundo o depoimento de um de seus adaptos:

"o ICEM tem representado, até hoje um movimento, um estaleiro de realizações pedagógicas, um agrupamento de trabalhadores que, aqui e agora, gradualmente, todos os dias, tem procurado fazer com que a escola sirva todas as potencialidades das crianças mediante utensílios e técnicas de trabalho elaborados em comum e segundo as pistas desbravadas por Freinet. Trata-se de um movimento de trabalhadores em que as diferenças são aceitas, em que a hierarquia, os níveis de organização nascem exclusivamente do trabalho e das suas exigências; em que os testemunhos de experiências são o alimento das reflexões e das pesquisas, antes de tratados teóricos". (52)

O ICEM não só divulga o trabalho através de boletins e correspondência como reafirma, nos congressos de que participa, os princípios pedagógicos de Freinet.

Em 1964, foi criada a Federação Internacional do Movimento da Escola Moderna (FIMEM). A FIMEM é uma associação de movimentos nacionais e grupos regionais de todo o mundo que se inspira na pedagogia popular e na educação cooperativa de Freinet.

---

(52) Charbonier, C. et alii (org.): A pedagogia Freinet por aqueles que a praticam. Ed. Martins Fontes, Santos, 1976m p. 23.

Sua função é organizar e estabelecer a comunicação entre os núcleos. Os instrumentos para favorecer este intercâmbio são: correspondência internacional, organização de estágios, seminários, constituição de grupos de trabalho internacionais; publicação de jornais e outros materiais; informação e troca de instrumentos didáticos para a prática da pedagogia Freinet e organização dos Encontros Internacionais de Educadores Freinet (RIDEF).

A primeira RIDEF aconteceu em 1968 na Bélgica, após a morte de Freinet, com reuniões anuais até 1982; a partir daí, tornou-se bienal. De 1968 a 1988 os países que sediaram esses Encontros foram: Bélgica, Itália, Tchecoslováquia, Líbano, Dinamarca, Tunísia, Escócia, Argélia, Polônia, Portugal, Suécia, França, Espanha, Itália, Bélgica, Dinamarca e Brasil. Em 1990, será realizada na Finlândia.

A FIMEM abrange 35 países, e é reconhecida pela UNESCO como uma organização não governamental. É usada como referência para o conjunto dos grupos adeptos da Escola Moderna, citada anteriormente.

O ICEM conta hoje com associados não só franceses como de outros países, entre eles a Argélia, Marrocos, Canadá etc. A Suíça, a Bélgica e a Itália criaram suas próprias cooperativas de educação.

Em janeiro de 1973, os assinantes da revista L'Éducateur e das Bibliotèques de Travail (BT) eram cerca de 1980, divididos em vários países.

Na Bélgica, a revista Educação Popular, fundada em 1935, tira 2000 exemplares. Na Itália, a Cooperazione Educativa, fundada em 1958, difunde 1500 exemplares mensais. Na Tunísia, duas revistas representam o trabalho do movimento: L'École Ouverte e Le Lien.

A tradução e difusão das obras de Freinet são edita

na França pela ICEM.

Freinet está traduzido para o alemão, árabe, espanhol (e catalão), grego, italiano, polonês, dinamarquês e português. Em 1988 a CEL foi extinta ficando parte do seu trabalho sob responsabilidade do ICEM.

### Itália

Freinet era desconhecido na Itália até 1950. Em 1951, depois de uma visita sua a dois professores de Florença, um primeiro núcleo se constituiu em torno de Giuseppe Tamagnini, que funda a Cooperativa da Imprensa na Escola. As técnicas Freinet atendem ao segundo grau e a ligação com a universidade se faz rapidamente, estabelecendo-se assim uma cooperação vertical entre a escola militante e a reflexão científica.

Tamagnini contactou Bruno Ciari e Mario Loti, que participaram do movimento na Itália. O período mais rico do movimento foi nos anos 60. quando começou a organizar-se a nível nacional. Os pedagogos católicos censuraram os professores por utilizarem a imprensa na escola veiculando as idéias marxistas.

O Movimento de Cooperação Educativa (MCE), é fiel à inspiração original de Freinet, porém não é um desdobramento do movimento francês. Busca um caminho peculiar, italiano, de acordo com as características do país.

Em 1972 (segundo um recenseamento de 1973), o MCE italiano atingiu 614 militantes e obteve assinaturas distribuídas em 28 grupos territoriais sendo os mais importantes dos de Turim, Milão, Roma, Brescia, Mântua, Conegliano, Veneza, Aoeste, Forli e Modena. São seis grupos nacionais de trabalho: a matemática, lingüística, estudo do meio, educação corporal, antropologia cultural e saúde mental.

Em 1988 a Itália contava com 1454 inscritos no movimento nacional.

## Tunísia

A associação Tunisina do Instituto Cooperativo Freinet (ICEF) nasceu duas vezes. De 1947 a 1960 contou com o estímulo de um professor primário, Mohamed Chabaane, que permitiu o nascimento do ICEF. Em Dubosville foi criada uma escola piloto onde todas as classes eram equipadas por limógrafo (instrumento usado para imprimir), ateliê de pintura e fichários auto-corretivos. Cada classe editava seu jornal e correspondia-se com o exterior.

A Cooperativa teve êxito e se ampliou beneficiada por uma subvenção oficial.

De 1961 a 1968 o movimento tunisino atravessou várias dificuldades. Em 1972 o grupo renasceu oficialmente, com o nome de Associação Tunisina de Instituto Cooperativo Freinet.

## Polônia

Halina Semenowics foi fundadora do movimento Freinet na Polônia, que, em 1971, contava com 67 grupos da pedagogia Freinet e 474 assinantes que editavam 261 jornais escolares. Atualmente, o grupo é reconhecido oficialmente pelo sindicato dos professores poloneses.

## Alemanha

Na Alemanha Federal o grupo nacional de professores Freinet se articulou em torno das revistas Fragen und Versuche e Grunshull, editando 40.000 exemplares.

## Outros países

Em Québec (Canadá), a pedagogia Freinet é conhecida e aplicada em algumas escolas depois de 20 anos de sua criação.

Na Inglaterra, a política colonial, autoritária e centralista, não permitiu que a proposta Freinet tivesse maior es-

paço.

Na América Latina os casos são isolados. No México, Colômbia, Panamá, Equador e Brasil começa a haver uma organização mais consistente.

No Brasil, com exceção de alguns grupos, a maioria do professores Freinet trabalha isoladamente. A RIDEF realizada em Florianópolis (SC), em junho de 1988, possibilitou o reconhecimento de professores brasileiros que trabalhavam com esta prática.

O primeiro Encontro Nacional de Educadores Freinet, realizado em julho de 1989 em Campinas (SP), reuniu 160 professores brasileiros de várias regiões do país. Existem atualmente núcleos regionais de pedagogia Freinet e um boletim nacional, onde os casos isolados passam a se corresponder e se tornar conhecidos nas articulações de núcleos (SC, SP, PE, CE, MG).

### CAPÍTULO III

#### O MOVIMENTO FREINET NO BRASIL

No Brasil, os primeiros contatos com a Pedagogia Freinet datam dos anos 60, embora a reforma da Instrução Pública no Distrito Federal elaborada por Fernando de Azevedo em 1929 possa sugerir uma comparação com às propostas de Célestin Freinet.

Segundo Jorge Nagle " a reforma do ensino no Distrito Federal se apoiou diferentemente das outras reformas que se davam no país, no princípio do trabalho em cooperação, derivado de uma concepção eminentemente social. A reforma não é apenas uma reforma de métodos pedagógicos. É a reorganização radical de todo o aparelho escolar, em vista de uma nova finalidade pedagógica e social. Os princípios adotados foram o da escola única, escola do trabalho e escola-comunidade. O princípio da escola única, que se fundamenta na concepção de democracia social, se traduz no imperativo de que a 'educação deve ser uma para todos (única) obrigatória e gratuita' ; ao mesmo tempo que é um ponto de partida comum para todos' os alunos dos meios diversos, é a poderosa instituição de 'aprendizagem da vida coletiva', de 'realização da unidade nacional'. Se a sociedade atual se apoia na organização do trabalho, daí deve decorrer o princípio da escola do trabalho. Como afirmou o reformador, 'A escola do trabalho é a escola em que a atividade é aproveitada como um instrumento ou meio de educação. Nada se aprende se não fazendo: trabalhando. Assim, a tarefa da escola, além de criar e desenvolver o sentimento democrático ( escola única ), poderá transformar-se num instrumento de reorganiza

ção econômica pela escola do trabalho ... Finalmente o princípio da escola-comunidade, que realça o trabalho em cooperação:

"A escola nova se propõe, por uma forma de vida e de trabalho em comum a ensinar a viver em sociedade e a trabalhar em cooperação. O aluno não deve exercer sua atividade isoladamente, mas, quando possível, em grupos, em que a realização e a responsabilidade de um trabalho sejam atribuídos a vários indivíduos, para se habituarem a agir em cooperação, afirmando a sua personalidade, com espírito de disciplina coordenador de esforços individuais. A classe deveria organizar-se como uma pequena oficina, de vida e trabalho em comum, onde cada aluno leve à tarefa coletiva a sua contribuição pessoal, trabalhando todos não já para o mestre, mas antes para a pequena sociedade de que fazem parte'." (53)

Esta Reforma do Distrito Federal, cujo relato foi apresentado no Congresso Internacional de Educação Familiar em Lieège, 1930, leva a análise para alguns pontos relevantes.

A idéia de trabalho em cooperação com uma perspectiva eminentemente social embasa parte da proposta de Freinet. A Reforma do Distrito Federal propôs uma escola do trabalho, desenvolvendo o sentimento democrático como instrumento de reorganização econômica. Para Freinet "o trabalho será o grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, a atividade de onde advi-

---

(53) Nagle, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. Ed. EPU-USP, S. Paulo, 1974. p. 255 e 256

rão todas as aquisições." (54)

O trabalho em cooperação, afirmando sua disciplina coordenada por esforços individuais, se assemelha à organização do grupo de uma sala Freinet nas atividades cooperativas.

"... a classe deveria organizar-se em oficinas de vida e trabalho onde cada aluno leve à tarefa coletiva a sua contribuição pessoal trabalhando todos não já para o mestre..." (55)

O mestre deixa de ser a figura central, e o grupo se organiza cooperativamente, cada um segundo suas possibilidades.

Parece-me que trabalho, cooperação, comunidade, são conceitos usados por Fernando de Azevedo. Embora ele não coloque os meios para atingir tais objetivos, estes vão de encontro à proposta de Célestin Freinet. Embora Nagle em nenhum momento cite Freinet, tais relações sugerem uma conexão, que poderá ser eventualmente retomada por alguma pesquisa sobre o tema.

Os dados mais consistentes levantados sobre a Pedagogia Freinet no Brasil datam dos anos 60 em Belém do Pará, através de um professor francês encarregado de um grupo de crianças, filhos de engenheiros franceses que lá estavam trabalhando. O professor aplicava a totalidade das técnicas Freinet, inclusive a imprensa.

Só a partir de 1972 é que, em diversos lugares do Brasil, educadores brasileiros e franceses tentaram pôr em prática os princípios que norteiam a Pedagogia Freinet. Como lembra Cabral:

"um excelente artigo de Clarice Ferreira da Silva, publicado pela revista do MEC intitulado 'Significarão as técnicas Freinet a

---

(54) Freinet, Célestin - Para uma escola ... - op.cit., p.27

(55) Nagle, Jorge. Educação e Sociedade... - op.cit., p.256

a morte dos manuais escolares?' , foi nesse sentido, de importância decisiva. No ano seguinte, D.Myrtes Wenzel, diretora do centro educacional de Niterói, organizava o primeiro estágio Freinet no Brasil, com a colaboração dos serviços culturais e pedagógicos da Embaixada da França. Na Universidade de São Paulo e em vários colégios públicos e particulares, experiências de adaptação brasileira da Pedagogia Freinet foram iniciadas. A apresentação do filme L'Ecole Buissonnière em todo o Brasil, tornaram conhecidas as técnicas Freinet como o texto livre, a imprensa na escola, o jornal escolar e a correspondência inter-escolar o que favoreceu sua aplicação em diversos lugares." (56)

De 1972 a 1976, Michel Launay, professor da Universidade de Nice, ministrou aulas de francês no curso de pós-graduação da Universidade de São Paulo onde teve a oportunidade de aplicar os princípios da Pedagogia Freinet no ensino universitário, permitindo aos estudantes exprimirem-se, cooperarem, corresponderem -se com estudantes e investigadores de outras universidades, avaliarem -se através de uma pedagogia do trabalho. Dentre os alunos da USP podem-se lembrar Maria Inês Cabral, que fez uma dissertação de mestrado (De Rousseau a Freinet ou da Teoria a Prática); Maria Lúcia dos Santos, com o seu trabalho de mestrado na França sobre a expressão livre, e Rosa Maria Witaker Ferreira Sampaio com o livro

---

(56) Cabral, M.I.C. - De Rousseau a Freinet ou da Teoria a Prática. Ed.Hemus. S.Paulo, 1978. p.XV

## Freinet: Evolução Histórica e Atualidade.

No Rio de Janeiro, o movimento contou com a colaboração de Vera de Paula e Roberto Ballalai Palmeira.

Através de Launay, o trabalho se desenvolveu em Aracajú com Gisela Moraes; em Campinas com Celene Margarida Cruz; na base aérea do Belém do Pará com o brigadeiro Camarão e sua mulher Sofia e em São Paulo com Rosa Maria Witaker Ferreira Sampaio.

Ainda no início dos anos 70, foram realizados estágios em São Paulo com Roger Ueberchlag (inspetor pedagógico ligado ao ICEM) e Michel Bertrand (diretor de arte), ambos franceses. Nesta época o trabalho com a Pedagogia Freinet começa a ser desenvolvido no Brasil em escolas particulares.

Em 1970 surgiu uma escola particular em Recife, "Recanto Infantil", coordenada por Maria de Fátima Moraes. Essa escola, através dos contatos que mantinha com Augusto Rodrigues (Diretor da Escola de Arte de Recife), passa a saber da existência de Freinet. Até então, embora trabalhassem intuitivamente, descobriram que tinham pontos em comum com a Pedagogia Freinet (textos livres, por exemplo).

Em 1972 Augusto Rodrigues volta da França, onde fazia mestrado em Educação, e monta junto ao grupo da escola "Recanto Infantil" um grupo de estudos da Pedagogia Freinet. Depois disso, tiveram contato com Roger Ueberchlag, com o grupo de Blumenau (que já existia organizado por Flaviana Granzotto) e mantêm correspondência com a França, sendo filiadas a FIMEM.

Na mesma época, alguns trabalhos isolados passaram a acontecer na rede pública municipal de São Paulo.

Logo que chegou da França, em 1977, Maria Lúcia dos Santos, que foi aluna de Michel Launay, começou a trabalhar em uma escola pública em São Paulo (Capital). Professora de português, inicia seu trabalho com crianças de 5a. a 8a. séries do 1º grau. Con

segue trabalhar o texto livre, a correspondência, o jornal e a cooperativa escolares. Ao mesmo tempo, trabalhava no Colégio de Aplicação da USP usando as técnicas Freinet. Ainda hoje trabalha a proposta Freinet na escola pública.

Em 1977, Maria Inês Cabral (também ex-alunade Launay) trabalhou em pré-escola na creche Cajarana, periferia de São Paulo

Em 1978 surge em Blumenau, com Flaviana Granzotto, através da Fundação Regional de Blumenau (FURB), o primeiro núcleo Freinet, que passa a oferecer estágios trazendo professores Freinet para organizá-los. Hoje existem 10 núcleos no sul espalhados pelo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Naquele mesmo ano, um grupo de pais e professores fundam uma escola particular em Campinas, a Escola Cooperativa Curumim que terá como proposta norteadora os princípios da Pedagogia Freinet, e, em São Carlos, Carmem Sílvia Marques funda a Escola Oca dos Curumins que também se apóia nos mesmos princípios.

Em 1981 acontece em Blumenau, promovido pela FURB, o Estágio Internacional de Pedagogia Freinet (CIF) do qual participaram três professores de Campinas, três de São Paulo e um de Marília, bem com dezenove professores franceses, dois italianos, dois tunisinos além de uma equipe de São Carlos (SP).

São alguns desses professores do Estado de São Paulo que começam a difundir as técnicas Freinet na rede pública municipal e estadual. Paralelamente, em Paulínia, Bauru, São José dos Campos e São Carlos grupos de professores aderem a essa prática e passam a se corresponder e trocar experiências.

Em Marília (SP), a partir de 1981, com a reintegração dos exilados, volta à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho o professor José Arruda Penteado que conheceu Michel Launay em 1975. Ele propõe a instalação de duas classes Freinet no sistema público municipal e estadual de Bauru. Essas classes

funcionaram durante o ano de 1983 com o apoio da Prefeitura e da Delegacia de Ensino. Durante o ano em que funcionaram, problemas institucionais junto à diretora da Escola Municipal e junto aos Superiores de ensino estadual surgiram, pois não compreendiam a experiência, questionando a orientação dada ao trabalho que fugia ao sistema tradicional.

Esse mesmo professor em 1983/84 passa a assessorar o prefeito de Bauru na área de projetos educacionais. Nessa época, através de cursos sobre a Pedagogia Freinet (ministrados pelas professoras Ruth e Cleusa, de Campinas), alguns professores começam a desenvolver este trabalho. No início de 1986 muda-se o Secretário de Educação do Município e o projeto da Escola Freinet que antes tinha total apoio da prefeitura é rejeitado. (57)

Em 1985 acontece em São José dos Campos o 1º Congresso de Educação promovido pela Secretaria de Educação do município. Foram oferecidos mini-cursos, relatos de experiências, palestras e conferências. Entre estes foram apresentados trabalhos sobre a Pedagogia Freinet levados por três professores da rede municipal de Paulínia (Ana, Rose e Ruth). Logo em seguida esse trabalho começou a se desenvolver em São José dos Campos, de início por duas professoras da pré-escola. Em 1986 a divulgação da proposta feita pelas professoras iniciantes e pela Secretaria Municipal de Educação de S. José dos Campos. Durante o ano de 1987, Ruth passa a assessorar as professoras interessadas na proposta e novos cursos são ministrados. Em 1989, o grupo Freinet contava com 58 professores da rede municipal. (58)

---

(57) Mais detalhes sobre a tentativa de implantação da proposta em Bauru serão discutidos e analisados na segunda parte deste projeto.

(58) O trabalho Freinet em S. José dos Campos enquanto apoio municipal tem uma característica peculiar e interessante que será descrita e analisada na segunda parte deste trabalho.

Em Campinas, alguns professores começam a trabalhar com a Pedagogia Freinet nas escolas municipais; entre elas, Cleusa, que assume uma classe em escola da Prefeitura e depois passa a ser diretora de uma estadual; Neusa e Robêni que trabalham em escolas da Prefeitura.

Em 1984, o trabalho se inicia em Paulínia através de uma professora que já conhecia a proposta de Célestin Freinet e que passa a difundir-la tanto nesta como em outras cidades do Estado de São Paulo e outros Estados (Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Piauí e Santa Catarina). Nesta época, com a divulgação de Maria Lúcia e Ruth, o trabalho começa a ser desenvolvido em Angatuba (SP) e Fartura (SP), com o apoio das prefeituras. Angatuba, em 1989, contava 40 professores trabalhando a Pedagogia Freinet.

Em 1985, o grupo de professores que trabalhava Freinet no Estado de São Paulo sentiu a necessidade de organizar um núcleo. Este não só trataria da difusão do trabalho como também subsidiaria e apoiaria professores que tentavam aplicar a Pedagogia Freinet e se viam com dificuldades institucionais para continuar e avançar.

O trabalho de professores Freinet não só no Estado de São Paulo como no Brasil ainda é isolado, e o núcleo poderia propiciar a correspondência e troca de experiências, sendo também um órgão de apoio.

Em fins de 1985 surge o Centro Regional da Escola Moderna (CREM), com adeptos de São Paulo, Bauru, São Carlos, Paulínia e Campinas. Em dezembro de 1988, já com adeptos de outras cidades como São José dos Campos, Fartura e Angatuba, contava com 230 filiados.

Em julho de 1988, aconteceu no Brasil, em Florianópolis, a XVIIIa. RIDEF - Encontro Internacional de Educadores Freinet. Nesse encontro o CREM foi reconhecido pela FIMEM como nú-

cleo organizado. Participaram deste Encontro 200 professores brasileiros, 3 panamenhos, 3 colombianos, 100 europeus vindos da França, Itália, Alemanha, Suécia, Espanha, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Áustria e Finlândia; e 3 professores do Japão.

Durante esse encontro, os brasileiros sentiram a necessidade de organizar um encontro nacional, marcado para julho de 1989 em Campinas, SP. Esse encontro foi organizado por representantes regionais de Minas Gerais, Santa Catarina, Pernambuco, Paraná e São Paulo.

O encontro foi dividido em ateliês de trabalho animados por diferentes Estados. Participaram 25 professores de Santa Catarina, 8 do Rio Grande do Sul, 8 do Paraná, 1 do Pará, 7 de Pernambuco, 6 do Piauí, 81 de São Paulo, 1 do Rio Grande do Norte, 2 da Bahia e 11 de Minas Gerais. No total, 160 professores vindos de várias regiões do país. Na Assembléia final do encontro marcou-se o 2º para 1991, em Recife.

O Movimento Freinet no Brasil parece se ampliar, embora as dificuldades de comunicação sejam grandes e os casos isolados são agora passam a ser conhecidos pelo grupo. Atualmente, existem os núcleos do Norte e Nordeste, do Sul ( que reúne Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná ), o de São Paulo (CREM) e o de Minas Gerais.

Organizar a história do Movimento Freinet no Brasil, diante do próprio tamanho do país, fica difícil, pois alguns dados se perderam no tempo. Sabe-se que no início dos anos 60 existiu em Recife uma Cooperativa Escolar que trabalhou a proposta de Freinet, mas os dados de seus fundadores e organizadores se perderam. A Cooperativa foi fechada com a repressão de 1968 e nunca mais se teve notícia da mesma. Talvez como esta Cooperativa, alguns outros que tentaram praticar a Pedagogia Freinet tenham sucumbido ao tempo e à repressão.

Hoje, resta saber porque a Pedagogia Freinet está sendo recebida e até encampada por alguns municípios. O quadro institucional a permite ? A análise da segunda parte deste trabalho nos leva a discutir a estrutura escolar e as possibilidades reais de implantação de uma proposta pedagógica como a de Célestin Freinet na Escola Pública.

## PARTE II

### CAPÍTULO I

#### ANÁLISE INSTITUCIONAL DA ESCOLA

Pensando na proposta pedagógica de Célestin Freinet, nas dificuldades institucionais com que o mesmo se deparou na França, passo a expor algumas questões que acho relevantes para analisar este trabalho dentro da escola pública no Brasil (no caso, Estado de São Paulo). Isto será possível com a discussão sobre o papel da prática administrativa na implantação efetiva de propostas pedagógicas não autoritárias, como a de Freinet. Para tanto considero importante fazer uma análise teórica das instituições e das relações inseridas no sistema público de ensino, dando relevância ao brasileiro.

Em primeiro lugar, discutir a Escola enquanto Instituição.

Segundo Lapassade, compreende-se por Instituições um conjunto de relações sociais formado por atos ou idéias com regras próprias que determinam a vida dos grupos que dela participam. (59)

De outra forma, Goffman define Instituições como locais, tais como salas, conjunto de salas, edifícios ou fábricas

---

(59) Lapassade, G. - Grupos, Organizações e Instituições. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977, p. 193.

em que ocorrem atividades de determinado tipo. Todas essas atividades, diárias, são rigorosamente estabelecidas em horários fixos, pois uma leva, um tempo pré-determinado à seguinte. Toda seqüência de atividades é imposta verticalmente, de cima para baixo, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários destinados a aplicá-las. Tais atividades visam atender os objetivos oficiais da Instituição. Toda Instituição tem tendências de "fechamento", conquistando parte do tempo e interesse de seus participantes. Seu "fechamento" é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibir acesso a saídas que muitas vezes estão incluídas no sistema físico tais como: portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, águas, floresta, pântanos etc..

(60)

Conforme Lapassade no quadro Institucional surge a Escola que é regida por normas que dizem respeito à organização escolar, aos horários, ao emprego do tempo etc. Em conseqüência, a intervenção pedagógica de um professor (ou um grupo de professores) situa-se sempre em um quadro institucional: a classe, a escola, o liceu, a faculdade etc. (61)

A Escola é uma instituição que tem como função adaptar os indivíduos às exigências da sociedade transmitindo de modo formal os valores por ela estabelecidos como verdadeiros. Nela, os indivíduos incorporam as relações de produção ou o processo de trabalho dominante.

Segundo Tragtemberg,

"no século XIX a expansão da técnica e a am

---

(60) Goffman, E. - Manicômios, Prisões e Conventos. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1974, p. 15-16.

(61) Cf. Lapassade, G. - Grupos..., op. cit., p. 197.

pliação da divisão de trabalho, com o desenvolvimento do capitalismo, levam à necessidade da universalização do saber ler, escrever e contar. A Educação já não consiste em ocupação ociosa e sim fábrica de homens utilizáveis e adaptáveis". (62)

Ensinar é então comparável a vender, fabricar e organizar.

O ideário democrático, levantado desde a segunda metade do século XIX pela implantação da escola pública, universal e gratuita, tendo o Estado como responsável pela Educação, se transformou para atender as necessidades da sociedade industrial. (63)

A educação passou portanto a ser encarada de uma outra forma. O capitalismo industrial passava a engendrar conhecimentos minimamente necessários e úteis à produção, que aumentava seu volume e demandava novas técnicas e conhecimentos a cada dia. A necessidade de leitura e escrita passa a funcionar como pré-requisito para concorrência e inserção no mercado de trabalho e para uma aparente ascensão social, dentre os princípios da cidadania, expostos por T. H. Marshall, e criticados por Bendix, a educação passava a ser uma condição para o exercício de certos direitos, que tem como contrapartida a submissão do cidadão aos poderes do Estado. É o caso da educação, pois seu direito, segundo Bendix, "é in-

---

(62) Tragtemberg, M. - "A Escola como Organização Complexa" in: Garcia, W.E. (org.) Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento. Ed. Mc Graw Hill, São Paulo, 1976, p. 15.

(63) Tal tema é recorrente entre os pensadores da economia política. Entre os precursores, encontram-se as formulações de: Smith, Adam - As Riquezas das Nações. Ed. Abril Cultural, São Paulo, vol 2, livro 5º, cap. I, 1973; e de List, G.F. - Sistema Nacional e Economia Política, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1963.

separável do dever de freqüentar a escola". Marshall afirma que a obrigatoriedade do ensino básico é condição à democracia política e aos avanços científicos, aumentando também o valor do trabalhador "sem educá-lo acima de sua condição de subsistência". Isso ajudou o capitalismo industrial emergente no século XIX, pois os trabalhadores procuravam receber uma educação,

"em parte para que seus filhos contassem com melhores oportunidades que eles, e em parte para dar maior peso às reclamações políticas da classe operária".

Desta forma, o trabalhador aprofunda ainda mais sua condição social, já que, para ser operário, era essencial ter educação básica. À submissão às normas do Estado, somavam-se as de controle próprias do sistema de produção. (64)

Nesse momento a escola passa a ter o papel de preparar os homens para a sociedade moderna. Esta pode ser caracterizada pela necessidade de aproveitar o homem de forma mais eficiente, executando em ritmo mais rápido os mais variados tipos de trabalho e eliminando do trabalhador elementos lentos e inúteis que atrasam a produção. Assume, portanto, a idéia de que deve preparar o futuro trabalhador, um cidadão, um pai de família. É através da "obediência" ao professor que o indivíduo se prepara à "obediência" ao patrão. O saber passa a ser um instrumento de adaptação e felicidade. (65)

---

(64) Marshall, T.H. - Cidadania, Classe Social e Status. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1967, p. 74-80, e Bendix, R. - Estado Nacional y Ciudadania. Ed. Amorrortu Editores, Buenos Aires, 1974, p. 93-190.

(65) Idéia do Positivismo de Comte: o lema é viver para outrém: inicia-se no âmbito familiar, prossegue na vida conjugal, na paternidade estabelecendo a submissão do indivíduo à sociedade. Cf. Costa, J. C. - Augusto Comte e as Origens do Positivismo, Ed. Cia Ed. Nacional, São Paulo, 2ª ed., 1959.

São os princípios da administração científica sistematizados por Taylor e Fayol (66) que vem nortear a estrutura interna da escola. São princípios que asseguram a separação do trabalho manual do intelectual, onde uns planejam e outros executam. Racionalidade, produtividade, especialização e controle constituem os fundamentos teóricos básicos. O professor, como primeiro "patrão", planeja, gerencia, controla, e os alunos executam. É o professor quem decide a forma pela qual o trabalho deve ser executado. Para que isto ocorra, a ordem e a obediência ao "chefe" por parte dos alunos é fundamental.

"Os alunos vêm-se inseridos dentro de relações de autoridade e hierarquia, tal como deverão fazê-lo quando se incorporarem ao trabalho. Em parte, esta autoridade baseia-se diretamente em sua condição não adulta mas o faz sobretudo na legitimidade concedida à escola pela sociedade, em suas exigências como organização e numa suposta necessidade pedagógica. A submissão à autoridade aprendida no seio da família não constitui uma base preparatória suficiente para a aceitação da autoridade no local de trabalho". (67)

As mesmas relações vividas dentro da fábrica, hierárquicas e despóticas, passam a ser meios e fins da escola, com

---

(66) Taylor, F.W. - Princípios de Administração Científica. Ed. Atlas, São Paulo, 1963, e Fayol, H. - Administração Industrial e Geral. Ed. Atlas, São Paulo, 9ª ed., 1981.

(67) Enguita, M.F. - A Face Oculta da Escola-Educação e Trabalho no Capitalismo. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989, p. 164.

argumentos de que as instituições de serviços (como a escola) não diferem muito da empresa, no que diz respeito ao trabalho e encargos do administrador, a organização escolar para adequar-se às condições sociais existentes e atingir os objetivos que são determinados pela sociedade, necessita assimilar métodos e técnicas que garantam sua eficiência. É através da escola que os princípios da administração científica encontram um campo fértil de atuação.

O taylorismo é uma técnica de dominação onde o trabalhador se torna dócil social e politicamente, e rentável economicamente. Aprofundando a divisão entre o trabalho de concepção e o de execução, a burocracia surge de forma acentuada.

"Fayol, seguindo a linha de Taylor, defende a tese segundo a qual o homem deve ficar restrito a seu papel, na estrutura ocupacional parcelada". (68) A impessoalização burocrática definida pelo enunciado de tarefas e por uma especialização se traduz no plano administrativo. Na proposta de Fayol, decisão, hierarquia, ordem, disciplina e unidade de comando são fundamentais para o bom andamento da empresa. É através da concorrência que se obterá maior eficiência. O operário deve se vincular à estrutura burocrática onde o carreirismo o eleva na escala hierárquica.

Dentro da escola esses princípios encontram um campo de atuação, visto que esses vão ser convertidos em valores da sociedade capitalista, e o papel da escola é preparar a mão-de-obra adequada para ali atuar. O sistema escolar deve tornar-se cada vez mais burocratizado pois isto permite ao Estado um controle cada vez maior sobre a mesma, tendo como único critério a produtividade. São estes os mesmos princípios em que se baseiam os

---

(68) Tragtemberg, M. - Burocracia e Ideologia. Ed. Ática, São Paulo, 1980, p. 77.

"currículos" escolares.

Surge aqui a burocracia pedagógica, cujo papel essencial é a organização, planejamento, execução, avaliação e estímulo (adaptado do fayolismo). Para Lobrot (69), a burocracia tem uma importância para o ensino que se converte na mais hierarquizada administração depois do exército.

Segundo Motta (70), a educação francesa apresenta-se como um sistema extremamente burocratizado onde o Ministério da Educação reserva-se o direito de recrutar o pessoal administrativo. Esse pessoal é escolhido e nomeado entre aqueles que se candidatam formalmente. É dessa forma que são nomeados inspetores gerais, reitores de liceu etc. Concurso há para os inspetores primários. No sistema francês a inspeção é uma garantia de conformidade. O inspetor não avalia a evolução do trabalho pedagógico. Avalia, isto sim, a conformidade com modelos pré-estabelecidos. Tal avaliação, executada sob critérios que se resumem ao final em índices quantitativos, revela um vies epistemológico vulgar positivista, onde os dados objetivos podem não revelar a qualidade do ensino e seu conteúdo.

Neste sentido, para que se possa avaliar a possibilidade da proposta pedagógica de Célestin Freinet, que é, a princípio, anti-hierárquica, em que as relações se dão através da cooperação e não da concorrência e onde não existe uma separação do trabalho intelectual do manual, é necessário que se faça uma análise da burocracia para que se perceba quais são as possibilidades para sua verdadeira efetividade.

---

(69) Lobrot, M. - Pedagogia Institucional. Ed. Humanitas, Buenos Aires, 1966.

(70) Motta, F.C.P. - Organização e Poder: Empresa, Estado e Escola. Ed. Atlas, São Paulo, 1986.

## CAPÍTULO II

### BUROCRACIA

As manifestações da burocracia enquanto organização surgem no modo de produção asiático (71), porém é no modo de produção capitalista (72) que existe uma articulação entre o Estado e a economia mediatizada por um sistema específico de organização. Este princípio de organização se faz necessário para dissimular sua dominação.

A origem da burocracia encontra-se na estrutura da sociedade de classes e nas lutas das mesmas, sendo sua função fazer prevalecer as regras de uma ordem comum. A burocracia está a serviço desta ordem e, em consequência, da burguesia. A administração dos serviços públicos está nas mãos da burocracia, emergindo como mediadora entre os interesses particulares e os gerais.

Segundo Isaac Deutscher "da mesma forma que a hierarquia do poder econômico sobre o mercado, a burocracia enquanto hierarquia política deve atuar de forma que a sociedade não descubra a desigualdade real debaixo da aparência de igualdade. Donde provém o

---

(71) Modo de produção asiático - Marx, K. e Hobsbaum, E. - Formações Econômicas Pré-Capitalista. Ed. Paz e Terra, R. Janeiro, 1975.

(72) Modo de produção capitalista, entendido como alienação dos meios de produção do produtor e alienação entre produtor e produto, bem como a exploração da mais valia e fetichização da mercado. Cf. Salama, P.; Valier, J. - Uma Introdução a Economia Política. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

desenvolvimento das ordens, dos interesses, dos níveis administrativos próprios para perpetuarem a feição da igualdade não reforçando senão a desigualdade. Suas características são: em primeiro lugar, a estrutura hierárquica; em segundo lugar, o fato de o aparelho do poder ser um sistema fechado que aparentemente se basta a si próprio onde só os peritos qualificados, que possuem os segredos da administração são capazes de preencher as funções da organização". (73)

Uma outra visão de burocracia é a de Max Weber, para quem a burocracia é um estamento com interesses permanentes e distinto das classes sociais como tal, e tem as seguintes características:

- é regida por leis e regulamentos;
- as atividades necessárias aos objetivos da estrutura governada burocraticamente são distribuídas de forma fixa como deveres oficiais;
- a autoridade de dar as ordens necessárias à execução destes deveres oficiais se distribui de forma estável;
- tomam-se medidas metódicas para a realização regular e contínua desses deveres. Somente as pessoas que têm qualificações previstas por um regulamento geral são empregadas;
- os princípios de hierarquia dos postos e dos níveis de autoridade significam um sistema ordenado de mando e subordinação no qual há uma supervisão dos postos inferiores pelos

---

(73) Deutscher, I. - As Raízes da Burocracia. Cadernos O Homem e a Sociedade. Publ. Escorpião, Porto, setembro/1973. p. 13.

superiores;

- a competência jurisdicional é realizada plenamente através da subordinação hierárquica;

- a administração de um cargo moderno se baseia em documentos escritos ("os arquivos"). Existem todos os tipos de funcionários e escreventes subalternos;

- administração burocrática pressupõe um treinamento especializado e completo.

#### Sobre o funcionário:

1. A ocupação de um cargo é profissão. É exigido um treinamento rígido onde os exames especiais são pré-requisitos para o emprego. A administração é fiel em troca de uma existência segura. A lealdade é dedicada a finalidades impessoais e funcionais.

2. A posição pessoal do funcionário é determinada pela estima social, posse de diploma e qualificação para o cargo. Existe uma diferença entre o funcionário eleito e nomeado. O nomeado é o tipo puro de funcionário burocrático, o eleito tem uma certa autonomia em relação aos governantes.

3. A posição do funcionário é vitalícia.

4. O funcionário recebe um salário fixo segundo sua função na hierarquia.

5. O funcionário se prepara para uma carreira dentro da ordem hierárquica do serviço público: antiguidade, exames de habilitações, cargos com prebendas para os que estão habilitados através de certificados de cursos.

A burocracia pressupõe o pagamento em salário aos funcionários. Ela se torna eficaz quando desumanizada, isto é, quando

consegue eliminar os elementos pessoais, irracionais e emocionais. É um instrumento de poder para quem controla o aparato burocrático: a razão decisiva para o progresso da organização burocrática foi sempre a superioridade puramente técnica sobre qualquer forma de organização - precisão, velocidade, clareza, conhecimento dos arquivos, discricção, unidade, subordinação rigorosa, redução do atributo e dos custos de material pessoal são suas características.

A disciplina do funcionalismo refere-se a atitudes do funcionário de obediência precisa dentro de sua atividade habitual. A especialização é indispensável à burocracia moderna e o conhecimento do perito torna-se a base da posição de poder do ocupante do cargo: toda burocracia busca aumentar a superioridade dos que estão profissionalmente informados, mantendo secretos seus conhecimentos e intenções.

Finalmente, a burocracia, enquanto organização, busca elevar ao máximo a eficiência em administração, quaisquer que sejam suas características formais. (73)

Ela se define pelo fato de que administra a coletividade, trabalha pelo "seu bem". Fixa os objetivos a alcançar, reparte as funções, organiza, prevê a tarefa de todos e sanciona se não são realizadas.

Enquanto planificadora, organizadora e sancionadora, despoja os indivíduos de seu poder humano essencial de decidir, de se organizar e escolher. Ficam todos reduzidos a coisas. Ela explora a coletividade. Qualquer disfunção em sua organização recai sempre sobre as instâncias inferiores. Sua hierarquização e fra-

---

(73) Weber, M. - Ensaio de Sociologia. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1963, p. 230-238.

cionamento permitem escapar as acusações e questionamentos onde o responsável nunca deve ser nomeado.

A escola incorpora todas estas características da burocracia e faz com que ela permeie todas as relações existentes.

### CAPÍTULO III

#### BUROCRACIA PEDAGÓGICA

Na escola surge a burocracia pedagógica que vem instalar uma hierarquização e organização necessária na manutenção e controle de indivíduos que deverão atuar de forma submissa e crítica na sociedade. O que existe de comum entre o domínio burocrático e o pedagógico é que ambos pretendem "querer o bem" do sujeito dirigido ou administrado.

É através da hierarquia educacional que se asseguram em diferentes graus, as decisões e execuções das leis estabelecidas.

Para Lobrot (74) o funcionamento burocrático da Educação Nacional se desenvolve em três níveis:

- o de pessoal e sua organização;
- o de programas de trabalho;
- o de controle e dos exames;

onde a própria escola recruta seu pessoal administrativo.

Existe dentro da escola uma separação entre a administração, os professores e os alunos. Os professores devem possuir diplomas que serão condições para sua ascensão dentro da carreira. Dentro da Escola Pública, quanto mais cursos e diplomas tiver o professor, mais pontos terá adquirido para prestar concursos que o elevem de cargo; não se pode esquecer que a idade e o mérito também contam.

---

(74) Cf. Lobrot, M. - Pedagogia... - op.cit.

Esses diplomas porém, não avaliam as qualidades do docente para com os alunos e sim que foi preparado corretamente para os exames e aprovado. Aqui o critério de conformidade é supervalorizado e o professor se encontra na mesma posição do aluno; é julgado de acordo com critérios não de eficácia ou de valor mas de conformidade. A carreira do docente depende da burocracia que é dona e soberana das decisões sobre as promoções. Cabe ao diretor avaliar e punir se necessário o professor. Até alguns anos atrás o Diretor das escolas públicas no Brasil tinha como responsabilidade avaliar e dar conceitos aos professores que variavam de A (ótimo) a D (insuficiente) cujos critérios variavam de escola para escola. Na maioria delas passava por simpatia e conformidade às regras. O professor que não se submetesse aos mandos e desmandos do Diretor corria o perigo de obter o conceito D .

Segundo Lapassade,

"O professor burocrata deve poder dizer: eu 'cumpri' a totalidade de meu programa, eu obtive tantos êxitos nos exames. Pouco lhe importam no fundo os efeitos psicológicos reais de seu ensino". (75)

O professor deve conhecer e seguir as normas de seu trabalho adaptando-se e adaptando os alunos para uma perfeita atuação dentro do quadro social.

O professor, ao entrar em uma escola, recebe programas prontos contendo as metas que deve seguir, os meios que deve empregar e a divisão do tempo. No Estado de São Paulo, por exemplo, são usados os "guias curriculares" e os livros didáticos onde

---

(75) Lapassade, G. - Grupos,... - op.cit., p.209

os objetivos estão determinados tendo como padrão o desenvolvimento de uma criança que tem todos os pré-requisitos prontos para a educação, conforme a concepção dos seus autores. A criança que não possui estes pré-requisitos é "naturalmente" eliminada.

Nas palavras de Laymert:

"Há, porém, um aspecto que a escola deseja ignorar a todo custo: é o fato de que impõe modelos de uma cultura de classe sem muita relação com a vivência das crianças populares, é o fato de que exige a desintegração da cultura rústica dos meios rurais e a aceitação de um referencial cultural urbano e "moderno". O resultado desse não reconhecimento da imposição da cultura burguesa permite que a escola "naturalize" a discriminação operada por ela. Assim os estudantes cujos padrões culturais não entram em choque com o que precisam aprender no sistema, obter os diplomas necessários aos cargos mais elevados e, principalmente, encarar seu sucesso como consequência lógica do seu esforço e qualidades individuais; ao contrário, a escola vetará as crianças dos meios populares, incapazes de superar as contradições entre dois universos culturais, e lhes atribuirá a culpa do fracasso, doravante vivido como uma incapacidade pessoal.

Todos esses fatores internos e externos à escola concorrem para fazer do primário

brasileiro uma fantástica máquina de exclusão das crianças das classes trabalhadoras urbanas e rurais, reforçando a exclusão sócio-econômica que se encontra na base do desenvolvimento econômico brasileiro. Tal é o sentido da elevada taxa de evasão e de reprovação". (76)

Os programas estabelecidos pela escola pública se constituem a priori sobre as necessidades dos alunos prevendo as atividades e interesses em função de normas gerais e abstratas inspiradas por um "interesse geral".

Neste caso existe uma preocupação da burocracia pedagógica em estabelecer para os pais, para a administração e para o próprio professor que a criança não permanece sem fazer nada, que aprende algo e que as metas pré-fixadas nacionalmente estão sendo seguidas pela escola. Existe uma segurança formal, onde a necessidade de observar o progresso rápido da criança impede que se saiba se efetivamente progrediu.

Neste sentido, buscar alternativas pedagógicas é ficar à margem, na medida em que o conformismo com o estabelecido é a certeza do ser bem sucedido. A atitude conservadora do professor dentro de sala de aula responde ao que se espera dele. A burocracia pedagógica impede mudanças, já que sobre o estabelecido ela tem total controle. O professor muitas vezes, não é avesso à mudanças, mas as teme.

A criança deve ir bem nos exames. O professor sabe

---

(76) Santos, L.G.dos - Desregulagens. Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social. Ed. Brasiliense, S.P., 1981, p.78.

que se sua classe vai mal, ele também estará mal diante da hierarquia burocrática. Se sua turma vai bem ele cumpriu o programa. O exame permite julgar tanto o professor como o aluno. Recai sobre o aluno que não atingiu os objetivos do programa uma série de sanções até que, excluído do grupo, passa a fazer parte da classe dos "alunos especiais" (classe de crianças consideradas com deficiências de aprendizagem) ou a exclusão natural. O único responsável pela falta de êxito no exame, quando casos isolados (e parece que estes se tornam gerais) é o próprio indivíduo, portanto deve ser excluído do grupo. A burocracia pedagógica não permite questões sobre seu funcionamento.

Uma meta secundária a ela, que está contida nas relações dentro da burocracia pedagógica, é a obediência, a disciplina, a submissão. A melhor maneira que o aluno tem para armazenar conhecimentos é aprender as lições, fazer os deveres, obedecer o mestre. O professor chama isto de "ordem" e mantê-la significa ser bem visto diante do diretor, do inspetor. A submissão à ordem, a disciplina parecem ser condições essenciais para a manutenção da hierarquia burocrática.

"A ordem pode ser defendida por razões técnicas tal como a impossibilidade de que a voz do professor chegue a todos se alguns falam ou fazem em voz alta. A maioria dos professores, para não dizer a totalidade, pensam que é a condição imprescindível de uma instrução eficaz. Diante de qualquer turma de alunos é uma obsessão permanente e diante de alguns, os 'grupos difíceis' pode chegar a converter-se num único objetivo. Muitos professores têm a primeira notícia disto quando, ao incor

porar-se a uma escola, o diretor adverte-os de que não importa tanto o que ensinem a seus alunos quanto que saibam mantê-los em ordem. O problema da ordem, quando não é livremente desejada ou consentida, converte-se de imediato no problema da autoridade e da submissão à mesma." (77)

A disciplina, para Foucault (78) é um método de controle minucioso das operações do corpo, realizando a sujeição constante de suas forças e lhe impondo uma relação de docilidade-utilidade. Quanto mais obediente, mais útil ele será. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. Ela aumenta a força do corpo em termos de utilidade. Essas mesmas forças diminuem o corpo em termos políticos de obediência. Aumenta-se a aptidão, porém acentua-se a dominação. É exatamente este tipo de atitude que a burocracia espera de seus funcionários, e o professor de seus alunos: que se tornem cada vez mais dóceis. Isto se dá através da vigilância e do controle contínuo.

"Espaços transparentes, pátios de recreios vigiados, entradas controladas, compartimentos sem fechaduras nos banheiros etc. Somados à Falta de um espaço próprio que não seja a sala de aula, além de possibilitar a vigilância constante, recordam as crianças e jovens que o território da escola não é, de forma alguma, seu território, que não podem dispor dele, assim como não podem dispor de si mesmos en

---

(77) Enguita, M.F. - A Face ... - op.cit. , p.163

(78) Foucault, M. - Vigiar e Punir . Ed.Vozes, Petrópolis, 1977

quanto permanecerem dentro de seus limi  
tes." (79)

A manutenção da ordem na escola e na sala de aula torna-se fundamental para que se mantenha o poder burocrático. Carteiras enfileiradas na sala de aula tendo à frente o quadro negro e o professor como figura central; fila ao sair da sala; fila ao entrar no banheiro (os edifícios escolares mantêm uma arquitetura diretamente relacionada ao controle e vigilância burocráticos, por exemplo, os banheiros com meia porta), fila ao se dirigir ao pátio; proporcionando ao professor, ao diretor, etc., um controle disciplinar que se assemelha ao exército. "Professores e bedéis colaborarão na tarefa de assegurar que cada um permaneça no lugar que lhe corresponde." (80) O aluno obedece o Professor, que obedece ao Diretor, que obedece ao Supervisor, que obedece ao Delegado de Ensino. O poder da ordem não deve ser colocado em dúvida, é a garantia do cargo dentro da hierarquia institucional. Nesta, a situação mais crítica, é sem dúvida a da criança. Aqui, o adulto enfrenta um campo fértil de atuação no qual

"os receptores de ordens mais afetados são as crianças. Parece um milagre que eles não sucumbam debaixo do peso de tantas ordens, que elas consigam sobreviver aos mandos e desmandos de seus educadores." (81)

E o professor tem bem claro o seu papel: a conformidade com os programas, a obtenção da obediência e o bom êxito nos exames. A estrutura escolar legítima o poder de punir que passa a

---

(79) Enguita, M.F. - A Face ... - op.cit.,p.185

(80) \_\_\_\_\_ - A Face ... - op.cit.,p.107

(81) Canetti, E. - Massa ... - op.cit.,p.340

ser visto como natural.

A pedagogia do professor possui os mesmos vícios da burocracia fundada na angústia e na desconfiança. Para Lapassade, "todas as relações de ensino são, em realidade, relações hierárquicas que se justificam hipocritamente pelas exigências da formação e da cultura." (82)

Dentro da burocracia pedagógica as decisões fundamentais (programas, nomeações) são tomadas no sistema hierárquico.

Existe uma hierarquia de decisões que vai do Ministro ao professor. Sob este aspecto das decisões fundamentais, os diferentes graus de hierarquia garantem sua transmissão e execução. Atua na escola uma burocracia exterior a ela que diz respeito às direções ministeriais, inspetores e delegados de ensino, e uma própria representada pelo diretor coordenador, etc.

Ao Supervisor escolar cabe centralizar a autoridade e responsabilidade para que mantenha um controle efetivo sobre a escola. Ele supervisiona, analisa estatutos, controla através do registro escrito todas as atividades escolares. É a vigilância que se apoia em um registro permanente.

"Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, seguindo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente lo

calizado, examinado... constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar." (83)

Ao diretor cabe planejar, organizar e avaliar o desempenho dos membros participantes do quadro escolar, embora tenha que se submeter ao Supervisor e Delegado de Ensino.

"O diretor na escola funciona como mediador entre o poder burocrático da Secretaria de Educação e Escola como conjunto, sofre pressões de professores no sentido de alinhar-se a eles, dos alunos para satisfazer reclamos racionais ou não, dos pais para manter um nível desejável pela comunidade; tem que possuir qualidade de um político, ter algum senso administrativo, especialista em relações humanas e relatórios oficiais."(84)

Para o professor, os pais não devem interferir em seu trabalho, pois isto pode ameaçar sua autoridade dentro da sala de aula. É para ele, dever do Diretor apoiá-lo em qualquer circunstância.

O Diretor deve manter controle sobre professores e alunos assegurando o bom andamento da instituição. Suas funções administrativas permitem sancionar quando a ordem estabelecida é ameaçada. É visto pela comunidade e órgãos superiores como responsável por qualquer problema manifesto na Escola.

Segundo O Regimento Escolar das Escolas de 1ª e 2ª Graus do Estado de São Paulo, elaborado em 1987, a Direção da Escola é o núcleo executivo das tomadas de decisão, planejamento, or

---

(83) Foucault, M. - Vigiar ... - op.cit., p.127

(84) Tragtemberg, M. - "A Escola ... - op.cit., p.18

ganização, coordenação, avaliação e integração de todas as atividades desenvolvidas no âmbito da unidade escolar tendo como competências dentre outras: presidir solenidades e o conselho de Escola, decidir sobre petições, apurar irregularidades, definir as atribuições do Assistente de Diretor, dar posse a funcionários, convocar pessoal, autorizar o gozo de férias, indicar docentes, convocar, delegar ... etc. (85)

Ao Diretor cabe presidir o Conselho de Escola ( Lei Complementar/85) com a participação da Comunidade Escolar, cujas atribuições são: deliberar sobre diretrizes e metas da unidade escolar; buscar alternativas para solução de problemas de natureza administrativa e pedagógica; regulamentar as instituições auxiliares; indicar o Assistente de Diretor quando for oriundo de outra escola; discutir penalidades disciplinares aos membros do quadro escolar; elaborar o calendário e regimento escolar e, finalmente, apreciar os relatórios anuais da escola. O conselho de Escola "deveria" reunir-se duas vezes por semestre com a participação de docentes, funcionários, pais e alunos. É o Diretor quem convoca as reuniões e decide a prioridade dos assuntos. Diante da autoridade naturalmente delegada pela comunidade escolar as decisões são de sua competência. Ele vive boa parte do tempo lidando com formalidades burocráticas para o perfeito funcionamento de "sua" escola. Em alguns casos, o Diretor identifica-se de tal forma com a burocracia pedagógica que assume a escola como propriedade particular (é comum em seu discurso referir-se: Na minha escola isto não acontece). Apresenta-se a serviço da coletividade, ele trabalha, sacrifica-se, administra, orienta, planifica, "serve". Enquanto admi-

---

(85) Regimento Escolar das Escolas de 1º e 2º Graus do Estado de São Paulo, elaborado em 1987.

nistrador deve ser rígrado e cordial. Rígrado na medida em que sendo responsável por "sua" escola, as aparências do bom andamento da mesma devem ser mantidas a qualquer custo. Os entraves burocráticos são resolvidos de forma mais rápida possível para que a visita dos Supervisores seja cordial, onde os "cafézinhos" na secretaria amenizam as relações hierárquicas e de poder que ali se dão. Nesse momento as dificuldades vividas pelo Diretor em sua escola se resumem a observações de livro ponto, fichário de aluno, livro de matrícula, limpeza, disciplina dos alunos em sala de aula etc. São superficialidades que os Supervisores avaliam e documentam no famoso "livro de visitas", podendo sancionar o Diretor desde que os pontos ali observados como falhos não sejam resolvidos.

Para que o Diretor possa responder seguramente ( característica da burocracia) e eficientemente às exigências da Secretaria de Educação, da comunidade, dos professores e dos alunos, é necessário que mantenha controle sobre cada membro que participe da escola.

Por sua vez as atribuições das exigências burocráticas nem sempre permitem este controle, portanto a garantia da ordem se dá na medida em que, "A Diretoria" é vista como palco de sanções tanto pelas crianças como pelos professores. É necessário que as crianças mantenham distância do Diretor e os professores tenham claro que são observados sem que percebam. Com isto, qualquer atitude do professor que quer a nível pedagógico (na sala de aula), quer administrativo, modifique ou questione a ordem estabelecida, torna-se suspeita e indisciplinada. A autonomia do professor dentro de sala de aula fica condicionada às constantes observações e interferências do Diretor que se diz preocupado com o "bem" dos alunos e de sua escola. O professor que trabalha pedagogicamente de forma diferente da estabelecida precisa ter um

Diante das aspirações dos pais quanto a seus filhos, para que consigam desempenhar um papel na sociedade, os limites do professor tornam-se restritos.

A escola por sua vez (no caso brasileiro) vive dificuldades quanto à evasão e repetência. Surge aí, como tentativa de solucionar esta situação, o ciclo básico que estenderia por dois anos o período inicial de cumprimento das etapas mínimas de escolarização, respeitando o ritmo próprio do aluno. Isto destituiria a criança e, conseqüentemente o professor, do fracasso. Os últimos indivíduos dentro da escola hierárquica do quadro burocrático, professor e aluno são sempre os responsáveis pelos problemas de todo o quadro institucional e escolar. Este "fracasso" pode ser um entrave à carreira do professor. Tal como aponta Tragtemberg ,

"a estrutura de carreira leva o funcionário a adaptar seus pensamentos, sentimentos e ações a uma incapacidade de ajustamento a situações novas, o que o induz a timidez, conservadorismo rotineiro e tecnicismo". (88)

A melhor garantia que todos podem ter em relação ao professor é a burocracia. O professor é julgado e controlado com severidade tanto pela burocracia como pela opinião pública. Ele se vê tolhido em inovar. Inovar significa ser sancionado por qualquer deslize. Deve manter uma atitude conservadora de submissão à burocracia pedagógica. Diante disto, as aquisições básicas que o aluno deve desenvolver na escola passam a ser secundárias. O professor se vê impossibilitado de intervir nas inúmeras leis e reestruturas para ele totalmente abstratas e de resultados ineficientes que lhe são impostas e que é obrigado a cumprir.

---

(88) Tragtemberg, M. - "A Escola ..." - op.cit., p.19

discurso convincente para provar ao "chefe" que o que faz segue os programas pré-estabelecidos. Isto demanda tempo, paciência e muitas vezes até inimizade tanto do Diretor como dos próprios colegas.

As discussões pedagógicas, embora estejam marcadas no calendário escolar, tornam-se praticamente inexistentes quando a relevância é dada aos papéis, disciplina, organização, limpeza, ordem e, principalmente, transmissão mecânica do conteúdo.

O Diretor tem um papel amortizador frente aos pais. A exigência da comunidade frente à escola se dá quando demandam filhos sábios e instruídos com hábitos e aptidões que lhe serão úteis mais tarde para que possam produzir e trabalhar:

"Cada pai se identifica com o filho que envia à escola e pensa nos inconvenientes que resultariam do fracasso de seu filho; não poderá obter uma boa situação e será um ignorante que todos depreciam. A vergonha recairá sobre pai ou mãe. O bom êxito do filho é o bom êxito do pai. Os pais desconfiam dos docentes que tendem a ser servidores pouco zelosos e inúteis." (86)

Em geral, qualquer dificuldade da criança na Escola, sob a ótica paterna, recai em primeiro lugar sobre os professores e em segundo sobre o Diretor, que é "dono" e/ou responsável pela escola. (87)

---

(86) Lobrot, M. - Pedagogia ... - op.cit.p.115

(87) Tais afirmações só puderam ser aqui colocadas após 12 anos de observações in loco, como estagiária para habilitação em Administração Escolar, em 1978, como diretora de escola particular, bem como professora, de 1978 a 1986, e como responsável pelos estágios em Administração Escolar dos alunos do Curso de Pedagogia da FCL-UNESP - Araraquara, desde 1986.

O desconhecimento que a maioria dos professores tem do próprio Estatuto do Magistério que lhes diz respeito diretamente mostra o grau de dificuldade para intervir mesmo sobre seus interesses. Os direitos e deveres assegurados neste documento podem remeter a reivindicações que a burocracia pedagógica não poderá controlar. Portanto, embora o Estatuto do Magistério assegure em seu artigo 61/IV:

"que o integrante do quadro do Magistério tem liberdade de escolha e de utilização de materiais, de procedimentos didáticos e de instrumentos de avaliação do processo ensino-aprendizagem, dentro dos princípios psicopedagógicos, objetivando alicerçar o respeito à pessoa humana e, à construção do bem comum" (89);

a autonomia na escolha de métodos pedagógicos que lhe convém fica restrita à aprovação ou não do Diretor.

A estrutura educacional assegura ao professor direitos que ela não subsidia. Ainda no artigo 61, o professor deve ter ao seu alcance informações educacionais, bibliografia, material didático; ter assegurada a oportunidade de frequentar cursos de formação; dispor no ambiente de trabalho de instalações e materiais técnico-pedagógicos suficientes e adequados. (90)

Sabe-se que os motivos para que isso não ocorra na prática não são do professor, é o quadro institucional que não o permite.

---

(89) Estatuto do Magistério - Lei Complementar nº 444 - Governo Montoro - Secretaria de Educação do Estado de S.Paulo, 27.12.85, p.28.  
 (90) Idem, Ibidem.

"A autonomia da professora se reduz quase por completo e, mesmo assim, não deixa de causar espanto quando as professoras que até para mudar o 'lay-out' da sala de aula precisam de autorização da Supervisora e da Diretora. O mesmo acontece para realização de excursões, convites para entrevistas, etc. (91)

Tudo isto necessita de autorização por escrito que nem sempre chega a tempo, pois os trâmites legais são morosos e a criança e o professor "devem" esperar. O burocrático sobrepõe-se ao pedagógico. Professores bem informados ameaçam a hierarquia escolar, daí a necessidade de sancionar sutilmente, já que seus direitos estão assegurados na Lei. Para tanto o professor deve exercer seu ofício com sacerdócio. (92) Sacerdócio, que exige uma "fé cega" onde os mandamentos instituídos não devem ser questionados, e a submissão e disciplina tornam-se palavras de ordem.

A análise que tem sido feita por alguns autores sobre o conservadorismo do professor, não leva em conta que o próprio sistema é que exige uma atitude conservadora do mesmo. Como legitimação do poder burocrático é muito simples que todas as "culpas" sobre a crise da educação recaiam sobre o professor ou mesmo a criança.

A possibilidade de desenvolvimento de um método pedagógico dentro de sala de aula que contrarie a estrutura autoritária da escola se dá na medida em que a própria burocracia escolar fica fragilizada diante de tantas exigências.

---

(91) Novaes, M.E. - Professora Primária: Mestra ou Tia. Ed. Cortez, São Paulo, 1986, p.110

(92) Cf. Lobrot, M. - Pedagogia ... op.cit.

Atualmente a Escola Pública brasileira como um todo, busca alternativas educacionais, já que representa o fracasso. A necessidade de mudanças se torna palavra de ordem para a sua própria sobrevivência. Isto porém, não significa que todos os indivíduos que participam do quadro escolar estejam dispostos a qualquer alteração. Dentro da ordem burocrática existem funcionários vitalícios que carregam o fardo da função, a espera do salário ao final do mês. Existem porém, funcionários que se propõe a alterações.

Dentre as atribuições do Diretor, de responder as formalidades burocráticas, as que mais lhe exigem são papéis a preencher. Isto é positivo para o professor que não vê sua "autoridade" dentro de sala de aula ameaçada. Porém, o Diretor que controla a escola nunca deve dizer que não sabe como é o trabalho de cada docente. De certa forma, as relações dentro do quadro escolar se dão também por simpatias. A diferença da burocracia pedagógica com a burocracia institucional é que ela se dá através de relações também pessoais. O professor que conseguir a simpatia do Diretor poderá fazer um trabalho com seu apoio.

A autonomia didático-pedagógica do professor, embora prevista na Lei, deve ser também conquistada. Basta lembrar os inúmeros exemplos de indução ao uso de determinados livros didáticos, enviados pela FLE ( Fundação do Livro Escolar ), pedidos por professores que não mais estão na escola ou mesmo a aplicação de "métodos" de alfabetização por decisão de outros que não os professores, com resultados muitas vezes desastrosos, e que fogem da capacitação do docente ou mesmo a situações adiante descritas, conseqüentes à aplicação da Lei 5692/71.

## CAPÍTULO IV

### LEGISLAÇÃO 4024/61 E 5692/71

"... existe na base, e desde o princípio uma dissonância entre os textos e a realidade da escola brasileira, e esta dissonância coloca um problema: por que então proclamar o princípio da escola universal e obrigatória?" (93)

A polêmica que antecedeu a promulgação da Lei 4024/61, votada somente 13 anos depois de encaminhado o anteprojeto à Câmara Federal, deu-se entre os que apoiaram a escola pública, gratuita e leiga como obrigação do Estado, e os educadores religiosos (católicos principalmente) apoiados pelos donos de estabelecimentos particulares, que se opunham ao monopólio do Estado e reivindicavam seu apoio financeiro.

Como enfatiza Florestan Fernandes em um artigo publicado no Estado de São Paulo à 21 de novembro de 1959:

"A nossa escola pública está passando pela crise mais profunda e grave, que jamais teve de enfrentar ao longo de sua magra existência. Isolada dos setores da população que vem servindo e desamparada de apoio efetivo por parte daqueles que deveriam lutar por sua sobrevivência e expansão, ela corre o risco de ser aniquilada e ser absorvida por es

---

(93) Santos, L.G. dos - Desregulagens... -op.cit.,p.52

colas concorrentes de cunho confecional ou mercantil (ou,variadamente,confecional e mercantil). Os fatos são por demais conhecidos. Aproveitando-se das debilidades do Congresso e do Poder Executivo, dirigentes de escolas católicas e leigas estão tentando obter, ao mesmo tempo, duas coisas contraditórias: estipêndios especiais, para subvencionar despesas que não cabem ao Estado em nosso sistema educacional e influência organizada, contínua e ativa na política Educacional do País." (94)

Dos debates travados, resultou que a nova Lei assegurou tanto ao setor público como ao privado o direito de ministrar o ensino em todos níveis. A gratuidade fixada na Constituição de 1946, ficou omissa. A obrigatoriedade do ensino primário foi praticamente anulada, com a redação do artigo 30, onde constituem casos de isenção:

- a) comprovado estado de pobreza do pai ou responsável;
- b) insuficiência de escolas;
- c) matrículas encerradas;
- d) doença ou anomalia grave da criança.

Pensando nas condições brasileiras da época, onde predominava a população rural e economicamente ativa alocada no setor primário (Censo 1960, IBGE : 55% da população morava no campo), e as dificuldades tanto financeiras das famílias quanto de falta de escolas, o acesso à educação escolarizada era raro e di-

---

(94) Fernandes, F. - Os Escritores e a Escola Pública". In: Barros, R.S.M. (org): Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ed. Pioneira, S. Paulo, 1960, p.83

fácil; em 1960 eram 46,8% os analfabetos e de cada 100 que se matriculavam na 1a. série do 1º grau, 41 se matriculavam na 2a. .

Dentro das reformas estabelecidas pela Lei a estrutura tradicional de ensino foi mantida e o sistema continuou a ser organizado segundo a Lei anterior:

"1. Ensino pré-primário composto de escolas maternas e Jardins de infância.

2. Ensino primário de 4 anos, com chance de ser acrescido 2 anos com artes plásticas

3. Ensino médio subdividido em 2 ciclos: g<sub>i</sub>nasial 4 anos e colegial 3 anos, ambos com preendendo o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola e de formação de professores).

4. Ensino superior, com a mesma estrutura consagrada antes." (95)

O único progresso da Lei foi prescrever um currículo não fixo e flexível para todo o território nacional, embora na prática isto não tenha sido viável. As escolas mantiveram o currículo anterior pois não possuíam recursos materiais e humanos para inovar.

O que chama atenção na Lei é o fato do Estado assegurar recursos financeiros à rede privada sendo que, a oficial não atendia a 50% da população, pela falta dos mesmos recursos.

A implantação do regime autoritário, em 1964, trouxe novas formas de encarar a educação, diferentes daquelas que pre

---

(95) Romanelli, O. de O. - História da Educação no Brasil 1930/1973 Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

100

dominaram nos embates que terminaram com a promulgação Lei 4024/61 .  
As concepções que passaram a dominar mudam em vários aspectos a re-  
lação entre o Estado e o ensino público e particular.

Segundo Laymert G. dos Santos,

"A reorganização da economia no quadro de um  
'desenvolvimento associado', a reestruturação  
do aparelho de Estado e a redistribuição do  
poder processadas a partir do Golpe de Esta-  
do vão, naturalmente, redefinir o lugar ocupa-  
do pela instituição escolar e designar-lhe  
novos objetivos." (96)

A partir de 1966 as reformas do sistema escolar dire-  
cionavam-se para estruturar a oferta de escolarização em função  
das exigências do mercado de trabalho. As leis que se seguem  
5540/68 ( Reforma Universitária) e 5692/71 ( Reforma de 1º e 2º  
Graus) surgem para garantir a estabilidade do processo político, so-  
cial e econômico sendo imbuídas de uma visão altamente tecnicista

A Lei 5692 foi elaborada para corrigir as inadequa-  
ções do ensino médio anterior e para desviar a demanda social da  
escola superior.

A política educacional se volta para a contenção e  
liberalização de vagas.

É através da reestruturação do 1º e 2º graus, que se  
volta à profissionalização do estudante, onde se dá a contenção das  
vagas para o ensino superior. A profissionalização do 2º grau pas-  
sa a ter o sentido de terminalidade. Daí deve sair o técnico (mão-  
-de-obra necessária) para atuar no mercado de trabalho e, conse-

---

(96) Santos, L.G.dos - Desregulagens ... op.cit.,p.64

101

quentemente, não pressionar a universidade por mais vagas."O ensino médio profissionalizante contraporá à liberalização formal do vestibular a efetiva contenção num degrau anterior". (97)

O ensino profissionalizante é um ponto polêmico na Lei. A estrutura da educação fundamental e média brasileira passa a ser dividida da seguinte forma: o ensino de 1º Grau com 8 anos de duração, obrigatório, vem formar crianças e pré-adolescentes dos 7 aos 14 anos; o ensino de 2º Grau com 3 ou 4 anos de duração destina-se à formação do adolescente. O 1º Grau tem como objetivo fazer a sondagem vocacional e a iniciação para o trabalho, o 2º Grau deveria habilitar profissionalmente o adolescente. A educação voltada para o trabalho na Lei, nada mais foi do que formar mão-de-obra com alguma educação de base, alguma qualificação, enfim. produtiva e barata.

O artigo 49 da Lei deixa explícito seu objetivo:

"O ensino de 1º e 2º Graus tem por objetivo geral a informação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania." (98)

É através da profissionalização obrigatória que a Lei se imbuí para justificar: "beneficiando a educação nacional com profissionais qualificados e tornando a qualificação para o trabalho uma meta de todo um grau de ensino". (99)

---

(97) Cunha, L.A.R. - Política Educacional no Brasil - A Profissionalização do Ensino Médio. Ed. Eldorado Tijuca Ltda., R. Janeiro, 2a. edição, 1977, p.121.

(98) Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 - Conselho Federal de Educação.

(99) Idem, idem.

A questão do trabalho sob a ótica da Lei, nada mais foi do que atender as necessidades de uma política de contenção, não tendo para o adolescente qualquer significado.

A Lei 5692 caracteriza o trabalho como ocupação e faz uma distinção entre o 1º e o 2º Grau. No 1º Grau só existe uma sondagem de aptidões, não podendo portanto caracterizar-se como profissionalização. A criança dos 7 aos 14 anos não trabalha (o que não caracteriza a população infantil brasileira, cuja inserção no trabalho começa a partir de ou antes dos 7 anos). (100) O que se passa é que só a partir dos 14, 15 anos ela deverá se profissionalizar e entrar no mercado de trabalho.

Cabe aqui fazer uma análise sobre a questão do trabalho para Célestin Freinet, já que tanto a 5692/71 como a concepção do autor que é o centro deste estudo, enfatizam-na como pressuposto.

Para Freinet a questão do trabalho é muito mais ampla. Faz parte da vida da criança como necessidade e não como aprendizagem puramente técnica. É através do trabalho-jogo que ela aprende. Fundamentalmente não existe separação entre o trabalho intelectual e o manual e cada um exerce suas funções segundo suas tendências e possibilidades.

A escola do trabalho para Freinet é um elemento de integração da atividade educativa:

"Há trabalho sempre que a atividade física ou intelectual que esse trabalho supõe, responda a uma necessidade natural do indivíduo

---

(100) Fonte: FIBEGE, Censo Demográfico 1980. Da população economicamente ativa, as crianças (até 14 anos) representavam 14,4% da população brasileira total e 4,8% da população economicamente ativa, ou seja, 2.059.948 crianças. Dentre 22.968.514 crianças, 7.540.451 estavam fora da escola (30% aproximadamente).

103

e proporcione por esse fato uma satisfação que é em si mesma uma razão de ser. No caso contrário, não há trabalho mas ocupação, tarefa que se executa apenas porque se é obrigado a isso não sendo de modo nenhum comparáveis". (101)

Diferentemente, a Lei 5692/71 visa suprir o mercado de trabalho enquanto mão-de-obra técnica, portanto a separação do manual e intelectual é extremamente importante. Torna-se necessário formar mão-de-obra qualificada e barata. Os pressupostos ideológicos das duas concepções ficam claros: de um lado Freinet propõe a autonomia, a criatividade; de outro a 5692/71 propõe a subserviência, o trabalho mecânico, a simples ocupação.

Um outro ponto que começa a ser discutido na Lei é a atenção à criança pré-escolar. A partir desta, a verba destinada ao 1º grau passa a ser utilizada também pela pré-escola. A partir da década de 70 as creches passam a ser reivindicadas como direitos da população. Aumentou consideravelmente a participação de mulheres com filhos pequenos na forma-de-trabalho (102), principalmente nas de renda mais baixa. Até então, o "Estado assumia esta atribuição convocando indivíduos isolados e associações particulares a colaborarem financeiramente com as instituições destinadas à proteção da infância". (103)

---

(101) Freinet, Célestin - A Educação ... op.cit., p.130

(102) Nota: em 1982, 32,2% das mulheres representavam o mercado de trabalho-OIT-fonte World and Regional Estimates and Projections of Labor Force, por N.Ypsilantis, ONU, Dep. de Assuntos Econômicos e Sociais, documento I SLEP/A/VII.4 mimeografado; in Programa Mundial del Empleo- Perspectivas para el decenio 1970-1979)

(103) Kramer, S. - A Política do Pré-Escolar no Brasil: A arte do Disfarce. Ed. Achiamé, Rio de Janeiro, 1984, p.58.

A opção por programas pré-escolares vem no sentido de compensar os problemas de evasão e repetência nas primeiras séries do 1º Grau.

"Em 1975, é criada a Coordenação de Educação Pré-Escolar, COEPRE, no Ministério de Educação e Cultura. Como solução para o impasse existente entre o discurso oficial, que aponta a pré-escola como necessidade e a crônica insuficiência de verbas destinadas para a educação, surgem soluções de emergência, que procuram mobilizar recursos materiais e humanos da própria população na montagem de programas, que combinam distribuição de alimentos com alguma atividade de cunho educacional: são os CEAPES e PROAPES, entre outros, aos quais junta-se a partir de 1981, o MOBREAL." (104)

A partir de 1985 o programa pré-escolar coordenado pelo MOBREAL passa a ser administrado através de convênios entre as Delegacias Estaduais do MEC e as Prefeituras Municipais.

A pressão existente sobre o Estado por diferentes setores da sociedade vem delinear uma maior atenção sobre a política educacional do pré-escolar.

"A coexistência numa mesma comunidade por exemplo, de programas não formais de cunho predominantemente assistencialista, com outras propostas educativas que já vi

---

(104) Campos, M.M. ; Grosbaum, M. ; Pahim, R. ; Rosenberg, F. - Profissionais de Creche. In : Cadernos CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade nº 9 - Ed.Cortez, São Paulo, 1985, p.43 .

nham sendo desenvolvidas pelas redes estaduais e municipais, instauram um confronto, permitindo aflorar contradições e conflitos que exigem mudança na forma com que esse atendimento vem sendo implantado." (105)

O crescimento do número de mulheres com filhos pequenos que passam a fazer parte do mercado de trabalho, exige no mínimo um lugar para seus filhos.

A Lei 5692 trata da educação pré-escolar em dois artigos de forma praticamente superficial. Não existe uma legislação específica para o pré-escolar porém, segundo Kramer, a ausência de legislação não significa a ausência de política. Ao contrário, ela caracteriza a política educacional voltada para o pré-escolar como estagnada e omissa. (106)

A Lei 5692/71 da forma como foi implantada evidência lacunas que não conseguiram sequer cumprir os objetivos explícitos.

Em termos gerais, a proposta da educação geral e da formação especial possuem objetivos bem diferentes, o que faz com que a complementariedade entre as duas se torne praticamente inviável.

O ensino profissionalizante foi uma característica essencial da nova Lei. As escolas públicas, sem recursos viam-se obrigadas a estabelecer convênios (previstos na Lei) com instituições não oficiais para que estas ministrassem parte da formação especial, já que não possuíam recursos para equipar as escolas.

---

(105) Kramer, S. & Souza, S. - "Avanços, Retrocessos e Impasses na Política da Educação Pré-Escolar no Brasil". In : Revista Educação e Sociedade nº 28, dezembro de 1987, p.17

(106) Cf. Kramer, S. - A Política ... - op.cit., p.98

"A reforma educacional de 1971, principalmente, em função do caráter intempestivo e autoritário com que foi imposta, provocou um verdadeiro caos na educação brasileira, em geral, e no ensino de 2º Grau, em particular. A análise do que aconteceu em São Paulo, embora, rápida e limitada ao encaminhamento da implantação da reforma pelo sistema paulista de ensino, permite-nos uma amostra, por mais tênue que seja, de como a Lei, incoerente em si mesma e na sua regulamentação, desconhecendo a realidade à qual pretendia aplicar-se e não prevendo os recursos para sua execução, produziu transtornos de tal monta que seus efeitos se tornaram irreversíveis." (107)

A implantação da profissionalização nas escolas particulares e municipais se tornou impraticável e estas não preparavam nem para o ensino superior nem profissionalizavam.

Um avanço na Lei foi permitir a cada estabelecimento escolar dar uma fisionomia particular a seus planos educacionais. Porém, este avanço foi só teórico, pois a estrutura administrativa não estimula o desenvolvimento de órgãos pedagógicos que auxiliam as escolas. Ficava a cargo portanto das administrações regionais apresentar propostas curriculares que acabavam sendo adotadas por determinação das autoridades estaduais. Mudou, pois, somente o foco de decisão e implantação de medidas do Governo Federal para o Estadual.

---

(107) Piletti, N. - Ensino de 2º Grau : Educação Geral ou Profissionalização ?. Ed. EDUSP. São Paulo, 1988, p.81/82.

Segundo Romanelli,

"o parecer nº 853/71, anexo à Resolução nº 8/71, que fixou o núcleo comum para esses dois graus de ensino, definiu melhor o tratamento metodológico que deve receber esse conteúdo, ao assinalar o sentido que a presente reforma atribui aos termos atividades, áreas de estudo e disciplina. As primeiras, definidas como experiências vividas, deveriam ser predominantes nas primeiras séries do 1º Grau. As segundas, constituídas pela integração de conteúdos afins, deveriam predominar nas séries finais desse mesmo grau. E as últimas compreendidas como conhecimentos sistemáticos, deveriam predominar apenas no ensino de 2º Grau. Faz notar, no entanto, o Parecer que essa orientação não é rígida e depende do conteúdo da matéria estudada, podendo existir atividades no 2º grau e tolerando-se que uma ou outra matéria seja tratada como disciplina nas séries finais do 1º grau. (108)

A leitura da Lei pelas escolas que tentaram aplicá-la aparentava alguma flexibilidade, porém os planos escolares foram elaborados em meio a enormes dificuldades o que resultou na devolução da maioria destes para reformulação.

Diante das constatações práticas da inviabilidade da

---

(108) Cf. Romanelli, O. - História ... op.cit., p.242

Lei, algumas reformas procuraram melhorá-la através da Lei nº 7044/82 que alterou alguns artigos da 5692 ( após 11 anos de total confusão do ensino médio). A nova Lei acaba com a profissionalização obrigatória do ensino de 2º Grau e elimina a dicotomia educação geral/formação especial, porém a estrutura básica permanece a mesma.

Um dos problemas da legislação educacional brasileira é que as decisões e novas Leis são aparentemente tomadas e elaboradas por leigos no assunto, sem ouvir os interessados e especialistas. Por serem ocupantes de cargos de confiança atribuídos pelas autoridades ministeriais, estruturam e desestruturam o sistema educacional, guiados por "bom senso" nem sempre compatível com a importância do cargo. Os professores, que aplicarão diretamente as novas normas, simplesmente tomam ciência das mudanças. Assim, as medidas conseqüentes são recebidas pelos professores com desconfiança e desânimo e o aparente pessimismo encobre um desconhecimento real dos fins e objetivos das mesmas. Os problemas práticos vividos dentro da escola ficam relegados a segundo plano, o que faz com que todos que participem do quadro escolar "desdobrem-se" para se adaptar às novas propostas. Nisto tudo, o que parece ser uma grande ironia é que tais medidas visariam, através de um processo democrático (enquanto extensão do ensino público), tornar a educação e a escola brasileira menos elitista. Afinal o discurso elaborado e argumentado para a criação das Leis 4024/61 e 5692/71 está pautado em pontos como gratuidade e obrigatoriedade do ensino para todos.

Com a implantação das novas medidas não só os professores e diretores sentem dificuldades, mas também os alunos. Para estes a escola torna-se enfadonha. O professor inseguro trabalha com os alunos quando muito só aquilo que está prescrito nos guias curriculares. Trabalho é só dentro de sala de aula com lápis, papel mimeografado e o livro didático( o que lhe é fundamen

tal para que não fuja às novas propostas (109). A ordem e a disciplina dentro da sala de aula são fundamentais. (110) As saídas das crianças de classe se resumem à merenda e alguns minutos de brincadeira "livre" submetidos ao controle de merendeiras, faxineiros e inspetores. Nem sempre são permitidos gritos no parque; a criança deve brincar em silêncio, embora o professor, na maior parte das vezes, só consiga dirigir-se a eles gritando. Deve obter a disciplina a qualquer custo e o "aluno deve aprender o código dos sinais e atender autoritariamente a cada um deles." (111) A aparente segurança que o professor sente em estar seguindo o programa, torna-o conivente com os objetivos "ocultos" da sociedade que têm no mesmo uma forma de controle social (112)

O currículo pré-estipulado deve ser rigidamente seguido, portanto deve-se "brincar pouco" e trabalhar muito. O aluno deve aprender com disciplina, limpeza e silêncio. Desde a pré-escola a criança aprende as regras de socialização, deve aprender a viver em grupo e saber o momento certo em que pode rir ou falar.

A autoridade do professor deve ser mantida a qualquer custo, mesmo que isto custe à criança problemas psicológicos que farão dela um adulto ora submisso, ora tão ou mais autoritário que o professor que lhe ensinou as primeiras letras. (113)

O movimento iniciado pela Escola Nova, cujas idéias no Brasil datam desde os anos 20 deste século e, que influenciou nas concepções contidas nas Leis 4024/61 e 5692/71, que dão relevo à

(109) Oliveira, J.B.A.; Guimarães, S.D.P. e Bomeny, H.M.B. - A Política do Livro Didático. Ed. Summus, São Paulo, 1984.

(110) Cf. Foucault, M. - Vigiar ... - op.cit.

(111) Cf. Canetti, E. - Massa ... - op.cit.

(112) Apple, M. - Ideologia e Currículo. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.

(113) Cf. Canetti, E. - Massa ... - op.cit.

110

aprendizagem do aluno através das necessidades individuais e o interesse da criança, foi confundido por muitos que estabeleceram a priori quais seriam estas necessidades. A idéia de ordem e disciplina que está impregnado no pensamento educacional brasileiro nem sempre permite uma prática pedagógica que respeite o interesse do aluno.

Os alunos "dóceis" na escola, serão "dóceis" na sociedade; a escola legitima esta docilidade e futura utilidade do indivíduo na sociedade. (114) O currículo pré-estabelecido passa a ser, portanto, um meio pelo qual a adaptação do aluno é imprescindível. É esta estrutura escolar que passa a ser alvo de grandes polêmicas paralelo a redemocratização do país.

No final da década de 1970 a situação política do país, diante das reivindicações da sociedade, começa a caminhar para uma redemocratização. A partir daí, há um reavivamento da discussão educacional. A deterioração em que se encontra a escola pública passa a ser alvo de muitas polêmicas. Uma nova visão sobre o papel da escola enquanto reprodutora das diferenças sociais da qual Bourdieu e Passeron (115) são os precursores vem de encontro à necessidade de uma reestruturação de todo o sistema educacional.

É uma época que o regime militar passa a dar indícios de decomposição. Surge, dentro dele próprio, a necessidade de redemocratização do país. Nesta discussão a escola como mecanismo de seleção e exclusão passa a elaborar novas hipóteses que possam suprir suas deficiências.

---

(114) Cf. Foucault, M. - Vigiar ... op.cit.

(115) Bourdieu, P. ; Passeron, J.C. - A Reprodução - Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1975 .

Passa a ter larga circulação a idéia de valorização do saber popular ( Pedagogia Libertadora) tendo como pressuposto que a democratização da escola era, antes de ser um problema pedagógico, um problema político.

Diante da alta taxa de evasão e repetência nas escolas públicas os currículos escolares passam a ser atacados como mecanismos de seleção. Segundo Mello,

"os currículos escolares são planejados partindo do pressuposto que a criança já domina certos conceitos elementares, que são pré-requisitos para a aprendizagem. Isto pode ser verdadeiro para aquela que, na família, aprendeu esses conceitos; mas não o é para as que vivem em ambientes culturalmente pobres quanto a conteúdos que são típicos das classes economicamente favorecidas, embora ricos em aspectos que a escola não costuma valorizar." (116)

Neste momento a Pedagogia Libertadora passa também a ser aproveitada nas pré-escolas e em escolas de 1º grau. "Nesse campo passa a sofrer concorrência da Pedagogia Freinet, que invadiu as escolas particulares na década de 70 e cresce nos anos 80." (117)

No início dos anos 80, discussões mais amplas começam a se dar sobre a estrutura educacional brasileira.

---

(116) Mello, G.N. de - "Fatores Intra-Escolares como Mecanismos de Seletividade no Ensino de 1º Grau. In: Revista Educação e Sociedade de nº 2, Janeiro de 1979, Ed. Cortez, São Paulo, p.72

(117) Ghiraldelli, P. - "Introdução à Evolução das Idéias Pedagógicas no Brasil". In: Revista Educação e Sociedade, nº 26, Ed. Cortez, São Paulo, abril de 1987, p.98

"O ano de 1983, primeiro ano do 'Governo Democrático', foi dedicado ao estudo dos problemas mais cruciais da rede pública de ensino. É neste período que ocorrem em todo o Estado os Fóruns de Educação, com boa parte dos professores discutindo a problemática educacional." (118)

Diante do quadro caótico em que se encontra a escola pública, a reestruturação curricular para atender as camadas populares torna-se fundamental. Na época, não só os políticos e educadores passam a discutir a questão educacional. Pressões são feitas por parte dos diversos segmentos da sociedade, que passam a encarar a escola pública como um direito de todos.

A ênfase dada à cultura popular como forma de diminuir a evasão e conseqüentemente absorver a clientela excluída da escola, vem de encontro a uma necessidade da maior parte da população.

A política educacional ao longo dos anos 80 volta-se para procurar atender as deficiências existentes na estrutura escolar brasileira.

Diante de diversos impasses, propostas pedagógicas surgem para tentar resolvê-los.

A Pedagogia de Célestin Freinet que vinha se desenvolvendo em algumas escolas particulares passa a ser utilizada também em algumas escolas públicas. Neste momento, a proposta pedagógica Freinet, diante da relevância dada ao saber popular encontra

---

(118) Ohle, A.B. - " O Estado e a Universidade : Luta pela Sobrevivência da Escola Pública". In: Revista Educação e Sociedade - nº 29, julho de 1988, p.149

um campo de atuação propício. A idéia de que o aluno deve se expressar segundo suas necessidades e que a escola deve interagir diretamente com a comunidade e a vida do indivíduo, altera a ótica escolar.

A ênfase dada à questão da experiência no processo de aprendizagem vem se contrapor à ineficiência da aquisição mecânica dos conteúdos.

A possibilidade de desenvolver propostas como a de Freinet na escola pública representa, porém, duas vertentes. Na primeira, a escola, enquanto perpetua a ordem burocrática, nem sempre permite mudanças. Existem professores, no entanto, que nelas atuam e buscam brechas institucionais para desenvolver seu trabalho. Na outra, alguns municípios do Estado de São Paulo propiciam este trabalho. A análise das entrevistas coletadas e das políticas municipais que permitem este trabalho possibilita avaliar a viabilidade dos mesmos nas escolas em que atuam, e que esclarecerá a principal questão desenvolvida nesta Dissertação, qual seja: é possível uma proposta não autoritária de educação no ensino público brasileiro?.

## CAPÍTULO V

### DEPOIMENTOS E CONTRADIÇÕES - POLÍTICA

#### MUNICIPAL E POLÍTICA PARTIDÁRIA

"A administração nunca apoiou meu trabalho, mas nunca se declarou contra". (depoimento nº 14)

A política administrativa enquanto mecanismo de controle se caracteriza não só pelo impedimento declarado ao trabalho do professor mas também pela ausência de apoio.

As relações de poder que se dão no quadro de instituição escolar não se desfazem facilmente. É preciso mostrar autoridade: "A diretora espionava a gente o tempo todo. Abria a porta na hora em que estávamos na roda de conversa e se achava no direito de interromper". (depoimento nº 1)

A autonomia proposta por Célestin Freinet ameaça o controle administrativo.

Embora, na atual conjuntura, as políticas educacionais municipais retomem um discurso democrático de participação, na prática isto nem sempre se dá.

A pedagogia Freinet é antes de tudo uma proposta de caráter político. Proposta que destitui a hierarquia, o controle, a submissão ameaçando portanto a própria burocracia pedagógica.

O quadro técnico-administrativo das escolas públicas representam muitas vezes não só o lado conservador (politicamente) mas o próprio funcionário burocrático.

Freinet começa a surgir mais sistematicamente na escola pública na década de 80. Década que se caracteriza pela abertura política, pelos partidos de "oposição" chegando ao poder, em fim um momento em que a política autoritária dos governos militares aparentemente não tem mais sentido. Apesar disto:

"E a diretora dizia que meu trabalho era subversivo" (depoimento nº 14) , ou

"Olha, você é nova aqui, eu quero deixar a situação muito clara, porque eu sou uma mulher que fala tudo de frente, e aqui não entra projeto". (depoimento nº 7)

O quadro de funcionários da administração local nem sempre está de acordo com as mudanças político-partidárias. O conservadorismo burocrático é avesso a mudanças.

Segundo Lapassade (119), a burocracia tende a conservar suas estruturas, mesmo quando se tornam inadequadas a novas situações. Esse conservadorismo, essa recusa do tempo, conduz a mecanismos de defesa e, por exemplo, ao endurecimento ideológico, a recusa sistemática da novidade e a hostilidade com relação a toda crítica, que se tende a considerar como um sinal de oposição que põe em perigo toda a organização.

Os entraves burocráticos dentro do quadro escolar se remetem ao medo à novidade, aos entraves que esta cria dentro da ordem estabelecida.

O cotidiano escolar continua funcionando como sempre funcionou: horários, disciplina, organização etc. A proposta Freinet vem alterar toda esta dinâmica.

"... e a primeira vez que ela percebeu a sala, como ela diz, em convulsão, ela me deu uma bronca. Ela chegava a entrar

na sala, várias vezes e pedir silêncio aos alunos, porque ela não conseguia trabalhar. Fui trabalhando, mas muito disfarçadamente, nós desmontávamos a sala, e nós tínhamos uns armários de alvenaria onde colocávamos todo o material. Nós tínhamos marcenaria, biblioteca e museu" (depoimento nº 7)

"... na escola tem cinco mimeógrafos guardados e daí eu digo que preciso de um na sala. Peço para ceder um. Aí a diretora diz que não dá porque os alunos vão quebrar, Aí a gente começa a mentir e diz: me empresta que eu vou usar a máquina. Eu peguei a máquina e levei prá sala de aula e deixei os alunos usarem". (depoimento nº 14)

Embora existam diversos mecanismos de controle, nem sempre a ordem burocrática os mantém sob seu olhar hierárquico. Dentro da sala de aula contrói-se a autonomia do silêncio. O professor que usa as técnicas de Freinet dentro da escola pública consegue uma relativa autonomia. Esta fica comprometida com as relações de simpatia que mantém com a direção.

"... não há lei que impeça você de trabalhar com a Pedagogia Freinet, que isso é uma arbitrariedade das instâncias técnicas: os chamados especialistas em educação, educadores, coordenadores ou diretores". (depoimento nº 3)

O comprometimento político pedagógico da pedagogia Freinet é ameaçador. Um professor autônomo ameaça (depoimento nº 3). Dentro da hierarquia institucional, as crianças ameaçam.

"... os meus alunos incomodavam muito. Teve uma vez que ela tirou o recreio das crianças porque os outros professores reclamavam do barulho. Eles desciam, tomavam a merenda e tinham que subir. Não tinham tempo para brincar. Aí na reunião de cooperativa eles colocavam: - Ai! professora não dá, a gente fica com dor de cabeça na aula. A gente quer um tempo de recreio. Por que foi tirado? Aí eu disse quem pode dizer as razões por ter sido ti

rado e vocês podem colocar as razões de vocês e resolver isto, é a diretora. Aí eles tiravam uma comissão para falar com ela. Ela disse que não ia receber alunos e numa reunião pedagógica ela coloca que eu estou subvertendo a ordem da escola". (depoimento nº 14)

Todos os argumentos passam pela ordem e disciplina. Parece arraigado na maior parte do quadro técnico administrativo de nossas escolas a idéia de que disciplina é silêncio, fila, obediência - os "corpos dóceis" descritos por Foucault.

A competição, outra característica da burocracia, se dá entre professores, muito mais pelo medo de perder os pontos e privilégios obtidos na carreira do que pela possibilidade de encampar o novo.

"Freinet sempre foi discriminado pelas professoras. A impressão que eu tenho é que as pessoas tem medo de mudar a postura e as outras professoras que mudavam tinham resultados melhores e o trabalho aparece mais. E isto começa a incomodar. As próprias crianças questionavam: - porque elas podem ter assim e eu não? Eu quero ir para aquela sala. E as próprias professoras torciam o nariz prá gente". (depoimento nº 15)

No entanto a conjuntura atual exige mudanças. As próprias Secretarias de Educação nos municípios analisados estão propondo e de certa forma subsidiando estas mudanças.

"...então, o pessoal que está trabalhando a nível de direção, dentro da prefeitura, começa a procurar projetos alternativos, porque já estão "carecas" de fazer a crítica da escola tradicional. Então, Freinet, com o mínimo de divulgação que já se fez acaba aparecendo no horizonte de uma proposta alternativa". (depoimento nº 3)

Neste sentido uma outra análise deve ser feita para que se possa detectar quais são os entraves e onde se encontram.

Seria dentro da própria escola? As respostas se resumiriam ao pessimismo de uns e ao otimismo de outros? Por que usar Freinet como possibilidade pedagógica?

Estas questões podem ser respondidas ao analisarmos alguns municípios que mudaram suas propostas educacionais.

São José dos Campos contava, em julho de 1989 com 60 "professores Freinet" na rede municipal. Este trabalho começou em 1983 com a mudança de gestão na prefeitura. Em 1984 foi criado pela Secretaria de Educação em Setor de Cursos e Treinamentos cujo objetivo era oferecer aos professores da rede diferentes linhas pedagógicas para que se aprofundassem e optassem.

Diversos cursos foram oferecidos e alguns professores escolheram trabalhar com a pedagogia Freinet. Montaram um grupo de estudos e com o apoio da prefeitura passaram a desenvolver seu trabalho. Paralelo ao grupo Freinet outros surgiram, o que denota um processo democrático.

A atuação destes professores na rede, apesar do a-poio da Secretaria de Educação do Município, sofre interferências:

"... tem diretor que diz que professor Freinet não entra na escola dela. E o que entra ela não deixa participar do grupo de estudo". (depoimento nº 15)

"... este ano que passou foi bem difícil. A gente fez reuniões com as diretoras, mas a postura delas não mudou". (depoimento nº 15)

"... elas não podem decidir se você entra ou não na escola. Você escolhe pelos pontos que tem, mas depois na escola seu trabalho fica dificultado. Em reunião de planejamento ela te encosta na parede e acaba com seu trabalho perante as outras professoras e todos os mecanismos que ela puder usar para atrapalhar seu trabalho ela vai usar. Mas ela não pode proibir sua entrada na escola". (depoimento nº 15)

Novamente: o quadro burocrático interno da instituição escolar continua usando de mecanismos de poder. A autoridade do diretor se mantém acima do professor. É, segundo Matta (120) a teoria e a prática do rito: "você sabe com quem está falando? Fica assim revelada a separação, uma enorme preocupação com a posição social e uma tremenda consciência de todas as regras (e recursos) relativos à manutenção, perda ou ameaça dessa posição".

É o Diretor, assumindo a escola como "sua" perante a comunidade e os professores, porém existe a necessidade de deixar claro que ali quem manda é ele.

"É que muitas vezes acaba sendo difícil, daí você fica sabendo de pessoas que querem trabalhar com Freinet, mas desistem por medo". (depoimento nº 15)

Em termos de política local, os próprios secretários de educação sabem que os entraves são inúmeros.

A administração centralizada e hierarquizada acaba perdendo o controle das instâncias em que a política educacional faz parte de seu cotidiano.

Professores sofrem pressões tanto dos diretores como de colegas.

É significativo que boa parte dos professores entrevistados recebem apoio dos coordenadores e supervisores. Estes, de certa forma, devem estar diretamente ligados à parte pedagógica, o que demonstra que a Pedagogia Freinet é bem aceita.

Os coordenadores, supervisores e orientadores não se sentem ameaçados.

"... as orientadoras da prefeitura deste município

---

(120) Matta, R. da - Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do Dilema Brasileiro. Ed. Zahar, R. de Janeiro, 1983, p. 144.

ficavam encantadas com as crianças e as coisas que a gente colocava". (depoimento nº 1)

"... nós temos uma orientadora que dá total apoio a nós". (depoimento nº 13)

Em Angatuba e Fartura o trabalho com a pedagogia Freinet começou em 1987 e tem até o presente momento (dezembro de 1989) apoio total da prefeitura, Foram oferecidos cursos pelas professoras de Paulínia (SP) e São Paulo (SP) sobre Célestin Freinet.

Em julho de 1989 Angatuba contava com 40 professores trabalhando Freinet nas escolas do município.

No entanto, professores que não trabalhavam na mesma linha criticavam:

"... eles não recebem bem, não. 60% da rede estadual não aceitam. Não conhecem, acho que é isto que eles criticam. Principalmente nós que damos aula no pré. Se a criança faz bagunça na classe eles relacionam com a pedagogia". (depoimento nº 13)

Novamente se comprova as relações de concorrência e competição dentro do quadro escolar. Trabalhar em uma outra linha pedagógica que não a tradicional, é ser alvo de críticas dos colegas e do diretor.

É muito interessante perceber o contraste de apoio da prefeitura local e a dificuldade do pessoal do quadro técnico-administrativo aceitar a mudança.

O prefeito anterior de Angatuba (1983/1989) e o atual (1989) apoiam o trabalho Freinet.

Já o trabalho sofre interferências nas instâncias inferiores.

O oposto se deu em Bauru.

Em 1984 a Pedagogia Freinet passa a ser divulgada em Bauru através de cursos encaminhados pelo Secretário de Educação com o intuito de "freinetizar" toda a rede municipal.

121

A idéia encampada pela prefeitura passou a ser obrigatória nas escolas do município, o que causou, paradoxalmente, o seu esvaziamento.

"... a gente tem que lembrar que a proposta foi imposta de cima para baixo. Todo mundo tinha que trabalhar". (depoimento nº 16)

"... como veio de cima para baixo, as pessoas que não estudavam perceberam que aquele grupo tinha um apoio da administração, então todo mundo começou a dizer que era Freinet sem estar preparado". (depoimento nº 16)

Neste momento, em Bauru, a proposta Freinet passa a ser como qualquer outra. O autoritarismo das instâncias superiores na imposição de qualquer proposta pedagógica passa a ser o que temos até hoje no quadro histórico da educação brasileira.

"... uns pensam e outros executam".

Durante o ano de 1985 o equívoco da implantação de uma proposta pedagógica em Bauru foi tal que de 190 professores que "iniciaram" um trabalho Freinet sobraram 8.

Em 1986 o trabalho acaba e muda o prefeito. A nova Secretária de Educação instituiu uma outra proposta pedagógica, elaborada junto aos diretores das escolas e que segue, a princípio, o mesmo caminho da anterior não a nível pedagógico mas a obrigatoriedade de sua prática.

"... eu trabalhei Freinet dois anos, daí com a nova proposta da prefeitura a diretora me podou e eu tive que dar um corte e começar a nova proposta. Eu perdi o entusiasmo e fiquei perdida". (depoimento nº 16)

Em 1989 Bauru ainda contava com 8 pessoas trabalhando na rede a pedagogia Freinet, das quais 6 são diretoras, 1 é supervisora e 1 é professora.

Elas apontam as dificuldades de fazer um trabalho

junto às diretoras de linha mais tradicional, são elas que emperam, que impedem o trabalho Freinet. A política educacional da Secretaria atual em Bauru é mais democrática e tem dado apoio aos professores.

"... as diretoras têm que começar a respeitar a política educacional da Secretaria". (depoimento nº 16)

Diante destas questões, eu retomo a discussão sobre a política local, a burocracia escolar e a proposta pedagógica de Freinet.

Em São José dos Campos a mudança de prefeito (1989) veio acarretar sérios problemas ao grupo de sessenta professores que trabalhavam Freinet.

"... com a mudança do prefeito, além da gente não ter apoio, a pré-escola toda não tem apoio, Entre outras coisas a nossa Secretária de Promoção é incompetente para o cargo que está. Ela disse em reunião com professores que, professor de pré-escola e pré-escola era perfumaria. E ela confirmou isto. O prefeito incentivava a pré-escola construindo prédios. Na verdade, ele estava preocupado com grandes obras". (depoimento nº 15)

Uma grande preocupação e que é comprovada historicamente na política educacional brasileira é que ela é feita por "políticos". Ou sejam é uma política partidária que na maior parte das vezes se enquadra em um clientelismo onde o critério para qualquer mudança político administrativa fica por conta das relações de subordinação.

Nos municípios a política local se dá a cada quatro anos de acordo com a nova gestão, não necessitando manter qualquer continuidade com a gestão anterior.

Segundo Daniel: "... de fato, as decisões políticas e emanadas da prefeitura constituem o resultado de entrosques de um sem núme-

ro de micropolíticas que recortam de cima a baixo o poder político local. Há determinados mecanismos de funcionamento do poder político, que passam pelo governo e pelo aparelho administrativo, de modo a condicionar o resultado das decisões políticas, processos de seletividade de informações, de filtragem na tomada de decisões e execução de deliberações etc.

Contudo, o resultado, a combinação desse conjunto de procedimentos e entrechoques, revela uma unidade, derivada do princípio de hierarquia que confere ao governo, por assim dizer, a palavra final. O governo implícita ou explicitamente, possui determinado projeto político, que é implementado com alterações, ou substituído por outra orientação, em função desse conjunto de entrechoques e da influência dos poderes econômicos e social, além dos condicionamentos conjunturais, que transcendem o espaço municipal (crise econômica ou política nacional, por exemplo". (121)

As assessorias, os cargos de confiança que formam o quadro administrativo do governo local montam propostas de governo segundo critérios particulares.

---

(121) Daniel, C. - "Poder local no Brasil Urbano" in: Revista Espaço & Debates - Resvistas de Estudos Regionais e Urbanos, ano VIII nº 24, São Paulo, p. 33.

Nestes sentido seguem muitos professores Freinet que tentam adaptar-se às novas medidas de cada prefeitura.

A proposta pedagógica de Freinet não pode ser imposta. Ela, por princípio, parte da necessidade da criança. Portanto é o professor quem deve decidir utilizá-la. O caso de Bauru demonstra a total inabilidade da prefeitura. O grupo de professores de São José dos Campos vive algumas dificuldades, porém luta para superá-las.

Claro que tal proposta se torna também viável conforme o momento político brasileiro. Na conjuntura atual nenhum partido poderá aspirar ao poder, em nenhuma instância, se não deixar claro em seu discurso que governará com democracia. A crise econômica e social multiplica os conflitos dentro da sociedade e é extremamente oportuno que a democracia apareça como forma de construção de uma ordem política satisfatória.

A proposta Freinet é democrática e responde, dentre outras, à preocupação na mudança do perfil escolar vigente. Enquanto proposta política, de mudança da sociedade, vem de encontro aos movimentos populares que exigem dos poderes políticos maior atenção às suas necessidades.

O trabalho de professores Freinet na escola pública continua, apesar dos entraves. Resta analisar de que forma eles sobrevivem a pressões internas e externas ao seu trabalho.

Não existe lei que proíba a Pedagogia Freinet dentro da escola pública.

Talvez este seja o primeiro ponto para que possamos detectar a sua viabilidade e conseqüente utilização por alguns na escola pública.

Sabemos que a autonomia didático-pedagógica do professor dentro da sala de aula fica muitas vezes restrito aos olhos do diretor, porém ela existe.

"...É, eu cheguei falando alguma coisa, que eu ia virar as carteiras, que eu queria saber se ela me arrumava guache, o que ela podia me arranjar dentro da prefeitura, então ela sabia que eu ia fazer um trabalho Freinet e ela respeitou esse trabalho, ela não criou empecilhos, tanto que quando cheguei no final do ano e justifiquei que não ia reprovar, na época eu não tinha realmente de reprovar. Era uma 3ª para 4ª série e eu não via necessidade de reter ninguém. Ela entendeu e respeitou a minha classe". (depoimento nº 2)

"... eles sabiam que tinha algo diferente, porque eu comecei a apresentar relatórios também. Então eu fazia o trabalho e relatava, inclusive escrevia muito, coisa que não acontece. O pessoal tem uma dificuldade muito grande em escrever, porque tem o conteúdo e tem que escrever em cima do conteúdo e não em cima do que você está propondo ou fazendo. Então eu comecei assim, eram crianças de 3 anos, eu tinha 25 alunos naquela época. Eu trabalhava com uma mesa de desenho, uma de pintura, uma de recorte e colagem e o trabalho começou a render. Os orientadores vinham na minha classe e percebiam que quando chegavam, as crianças não percebiam sua presença, que podiam falar tranquilamente e poucas crianças iam solicitar a minha ajuda. Apesar de serem tão pequenas". (depoimento nº 1)

Pedagogicamente o trabalho acontece. Os mecanismos de controle vão se dar quando os indivíduos do quadro técnico-pedagógico sentem-se ameaçados. Eles podem se dar no âmbito burocrático, na seletividade de informações, no impedimento do acesso à carreira, na avaliação hierárquica, enfim, usando-se de qualquer trâmite que possa dificultar o trabalho do professor.

"... estas coisas vão minando você por dentro. Ela bloqueou papéis meus. Solicitações da minha vida profissional, que ela atrapalhava. Até hoje eu tenho problemas de contagem de tempo

que aconteceu lá. De uma contagem errada. Aí, a gente entrou com pedido para rever e aquilo ficou preso". (depoimento nº 14)

"... ela chegou a declarar que ficou tão desesperada no começo que chegou a pedir para a prefeitura me trocar de escola porque ela não sabia o que fazer. Que eu tinha levado um rebuliço tão grande para dentro da escola, que ela tinha perdido o controle". (depoimento nº 7)

No âmbito pedagógico as questões levantadas se remetem a problemas políticos.

"... um professor autônomo ameaça". (depoimento nº 3)

Crianças autônomas ameaçam. O controle burocrático se opõe à autonomia. A hierarquia se opõe à cooperação. A submissão se opõe à co-gestão.

A proposta pedagógica de Célestin Freinet vem de encontro ao medo que os indivíduos têm de mudança. Ao medo que os pedagogos burocratas tem de quebrar o estabelecido. Assistir a uma classe cujas crianças trabalham autônomas e cooperativamente, é abrir espaço para que se possa ocorrer fora do âmbito de sala de aula. É destituir-se do poder até então existente, e, inquestionável.

Pensar em uma educação democrática significa não só modernizar as leis mas mudar de atitude dentro de sala de aula.

"... eu acho que está na hora de nós retomarmos uma militância dentro da sala de aula e repensar o papel do educador". (depoimento nº 8)

A Pedagogia Freinet, enquanto proposta política não se restringe à escola. Ela propõe a mudança da sociedade, "a escola popular não existirá sem a sociedade popular".

Neste sentido, todas as relações devem ser mudadas. Não existe mais espaço para o diretor autoritário.

As secretarias de Educação não podem mais baixar portarias e leis sem consultar os indivíduos que participam do quadro escolar.

Se existe hoje, um espaço para propostas mais democráticas na escola pública, é porque alguém as está reivindicando.

"... se você luta por uma escola popular, você tem que estar lutando por uma sociedade popular. Então é complicado, porque a Pedagogia Freinet só deveria existir realmente numa sociedade popular. Enquanto isso ela só existe parcialmente, existe com limitações. O que permite, pelo menos, aquela idéia, eu sei, eu não preciso mudar tudo para mudar uma parte, dá para mudar. Acreditar numa certa autonomia das instituições, nas "brechas" do sistema". (depoimento nº 6)

São as "brechas" que permitem a sobrevivência do método. Em uma conjuntura na qual a sociedade civil reivindica mudanças, indivíduos ocupam as "brechas".

A idéia de que o professor é conservador e avesso a mudanças faz parte de um pensamento burocrático que, este sim, é avesso a mudanças.

Propostas têm surgido e é a própria burocracia que no meio de tantos papéis a assinar, se perde e permite o aparecimento das mesmas.

Atualmente, no Brasil, núcleos regionais da Pedagogia Freinet tem surgido em várias partes do país.

No Estado de São Paulo, prefeituras encampam esta proposta. E professores continuam brigando por uma proposta pedagógica que realmente tenha algum significado e consequência social. O compromisso político que acompanha tal opção só poderá ser avaliado a longo prazo, bem como os resultados no interior da própria escola.

## CONCLUSÃO

Pensar na implantação da proposta pedagógica de Célestin Freinet na escola pública necessariamente significa ampliar a visão do que se tem por "pedagogia".

Para Freinet a renovação escolar supõe uma consideração em profundidade da pedagogia, numa mudança radical nas técnicas de trabalho e de vida, uma reciclagem, sem a qual a reforma escolar permanecerá uma ilusão. Enfim, os educadores devem persuadir-se que uma sociedade democrática supõe um ensino democrático. (122)

Sua proposta, que possui uma metodologia de trabalho diferente, político-pedagógica, pois tem como pressuposto a reestruturação da sociedade. São técnicas libertadoras da "escola do povo" e que valorizam o trabalho produtivo. Este, para Freinet, não é a acumulação alienada, característica das formas capitalistas de produção e, ao contrário, a satisfação do indivíduo ao executar tarefas que correspondem as suas necessidades.

Freinet desenvolveu sua obra durante o período entre as duas grandes guerras. Acompanhou a consolidação do capitalismo na França e viu instalar-se de forma embrutecedora, dentro deste quadro, a relação dominante-dominados; a separação do trabalho manual do intelectual, enfim, a opressão da classe trabalhadora.

É neste quadro, que se delineiam os pontos fundamentais do seu trabalho que teriam, como objetivo final, a superação

---

(122) Freinet, E. - O Itinerário..., op. cit., p. 154-155.

da dicotomia entre produção e trabalho que, no capitalismo revelaram sua face mais radical. Para tanto, julgo necessário retomar alguns pontos já expostos para arrematar minha pesquisa.

Freinet, conforma já citado, passou a fazer parte do Partido Comunista, lutando junto aos sindicatos por uma mudança social. Nas aldeias em que trabalhou, articulou, junto à comunidade de trabalhadores, cooperativas de consumo. Mostrou-se preocupado em ligar a escola ao meio social no qual a criança vive. É através do texto livre que a criança apresentaria o estado de pauperização em que se encontra.

Segundo Freinet "é pelas crianças que chegamos as mais graves revelações sobre o estado social, sobre a vida, sobre os sofrimentos de uma das porções mais miseráveis da sociedade; penetramos nos segredos da dura vida familiar, na promiscuidade dos pardieiros, na exploração da miséria, e no campo, nas peripécias da luta ancestral que o camponês trava com a terra para escapar, sem o conseguir, à incerteza do amanhã, com o peso irredutível que fazem pesar sobre ele a organização rural, o individualismo exagerado e a exploração". (123)

A partir do texto livre, da correspondência escolar, da imprensa, da cooperativa, Freinet vem revolucionar as propostas pedagógicas da França. O fato de estar voltado para a "escola do povo" com vistas a uma sociedade socialista vai lhe criar

---

(123) Cf. Freinet, E. - O Itinerário..., op. cit., p. 71.

vários. problemas.

Em Bar-Sur-Loup, por desafiar a política local, é exonerado do ensino público. A sua proposta da escola proletária incomodava os políticos locais. Apesar disto, junto à CEL, conseguiu difundir seu trabalho e ampliá-lo. Junto ao governo socialista da Frente Popular participou diretamente dos planos de reestruturação do ensino educacional francês.

Durante sua trajetória docente faz parte de movimentos de esquerda. Sua proposta pedagógica está substancialmente ligada às suas preocupações políticas.

A Pedagogia Freinet começou a aparecer no Brasil na década de 70, período em que o país ainda vivia no regime militar mais repressor e que as propostas pedagógicas que pretendiam transformar a sociedade e, conseqüentemente, a educação, são proibidas.

É a partir da década de 80 que os professores que passaram a usar a Pedagogia Freinet deixam de ser casos isolados. Para entendê-los tornou-se necessário analisar as características da escola enquanto instituição e as relações burocráticas que as permeiam. Faz-se necessário tal movimento para que se percebesse a que nível ocorre o emperramento na utilização de uma proposta pedagógica não autoritária, como a de Freinet, na escola pública. No entanto, o seu alcance real, decorrente da conjuntura sócio-política econômica da época, e que não foi objeto desta pesquisa, deverá ser também profundamente analisada, tarefa que oportunamente realizarei.

A escola, como espelho, enquanto instituição, reproduz as relações de poder existentes na sociedade. Os indivíduos que dela participam, professores, alunos, diretores, funcionários e orientadores, se relacionam através de uma hierarquia burocrática. A sua sobrevivência institucional se dá através da vigilância, do controle e da disciplina em que a autoridade de uns sobre outros pas-

sa a ser vista como natural. Cada um ocupa o "seu" devido lugar. O diretor teme o supervisor que tem as leis. As leis devem ser seguidas mesmo que não atendam as necessidades da escola. O professor, por sua vez, teme o diretor que usa mecanismos de sanção caso não siga as regras da escola. Estes mecanismos podem variar, conforme o caso. Vão desde simples observações à porta da sala do professor até bloqueio de papéis nos trâmites burocráticos.

Ao aluno cabe o silêncio, a obediência, enfim, à aquisição de "bons hábitos" para tornar-se "bom cidadão".

Os funcionários burocráticos do quadro escolar, são, na maior parte das vezes, avessos a mudanças. O controle sobre a organização deve ser mantido para que se possa responder aos órgãos superiores. A burocracia exige de seus funcionários um conservadorismo para sua sobrevivência. Isto faz com que recaia sobre professores a inércia diante do quadro institucional.

Dado que, no quadro burocrático da organização escolar estatal o "patrão" nunca aparece, as reclamações recaem sobre os indivíduos hierarquicamente mais frágeis. Os polêmicos argumentos que perpassam ainda muito nos discursos governamentais, são que ou o professor é contra mudanças pedagógicas, ou a criança "subnutrida" e/ou de "lares desfeitos" não consegue aprender. Este é um dos motivos de mudança de enfoque dado à escola, que passa a ser Assistencialista. É o Estado denegando a tarefa básica a que se propõe.

Diante de tais mecanismos de controle uma proposta pedagógica que questiona as relações de poder na escola sofre várias interferências.

A proposta pedagógica de Célestin Freinet, baseada nas oficinas de trabalho tem como pressuposto desenvolver a autonomia da criança. A disciplina que não é imposta pelo professor, mas é da dinâmica cotidiana, modifica a relação professor/aluno e

consequentemente adulto/criança na sociedade. A criança que questiona o professor, questiona o diretor e deixa de ser dócil politicamente.

As pressões sofridas por professores Freinet que isoladamente se reportam, na maior parte das vezes, ao quadro técnico-administrativo escolar.

O diretor, habitualmente, controla o trabalho do professor, entrando em salas de aulas aleatórias, proibindo projetos e avaliando-os segundo critérios pessoais. As classes Freinet são vistas como barulhentas. Para o Diretor imbuído de uma mentalidade burocrática, barulho significa indisciplina e na "sua" escola, isso não pode acontecer.

A relação entre os próprios professores dentro da escola fica difícil. A relação pedagógica-burocrática instiga a competição em que o "carreirismo" e a "contagem de pontos" passam a ser os alvos principais. O professor que se sobressai é visto pelos colegas como ameaçador e, aos mesmo tempo, desvia o olhar hierárquico do diretor.

O quadro técnico-administrativo teme mudanças e é este quem vai emperrar trabalhos alternativos, tal como as entrevistas feitas o confirmaram. (124)

Nos municípios do Estado de São Paulo onde a proposta Freinet foi implantada de forma democrática os professores sentem por parte do quadro técnico-administrativo os mesmos impasses que os sentidos por outros professores isolados de outros municípios. Os obstáculos se dão no cotidiano escolar: controle do diretor, richas entre colegas etc.

Como o trabalho de um professor Freinet, legalmente

---

(124) Conferir anexos.

não pode ser impedido, parece-me que as relações de poder que se dão no quadro burocrático intra-escolar são muito mais profundas. As brechas institucionais, como citei, surgem dentro do próprio quadro burocrático. As diferentes atribuições dadas ao diretor não permitem que ele controle tudo e todos dentro da escola. Ele fica boa parte do tempo entregue aos papéis a preencher, às atitudes práticas e acaba por perder o controle que tanto almeja manter.

Se por um lado, é impossível evitar a aplicação da Pedagogia Freinet, por outro, sua imposição de forma autoritária também não leva a resultados adequados. Em ambos os casos, a proposta assume um caráter político na medida em que pedagogicamente ela não é questionada. É um novo repensar da educação que se choca com uma administração centralizada, autoritária e politicamente conservadora. A autonomia e a cooperação vem checar a divisão de funções e a submissão hierárquica escolar.

Existe uma urgência de se repensar a descentralização na própria administração escolar. A política clientelista onde boa parte dos diretores sobrevive por terem cargos de confiança deve ser alterada.

## BIBLIOGRAFIA

I. LIVROS CONSULTADOS

1. ABENDROTH, W. - A História do Movimento Trabalhista Europeu . Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977.
2. ALBUQUERQUE, J.A.G. - Instituição e Poder: A análise concreta das relações de poder nas instituições. Graal, Rio de Janeiro, 2a. edição, 1986.
3. AMIOT, M. - "A propósito de ' A Escola Capitalista na França ' de Cristian Baudelot e Roger Establet". In: Durand, J.C.G. (org.) - Educação e Hegemonia de Classe - Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.
4. APPLE, M. - Ideologia e Currículo - Ed. Brasiliense, São Paulo, 1982.
5. ARIÈS, P. - História Social da criança e da Família. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2a. edição, 1981.
6. BENDIX, R. - Estado Nacional y Ciudadania. Amorrourtu Editores, Buenos Aires, 1974.
7. BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. - A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1975.
8. BRANDÃO, C.R. - Educação Popular. Ed. Primeiros Vãos, Brasilense, São Paulo, 1984.
9. BRASIL, Leis, Decretos - Ordenação em texto único das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Legislação Conexas. Vol. I, 1983

10. CABRAL, M.I.C. - De Rousseau a Freinet ou da Teoria à Prática. Hemus Editôra, São Paulo, 1978.
11. CAMPOS, M.M.M. ; GROSBaum, M. ; PAHIM, R. ; ROSEMBERG, F. :  
"Profissionais de Creche" In Cadernos Cedes nº 9, Centro de Estudos Educação e Sociedade . Cortez Editora, São Paulo , 1985.
12. CANETTI, E. - Massa e Poder . Ed.Melhoramentos, S.Paulo,1983.
13. CHARBONIER, C. et. alii (org.) - A Pedagogia Freinet por aqueles que a praticam. Martins Fontes, Santos,1976.
14. CHARLOT, B. - A Mistificação Pedagógica:realidades sociais e processos ideológicos na Teoria da Educação.Ed.Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
15. COSTA, J.C. - Augusto Comte e as Origens do Positivismo .Cia. Editora Nacional, São Paulo, 2a. edição, 1959.
16. CROUZET, M. (org.) - História Geral das Civilizações. Tomo VII A Época Contemporânea - 3a. edição, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1968.
17. CUNHA, L.A.R. (org.) - Escola Pública, Escola Particular e a Democratização - Ed.Cortez, São Paulo, 1986.
18. \_\_\_\_\_ - Educação e Desenvolvimento Social no Brasil . Francisco Alves Editora,Rio de Janeiro,2a.edição, 1977.
19. \_\_\_\_\_ - Política Educacional no Brasil: a Profissionalização do Ensino Médio. Ed.Eldorado, Tijuca ltda, Rio de Janeiro, 1977.
20. DANIEL, C. - "Poder Local no Brasil Urbano" In: Espaço & Debates. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano VIII,nº24, 1988.
21. DEBESSE,M. ; Mialaret,G. (org.) - Tratado das Ciências Pedagógicas. 2 . Cia Editora Nacional, Editora USP. S.P.,1977.

22. DEUTSCHER, I. - " As raízes da Burocracia" In: Cadernos o Homem e a Sociedade. Publicações Escorpião, Porto, Setembro 1973.
23. DOBB, M. - A Evolução do Capitalismo. Zahar Editores, 6a. edição, Rio de Janeiro, 1977.
24. ENGUITA, M.F. - A face oculta da Escola: Educação e Trabalho no Capitalismo. Artes Médicas, Porto Alegre, 1989.
25. ETZIONI, A. - Organizações Complexas : um estudo das Organizações em face dos problemas sociais. Editora Atlas S.A. , São Paulo, 1967.
26. FARIA, J.H. de - O Autoritarismo nas Organizações - Criar Edições/FAE, Curitiba, 1985.
27. FAYOL, H. - Administração Industrial e Geral . Ed. Atlas, São Paulo, 9a. edição, 1981.
28. FELIX, M. de F.C. - Administração Escolar: Um problema educativo ou empresarial. Ed. Cortez, São Paulo, 1984.
29. FERNANDES, F. - "Os Escritores e a Escola Pública" In: Barros, R.S.M. (org.) - Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1960.
30. FORACCHI, M.; PEREIRA, L. (org.) - Educação e Sociedade: Leituras de Sociologia da Educação. 8a. edição, Ed. Nacional , São Paulo, 1977.
31. FOUCAULT, M. - Vigiar e Punir . Ed. Vozes, Petrópolis, 1977.
32. FREINET, C. - Para uma Escola do Povo. Presença, Lisboa, 1969.
33. \_\_\_\_\_ - A Saúde Mental da Criança, Presença, Lisboa, 1970.
34. \_\_\_\_\_ - A Pedagogia do Bom Senso. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1973.
35. \_\_\_\_\_ - O Texto Livre. Ed. Estampa, Lisboa, 1974.

36. FREINET, C. - O Jornal Escolar. Ed.Estampa, Lisboa, 1974.

37. \_\_\_\_\_ - Conselho aos Pais. Ed.Estampa, Lisboa, 1974.

38. \_\_\_\_\_ - As Técnicas Freinet da Escola Moderna.Ed.Estampa, Lisboa, 1975.

39. \_\_\_\_\_ - A Leitura pela Imprensa na Escola. Ed.Dinalivro, Lisboa, 1977.

40. \_\_\_\_\_ - Ensaio de Psicologia Sensível. Vol.I, Editorial Presença, Lisboa, 1978.

41. \_\_\_\_\_ - O Método Natural. ( Tres volumes). Ed. Estampa, Lisboa, 1979.

42. \_\_\_\_\_ - A Educação pelo Trabalho. Vol.II, Ed.Presença , Lisboa, 1974.

43. \_\_\_\_\_ E. - Nascimento de uma Pedagogia Popular. Editorial Estampa, Lisboa, 1978.

44. \_\_\_\_\_ E. - O Itinerário de Célestin Freinet. Livros Horizonte, Lisboa, 1983.

45. FREITAG, B. - Escola, Estado e Sociedade. Ed.Edart,São Paulo, 1977.

46. GADOTTI, M. - Educação e Poder: Introdução a Pedagogia do Conflito. Ed.Cortez, São Paulo, 1980.

47. GARCIA, W.E. (org.) - Inovação Educacional no Brasil : Problemas e Perspectivas. Cortez Editora, São Paulo, 1980.

48. GHIRALDELLI, P. - "Introdução à evolução das idéias Pedagógicas no Brasil" In: Revista Educação e Sociedade, nº 26 , abril/87, Cortez Moraes, São Paulo.

49. GOFFMAN, E. - Manicômios, Prisões e Conventos. Editora Perspectiva, São Paulo, 1974.

50. ILLICH, I. - Sociedade sem Escolas. Ed. Vozes, Petrópolis, 1982.
51. KRAMER, S. - A Política do Pré-Escolar no Brasil : a arte do disfarce. Ed. Achiamê, Rio de Janeiro, 2a. edição, 1984.
52. KRAMER, S. ; SOUZA, S.K. - "Avanços, retrocessos e impasses na política da educação pré-escolar no Brasil". In: Revista Educação e Sociedade, nº 28, dezembro/87, Cortez Moraes, São Paulo.
53. LAPASSADE, G. - Grupos, Organizações e Instituições. Ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.
54. LEFORT, C. - Que es la Burocracia? Y otros ensayos. Ed. Ruedo Ibérico, Paris, 1970.
55. LELIS, A.I. - A formação da professora primária: da denúncia ao anúncio. Cortez Editora, São Paulo, 1989.
56. LIST, G.F. - Sistema Nacional de Economia Política. Abril Cultural, São Paulo, 1983.
57. LOBROT, M. - Pedagogia Institucional. Ed. Humanitas, Buenos Aires, 1966.
58. MADAULE, J. - Histoire de France : de 1715 a nos jours. Gallimard 15a. édition, Paris, 1945.
59. MAKARENKO, A.S. - Conferências sobre Educação Infantil. Ed. Moraes, São Paulo, 1981.
60. MARSHALL, F.H. - Cidadania, Classe Social e Status. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1967.
61. MARX, K. e HOBBSBAUM, E. - Formações Econômicas Pré-Capitalistas. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1975.
62. MATTA, R. da - Carnavais, Malandros e Heróis : Para uma Sociologia do dilema brasileiro. Zahar Editores, R. Janeiro, 1983.

63. MELLO, G.N. de - "Fatores Intra-Escolares como Mecanismos de Seletividade no Ensino de 1º Grau". In : Revista Educação e Sociedade, nº 2 , Jaú, 1979, Cortez Moraes, SP.
64. MOTTA, F.C.P. - Participação e Co-Gestão. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
65. \_\_\_\_\_ - Teoria Geral da Administração. Editora Pioneira, São Paulo, 1986.
66. \_\_\_\_\_ - Organizações e Poder: Empresa, Estado, Escola. Ed. Atlas, São Paulo, 1986.
67. NAGLE, J. - Educação e Sociedade na Primeira República. Ed. USP, São Paulo, 1974.
68. NOVAES, M.E. - Professora Primária : Mestra ou Tia . Cortez Editora, São Paulo, 1986.
69. OHLE, A.B. - "O Estado e a Universidade: a luta pela sobrevivência da Escola Pública". In : Revista Educação e Sociedade, nº 29 , Jul/1988, Cortez, São Paulo.
70. OLIVEIRA, A.M.M. - Revisitando a Obra de Célestin Freinet. Limites e possibilidades de uma proposta de Educação Popular na Escola Pública. Tese de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1989.
71. OLIVEIRA, J.B.A. ; GUIMARÃES, S.D.P. e BOMENY, H.M.B. - A Política do livro didático. Ed. Summus, São Paulo, 1984.
72. PAIVA, V. - Perspectivas e Dilemas da Educação Popular. Editora Graal, São Paulo, 1984.
73. PARO, V.H. - Administração Escolar: Introdução Crítica. Editora Cortez, São Paulo, 1986.
74. PILETTI, N. - Ensino de 2º Grau: Educação Geral ou Profissionalização ?. Ed. USP, São Paulo, 1988.

75. PIRENNE, J.H. - Panorama da História Universal segundo as grandes correntes de História Universal. São Paulo, DIFEL, Ed. USP, 1973.
76. PISTRAK, - Fundamentos da Escola do Trabalho. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1981.
77. PRADO, J.B. - "A Educação depois de 1968, ou Cem anos de ilusão. In: Descaminhos da Educação pós 68. Caderno de Debate, nº 8, Brasiliense, São Paulo, 1980.
78. PROST, A. - Histoire de L'Enseignement en France 1800-1967. Lebrarie Armand Colin, Paris, 1968.
79. PROUDHON - O que é Propriedade?. Ed. Estampa, Lisboa, 2a. Edição, 1975.
80. QUEIRÓZ, M.I.P. de - Variações sobre a Técnica de gravador no Registro da Informação Viva. CERU e FFLCH/USP, São Paulo, 1983.
81. ROMANELLI, O. de O. - História da Educação no Brasil 1930/1973. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1978.
82. SALAMA, P. ; VALIER, J. - Uma Introdução a Economia Política. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.
83. SAMPAIO, R.M.W.F. - Freinet : Evolução Histórica e Atualidades. Editora Sapione, São Paulo, 1989.
84. SANTOS, L.G. dos - Desregulagens: Educação, Planejamento e Tecnologia como Ferramenta Social. Ed. Brasiliense, São Paulo, Campinas, 1981.
85. SÃO PAULO - Estatuto do Magistério - Lei Complementar nº 444. Governo Montoro. Secretaria de Educação do Estado. 27/12/85.
86. SÃO PAULO - Regimento Escolar das Escolas de Iº e IIº Graus do Estado de São Paulo. Elaborado em 1987.

87. SNYDERS, G. - Ou vont les Pedagogies non directives ?. Presses Universitaires de France, Paris, 1973.

88. \_\_\_\_\_ - Escola, Classe e Luta de Classes. Moraes Editores, Lisboa, 2a. edição, 1981.

89. SMITH, A. - As Riquezas das Nações. Ed. Abril Cultural. Vol. II, livro 5, São Paulo, 1973.

90. TAYLOR, F.W. - Princípios da Administração Científica. Atlas, São Paulo, 1963.

91. THIOLENT, M. - Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Ed. Polis, São Paulo, 1982.

92. TRAGTEMBERG, M. - " A Escola como Organização Complexa". In: GARCIA, W.E. (org). - Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento. Ed. Mc Graw Hill do Brasil , São Paulo, 1976.

93. \_\_\_\_\_ - Burocracia e Ideologia. Ed. Ática, São Paulo, 1980.

94. VAIDERGORN, J. - As Moedas Falsas : Educação, Moral e Cívica. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Mimeo, 1987.

95. WEBER, M. - Ensaio de Sociologia. Ed. Zahar, Rio de Janeiro , 1963.

96. ZUBOK, GALKINE, EFIMOV - História Moderna - O Imperialismo. Vol. II. Editorial Estampa, Lisboa, 1977.

## II. PERIÓDICOS CONSULTADOS

1. Dossier M.C.E.'88 - Storia e Ricerca di un movimento di educatori. Materiali M.C.E. - Terza Serie - Numero Due - Roma . 1988.
2. Informazione - Bolletino per una Pedagogia Popolare. Ottantotto. Ano 20, n° 8, agosto 1988 - Cooperativa Editoriale M.C.E. Roma.
3. Cooperazione Educativa - La Rivista Pedagogica e Culturale Del Movimento Di Cooperazione Educativa, n° 8, agosto 1988, Roma.
4. Amis De Sevres - Freinet Aujord'hui n° 2, 1975 - Centre International D'Etudes Pedagogiques.
5. L'Educateur, Pedagogie Freinet - Revue de L'Institut Cooperatif de L'Ecole Moderne :
 

n° 9	20 février 1978
n° 1	10 septembre 1979 ( trad.Ruth Joffily)
n° 9	1 <sup>er</sup> mars 1981
n° 2	15 octobre 1981
n° 3	1 <sup>er</sup> novembre 1981
n° 6	15 décembre 1981
n° 7	15 jan. 1982
n° 9	15 février 1982
n° 13/14	juin 1982
n° 2	1 <sup>er</sup> octobre 1982
n° 3	1 <sup>er</sup> novembre 1982
n° 4	15 novembre 1982
n° 5	1 <sup>er</sup> dezembre 1982
n° 7	15 Jan 1983
n° 8	15 Février 1983
n° 9	1 <sup>er</sup> mars 1983
n° 12	15 mai 1983
n° 15	1 <sup>er</sup> septembre 1983
n° 5	1 <sup>er</sup> dezembre 1983
n° 13/14	30 out 1984

nº 187/188 6 février 1986  
nº 199 2 d'octobre 1988  
nº 203 6 février 1989

ANEXOS

## Depoimento 1

A. Como é que você conheceu o trabalho Freinet, onde você trabalhava...?

X. A proposta pedagógica conheci em uma escola de Campinas e acho que foi na época em que você começou a trabalhar lá. Depois eu fiz o curso de especialização de crédito na PUC e lá comecei a estudar e me aprofundar. Depois, logo que eu terminei o curso prestei um concurso, e lá entrei com a proposta pedagógica. Freinet, trabalhando numa escola da cidade. Então a princípio tinha um plano tradicional, que a prefeitura trabalhava, todos os professores tinham que seguir aquele plano e tinham que ter um plano diário de trabalho. Então encima daquele plano de trabalho você ia desenvolvendo a unidade com suas crianças. Eu não conhecia ninguém e não ia chegar de gaiato apresentando a proposta. Aí fazíamos o quê (e essa amiga que também trabalhava lá): Para os orientadores, para os diretores, eu tinha um plano, o próforma e no trabalho mesmo, então, eu tentava fazer os ateliers, onde eu montava e desmontava todos os dias.

A. Os diretores e/ou orientadores sabiam que você estava trabalhando de uma forma diferente?

X. Eles sabiam que tinha algo de diferente, porque eu comecei apresentar relatórios também, então eu fazia o trabalho e relatava, inclusive escrevia muito, coisa que não acontece, o pessoal tem uma dificuldade muito grande em escrever, porque tem o conteúdo e tem que se escrever encima do conteúdo, não encima do que está propondo ou fazendo. Então eu comecei assim, trabalhava, eram crianças de três anos, eu tinha 25 alunos naquela época. Eu trabalhava com uma mesa de desenho, uma de pintura, uma de recorte-e-

colagem e o trabalho começou a render, os orientadores vinham na classe e percebiam que quando chegavam as crianças não percebiam sua presença, que podiam falar tranquilamente e poucas crianças iam solicitar a minha ajuda, apesar de serem tão pequenas. A partir daí começou a ser valorizado o trabalho. E essa amiga fazendo um trabalhão com as crianças da zona rural, com classe multisseriada e isso foi criando um clima dentro da prefeitura. A partir disso aí eu fiquei nesta escola de março a julho, depois eu pedi transferência, pois tinha pego o período da tarde e eu queria o de manhã, prá bater o meu horário, e das minhas crianças irem à escola. Aí eu passei para outra escola, com crianças de 5 anos. Nunca tinham ouvido falar em Freinet, nunca tinham trabalhado em atividades diversificadas, era aquele esquema de carteira atrás de carteira, quando era pré e quando não era pré eram mesinhas mas a classe nua. Então o professor era o mito, o palhaço e ela que ia motivar a criançada. Aí também exigiu esforço no sentido de ganhar a diretora para a sua proposta, as orientadores já estavam ganhas.

A. Como é que são as orientadoras da prefeitura de lá?

É um grupo que orienta todas as escolas?

X. Bem, a rede está atualmente com 110 professores e prá esses professores estão disponíveis 3 orientadoras. E funciona mais ou menos assim: elas orientam por escola. Então uma é responsável por 3... Fazem esse tipo de orientação, embora nesse esquema não tenha muita condição, pois é muita gente pra pouco orientador, passa uma de vez em quando. Nessa época em que mudei de escola tinham 4 orientadoras e elas já entendiam que a gente tinha uma maneira de falar, tinha uma proposta. Daí começaram a nos apoiar, mas os demais professores começaram a reclamar: - Mas ela pode fazer tal coisa (por ex. deixar as crianças subirem em árvores e

nós não podemos. Porque a proposta da gente, vamos dizer assim de subir em árvore, eu nunca coloquei uma criança encima da árvore, ela ia subir se ela conseguisse subir, pois tem criança que levanta o braço e diz: - me põe? E eu dizia não, você vai treinar e quando você conseguir você vai subir. Bom com isso o pessoal começou a nos criticar: -Ela pode, as crianças dela podem subir em árvore. E quando a diretora vinha questionar, então eu colocava o que eu achava, discutia com o grupo na frente dela, então ela percebiam que faziam porque queriam fazer. Bom eu continuei sozinha neste trabalho, eu mudava algumas coisas em função do trabalho de lá, pois tinha por ex: uma sala só de pintura, então quando a professora ia dar uma atividade só de pintura ela levava todas as crianças (todas de uma vez só) e iam prá sala de pintura e pintavam o sete. Depois tinha uma sala de jogos, então cada professora tinha uma hora prá ficar nessa sala de jogos, por dia.

A: Você conseguiu organizar sua sala em ateliers e teve respaldo da diretora para obter material?

X. Bom, eu comecei a colocar prá diretora, que no meu caso, que na minha proposta não funcionava deste jeito, pois nem todos queriam jogar, nem todos queriam pintar, naquela hora. Aí o que eu fiz foi conseguir alguns brinquedos, o que desmanchou a rotina da escola. Consegui alguns jogos pedagógicos e, deixar na sala consegui alguns potes de tinta e deixar na sala, pincéis, que eram meus, enfim a classe possuía um pouco de material e tinham que ser montadas e desmontadas, era aquela musculação. Daí dessa escola passei prá rural.

A. Onde estava essa amiga, que você disse?

X. É, ela trabalhava de tarde e eu de manhã. Aí foi tranquilo, porque todas tinham a mesma proposta, eramos 4 professoras, 2

de manhã e 2 à tarde, então foi um ano bem tranquilo. No ano retrazado eu voltei pra cidade novamente.

Quer dizer, não é só Freinet, o pessoal fala em Emília Ferrero, etc. Mas o pessoal não muda o esquema. Fica no tradicionalzão. Algumas pessoas não se interessam, será que é comodismo? Será que é medo de perder a autoridade na sala? Algumas se discute, o esquema é muito fácil e se conhece, inclusive eu conversei com uma professora que tá dando aula numa escola da prefeitura. Nesta época ela estava fazendo um curso de Emília Ferrero, onde é apresentado pelo pessoal da prefeitura algumas alternativas. Em Freinet não se fala, mas em outros como Piaget, etc. sim. Contudo o pessoal não se mexe e nem tem vontade de discutir mudanças.

A: É, existem umas pessoas que estão interessadas sim e que estão inconformados com a prática pedagógica. Buscam alternativa. Daí aparece um grupo e depois outro...

X. Mas nessa escola, que eu entrei no ano passado a proposta já era mais ou menos conhecida na rede, já tinha resultados positivos. As nossas reuniões de avaliação eram conhecidas porque se discutia muito. As orientadoras ficavam encantadas com as crianças e as coisas que a gente colocava. Então, era bem conhecida, embora sempre houvesse aquele problema: Ah! mas as crianças fazem muita sujeira. É aquela confusão com Freinet e sujeira.

A. Sei. O problema da disciplina.

X. É, e sempre eu percebi. Comecei o trabalho na escola. Montei o trabalho junto com as crianças e começamos. Aí eu percebi o seguinte: a diretora atual era uma graça, mas tinha algumas confusões meio graves. Ela ficava no vidro da nossa saleta espiando, ou então entrava com a gente na sala e agendava tudo. Quando as crianças estavam produzindo ela achava ótimo e tudo era positivo. Nesta

escola tínhamos eu e mais outra professora. Certo dia, numa reunião com a orientadora, ela abriu a agenda, que tinha vários itens anotados e começou a falar.

A. Quem, a orientadora?

X. A diretora com a orientadora. As crianças ficaram no pátio e nós fomos chamadas prá reunião, só nós, as outras professoras não. Aí começou: - Muita sujeira na escola;

- É rabisco de baton na parede e não sei o quê.

E começou a descrever o que ela tinha observado. Nós começamos a questionar: Quem deixou a sujeira no pátio? Na minha sala e na sala de outra professora, que trabalhava Freinet também, além de outra sala atrás. Quem fez o risco de baton? Então começou a pegar em muitas coisas, porque não entendia a proposta. Começamos a discutir, o clima ficou tenso e caiu no emocional. Eu e a outra professora não conseguíamos mais falar e começamos a chorar. Veja bem, de repente você acha que está sendo valorizada e falam isso de você na sua frente e de repente você está numa agenda cheia de "picuinhas", vamos chamar assim. Então a proposta não vai. Se vamos olhar o que ela tem de ruim, o que eu não considero como ruim, embora para ela, estava sendo. Agora, não tinha prova concreta de que tinham sido as crianças, com as quais eu trabalhava, que tinham deixado papel no pátio e não tinham prova de estavam riscando as paredes de baton. Ademais, não era isso e sim uma boca de baton que tinha sido colocado na parede. Isso um pano passado pode retirar.

A. Era uma postura como se a escola fosse totalmente limpa o tempo inteiro.

X. E a gente sabia que não era a gente. A questão do pátio, sabíamos que não era a gente. Porque tem crianças que ficam o dia

inteiro, de outras classes. Mas a culpa recaia sobre nós duas que tínhamos uma proposta diferente. Foi aquela confusão, onde nós chorávamos e assoavamos o nariz. Esse caso foi incrível... Eu assoava o nariz e não tinha um lixo para jogar o papel, nisso começou amontoar aquele monte de papel. Aí me deu um estalo. Poxa. Isso é questão de organização. Essa sala em que estávamos era uma sala de aula e não tinha sequer um cesto de lixo. E estavam jogando nas nossas costas e na pedagogia Freinet, uma coisa que estava concreta ali. As crianças daquela sala, onde é que colocavam o lixo?

A. Só uma coisa, quantas professoras tinham?

X. Quatro de manhã (Freinet) e 5 à tarde.

A. No total eram só vocês duas que trabalhavam Freinet?

X. Aí a gente começou. Paramos o choro e começamos a argumentar.

A postura mudou: Ah, esquece isto que foi uma bobagem... só que isso não dá pra esquecer, certo? Convocamos uma reunião com a assessoria pedagógica, o diretor da divisão, todas as orientadoras e o grupo Freinet. Que já tinha na rede, na época, 6 professoras. E não era só na gente que estava caindo culpas. Em todas as escolas que tinham professores estava acontecendo o mesmo problema. A reunião foi pesada mais muito rica, onde a gente percebeu que começamos a conquistar mais espaço. Com isso passou a fase da espionagem.

A. Essa espionagem era só por parte da direção ou de outros professores também?

X. Olha, com os professores acontecia uma coisa engraçada. Eu não sei se você já trabalhou com muitos professores e já sentiu isso. Nossos relatórios escritos colocavam que a gente sentia e escrevia as coisas do trabalho e se tinha alguma crítica a fazer, a

gente colocava no grupo, na frente de todo mundo. Prá esse resto de pessoal sempre estava tudo bem. Nunca tinha problema. Então o tradicional era perfeito. Não tinha criança problema. Não tinha nada. Agora, nós tínhamos tudo. Nós tínhamos crianças problemas, a gente tinha questões e questões prá discutir. A gente se frustrava, se alegrava, mas tinha coisa prá falar. E o pessoal não. Então acontecia que por trás tinha: a gente ficava sabendo de milhares de fofocas, mas não na nossa frente. Na nossa frente tudo bem. E se iam falar da nossa proposta: nossa mas que coisa linda, é ótimo. E se percebia que nas reuniões de avaliações seguintes, essas professoras mudavam até o estilo de avaliação, tentando captar alguma coisa da gente e já mudavam. Então estavam se enriquecendo também. Não era Freinet, mas se enriqueceram na maneira que falavam. Mas não abrem até hoje. A coisa mudou um pouco, mas não abrem a crítica construtiva.

A. Na verdade existe uma competição. Na medida em que seu trabalho está sendo bom, você está se sobressaindo, o pessoal tenta se sobressair de outro jeito, ou seja, competindo com você tentando demonstrar que seu trabalho não dá certo e...

X. Ah. Sim, isso tem muito. Mas o que eu posso te dizer, atualmente, é que eu continuo na minha escola, continuo com as mesmas crianças e acompanhei tudo. Agora, este ano deu uma virada na rede de todo. Não sei se é por causa do projeto na rede, o projeto que a prefeitura comprou.

A. Através do Secretário de Educação.

X. De um dos diretores de divisão.

Por outro lado acontecia o seguinte: as pessoas não queriam entrar. Tinha muita gente querendo entrar na pedagogia Freinet, 19

eram barradas pelas orientadoras: - Não você só vai entrar quando tiver segurança, se você ler muito, se você se aprofundar muito, você entra. Então já tinha, aí, uma barreira. E a gente sempre aberta: Olha temos um grupo de estudo, temos uma reunião de avaliação, participem conosco. Sempre chamando. E elas respondiam: Ah! a pedagogia Freinet é muito complicada e as orientadoras dizem que a gente tem que ter segurança. Então a gente estava, meio que catando a laço. Convidava: não vinham; a gente convidava de novo, aí então a gente parava. Mas tinha muita gente interrompida. Não iam por uma questão. Aí veio esse projeto. Todos querendo ou não, vão ter que trabalhar com atividade diversificada. Esse era o grande medo. Tinha uma proposta, a nossa era clara e definida. Tinham algumas pessoas, que estavam trabalhando em cantinhos que eles chamavam. Até a gente discutia com eles. É cantinho sim. Sim, mas qual é a teoria, quem é que fundamenta os seus cantinhos. Não sabiam. Então faziam por fazer. A criança trabalhava ali, trabalhou acabou. Agora, esse ano, muda tudo, todo mundo tem que trabalhar em atividade diversificada e nós do grupo Freinet continuamos com nosso trabalho.

A. E qual é o fundamento do projeto para se trabalhar em atividade diversificada? Coisa do Piaget?

X. É. Questão da criança ter que ter contato com o maior número de coisas possíveis prá desenvolver a inteligência. Então ela tem que explorar tudo, ser desafiada, ser questionada pelo professor, o tempo todo, prá desenvolver a inteligência.

A. Basicamente a coisa da inteligência do Piaget?

X. É. Agora, uma coisa curiosa que acontece é que se jogou o projeto na cabeça, tem o planão deles, que é calhamaço.

A. Bom prá trabalhar o projeto não precisa ler muito, nada disso,

feito os argumentos da coordenadora.

X. Pois é, no curso que fizeram foi dar a leitura só. Não teve uma dinâmica diferente. Aquele troço massacrante, levagem cerebral, que o pessoal não aguentava mais, inclusive a gente estava lá. Tinha que estar lá, porque a gente é funcionário e se falta tem todo aquele "perequepeque". Aí o que está acontecendo agora? Hoje eu recebo a visita de duas orientadoras e uma diretora da escola, que queriam ver uma sala Freinet trabalhando, porque ela nunca viu. Só que eu não pude ficar conversando com elas, a gente estava saindo também. Mas a gente percebe que o pessoal está super interessado em Freinet. Porque esta proposta da Prefeitura não está dando certo.

A. Ah é?

X. Então o que acontece na nossa escola agora, que as meninas estão trabalhando no projeto. Elas nos cercam na saída ou nos 5 minutos que a gente tem pro papo, na sala do professor: - Como é que você faz a roda da conversa? - Como é que você faz a criançada falar? Só que é bem diferente... Inclusive estava conversando com mais três colegas que trabalham Freinet, se vale a pena chamar esse grupo para uma conversa. Para conversar e colocar os pingos nos "is!". É Freinet ou é projeto da prefeitura. Se for Freinet, sejam bem vindas. Vamos abrir o jogo: fazemos a reunião de estudos, fazemos as nossas reuniões de avaliação, muitas e vamos crescer juntas. Agora, auxiliar... O Freinet vai ensinar a fazer roda de conversa. Porque é isso que ela está querendo. Quer que ensine, quer que passe a receita. Está certo? Vai te ensinar a fazer roda de avaliação. Vai te ensinar uma série de coisas e quem é que vai levar o ouro? Está certo? Então, aí, a gente começou a questionar isso. Agora elas estão desesperadas, porque estão sem apoio nenhum.

A. Caiu de pára-quedas, não é?

X. Caiu de pára-quedas, todo mundo tem que fazer aquilo. Tinha gente na rede que era tradicional, mas que fazia um bom tradicional. Não era aquele negócio autoritário, massacrante. Tinha lá as coisas dela, mas era legal. Agora não vai fazer legal isso, não vai dar certo, mas que agora está flutuando.

A. Eu queria que você me dissesse como é a questão da autonomia do professor dentro da sala de aula, dentro da escola. Por exemplo, você começou a trabalhar Freinet, teve algumas dificuldades, alguns impecilhos. Agora, eu fico pensando, no projeto da prefeitura, você sente que existe ou não autonomia dentro da sala de aula?

X. A autonomia que a gente tem dentro da nossa proposta pedagógica a gente conseguiu tentando muito. Como eu contei pra você a nossa diretora espionava a gente o tempo todo. Abria a porta na hora em que estávamos na roda da conversa, se achava no direito de interromper. Servente vinha, pegava criança pra dar banho, enfim aquela loucura. Então, essa autonomia a gente conseguiu, agora, os outros professores não têm autonomia sequer pra pensar. Porque não lutaram contra essa coisa do projeto da Prefeitura, ficavam alucinados com besteiras que falavam no curso, mas não reagiam. Aí a autonomia não existe. E, tem na redem atualmente, muitas professoras que acabaram de sair do magistério, no ano passado e que pegaram classes, passaram no concurso e, estão cruas pra nenhuma proposta. É aquele negócio: não tem, elas estão mais é querendo que alguém dê pronto mesmo e, nem dando pronto, tá dando certo. E com isso não tem a autonomia que a gente tem. Eu me considero uma professora autônoma, dentro do possível, dentro das hierarquias que existem, pra decidir da minha classe, das minhas coisas, junto com as

crianças, o que a gente quer fazer.

A. Como é que os pais das crianças recebem esse tipo de trabalho ?

Pois, dependendo do tipo de escola e onde se localiza, a gente sabe que os pais querem mais é que vocês disciplinem, se precisar bater, tem mais é que bater. Aquela situação: - Olha ele é danado, então qualquer coisa, você bate mesmo, etc. E sabendo que as crianças, de certa forma, levam alguma coisa prá casa...

X. Claro, O que a gente faz, realmente a gente teve algumas cobranças.

Fizemos uma reunião com esses pais. Chamamos prá escola e conversamos. A classe estava montada já em ateliers, com todos os trabalhos montados em exposição. As coisas que a gente trabalha no dia-a-dia. Com fotos que a gente tirava e "slides", etc. Chamamos esses pais e colocamos como funcionava. Ficaram boquiabertos. Agora prá este ano eu acompanhei a turma. Eu estou com o pré e, o pré em todas as escolas da rede, existe uma cobrança dos pais com a questão alfabetização, lição. Então o que eu fiz. Pois, você sabe que no ano passado, com o projeto da prefeitura tudo mudou, caderno quadriculado, caderno pautado e as crianças faziam suas lições ali. Com isso os pais viam, de certa maneira o resultado. Com a nossa proposta eu conversei e entramos num acordo quanto a lição, pois tinha pai que apesar da conversa queria lição e mesmo as crianças queriam. A forma que eu achei baseado na conversa com elas foi: uma pasta de elástico, um caderninho pautado, um lápis e uma borracha. Esse caderno tem o quê? Têm os textos que a gente trabalha na sala, impressos pequenos, etc. Na folha seguinte toda segunda-feira eu passo uma lição de coordenação, é uma lição e eles vibram com isso. Então vão toda segunda com a pastinha embaixo do braço e voltam, não tem lugar prá guardar, porque as casas são de cômodos únicos, a maioria delas; eles formem todos num único lugar.

ão tem um lugar prá guardar. Voltam com "bico virado", mas voltam. E voltam com a lição feita. Nesse sentido os pais estão felizes, pois as crianças estão levando lição prá casa. As crianças também estão felizes porque estão fazendo lição e nós estamos trabalhando a nossa proposta pedagógica, estão tendo contato com o caderno pautado, que o ano que vem, vão ter mesmo. Não tem que fugir disso.

. Das coisas que já estavam elaboradas dentro da escola, como o plano de trabalho... Como é que você trabalhou por exemplo: horário?

. O horário dentro da escola?

. Isso.

. A gente tem uma rotina, da qual temos que enquadrar, que é a regra da escola, não tem como fugir, então, a gente tem horário de merenda, que é todo dia no mesmo horário. No meu caso é nove e meia. Então a gente entra faz a roda (meia hora) depende de como é que está o assunto, trabalhamos em atelier, 9:20 h. lavamos a mão 9:30 estamos na mesa, das 9:30 às 9:50 h, daí ou a gente faz atividade coletiva junto com a outra turma ou a gente organiza uma atividade, depois voltamos, a turma escova os dentes, tem meia hora de parque até as 10:30. às 10:40 voltamos prá sala, trabalhamos novamente em atelier, fechamos com uma roda de avaliação e, acabou dia. Esse horário é mesmo até o final do ano. Porque o parque não cabe todo mundo, então tem um horário pra cada um e engrena em.

. A questão indisciplina: Em algum momento você escutou da direção ou de outras pessoas, que a sua classe, pelo fato de não estar trabalhando no esquema tradicional, que a criança realmente

faz mais barulho porque estão divididas em ateliers? Ou estão manipulando isso, você já ouviu isso?

X. Olha, o que a gente ouvia no começo não era a questão da in-disciplina, porque sempre que vinha alguém nunca falavam da in-disciplina e sim da sujeira, porque, é claro, se você tem uma mesa com uma tinta prá desenho e se você pede: - faz um risco as sim... A criança está criando, vai pingar... E quando limpa, lim-pa do jeito dela, mas tem servente prá fazer outro tipo de limpe-za. Então era nesse sentido: - que as crianças estavam deixando cair tinta no chão. Agora o esquema já é outro, também a gente es tá de olho nessa direção. Então, agora. a gente põe plástico nas mesas, põe jornal. E com isso as classes Freinet são consideradas as mais organizadas, vamos dizer assim. Então realmente em termos de in-disciplina era assim: todo mundo chegava e logo estavam con-centrados no seu trabalho. Mas era questão de sujeira, eu chamo de sujeiras entre aspas. Sendo isso solucionado, a diretora enten-dento... Teve até um caso meio curioso aí no meio. O filho dela estava na minha classe o ano passado. E esse negócio de mãe e di-retora ao mesmo tempo é barra pesada. A gente combinava que, e prá eles tinha que ser combinado, porque de vez em quando... O banhei-ro das crianças era para as crianças e dos professores para os pro-fessores, mas de vez em quando ele ia lá e usava o dos professo - res. As outras crianças reclamavam: - Qual é, a gente pode ir lá também? E assim fomos combinando: - Você está aqui na escola, a sua mãe está trabalhando e você vai estar conosco, com a sua turma, com a sua professora. Quando você tiver que usar o banheiro, vai usar o que todas as crianças usam, só que a mãe fazia chantagem. A mãe achava que era perseguição, porque era o filho dela. Então aí deu confusão. A gente foi labutando, labutando, agora a gente vai pegar firme nessa regra, porque tinham outros filhos de funcioná-

rios. E era assim: o filho da secretária na mesa dela, com giz de cera, que pegou no almoxarifado, rabiscando e os outros todos no vidro olhando. Então vamos botar regras. Ou fica todo mundo igual, ou então todo mundo vai poder ir lá dentro. Aí começamos a cobrar as regras mesmo. Aí ela começou a se irritar: - Não, porque é perseguição, se não fosse o meu filho vocês não iam fazer isso, e tirou o filho da minha classe, agora em julho, colocou-o em outra escola. Aí foi aquele transtorno. Porque eu fiquei constrangida e ela também. Aí ela achou que eu queria que o filho dela saísse, fazendo tudo aquilo que eu estava fazendo cobrando tudo daquele jeito. E era porque eu queria que o filho dela saísse, e com isso tirou-o da escola. As crianças sentiram, propuseram escrevermos uma carta prá ele; que iríamos visitá-lo na outra sala, Ele não respondeu mas foi a mãe que decidiu. Agora, de uns tempos prá cá ela só diz que o filho só pensa em voltar prá nossa escola, que ele não aguenta mais a outra escola. Ele estava começando a fazer manuscrito e parou. Na outra escola é outro esquema. Então ela me procurou dizendo: - Você aceita ele de volta? - Mas não fui eu que tirei, não fui eu que não agüentei a barra de ter um filho na escola.

Então eu disse à ela: - Você conversa com ele, diz o que vocês vão combinar, porque a regra é da escola. Você nos ajudou a criar a regra.

A. Você sabe se o diretor de divisão está sabendo que tem um grupo trabalhando Freinet e como ele vê a existência do grupo?

X. Quando nos propuseram o curso da prefeitura em julho, nós quisemos saber dele como nós ficávamos, uma vez que já tínhamos um espaço conquistado. Ele nos disse que o nosso espaço era aquele, já estava conquistado e nós podíamos continuar o trabalho. Só que ele citou o grupo Freinet como um problema dentro do projeto.

A aceitação deste espaço foi graças ao trabalho das orientadoras. Inclusive, durante o planejamento cada grupo fazia o seu. Alguém nos perguntou como nós iríamos fazer a ponte Freinet-Projeto Prefeitura. E não tem que fazer ponte. Nós estamos abertos. Aí recebemos a notícia que seríamos supervidionadas em nossas classes. Respondemos: - Toda visita será bem vinda.

Isso prá mim, não passou e quando a supervisora voltou eu quis saber dela: Que tipo de supervisão ela podia fazer, se ela não conhecia nada de Freinet, como ela mesma disse.

Aí ela disse que faria supervisão nas duas mais novas. Eu disse: - Mas como? Você conhece? Elas estão trabalhando o projeto. Então ficou nisso, ela disse que ia supervisionar e agora vai ser uma visita. Agora vamos ver, vai se concretizar em setembro a 1ª supervisão. Como visita ela será bem-vinda, como supervisora não. Ela é só uma pessoa que veio dar o curso da prefeitura.

A. Eu queria saber o que mais te cativou na proposta Freinet? Quando você começou a conhecer a proposta? Quando você resolveu trabalhar?

X. Eu tinha conhecimento de algumas escolas. Quando eu estava fazendo o curso de pré-escola, visitei diversas escolas pequenas. Eu via a criançada toda sentada às mesas e fazendo as mesmas coisas, aquelas diversas bagunças. O que mais me cativou foi o seguinte: é que a teoria Freinet traz dentro de si uma proposta de vida. O que eu observei em estágios na pré-escola foi todo mundo fazendo a mesma coisa ao mesmo tempo. As crianças se entediavam com aquilo e, o tédio se manifestava na forma de indisciplina. Subiam em mesas, batiam cadeiras como quem diz: "Estou discordando, não é isso que eu quero".

A. Inclusive várias pessoas que eu conversei, quando eu toco na

questão da indisciplina, dizem que não há indisciplina.

X. Sim, então o que realmente me cativou foi o fato de você viver (vivenciar) com as crianças ao invés de você, quanto dono do saber, comandar tudo. Como aconteceu na minha sala, recentemente. Duas crianças no atelier de desenho, uma de frente prá outra. Um explicando pro outro o caminho da casa dele e o outro desenhando este caminho. Acabaram de fazer um mapa. Eu perguntei o que era. É que um deles tinha roupas em casa, que não serviam mais e, iria dar para o colega, que é mais magro. Então estava explicando como é que se chegava à casa. O mapa, que não era um mapa propriamente dito, ficou lindo. Eu levei esta proposta na roda e a proposta mudou completamente. Do mapa da casa de uma criança passou-se para um mapa da escola. Então trabalhamos no abstrato com um trabalho lindíssimo, maravilhoso. Depois de pronto saímos prá fora prá conferir se estava certo.

A. Você está com 30 crianças?

X. Estou com 27, frequência média de 25, na faixa etária de 6 anos.

Estou com um problema sério, porque a metade das crianças da sala ficam na escola o dia inteiro. A professora da tarde tem atitudes muito incoerentes. Ela mudou o projeto dela, agora trabalha com o projeto prefeitura. Só para exemplificar a sua incoerência, ouça este fato: Ela leva a bolsa prá sala, 2 crianças mexeram na bolsa, acharam um tubo de pasta e estavam lambendo. Ela abriu a boca dos 2 e esvaziou o tubo de pasta, na boca. Isto, as crianças contaram na minha roda. Agora convivo com as conseqüências deste tipo de atitude, com o comportamento dessas crianças no dia seguinte. Quando estão contando em roda, tudo bem, as crianças entram no grupo, participam da atividade, mas quando saem lá fora, já viu...

Outro fato: foram passear e 3 crianças (minhas= não ganharam bala, porque fizeram bagunça. Agora uma chantagem aqui, outra ali, como fica a cabeça destas crianças? As crianças ficam muito cansadas, se movimentam o tempo todo; de manhã trabalham muito, lá fora jogam bola almoçam e a tarde... Uma criança de 6 anos tem necessidades de um pouco de paz na cabeça. De não ouvir a voz de ninguém pelo menos 20 minutos. Mas com o projeto prefeitura não podem dormir, não desenvolve a inteligência. Então ela sai com o grupo, porque elas devem derrubar a sala. Mas para sair com um grupo desse jeito, tem que levar bala, a garantia do comportamento. Não se comportou, não ganha bala. Então a cabeça dessas crianças é péssima, é horrorosa, não cumpre nada.

## Depoimento 2

A. Quanto tempo você está na rede e quando você ficou sabendo da proposta Freinet, a quanto tempo, quando você começou.

X. Bom, eu estou a três anos na rede. A proposta Freinet eu conheci anteriormente, na rede particular. A primeira experiência que eu tive dentro da rede foi com uma classe de 3ª série, uma classe que me dificultava muito trabalhar dentro dessa proposta, porque as carteiras eram daquelas antigas acopladas.

A. Eram de duas crianças juntas?

X. Duas crianças. Eram daquelas pesadas, que você não podia nem virar prá lousa. Assim mesmo, a gente conseguia fazer ter momentos, elas tinham uns momentos de atelier, então a gente especificou alguns ateliês alguma coisa que a gente fazia, porque o recurso era paupérrimo. O que eu conseguia era: algumas caixas de lápis-de-cor, algumas caixas de giz, que eram o material coletivo deles, folhas de computador.

A. Quantos alunos você tinha nessa 3ª série?

X. 36, eu tinha. Então o que a gente fazia era: virava aquelas carteiras do jeito que dava, prá eles mais ou menos formarem os grupos (com quatro crianças), prá eles terem uma atividade, assim diversificada. A gente trabalhava texto livre, rodava no mimiógrafo. Naquela época havia uma verba prá comprar material, então o que se rodava era em termos de mimiógrafo mesmo. Depois, no ano passado, eu tive uma classe de 2ª série. Com essa classe de 2ª série, já se permitia formar mais grupos. Então, basicamente, o que eu trabalhava era algumas técnicas.

A. Todas eram na mesma escola?

X. Não, eu mudei de escola. Eu vim para uma comunidade mais pobre, eu fui para um lugar de menos crianças, mais crianças de menos recursos do que as crianças lá da outra escola. Então na 2ª série, eu trabalhei com a roda de conversa, o poder discutir problemas que estavam acontecendo na comunidade, nós chegamos a rodar e, sair inclusive jornal (nessa turma chegou a sair o jornalzinho) ro-daram no mimiôgrafo e a primeira notícia foi realmente uma notícia: eles vieram contando como se fosse uma notícia de jornal, que era a morte do Hobim Hood do pedaço.

Então foi uma coisa realmente forte. Essa classe a gente trabalhou e basicamente assim: eu não tenho todos os ateliers, eu não tenho o atelier, eu não tenho canto montado, porque a classe também é usada no outro período, por outra turma, que não tem nada a ver comigo. Então, a minha classe o que podia diferenciar? Eu pregava os desenhos, deles, nas paredes, os textos eu pregava na parede, então era cheio de coisas, tanto que nessa 3ª e 2ª série era só as minhas coisas que tinha na parede, tanto que se aparecia desenho rasgado, como apareceu uma vez, nós deixamos um bilhete prá turma da manhã, que era uma 5ª série, sei lá. E a 5ª série, inclusive nos respondeu que não tinha sido eles, que tinham sido outras crianças, coisas assim...

A. Como é que as crianças recebiam uma professora, que vem trabalhar diferente da professora anterior? Como é que era isso prá eles, era numa boa? Eles perguntavam alguma coisa, como é que eles recebiam a proposta de trabalhar em cantos de trabalho, de atividades diversificadas, o texto, rodearem... Como é que era isso prá eles?

X. Era assim muito tranquilo. O que eles falavam, com relação a outra professora, era: Poxa você é legal, a outra professora gritava com a gente, brigava, batia... Eles vinham com umas quei-

xas desse gênero.

A. Você achava que tinham mais dificuldades de disciplina, pelo que você ouviu falar do que com o seu trabalho?

X. Não.

A. Acho isso uma coisa muito importante inclusive precisa levantar, porque o que se sabe é: Outra professora tratava no tapa, né, a coisa da disciplina. E o fato de você abrir, diversificar o trabalho, ou você ter outra postura dentro de sala de aula, diferente da professora anterior, não tão autoritária, claro que tem momentos maiores que você briga, em momentos que a gente conhece, mas da indisciplina ser maior.

X. Não é, a indisciplina não é maior. O barulho é maior, a classe realmente não é uma classe silenciosa. Agora é uma classe em que nas horas em que estão falando eles estão trabalhando. Então o professor tem que entender o que é a classe. Esse ano mesmo a diretora entrou na minha classe de 1ª série e chamou a atenção.

A. A diretora sabe que você trabalha Freinet?

X. Não, a diretora sabe que eu trabalho dentro de um projeto de Emília Ferrero.

A. E a diretora da outra escola?

X. Da outra escola, ela sabia por alto.

A. E ele permitiu que você trabalhasse?

X. É, eu cheguei falando alguma coisa, que eu ia virar as carteiras, que eu queria saber se ela me arranjava guache, o que ela podia me arranjar dentro da prefeitura, então ela sabia que eu fazia um trabalho de Freinet e ela respeitou esse trabalho, de al

guma forma ela não me criou empecilhos, tanto que quando eu cheguei no final do ano e justifiquei que não ia reprovar. Na época não tinha, realmente de reprovar, era uma 3ª para uma 4ª série e, eu não via necessidade de reter ninguém, ela entendeu e respeitou a minha classe.

A. Como é que você fez com o planejamento? Você, por exemplo, acrescentava forma ou você seguia o planejamento e dizia...

X. Não, quando a gente faz um planejamento, faz global. Então o planejamento que eu faço, praticamente, ele consta de objetivos e do conteúdo.

A. Então a forma que você trabalha é?

X. Eu trabalho do jeito que eu quero. Por ex: a diretora, desse ano, queria que todas as terças-feiras a gente mandasse três cadernos de crianças, prá ela. Então eu mando com tudo que tiver e acrescentando o album. Tem os álbuns, eu mando os álbuns. Nós fizemos tal atividade. Quer dizer, atualmente, ela nem cobra mais isso porque ela viu que a minha classe é realmente diferente ela já não me enche mais. Então ela tem feito esse tipo de cobrança, mas quando ela fazia isso, no início do ano, ela estava querendo ver caderno. Houve algum problema o ano passado com uma professora, então, ela queria dar uma controlada, ver como é que estava evoluindo a coisa. Eu mandava numa boa, mandava os cadernos das crianças e mandava anexo folha e o que eles tinham, coisas de pasta, que a gente faz muita coisa solta, eu manda junto (anexo) e anexava os álbuns. Eu falava olha: nós contamos uma estória, eles que fizeram isso, ou, eles trouxeram essa notícia e isso virou um álbum, ou qualquer coisa assim, então, eu mandava junto. Numa boa, sem ter muito problema.

A. Essa diretora pe do colégio atual?

X. É do colégio atual.

A. Você nunca falou em Freinet prá ela?

Você mudou esse ano de colégio?

X. Não, mudei o ano passado.

A. Você nunca falou de Freinet prá ela?

X. Sim, já falei de passagem.

A. A nível de legislação, as mudanças que tiveram na 5692 etc., o professor tem autonomia, dentro da sala de aula, que a maioria dos professores não sabe...

X. Não, sabem até sabem.

A. Você acha que até sabem ?

X. Sabem e é até, bem que, respeitada. Pelo menos dentro da rede municipal a diretora, vice-diretora, foram professoras, porque sobem por... um acesso hierárquico, aquela coisa, não é concurso.

A. Não é concurso?

X. Não é concurso, é por ponto.

A. Não é cargo de confiança?

X. Não, então elas foram ptofessoras, sabe, então, elas têm experiência de classe, não é gente que está lá. porque caiu de paraquedas e veio a ser diretor, elas têm experiência, então elas respeitam um pouco essa individualidade sua, sabe.

A. Você com relação a outros professores, sente que tem gente tentando fazer um trabalho pedagógico diferente ou não?

X. Olha, dentro da rede, eu sei que tem. Eu sei que tem gente fazendo um trabalho diferente com mais dificuldade ou com menos dificuldade. Tem gente assim... Eu por exemplo tenho carta branca, com minha diretora, então ela respeita meu trabalho. Às vezes ela pode chegar na minha classe, como eu já disse, ela chegou um dia e a classe estava meio agitada e chamou a atenção de uma criança. Eu chamei-a do lado e falei: Olha não chama a atenção dele, porque ele está trabalhando Parecia que ele estava brincando, mas não era brincadeira, era sério. Então ela fez assim :  
- Ai, você com as tuas coisas! e saiu numa boa.

A. Porque parece que tem assim, uma dificuldade também é porque, essa tal dita disciplina, na medida em que a classe fica mais barulhenta é uma coisa complicada, eu não sei se dentro da escola a relação que você tem é com a diretora, tem inspetor de aluno?

X. Tem.

A. O inspetor interfere ou não?

X. Nada. A inspetora de alunos é uma pessoa que foi merendeira e agora passou a ser inspetora de aluna. Ela não me cria problemas e nem com a classe. A classe, eu organizo, quando chegamos, viramos as mesas. Então eles sentam, a menos que eu tenha alguma atividade, que fica mais fácil eles pegarem, mas em geral viramos as mesas logo que chegamos na escola. Então eu fico com espaço pra roda inicial. A classe é grande, Atualmente eu tenho 25 alunos, dá para trabalhar tranquilo. Eu tenho e mesas na sala mas sempre sobram algumas carteiras no fundo, e eu crio alguma atividade, porque tem crianças mais adiantadas e você tem sempre que criar alguma coisa.

A. Você sentiu por ex. me interessa saber: que tipo de relação

dentro da escola, se houve empecilho com os teus colegas professores, porque você sabe que aparece a competição a partir do momento que o trabalho começa a aparecer como dando certo, ou que você se impõe, de certa forma, no respeito com a diretora. Como é que acontece isso com os outros professores?

. Olha, atualmente, a relação com os outros professores é muito tranqüila. Nós fazemos reuniões quinzenais entre turmas, por série. então a outra professora que trabalha com a primeira série junto comigo no período da tarde, ela é do tipo tradicional inconformada, é o tipo da pessoa que não está se conformando com o que está fazendo, então a classe dela sai para o recreio (15 minutos) e ela corre para a minha classe ver tudo o que eu estou fazendo. E é uma pessoa que de repente está participando das discussões sobre Emilia Ferrero, então ela está indo para um caminho misto, pois ela me diz: eu não consigo trabalhar com atividade, eu não entendo como é que pode. Então ára ela é mais fácil. Eu por exemplo já não consigi trabalhar com a classe em fila. Eu noto que a indisciplina parece maior. Eles cotucam, viram prá trás, viram pro lado, ao passo que quando estão em quatro eu não sei se a bagunça fica só entre os quatro e isso fica mais tranqüilo eu sinto...

A. Ou senão o fato de estarem fazendo uma atividade onde eles estão com mais interesse claro que a indisciplina não é.

X. É, mas mesmo se eles estiverem fazendo uma atividade coletiva, porque a gente tem muito momento coletivo, o fato de eles estarem nesta disposição, só o fato da disposição estar diferente, de ele poder estar de frente prá alguém, gera menos indisciplina. Isso é uma coisa que vira-e-mexe eu estou testando prá ver se é verdade e eu cada vez me convenço que é mesmo. Porque em fila é

insuportável, eu não aguento dar aula 4 horas em fila eu não aguento. Você sai arreada, As coisas são assim meio lentas, não é uma coisa que se implanta de uma hora prá outra. Eu me lembro que no ano passado, quando eu comecei a fazer o jornalzinho, foi uma coisa que custou até sair, até entender, não foi uma coisa de imediato. Eu acho que eu tinha mais facilidade na Curumim, as crianças parece que respondiam mais rapidamente. Eu não sei o que é que era, eu não sei se era a minha postura diferente, que eu já podia atacar diferente, a classe era diferente, Eu já recebia as crianças num ambiente diferente. Com eles não, você vai construindo, o trabalho é mais árduo. Com as minhas crianças, desse ano, eu vejo que é uma coisa assim que vai passo-a-passo, vai devagar. Agora que eu consegui introduzir ficha, que eu vi agora que dava..., então agora que a gente está começando realmente a trabalhar em um atelier, escolher o que que é o atelier, é uma coisa que é ainda... eu não sinto segurança.

A. O processo é lento. Então é uma coisa complicada porque o ano que vem você já não está com essa turma, provavelmente. E a nível pedagógico a coisa se quebra. É outra história que vai acontecer.

X. Quebra porque dentro da escola a pessoa que mais se aproxima de mim é essa professora. O que a gente tentou no começo do ano. Eu fiz uma coisa complicada esse ano, eu comecei com a 3ª série que eram meus alunos de 2ª. eu acabei caindo com essa 1ª série porque começou a faltar professor e eu acabei substituindo e, no que eu comecei a substituir eu quis continuar com a 1ª e não quis continuar com a 3ª. Eu estava com a 3ª, que eram meus alunos de 2ª. Quando nós formamos as 3ªs séries eram só duas 2ª séries, nós já formamos as classes misturadas, nós misturamos tudo: os meus e os da outra professora e quando nós começamos este ano ela dava

matemática e estudos sociais e eu dava estudos sociais e português nas duas classes. Trabalhei assim acho que um mês. Então já estava num pique que eu estava fazendo jornal, outro já estava, e a mil por hora... Tinham as crianças que eram minhas numa classe e as crianças que eram minhas, na outra. E os outros me conheciam, porque as vezes faltava professor e eles se apinhavam todos na minha classe. Faltava professor, não tem problema ficavam os trinta e tantos na minha classe, enchia, lotava. E no ano passado tinha uma substituta de uma professora que teve nenê e que fazia um trabalho muito interessante e eles adoravam. Então eles estavam acostumados num ritmo diferente.

A. Então você não conseguiu sentir muito, nem na outra escola, um pique de richa de professores?

X. Na outra eu senti. Na outra eu era bem mal vista.

A. O pessoal sabia que você fazia um trabalho diferente do resto...

A. Tanto que quando eu saí da outra escola eu tinha a minha classe interinha montada pra 4ª série, pois caso eu continuasse lá e não conseguisse me remover eu queria os meus alunos, eu não queria os outros. Quando eu saí de lá ficou uma professora das antigas e eu disse pra pegar a minha classe pois ela está nesse ponto; são crianças excelentes, que têm uma criatividade imensa eles escrevem... eles fazem textos belíssimos. Não eram textos tipo fale sobre as férias... os alunos realmente faziam coisa deles... era muito gostoso. Eu apresentei um quadro da classe inteira, eu soube que ela não pegou. Que a única que ficou lá e, que a minha classe era considerada a classe dos terríveis, que a minha classe saía, que a minha classe ia fazer passeio, minha classe agitava.

- A. Na verdade, você não sentiu nas duas escolas nenhuma facilidade em relação a direção, mas um pouco mais em relação aos colegas?
- X. Isso era só uma que torcia bem o nariz, pois a crítica nunca é muito falada lá.
- A. E você passava para o pessoal um pouco do seu trabalho, como é que era...?
- X. Sim. Tanto que agora eu também coloco as minhas angústias e eles vêm que eu faço alguma coisa diferente, mas eu não sinto que haja nem aprovação nem podação. O pessoal fica em cima do muro vendo a coisa acontecer. Num há oposição, mas eu não tenho problema com diretor, com auxiliar.
- A. E com pais? Porque com meus alunos em Araraquara, que tem contato com escola pública ouvem dos pais: "olha dona põe ele na linha senta a mão se precisar". Então passar esse tipo de coisa; de que tem que bater. (São pais de poder aquisitivo mais baixo). Então eu fico pensando um pouco nessa coisa da disciplina e nessa coisa de você fazer um trabalho diferente, que pode parecer indisciplina, quando não é. Se existe alguma exigência ou se os pais trocam alguma coisa com você nesse nível.
- X. Bom, eu tive uma reunião com os pais, a gente tem um trabalho paralelo na rede, que é proposta do Enildo de integrar a família na escola. E eu já fazia, mesmo antes desta proposta, isso. Eu defendo a posição que se você mudar sua estrutura de classe consequentemente você vai mexer com os pais. Agora ele quer fazer inverso: quer trazer os pais pra escola e você falar "abobrinha" e isso vai garantir a permanência da criança na escola. Então o ano passado as minhas reuniões com os pais eu já discutia alguns temas. Na reunião dos pais eles vem querendo saber dos seus filhos e

tem cinco minutos.

A. E vai todo mundo?

X. Não vai todo mundo. Eu tinha uma frequência muito alta. E tenho esse ano também.

A. Qual é o espaço de tempo dessas reuniões?

X. A cada bimestre. Então o pai vinha e dizia: qu quero saber do meu filho, porque eu quero saber do meu filho... E o que eu mostrava geralmente, era o painel de trabalho e depois falava de cada um, mais à parte. Mas geralmente eu conversava alguns temas que estava preocupando o grupo inteiro. Era problema com alguma criança que estava gerando... que era o bandido do bairro. Como era isso passado pros âis, problema de drogas, de sexos, então se conversava alguma coisa que me levava sempre prá dentro de suas casas. Problemas de educação deles e era muito gostoso, então minha reunião dava ibope; tinha mãe que adorava vir. Era muito gostoso. A receptividade das mães foi muito boa comigo, tanto que teve mãe que quando eu sai e não fiquei com seus filhos, os repetentes... Teve mãe que veio chorar porque eu não fiquei com os repetentes. Elas queriam que eu ficasse com os filhos repetentes, delas na 2ª série. Tem uma mãe que me disse: "você me traiu"... A relação foi sempre muito boa. Conversar com as mães na porta, me mandavam chamar, eu vinha atender, bater papo... Foi sempre muito bom. Com essa 1ª série eu tive uma reunião, que não era pedagógica, para discutir tema geral. Era essa proposta do Enildo. Bom eu que na reunião uma mãe falou de relacionamento de criança e aí nós discutimos um pouquinho daí a pouco uma mãe levanta e disse que gostaria mesmo é de discutir a metodologia. Pois não, eu disse. Ela disse: olha a senhora vai me descuplar. E eles tem uma mania de senhora mesmo que com o tempo eles vem te chamar de você, mas é a

senhora, com muito respeito. Acontece o seguinte, segue a mãe, é que minha filha foi alfabetizada diferente e ela tinha cartilha e a gente aprendeu assim: bê de bacia, cá de cachorro... e agora eu tô vendo o João Paulo escreve um monte de coisa e ele tem um monte de palavras e fala mas eu acho que ele está decorando e como é que é. A gente pode ajudar, onde é que a gente vai atrapalhar? Resultado a reunião que não era para ser pedagógica virou pedagógica. Aí eu expliquei, mostrei, falei, etc... Essa criança foi que eu tenho, que deslanchou, uma criança que não sabia escrever.

A. E o pessoal recebeu muito bem?

X. Muito bem.

A. Em geral vão mães?

X. Mães. Tem crianças em que eu vim conhecer a mãe agora em agosto.

Eu só conhecia o pai, porque era pai que estava em todas as reuniões. O pai extremamente ansioso, sabe aquele pai mãe? Muito preocupado em que poderia dar de exercício para a filha... Um pai nervoso, muito engraçado. E tem filho que já vão dos dois. E depois eu fiquei sabendo que não era mãe, mas enteada. Ele é filho di pai.

A. Interessante isso, porque você trabalha com um pessoal que tem uma renda bem baixa e eles tem o maior respeito por você, enquanto professora, e aí tem uma coisa que permeia esse assunto que é: por que o pai põe seu filho na escola, o que ele espera que o filho seja...

A. Nós fizemos uma entrevista. Nós fizemos um questionário, que foi prá rede inteira. Neste questionário as perguntas eram por exemplo: qual era a renda familiar, como tinha ocorrido o nascimento da criança, em que posição que ele estava dentro da família, qual era a situação da casa. Tinha umas respostas engraçadíssimas: Dorme só

zinho? não dorme com o irmão. Quando era dorme com o irmão era por que dormia na mesma cama. Até se entender isso...

A. Essa pesquisa está com o Secretário de Educação?

X. Não, está conosco, na escola. Então com essa pesquisa, a gente levantou coisa do tipo: por que é que você põe seu filho na escola? A resposta: porque quero que ele seja melhor que eu. Eu quero prá ele uma vida melhor. Dona, porque eu mal-e-mal sei ler, então eu quero que meu filho aprenda a ler e escrever para ele ser alguma coisa melhor na vida. E eu tenho, realmente, pai e mãe anal<sup>l</sup>fabetos lá. Então a expectativa dele é que o filho será alguma coisa na vida.

A. Eu queria saber um pouco sobre a relação da comunidade com a escola. Você pegando historicamente, por que é que a escola se organiza dessa forma, tem toda essa burocracia dentro da escola, essa hierarquia, etc... Que vem com o capitalismo, e estrutura da organização... Aí tem algumas questões onde os pais passam a colocar o filho na escola porque ele confia que a escola vá formar o filho dele, efetivamente, prá responder as ansiedades da sociedade, então, ou ele se formar até uma série e vai ser técnico, não vai passar disso, não vai prá universidade nunca mesmo, que é a maioria dessas crianças vão ser...

X. A expectativa dele é baixa, ele quer pelo menos um cargo. Ele não pensa no técnico. Ele pensa no 1º grau.

A. Que saiba ler e escrever.

X. Outra coisa a educação é problema da família. Não é problema da escola.

A. Mas que educação eles colocam aí?

X. Eles colocam por exemplo, quando eu perguntava: de quem é a responsabilidade de educar dos pais, da escola ou dos dois. Eles respondiam que educar é pai e mãe que educa. A escola ensina o que eles não sabem. Ensina ler e escrever, a fazer conta, história, geografia... Mas educação, a formação do ser é na família. Outra coisa que eles falavam... Ah! e com relação a educação sexual, a gente perguntava se podia dar informações, se eles permitiam. Eles dão abertura prá que a gente fale, porque não têm coragem. - Ah! então como a senhora sabe... - Ah! eu acho ótimo que a senhora fale porque eu não tenho coragem de falar não. E se eu conversar com você prá você falar. Eu acho ótimo que a senhora converse comigo, mas eu não vou ter coragem de falar pró meu filho, não. Elas até falam, se abrem, mas passar para os filhos não. Ah sabe como é que é ele já deve saber dessas coisas, eles vivem na rua eles já sabem. É meio que animalesco a coisa, passa... Passa de um por outro por estinto. Então não tem necessidade de se falar isto, agora se você falar é muito bom. Aí vai ser melhor prá ele. Ele vai ficar sabendo das coisas, mas eu não vou falar não. E cai fora. Então educação eles vêm como uma coisa de formação, isso de pedir licença, de ser submisso.

A. Veja você a situação que vivemos juntos na mesma escola, a expectativa dos pais era mais ou menos a mesma. Isto é, o pessoal de renda mais baixa quer que o filho saiba ler e escrever. O pessoal da escola em que trabalhamos, quer também, mas só que ansiedade é maior: eles querem que saibam a ler e escrever e que entrem na universidade e a gente é responsável, porque eles como estão numa classe de certa forma é a classe dominante (classe média, média alta) que não quer perder o seu poder, mínimo que tem, e não vai deixar que a gente destrua isto. Então a gente enquanto professor tem uma responsabilidade maior.

X. Os dois lugares em que trabalho, apresentam regiões diferentes, uma, de um bairro muito pobre, com más condições de vida, um lugar terrível, onde mais parece um beco, um lugar de bandido, o 2º lugar eu trabalhava com filho de metalúrgico, que na época ganhava muito mais, isto é ganhavam bem. Esses pais já tinham uma outra postura.

A. Que tipo de postura, com você?

X. Esses não se importavam em vir na reunião, passavam mais responsabilidade prá mim, semelhante aos pais da escola em que trabalhamos. A responsabilidade é tua mesmo. E ameaçavam falar com o secretário de educação se houvesse algum problema. Já os da primeira turma, quando muito iam falar com a diretora. Os da 2ª eram muito mais politizados. Os da 1ª não, já os pais são pedreiros, serventes de pedreiros, motoristas de ônibus, as mulheres são faxineiras, são empregadas domésticas. são balconistas, a clientela muda. Agora as crianças já sinto que apresentam mais dificuldades, são pouco estimuladas em relação às outras (da outra escola). As da segunda escola já vinham com pré, as da primeira escola não, estão muito isoladas do mundo.

A. Dentro da proposta Freinet, o que mais te cativou prá que você continuasse o trabalho?

X. O que mais me cativa é trabalhar com a necessidade da criança, poder atender e dar tudo aquilo que ela precisa.

A. Por que você acha que essa é uma forma dela aprender alguma coisa?

X. Eu acho que é por aí. É o que Piaget propõe. Tem que haver uma necessidade, prá haver... prá haver aprendizagem, prá ter uma busca senão... e malhar em ferro frio. Eu acho que esta é a pro-

posta que realmente dá prá se fazer isto.

A. Acha que está sendo significativo o trabalho de outras propostas não tradicionais?

K. Eu acho que é 1% da rede.

: Esse 1% é o quê?

K. Na rede de Campinas, quem trabalha diferente são 7 pessoas (em 1ª série), que estão com Emília Ferrero. Logo um pessoal de 2ª série que dá continuidade a esse trabalho trabalhando com texto, uma linha mais aberta. E na 3ª série e 4ª você nem fica sabendo.

. Por que são poucas pessoas trabalhando com o não tradicional, você acha que por comodismo, falta de conhecimento, interesse...

. Fico abismada.

. E tem gente nova.

. Tem mais gente nova do que velha. Olha essas 7 pessoas não são novas não. estão na faixa de idade de 30 a 40 anos. É esse pessoal que está fazendo coisa nova e não o que está entrando. Se encontra uma mulher, a qual pega um auditório cheio e faz perguntas como: - Que tipo de classe você tem, como é que é, quais são as insatisfações que você tem dentro da sala, pois é a coisa da necessidade, prá mudar, prá desestruturar, tem que estar insatisfeita prá haver mudança. Como resposta obtem um longo discurso sobre mau pagamento dos professores ou que na classe não é tão assim, porque afinal de contas já se aboliu os desenhinhos prontos, os mimeografados, e acha que já está fazendo alguma diferente e não escuta, outra pessoa começa a fazer discurso político e também não escuta e com isso está armado o rebu. O que já vi na rede de

Campinas é que parece haver uma dificuldade muito grande em aceitar mudança. Se é porque ganham pouco, eu por exemplo comecei a ganhar as reuniões de hora extra, não é muito mais já é uma vitória, porque eu estaria trabalhando nisso independente de estar ganhando ou não. Então na rede toda quando começou o projeto tínhamos 40 inscritos e agora restaram 7 pessoas. E a rede o que está fazendo? Obrigando essas pessoas a escutarem essa mulher falar, uma vez por mês. Na última falação dela ela distribuiu uma prova onde se verificava que criança pode escrever mesmo sem saber. Estava claro a proposta dela, isto é, que criança faz texto sim. Bom resumindo, prás férias todas teriam que ler uns textos, eram 4 e até gostosos de ler, na reunião seguinte poucas pessoas haviam lido, praticamente as 7 de sempre. Aí, ela não sabia por onde continuar. Imagina você ir para uma aula, onde não há resposta, afinidade, isto é pior que ofender a palestrante. A turma vai a "reunião" de corpo presente. Das 8 às 12 horas os professores conseguem ficar lá sentados sem participar e não haver nada.

A. Eu estou pensando em fazer entrevistas com professores que trabalham com esquema tradicional. Com outro tipo de entrevista e saber: por que não, você já conhece, já sabe que existe um outro trabalho, você gosta, de que jeito você trabalha, acha interessante trabalhar assim, por que? Prá saber porque não. E por que a inércia.

X. Eu acho interessante. Olha estou me lembrando... Conversando com uma amiga: Eu trabalho como professora desde os 17 anos e já trabalhava assim, não achava que as crianças tinham que fazer coisas todas sincronizadas, eu já tinha alguma coisa que me impulsionava de maneira diferente. É claro que eu tive um bom curso normal, pois naquela época eram bons. Eu tive uma professora de didática, que era excelente, que mostrava tudo que estava no auge na época. E du

rante o último ano de normal aos sábados a gente é que ficava com as classes da escola. As professoras iam para a reunião pedagógica e quem ficava com as classes eram as normalistas, então to do sábado a gente era substituta de classe, é claro que a gente também exagerava, pois queria mostrar para a professora, mas isso nos dava uma tarimba, pois se deparava com crianças que te checava e isso diante da professora, justamente quando ela passava pela classe... E isso me deu tarimba e que já vem de muito tempo.

### Depoimento 3

A. Quando é que foi o curso de Fartura?

X. O primeiro que eu dei lá foi em maio de 87, em curso de 20 horas.

A. Como foi o contato?

X. Até hoje eu não sei, porque não perguntei, mas eu vou conversar prá saber quem indicou e como eles ficaram sabendo. Quem foi que falou de você. Outra coisa que me interessa também saber é como esse pessoal ficou sabendo de Freinet, o que eles entendem por pedagogia Freinet, porque isso pode ser usado via prefeitura? Porque passa bem por um projeto político, quando a prefeitura que tem algum projeto social começa a se organizar, então as áreas de saúde e educação são priorizadas. Então o pessoal que está trabalhando a nível de direção, dentro da prefeitura, começa a procurar projetos alternativos, porque já estão "carecas" de fazer a crítica da escola tradicional. Então Freinet, com o mínimo de divulgação que já se fez, acaba aparecendo no horizonte como uma proposta alternativa.

Infelizmente as vezes acontecem alguns equívocos, que se entende que são propostas alternativas de baixo custo, o que eu acho que politicamente é ruim. Não que precise de muita grana para por em prática, mas para mim, despolitiza a questão da educação. Eu até me preocupo quando a gente fala de construção com sucata, do pessoal pegar por aí. Prá mim a ênfase está em construção, agora eu sempre tento dizer que não basta sucata, se não tiver fita crepe, cola, barbante, ou seja, coisas que permitam à criança juntar um pedaço com outro para produzir alguma coisa, não tem o atelier de sucata. Então não é com zero cruzados que se faz um atelier de

sucatas. Mas, para algumas pessoas é um projeto político, o caso de Angatuba, por exemplo, é nítido. O caso de São José e Fartura também.

A. Quantas pessoas estão trabalhando Freinet em Fartura?

X. Eu não sei, mas sei que aumentou bastante. Esse ano quando uma colega, que trabalha Freinet, me chamou de novo foi para professora de 1ª a 4ª que não é da prefeitura. Primeira a 4ª não, são professores do estado e eu pude perceber que as escolas do estado, até certo ponto tem uma assistência da prefeitura. Muitas vezes a prefeitura supre certas deficiências do estado. Na conservação da escola, tal.

Na fala de fechamento do meu curso, o prefeito agradeceu nominalmente às pessoas das escolas presentes.

A. Me diz uma coisa. Como é que fica a continuidade desse trabalho? Você foi, deu um curso e o pessoal está trabalhando Freinet, com um primeiro contato. Que garantia você tem da continuidade?

X. Eu não tenho nenhuma garantia e é por isso que tem que ter o CREM, porque isso se torna visível quando a gente marca um congresso estadual, onde cada município teria um "Stand" para expor o seu trabalho. E ainda pessoas que se inscrevem para dar minicursos, palestras dentro do congresso. Agora, eu poderia ter mais garantia, eu deixo meu telefone, mas não insisto nisso, porque sei que não daria conta. Prá mim é sempre bem recebido o convite de um retorno, porque é a confirmação de que a semente brotou.

A. Já em São José você foi durante um ano?

X. Não, não chegou a 1 ano. Eu fui umas quatro vezes no decorrer do ano, mantive um contato durante um certo tempo. Agora, o

que eu insisto com as pessoas é a relação à autonomia, eu deixo a bibliografia, enfatizo a necessidade da prefeitura comprar os livros, porque são muito caros e o pessoal ganha mal. Que a prefeitura faça um investimento numa pequena biblioteca especializada em Freinet e que os professores tenham acesso. Isso aconteceu em Angatuba e está acontecendo em Fartura também e São José até até vendem os livros Freinet (a secretaria de cultura).

A. Quer dizer que nos últimos 2, 3 anos a divulgação no estado de São Paulo foi nestes locais?

X. Da minha parte sim. São Carlos também divulga, Assis, Marília..

A. Você falou um pouco do CREM, sobre a formação. Começou basicamente com São Carlos, Paulínia, Campinas e São Paulo.

X. A 1ª reunião do CREM, foi em Campinas e o pessoal de São Paulo veio e vieram também várias pessoas de Bauru.

A. Em Bauru, pelo que um professor, que trabalha Freinet, de lá me disse tem 2 ou 3 diretoras só, trabalhando. Você viu que o CREM recebeu de Bauru?

X. O que?

A. Recebeu uma carta de uma diretora, dizendo que ficou muito contente em receber o jornal do CREM e que ela mandava prá ele um trabalho que ela tinha feito com os alunos, na época em que era professora Freinet. Mandou um livro de histórias feito pelos alunos, de uma visita ao zoológico, antigo, que era aquela a contribuição que ela dava para o CREM. O secretário guardou na prateleira e disse: - O que eu faço com isso? Inclusive ela disse na carta que por motivos políticos o trabalho Freinet acabou em Bauru.

X. Embora eu esteja sendo convidada por uma prefeitura, em geral

eu alerto o pessoal sobre isso, inclusive que não há lei que impeça você trabalhar com a pedagogia Freinet, que isso normalmente é uma arbitrariedade das instâncias técnicas. Os chamados especialistas em educação, educadores, coordenadores ou diretores. Essa é uma questão que não sei se a municipalização do ensino vai resolver com isso aí.

Em São Paulo o pessoal da CEMP lê coisas do arco da velha e de repente fala: Emília Ferrero para o Estado inteiro. Inclusive tem um rapaz que está fazendo uma tese. Eu propus que ele fizesse uma investigação prática e a grande questão seria analisar onde acontecem as perdas dos projetos das secretarias de São Paulo e tomar como exemplo o projeto Ipê, da implantação do ciclo básico. Você ler no papel, muitas coisas boas que levaria para uma pedagogia democrática, livre expressão da criança. Quando você vai na sala de aula, você vê que não tem nada disso. A idéia é ver em que instância ela é barrada, onde ele se perde.

A. Diante destas dificuldades técnico-administrativas, qual é a grande ameaça da proposta Freinet? Será que é só o "novo"?

X. Eu acho que no nível político é a questão do poder, que sem dúvida nenhuma transparece. Porque um professor autônomo, ameaça. Eu sinto que eu tenho direito a autonomia porque eu sei argumentar sobre o que estou fazendo. Agora, um colega com menos formação que eu, pode estar fazendo a mesma coisa que eu. Mesmo lá onde trabalho eu percebo isso. Daí a necessidade do grupo para dar subsídio para todas as pessoas. E aí, no meu caso fica uma contradição que eu acho até besta, que eu já devia ter enfrentado há mais tempo e não sei porque mecanismo eu reluto tanto. Que é assumir a liderança do grupo, não a liderança política: a liderança intelectual. Eu estudei mais, eu estou aí pra isso mesmo. O grupo pode se beneficiar com isso, e isso não vai fazer o grupo depen -

der de mim. A minha relutância de criar, em assumir, é a relutância de criar dependência. Está sendo contraditório então com essa pedagogia, mas eu vejo que não é por aí. É até ao contrário, se eu não faço isso eu não estou compartilhando o meu saber. Não que eu, o meu saber seja a verdade, é mais quantidade, porque eu tenho mais acúmulo de informações na cabeça. Então eu acho que a coisa vai fluir melhor por aí.

Em relação às outras instâncias, como estávamos falando, eu acho que é poder. Porque essas pessoas foram preparadas até a nível de universidade, como especialistas. Então elas é que sabem. Quando eu cheguei onde trabalho, tinha 4 professoras na escola; 2 de manhã e 2 à tarde. Na reunião que a gente fez antes de receber as crianças, a gente combinou que as 4 deveriam estar juntas de manhã no primeiro dia de aula, e fomos as 4. Quem trabalhava à tarde, resolveu ir mesmo sem ganhar e não consultamos ninguém, porque achamos que era o melhor procedimento. Não havia ônus nenhum para a prefeitura e havia benefícios para as crianças que ficariam com as pessoas que já conheciam. Então, o choque de conhecer duas pessoas novas, a escola para algumas crianças é um ambiente novo. Eu levei uma chamada! E não foi da pessoa que eu deveria ter consultado, foi de uma orientadora pedagógica. Dizendo que eu tinha desrespeitado a coordenadora ao fazer isso. Então eu fui me desculpar com a coordenadora. Ela falou: - É claro, você podia ter me consultado e eu ia dar autorização para todos. Mas de maneira nenhuma eu me senti desrespeitada, nem precisa pedir desculpas. Caberia não uma consulta, mas um aviso. Para eu ficar sabendo, porque caso aconteça alguma coisa, eu sou responsável. Ela tem razão, se uma das meninas da tarde passasse mal na escola, fora do período dela ela não está sabendo. Como é que fica? Só neste sentido. Agora, eu estava recém-chegando, então qual foi o exercício de poder dessa pessoa? Bem assim: - Você está chegando, não ponha as manguinhas de fora, ponha-se no seu

lugar. E a transa do secretário com o grupo Freinet é exatamente isso. Com a história de boicotar, não a coisa ampliar. É bem isso, mas é a estrutura toda, porque implantar um projeto de cima para baixo, em nome de que? Não é dar um curso prá quem quiser fazer, isso qualquer prefeitura pode e até dar um curso prá que todas façam no seu horário de trabalho. "Agora vocês não vão ficar com as crianças porque vão assistir esse curso". Até isso é admissível, mas uma exigência dessa, isso supõe uma avaliação do meu trabalho que eu não sei porque mecanismos passou. Então, avaliaram o meu trabalho, acharam que ele era ruim, me impuseram um curso para fazer. E isso realmente aconteceu. Porque essas pessoas me dizem: Vocês trabalham bem, mas vocês têm que admitir isso não acontece com a maioria das classes. Quer dizer, na verdade as pessoas fizeram uma avaliação do trabalho e o profissional não participou disso, como sempre, como sempre. É o exercício do poder, o secretário (esse) ou seja lá quem for, na cabeça dele, está pondo ordem na casa. Ao inventar o PROJETO, "está pondo ordem na casa". Isso aqui estava uma bagunça, não tem roteiro, não tem estrutura, não tem objetivo. Então vamos dar o objetivo". É contra essa arbitrariedade que a gente tem que lutar. Só que ele chegou lá e já encontrou um grupo constituído e não pode anular esse grupo. Se politicamente a gente estivesse numa situação melhor, eu poderia ter dito isso prá ele. Porque eu preciso fazer esse curso, eu quero fazer outro, a prefeitura está oferecendo esse. Inclusive é uma coisa que estava conversando com o grupo Freinet de lá, certas cobranças, se vierem a me fazer, eu vou dizer: - Olha, os outros estão fazendo isso, porque tiveram 240 de estudo nesse caminho; o meu caminho é esse, se vocês exigem que eu aprimore esse caminho e estão me cobrando isso, então me dêem 240 horas de estudo no meu caminho. Aí eu apresento o que vocês quiserem, um questionário de avaliação maravilhoso, uma fun

damentação teórica fantástica. Quantas horas de leitura a gente teve, e de Piaget mesmo foi pouquíssimo? É até engraçado porque tem umas ironias do destino. O grupo Freinet tinha programado, antes de entrar o projeto prefeitura, que o próximo passo era a leitura do livro da CAMI: "A criança e o número", e o objetivo da gente era se aprofundar mais para enriquecer o atelier de matemática. Aí chegou o projeto prefeitura e foi impossível a gente continuar com o projeto e o estudo da CAMI ainda está suspenso. E a gente ainda quer ler, porque o projeto prefeitura não foi suficiente para incrementar o que a gente considera um atelier de matemática. Eu acho que a leitura do Piaget nos beneficia, mas do jeito que foi, não beneficiou.

A. A dificuldade de colegas de trabalho (professores trabalharem uma proposta como Freinet) acabarem optando por Piaget, pelo PROJETO, tem a ver com o exercício do poder também, esse medo?

X. É evidente e, agora está mais difícil ainda, porque qualquer um que resolva ser Freinet sabe que está sendo a ovelha negra. Sabe que vai estar mais exposto à crítica.

É a mesma coisa, a gente quando quer inovar a gente enfrenta. Porque que você trabalha método natural, porque que trabalha cartilha? Qual é o fundamento psicológico da cartilha? Me prove que essa avaliação é a mais adequada para a criança. - Ah! não sei, porque todo mundo faz! Isso não é justificativa, na idade média todo mundo achava que a Terra era o centro do universo e Galileu achava o contrário. Quem estava certo? Todo mundo ou Galileu? É o que eu respondo, para depois analisar o método natural também, se é uma situação de curso. Numa conferência ou coisa assim, eu mostro isso: Por que você usa a letra pedagógica? Eu até desafio! Abram os cadernos, levante a mão quem no seu caderno de anotações, reconhecem a letra pedagógica. A minoria, todo mundo foi alfabetizado com

letra pedagógica e vocês são professores e continuam usando com as crianças. No caderno de vocês, vocês não usam. Então me justifica, porque a letra pedagógica? Para mostrar que até nisso existe um exercício arbitrário do poder. Com o projeto prefeitura acaba acontecendo a mesma coisa, como é o geral, todo mundo que está nela, tá numa boa. E a gente fica sobre pressão de estar em outra.

O pessoal falava assim prá mim: - A gente sabe que você não precisa, mas não é a realidade do seu grupo. Você sabe que vai ser interessante, Você não acha que será interessante também para o pessoal que trabalha com Freinet? Você sabe que as meninas não tem essa bagagem de leitura, tem que se fundamentar.

Tem que se fundamentar, não resta a menor dúvida, mas é diferente uma carga de 240 horas spo do cognitivo. Inclusive, ontem a gente fez uma reunião ótima, eu me senti produzindo muito. Era interessante como dava prá você abordar tanto via Piaget quanto via psicanálise, por exemplo. Dá para abordar os dois lados mas são duas visões complementares. E isso é uma coisa que ali não se admite. "Claro que Piaget fala do afetivo". Eu quero saber quantas linhas ele escreveu sobre o medo? Então não fala, ele próprio sabe disso. E não são, necessariamente, visões contraditórias, são complementares. Em algumas coisas são contraditórias e em outras são complementares.

A. Eu estava pensando na história do Freinet, nas brigas institucionais, nas brigas com o partido, etc. Dentro da preocupação de le de fazer um trabalho pedagógico político. Chegou um momento que o partido queria que o método Freinet fosse a bandeira da educação...

X. Então esta criança pequena aceita esta resposta. Alguns acreditam, outros não acreditam.

Este ano um aluninho meu disse: - Professora, tem criança dançando.

Eu disse, tem, qual é o problema?

- Mas é quaresma!

- E na quaresma não pode dançar?

- Não, não pode, vem o diabinho!

- Pois é, algumas pessoas acham que na quaresma não pode dançar que vem o diabo, Se você acha, você não dança. Agora, quem tá dançando não acha isso. Pronto ele não falou mais, ficou tranqüilo. Agora

, eu acho que não era o meu papel questionar a crença da família dele, como não era o meu papel impedir as outras crianças e também não era o meu papel dizer qual é a minha crença. Só que algumas crianças mais velhas, já iam perguntar a minha opinião. Se eu digo só o que eu acho, estou doutrinando, porque eu tenho que reconhecer o meu peso como influência na formação dessa criança. Se a criança pergunta diretamente, eu tenho que dizer o que eu acho e escolher pessoas importantes que pensam diferente de mim.

A mesma coisa acontece com o adolescente. Por exemplo: Eu votei no fulano, mas o diretor no beltrano, o outro professor no ciclano. Pegar pessoas importantes e atenuar (dissolver a minha votação, no caso).

A. O que é uma coisa super complicada.

X. Super, mas tem que estar atento prá isso. Não é que você não vai ter a sua posição política, mas você tem e manifesta na sua atuação, o que você não vai é manifestar no seu discruso. Isso é que é doutrinação, no meu modo de entender.

A. É interessante porque todos os professores Freinet, que eu tenho dados, via Europa, são todos ligados ao partico comunista. O pessoal é da esquerda....

X. Não necessariamente comunista, o Miterrant é socialista.

A. Sim, mas muitos são ligados ao socialismo também.

X. À esquerda! Sim, mas aí é aquela história, tá escrito, faz parte da pedagogia Freinet. Porque aí não é doutrinação, é doutrina, aliás, não é nem doutrina é caminho, é objetivo. A escola popular não existirá enquanto não houver a sociedade popular. Essa limitação, Freinet sabe que o objetivo é ter uma escola popular e que is só só vai ser possível quando se tiver a sociedade popular.

Se você luta por uma escola popular você tem que estar lutando por uma sociedade popular, Agora, com qual bandeira você vai lutar é poção sua. Lutar contra injustiça, lutar contra segregação? Isso faz parte, a meu ver da relação entre política e educação.

Agora isso não é doutrinação, porque eu não estou dizendo como lutar e o que é em todos os seus detalhes, a sociedade popular que eu imagino, que aí seria estar doutrinando.

Então é complicado, a pedagogia Freinet só deveria existir realmente numa sociedade popular. Enquanto isso ela só existe parcialmente, existe com limitações. O que permite pelo menos aquela idéia, eu sei, eu não preciso mudar tudo prá mudar uma parte, dá prá mudar. Acreditar numa certa autonomia das instituições, nas "brechas" do sistema, vamos chamar assim.

Eu não acho que mudando a escola, nem Freinet achava, se vai mudar a sociedade. Mas isso não justifica que não é na mudança da escola que você muda a sociedade, mas não mudar a sociedade, mudando a escola, não significa que você não faça nada na escola. Você pode fazer alguma coisa. Inclusive você vai formar pessoas que podem, através do seu caminho, ajudar na transformação da sociedade. Essa coisa do poder na área de educação pe terrível. Porque o sistema realmente sabe o poder da escola. Então vai ficar muito difícil, até • você chegar a ter estes tais desses especialistas. Eu não nego a necessidade de especialistas, mas não é porque ele é necessário,

que é superior. Porque o professor também é necessário. Então a gente tem que saber de onde vem isso na história, na história do Brasil, na questão da tecnologia, da produção em série, o modelo tecnológico dentro da educação, estava a serviço da ditadura. Só que a ditadura caiu, tá caindo, sei lá o que aconteceu, mas isso ainda está forte, né? Então vai precisar de alguns anos prá coisa mudar e não é só a cabeça da pessoa, é mudando a instituição. Enquanto não se muda a nível institucional...

Porque não mudou nem na faculdade de educação, quando forma os chamados especialistas e com absurdos tipo: você pode nunca ter passado por uma sala de aula e ser um orientador pedagógico, a nível da universidade, a nível da prática do estado é impossível, você não pode concorrer ao cargo.

Eu não acho que estas dificuldades que a gente enfrenta aí, a nível de estrutura de poder sejam exclusivas da pedagogia Freinet, de qualquer pessoa que queira fazer um trabalho diferente, Quem está na mesma idade não sofre nenhum tipo de pressão. Quem resolveu tirar as crianças de sala de aula, aí já vem confusão. Mexeu um pouco na estrutura.

Nesse sentido, o projeto da prefeitura, beneficiou a gente porque propõe uma sala de aula em "cantinhos", como eles chamam, que não é o nosso ateliê, mas as distribuição é a mesma. Propõe passeios. Então tudo aquilo que a gente fazia que ficava muito diferente, que chocava, agora já não. A própria prefeitura teve que providenciar os recursos. Então a gente aproveita estes recursos também. Comprou um micro-ônibus, já está fazendo pequenos passeios com as crianças. Então antes era difícilimo já ficou mais tranquilo.

Agora, essa arbitrariedade, de uma prefeitura exigir que as pessoas trabalhem com uma pedagogia, isso eu acho um absurdo. O boato, que corre, quem não quiser, vai ter que apresentar uma proposta muito bem fundamentada. Então que dêem 240 horas. Porque esta

proposta da prefeitura não foi feita pelos professores, foi trazida, importada. Isto que questiono. No papel o projeto da prefeitura está bem fundamentado, chame ao acaso qualquer professora que esteja praticando este projeto. Eu quero saber se ela sabe o que está fazendo. Não sabe, eu tenho certeza que não sabe.

A. E prá dar um curso hoje lá, tem espaço?

X. Mesmo quando eu tinha espaço, o curso tinha que ser prá todo mundo. Eu aceitava dar cursos nas seguintes condições: a prefeitura contrata outros cursos. Então quem quer fazer curso Freinet faz, quem não quer faz outra coisa, mas a estrutura da secretaria lá não permitia isso. E sendo assim, eu não dava curso, por não ser optativo. Posso dar uma conferência, curso não. Curso significa a pessoa estar disposta a se preparar prá enfrentar uma prática que ela já quer, que já elegeu. Agora, fora da estrutura da prefeitura é possível. A gente está até pensando. Houve solicitação do pessoal da escola normal.

A. Aí seria via CREM (Centro Regional da Escola Moderna)?

X. Sim, precisa viabilizar. A mudança tem que ser na base. Mas no Brasil é muito difícil ser só na base. Eu acho válido das cursos como esse prá supervisores. Não divulgar só prá professores. Se os supervisores se convencem, eles têm acesso aos professores para divulgação. Porque às vezes o supervisor não sabe o que propor para o professor.

A. Isso abre um pouco essa visão do supervisor ser uma coisa basicamente burocrática. Parte um pouco pro lado pedagógico.

X. Num curso que a gente deu um supervisor colocou de forma muito espontânea, agora dá vontade de largar toda essa papelada e assumir uma sala de aula, de preferência de alfabetização. Eu sei

que ele não vai fazer nada disso, inclusive por motivos financeiros. Mas ter dado vontade, eu acredito que ele deve estar procurando maneiras de fazer isso funcionar, dentro da supervisão dele. E é interessante, uma vez lá na escola em que trabalho, veio um superior que conhece alguma coisa. O tempo de visita dele foi maravilhoso, porque se ele não conhecesse não teria colocado que a professora trabalhava nos moldes da pedagogia Freinet, fez questão de registrar isso. Em um clima agradável.

Eu recebi uma vez, nesta escola, a visita de 4 supervisores, que foram ver o trabalho por curiosidade. Porque sabiam que trabalhávamos com pedagogia Freinet. Então eu comecei a explicar sobre autonomia da criança, dos objetivos. Aí elas falaram que dispensavam essas explicações porque estavam ali há 20 minutos conversando comigo e observaram que nenhuma criança interrompeu a conversa. Eles continuaram trabalhando como se não estivéssemos aqui. Eles não estão te solicitando. Então a aula não parou porque a professora está fazendo outra coisa. Isso não acontece na maioria das escolas, se o professor sai, acaba a aula. Então já entendemos o que é autonomia. Eu fiquei arrepiada, porque ela própria falou isso. Então eu acho que sempre tem gente interessada, a nível das outras instâncias.

Mesmo naquela palestra que eu dei, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Eu fiquei até constrangida, porque uma pessoa que estava na mesa, quando acabei de falar, ela virou-se para o público e falou: - "Olha! foi ótimo ela ter vindo porque pelo que a gente viu aqui, numa semana muito mais acadêmica, como é possível se fazer tudo que se discutiu aqui (a nível acadêmico) numa escola que não é da zona sul de São Paulo. Como quem diz, quem está pensando que para renovar a escola com toda uma fundamentação, tem que ter uma escola muito especial para fazer essa renovação, está muito enganado, porque olha aí, zona rural, uma escola toda

precária, etc. Mas ela não estava falando de estrutura material  
não, estava falando que a renovação da escola passava por outros  
caminhos que não necessariamente fundamentação teórica acadêmica.  
Não é que Freinet não tenha fundamentação, mas você pode ter toda  
uma fundamentação e não está propondo uma renovação da escola, ou  
então para renovar a escola precisa tanta coisa que é impossível re  
novar a escola pública. Essa questão também é séria.

#### Depoimento 4

A. Gostaria que você falasse da sua experiência com Freinet, na sua cidade.

X. Em primeiro lugar, para ser coerente com a minha história, eu me formei e passei a conhecer a pedagogia Freinet, quando eu era professor de didática da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP (SP). Foi quanto Launay, professor contratado pela USP, desenvolvia Freinet não só a nível universitário como também era responsável pela cadeira de língua e literatura francesa, isso por volta de 1975. Em segundo lugar, eu tinha um aluno chamado Joaquim que se interessou bastante, então convidei Launay para fazer uma exposição sobre a pedagogia Freinet e tivemos então a oportunidade de ouvi-lo, não só em 1975 em São Paulo como também em Santo André, onde eu também desenvolvia as minhas atividades de professor na Fundação Educacional de Santo André.

A partir daí comecei a me informar e estudar a pedagogia Freinet. Com a luta pela volta dos exilados em 1981 eu fui reintegrado como professor titular na UNESP. A partir de julho de 1981 comecei a desenvolver um curso sobre pedagogia Freinet em Marília (UNESP), foi quando eu apresentei uma proposta de trabalho, para justificar o meu tempo integral, propus a instalação de suas classes Freinet no sistema público municipal de Marília e uma classe no sistema público estadual. Tivemos então duas classes: a sala oficina 1, que correspondia a uma classe do ensino municipal num bairro operário e uma classe do ensino público estadual também num bairro operário de Marília.

Fiz um levantamento da situação do ensino público municipal e estadual de Marília em 1982 e em 1983 pela clarividência, pela visão democrática e larga do então delegado de ensino de Marília e

com o apoio do prefeito, pude ter uma classe municipal, cuja orientação era de uma companheira. Então, tivemos uma sala para instalar uma classe Freinet no ensino público municipal de Marília e outra sob a orientação de uma brilhante e interessante aluna que eu tive, 4º ano de pedagogia. Ela passou então a dirigir a classe no sistema público (1983), foi também uma luta para obtenção, mas isso é uma outra história.

Como obtive apoio, tanto a nível municipal como estadual para instalar estas duas classes Freinet.

O ensino municipal era pré-escola e a 1ª série era estadual, que ficou com a aluna. Então nós desenvolvemos a partir do "marco zero". Esta experiência se desenvolveu a partir da cooperação dos pais das crianças segundo os ideais e as técnicas Freinet. Mas duas coisas começaram a aparecer em termos de como a estrutura do poder de uma experiência inovadora. De um lado o Ensino Municipal, já a diretora não estava compreendendo esta experiência, porque nós recebíamos visitas, excursões de alunos de escolas Normais e no ensino Estadual, os chamados inspetores, responsáveis pelo desenvolvimento do projeto, questionavam muito a nossa orientação que fugia (em termos didáticos) ao sistema dominante. Em 1983 terminava o 1º ano de aplicação.

Aconteceram duas coisas; mudança da política municipal e um desentendimento com a nova delegacia de ensino. Então vi que não havia condições. Aposentei como professor titular da UNESP e encerramos a experiência que é relatada no documento, e que deverá ser publicado pela diretora do campus da UNESP. Com isso, ocorreu a minha transferência. Eu já era professor lá antes de ter reassumido como professor titular da UNESP. Eu fui convidado por um ex-aluno, agora colega, para desenvolver um projeto de curso de Arquitetura e Urbanismo entre as faculdades municipais desta cidade. Com a minha ida para Marília, fiquei dois anos e meio fora de lá, mas já tinha deixa-

do lá o início do projeto de criação de uma escola baseada em Freinet. Com a minha volta, veio a oportunidade de retomar o projeto de divulgação dos ideais da filosofia da pedagogia da Escola Moderna Freinet.

A primeira oportunidade foi uma figura, minha colega, coordenadora de administração Escolar, que passou a ser coordenadora de Educação Municipal deste município. Ela já conhecia meus trabalhos. Lida agora ao prefeito, que era do PMDB. Com a morte do prefeito, ele aceitou e dizia assim: - Vamos freinetizar o sistema municipal aqui?

Na época, nós temos um prefeito jovem, universitário que assume a prefeitura. Isso em 1983-84, ele era PMDB ex-PT. Eu passei a ser assessor da prefeitura para desenvolver projetos educacionais. Contato, eu apresentei duas coisas: criar uma escola Municipal baseada na proposta Freinet e paulatinamente, desenvolver as técnicas Freinet no sistema. A professora de Administração, ex-religiosa, muito progressista, passou a divulgar e convidar colegas de Campinas como a Ruth e outras para o desenvolvimento da pedagogia Freinet (no ano de 1984). Aí eu descobri uma coisa interessante que o governo federal tinha uma lei que permitia a obtenção de recursos para projetos inovadores, esta lei é de 1983, gestão da Sra Ester de Figueiredo Ferraz. Não sendo pessoa ideológica e afinável comigo, entretanto esta lei me permitiu apresentar a proposta e desenvolver um projeto arquitetônico, uma proposta pedagógica e paisagística para a criação de uma escola pública Freinet. O prefeito topou e o então secretário da Educação, rapaz muito querido e professor. Comecei a desenvolver esse projeto e simultaneamente nós começamos a participar de cursos de divulgação pedagógica e das técnicas educacionais da pedagogia Freinet, para apresentar ao Conselho Estadual de Educação, à Secretaria de Educação do Estado e ao MEC. Como é natural, toda inovação provoca re-

sistências. Então diziam que eu era uma figura em Moscou e que eu estava a elementos de esquerda. Essas idéias passaram a predomi - nar, mas paulatinamente, com a minha colaboração técnica, desen - volvemos um trabalho quanto à instalação de um estatuto do magis - tério municipal, que é uma idéia importante pois permitia à aque - les que estavam se aproximando da pedagogia Freinet verificar que realmente é uma pedagogia não só aberta com um pensamento diver - gente. Aí houve uma divisão, alguns já interessados começaram a estudar e posso-lhe dizer antecipadamente que era um grupo de 8 professoras que hoje são diretoras de escolas municipais, que não só assimilaram as técnicas Freinet como a teoria do conhecimento dialético que impregna toda a pedagogia Freinet. Esse era o qua - dro da nossa posição nesse município. Além de outra atividade que estávamos fazendo, ocorreu o seguinte: O Secretário de Educação foi substituído por um novo secretário, que me disse: - Eu estou tomando o bonde no meio do caminho, então eu vou estar de acordo com as suas propostas de desenvolvimento de uma escola experimen - tal e também para aqueles que optaram por Freinet. Fizemos reu - niões e debates e continuamos. No começo de 1986 este Secretário foi substituído por uma professora que teve o apoio de vários pro - fessores, inclusive um grupo da UNESP. Se dizia progressista e es - clarecida, mas ingenuidade minha, ela foi contra o projeto da es - cola Freinet e estava com uma nova proposta. Eu escrevi um artigo para o jornal da cidade que estavam modificando o projeto, quan - do era um projeto já com o apoio do MEC.

A. Qual foi o argumento que ela usou?

X. Dizendo que ela tinha uma nova proposta. Nós tivemos uma situa - ção muito desagradável. Numa reunião a equipe assessora da no - va secretária era contra Freinet, alegando a questão da tradição. Aí ocorreu uma divisão, as 6 diretoras novas que se identificavam

com Freinet, passaram a desenvolver as técnicas nas suas escolas, mas combatendo o poder municipal dominante. Com esse artigo que escrevi mostrei que a nova secretária pretendia transferir as verbas federais para uma escola comum. Em final de 1986, pedi demissão como assessor e aguardei os acontecimentos. Em 1987 a universidade municipal deste município é encampada pelo governo do Estado, e o meu departamento de Educação, que faz parte da nova unidade da faculdade aprova a retomada do projeto de criação de uma escola nova baseada em Freinet e que tem implicações arquitetônicas e paisagísticas muito interessantes e ocorre que com essa aprovação abre-se uma perspectiva da UNESP apoiar e eu também já entrei em contato com o MEC para conseguir a retomada.

Conclusões gerais: foram aceitas numerosas técnicas que eles não conheciam e há um núcleo de funcionamento no município e a pedagogia Freinet é a mais indicada para o ensino público porque é uma pedagogia libertária para a economia e escassez. De maneira que vê as alternativas educacionais para países do terceiro mundo a proposta Freinet representa duas dimensões importantes, ela atende economicamente e operacionalmente às características da criança, da escola e da pobreza e em segundo lugar, ela desenvolve a autonomia e a independência democrática, porque é um movimento cooperativo ou participativo onde todo o autoritarismo é eliminado. A assembléia de classe e da escola. A maneira com que se estabelece uma nova prática de comunicação, que a criança projeta sua fala escrita com desenho a duas dimensões e a sua fala oral são dois discursos que são esquecidos na escola tradicional e a classe Freinet abre para que a criança se expanda e se desenvolva e principalmente a criança operária não tem o esforço de inibição de decifrar o código do adulto. Realmente incomoda e inquieta, o adulto que tem que decifrar a linguagem da criança, que tem que compreendê-la e portanto respeitar a sua dignidade e a sua personali

dade.

A. Como você sentiu, por parte dos professores, a entrada da pedagogia Freinet neste município, na época?

X. Inicialmente, o que é curioso, foi aceita pelo poder municipal e naquela ocasião a assessora é hoje uma militante do projeto Freinet. A aceitação de técnicas pela simplicidade e economia.

A. Sim, mas o que eu quero saber, é a reação dos professores. Porque isso pode cair no erro de ser uma imposição de cima para baixo, como ocorre com outras propostas.

X. A maioria do magistério é resistente às inovações, principalmente o magistério da escola primária, falta uma visão e conscientização política. Isso é um fato histórico no Brasil. Neste município especificamente ocorreu esse fenômeno, com a morte prematura do prefeito, que era de esquerda, assumiu a prefeitura (mandat de 6 anos) um jovem professor universitário esclarecido que veio a me decepcionar já no final do seu mandato, quando ele aderiu à proposta daquela secretária.

Outra coisa interessante é a seguinte. a participação do nosso grupo na elaboração do novo estatuto do magistério representou uma renovação democrática, que foi instalada pela primeira vez uma carreira docente aqui. Com participantes do grupo Freinet, permitiu a criação de uma carreira que não existe nem no ensino público estadual. Uma carreira que se define por módulos de 5 anos, depois de 3 módulos e portanto depois de 5 anos ela se bifurca, aquelas professoras que querem permanecer na sala de aula, e tem acréscimos quinquênnais e aumento das horas de permanência, elas continuam e concluem com tempo integral. Quatro horas na sala e 4 na escola. Mas aos 15 anos, a 2ª bifurcação, e a coordenadoria de

áreas através de concurso, ela deixa a sala de aula e passa a coordenar as várias áreas (comunicação e expressão, ciências, matemática, artes e deficientes).

Este tipo de conquista se deve à participação dos que pensam numa política democrática educacional.

O secretário da educação da cidade de São Paulo é um homem com toda a tradição militarista.

Um estatuto municipal é um instrumento básico. Aí é que eu vejo que esta com a proposta Freinet, com um projeto arquitetônico e paisagístico representaria a primeira matriz de um futuro centro de pesquisa educacional e de formação de professores. Porque as nossas escolas Normais estão degradadas e sem condições de formar professores para uma escola nova.

## Depoimento 5

X. Me formei em 73, estive alguns períodos parada, mas normalmente sempre trabalhando e há quase 5 anos atrás, já na prefeitura, dando aula, mas eu já estava tentando achar alguma coisa que renovasse. Aí entraram duas colegas que trabalhavam Freinet e, naquela época, por coincidência, todas estávamos em escolas rurais. Então o sistema era reunião de avaliação uma vez por mês por escola, mas como as escolas rurais são pequenas, então a reunião era de todas as escolas rurais. Foi aí que começou o contato, e cada uma começou a colocar os seus problemas, e com o enfoque dado por uma das colegas e pelas outras também, a coisa tomou um rumo diferente. Não só eu, como muitas pessoas se interessaram e o grupo Freinet começou nas rurais a partir dessas reuniões.

A. O que mais te impressionou na proposta a princípio?

X. Foi o respeito pela criança. Eu estava querendo mudar porque estava achando que não estava legal e me chamou a atenção o quando as crianças são respeitadas. Prá mim, aquelas reuniões foram um verdadeiro curso que as próprias orientadoras não tinham conhecimento. Então uma colega fazia papel de professora e orientadora, ficou um ambiente bom.

A. Nessa época você estava com que turma?

X. Normalmente as rurais são classes mistas. Eram de 35 a 37 crianças de 3 a 6 anos. Sem contar com os menores de 3 e os que têm alguma deficiência (de 7 ou de 8 anos) que também vêm para a escola. São classes cheias e de nível sócio-econômico carente. Eu percebi que nas escolas rurais a coisa caminharia. Elas viram que tinha um grupo interessado e prepararam um curso nas férias de julho. Só que infelizmente o pessoal da rede foi pouquíssimo, nós, profes

sores das rurais, fomos em maior número.

A. Quando você começou a trabalhar Freinet na sala de aula, como era o esquema?

K. Foi esquema de ateliê, de roda e naquela época era relativamente fácil porque não tinha outra classe à tarde, não tinha diretora e eu era a professora responsável. Eu tinha então, autonomia total. No ano anterior eu já queria mudar, mas a outra professora não topou.

. Nesse primeiro momento teve alguma interferência da coordenadora ou orientadora?

. Ah! Sim. Na época em que o grupo começou a coordenadora deu muita abertura. As orientadoras não conheciam nada de Freinet, então nem tinham o que falar. Esse grupo não tinha um apoio muito grande, mas também não tinha "pegação de pé", o pessoal confiava no grupo. Depois foram havendo problemas políticos e começaram a colocar impecilhos. Só mudaria de pedagoga quem estivesse muito seguro no trabalho. Tanto que o grupo não aumentou muito.

. Você sentiu pressão da diretora ou dos próprios colegas?

. Eu fiquei na rural dois anos e lá você é responsável. Tem uma merendeira e uma servente. Aliás, lá eu encontrei problemas, porque nessa escola tinha a classe de pré e a de 1º grau. A classe de 1º grau não é só da prefeitura, é um convênio estado e prefeitura. A escola começou com a classe de 1º grau só depois de muito tempo que fizeram a pré-escola. A professora desta classe se sentiu ameaçada. Ela era uma pessoa de idade, rigorosa, tradicional e militarista. Comecei então a enfrentar problemas, eu estava no começo e foi bastante difícil.

A. Que tipo de problema ela colocava?

K. Para ela, minha classe era uma bagunça e a molecada só brincava.

Aí começou o problema, mas quando viemos para cá a gente já esperava problemas então procuramos não ficar sozinhas. O ano passado estávamos eu e mais uma professora em uma mesma escola. Este ano estamos em três de manhã, então praticamente no período da manhã o trabalho é todo Freinet, o que nos dá mais respaldo. Mesmo assim, encontramos problemas com a diretora achando que tem desperdício de material e a classe está suja.

. A verba da prefeitura é muito pequena, como conseguiu material?

. A gente aproveita o que tem na escola e o que não tem a gente leva. Agora, o grupo Freinet foi conquistando espaço junto a prefeitura daqui. Tem até uma certa fama de grupo "ferroso" "fanático" mas não interessa. É um grupo muito sério, não é grande mas quem participa dele está a fim de trabalhar. Estamos agora fazendo duas reuniões por mês, fora do horário de trabalho: uma de avaliação e uma de estudo. Se alguém tem algum problema fazemos reuniões extraordinárias onde todos participam.

O diretor exerceu algum tipo de controle?

Ele estava muito perdido, já não tinha muito controle sobre a escola e haviam duas classes Freinet. Tivemos, porém, alguns problemas. Numa reunião foram colocadas coisas para impedir nosso trabalho. Ficamos arrasados, mas não deixamos passar justificando nossa atitude.

Como é que você fez para conciliar a proposta Freinet com a existente na prefeitura?

Existe um conteúdo programático, a gente sempre coloca para as

orientadoras que não seguimos este programa ao pé-da-letra, mas que no final do período o nosso programa bate com o estipulado pelas orientadoras, Isso foi fácil mostrar, porque é visível.

O fato de, duas colegas que trabalham Freinet terem prática e um bom conhecimento e pelo fato de ter se solidificado estudando e trocando experiências, é respeitado, porém também pixado por alguns, inclusive pelas orientadoras e colegas.

A. Que tipo de argumentos são usados para pixar o trabalho? Que a classe é bagunçada, suja e indisciplinada?

X. Sim. Com a abertura da coordenadora da prefeitura, como não tinha uma pedagogia adotada, muita gente resolveu trabalhar com atividade diversificada e cantinhos e, como alguns começaram a se acomodar, o pessoal de cima chegou a conclusão que deveriam adotar o programa de educação pré-escolar.

A. Como é que está ficando o trabalho de você frente ao programa?

X. Obrigatoriamente todo mundo deve seguir este programa, mas o grupo Freinet foi respeitado. Nós vamos participar das reuniões do programa, mas não deram espaço pra fazermos a reunião Freinet num horário razoável. O pessoal que vai participar do programa da prefeitura vai suspender as aulas, o que nos dá um espaço pra perdirmos nossas reuniões num horário normal.

A. Fale mais sobre as dificuldades institucionais que o grupo Freinet está enfrentando.

X. Tudo que a gente consegue é com luta. O nosso espaço é pequeno mas é nosso, tanto que não tiveram coragem de tirar a gente dali. Eles não podem dizer que todos que trabalham aqui seguem o programa da prefeitura. Tem muita gente sabendo que em Paulínia tem um grupo Freinet. O grupo já é bem conhecido e ninguém perce-

beu a propaganda que este grupo poderia fazer. A gente sente, quando vai um outro professor na sala, a molecada explica tudo que tem que ser feito. Eles levam o professor substituti, o que é muito interessante.

A. Você sentiu alguma reação dos pais das crianças em estar trabalhando com um método diferente?

X. A pré-escola daqui normalmente não alfabetiza, então o pessoal já está acostumado. Nas reuniões a gente explica aos pais como é o trabalho. Aas crianças começam a levar, por exemplo, receita de bolo que fizeram em classe, para casa. Eles vêm como se dá o trabalho na prática e eu nunca tive grandes problemas.

A. Existe autonomia do professor em sala de aula?

X. Às custas de suor e sangue.

A. Como é que você tem sentido o pessoal que está trabalhando a proposta da prefeitura?

X. Na nossa escola, de manhã, são 4 classes das quais 3 são Freinet, então o trabalho está relativamente calmo. Em geral, o pessoal está sentindo dificuldades. Durante o curso da prefeitura o pessoal que estava em dúvida, na hora da orientação, já viu. O secretário fez questão de anotar nome por nome de quem trabalha outra pedagogia.

A. Você está com quantas crianças e qual é a idade?

X. Crianças de nível 2 (de 4 a 5 anos). Estava com 28 crianças, mas nosso bairro tem uma rotatividade muito grande. No ano passado com o pré cheguei a 35 crianças.

A. Você vai continuar nessa escola?

X. Tem um remanejamento, todo ano tem escala de pontos e a escolha, quem está primeiro vai escolhendo. Normalmente, antes da escolha das classes a gente, do grupo Freinet se reúne pra não ficarmos sozinhas nas escolas. A proposta da prefeitura tem deixado as pessoas perdidas muita gente já veio me falar que não sabe porque não pra Freinet, talvez isso faça as pessoas mexerem mais a cabeça. Agora que estão sendo obrigados a fazer alguma coisa vão pensar naquilo que poderiam ter escolhido, o que é um ponto favorável.

A. Você ia me falar um pouco da sua sala.

X. Hoje o trabalho compensa. No ano passado eu estava trabalhando com o pré, 35 alunos frequentando. As classes de pré são com carteiras individuais e eu arrastei carteira o ano inteiro, mas compensou. A molecada progrediu, produziu. Eu fazia todos os ateliês com todo o material à vista. A professora da tarde fazia com que as crianças ignorassem o espaço e colocava uma carteira atrás da outra. Deve ter sido horrível para ela, segurar aquelas crianças. A gente vai progredindo, construindo estantes com caixotes, arrumando espaço. A professora da tarde que segue a proposta da prefeitura está usando agora esse material.

O trabalho com a pedagogia Freinet é empolgante. A visão sobre a minha profissão melhorou muito e o nosso grupo leva isso como filosofia de vida.

## Depoimento 6

A. Eu queria que você contasse como foi seu 1º contato com Freinet?

X. Durante a crise da escola particular que eu trabalhava, a gente tinha decidido abrir uma escola e estávamos procurando escrever uma proposta. Aí em casa eu tinha um livro da Escola do Povo e comecei a ler e vi que tinha tudo a ver com o que a gente queria. Conversei com uma amiga e ela disse que era ótimo. Fui em frente, mas na época eu não sabia que havia Freinet traduzido em português. Consegui que viesse da França o nascimento do Pedagogia Popular e os três volumes do Método Natural. Na escola Curumim começamos a ler, até que descobri que tinha traduzido para o português. Num contato com um pessoal de São Paulo, marcaram uma conversa mas eu nem participei. Depois eu soube, embora não tivesse ficado claro, que existia um movimento Freinet organizado em São Paulo. Depois de um tempão, o pessoal da Curumim, que estava na UNICAMP, viu um anúncio de um estágio em Blumenau. Não havia mais tempo para a gente ir então liguei, me apresentei e perguntei se eles iam ficar no Brasil e se havia possibilidade de ter algum contato com eles. A pessoa com quem falei me deu o telefone da Maria Inês. Aí fomos a São Paulo e a Maria Inês tinha organizado uma reunião com Roger Uebersclag e Joseph e conheci o pessoal de São Paulo. Nessa conversa com eles, se marcou uma próxima e a gente ficou se reunindo uma vez por mês para troca de experiência. Aí eu fui saber que eles já tinham uma história e que eram associados a FIMEM. Nessa época eu não tinha acesso ao L'Educatuer, então não sabia direito dessa estrutura educativa do movimento Freinet. Aí fizemos uma reunião aqui em Campinas ao final de 1980. A Idail colocou slides e o relato das experiências dela no Estado.

A Raquel (professora da Curumim na época) estava terminando pedagogia e fazendo um estágio na classe da Idail. Foi super interessante, ela propôs um estágio participante. A Raquel se empenhou e fizeram um relato muito bonito. Outras pessoas do grupo, inclusive o marido da Idail que trabalhava no colégio de aplicação da USP, já tinha dito a ela para ler Freinet. Ela nunca se animava e pegou uma classe barra pesada, a partir daí começou a ler Freinet e mudou a atitude dela em sala. E, 1981 veio a notícia de outro estágio em Blumenau, e fomos. Com esse estágio, com a assinatura das revistas, etc, passamos a entender mais as coisas do movimento Freinet a nível internacional.

A. Nesse estágio a maior parte das pessoas era do sul?

X. Quase a totalidade, tinha um pessoal da Bahia, Pernambuco e de São Paulo (3 de Campinas e 3 de São Paulo), foi quando nós conhecemos o Penteado. Durante algum tempo a gente ficou na tentativa de organização do movimento em São Paulo, mas havia idéias muito divergentes e acabou "degringolando" por lá. Quando a gente resolveu tomar uma medida para dar um impulso, essa medida foi boicotada então parou aí. Um pouco depois disso eu saí da Curumim e fui trabalhar com uma colega em uma escola da prefeitura daqui. Com a minha saída eu decidi que ia ter um caminho independente, nesse caminho juntou um monte de coincidências. Em 1982 eu ainda não trabalhava com essa colega, era só conversa. Quando em 83 ela resolveu montar uma classe Freinet, eu a ajudei. Foi todo o ano de 83 e ao mesmo tempo estava se criando na UNICAMP o projeto "Criança e Meio Ambiente", soubemos que falava-se em Freinet e que a coordenadora procurava uma pessoa que soubesse do seu trabalho. Eu me apresentei e me engajei no projeto, que era muito bonito e muito rico, envolvendo vários departamentos (Antropologia, Sociologia, Pedagogia e Multimeios) e a proposta era Freinet. Estava se crian-

do projeto e o objetivo era mostrar a possibilidade de criar salas de aula de bom nível de qualidade em locais alternativos. Não precisava ser dentro da estrutura escolar. Foi implantado no Jardim Paranapanema, mas uma série de impecilhos, e este era um bairro complicado politicamente. Foi impossível manter o projeto lá. Eu fiquei um ano no projeto porque ia ser paga pela verba que o projeto conseguiria em entidades financiadoras. A verba acabou não saindo e eu não fui contratada. O pessoal também decidiu que ia tentar levar o projeto para as escolas. A intenção era trabalhar com professoras formadas, embora a pessoa responsável pelo projeto tivesse no México trabalhado com mães também. A nossa realidade era muito diferente. O trabalho com mães seria de mãe mesmo. A mãe se envolveria no projeto porque fazia parte dele. O contato com a família, a cultura, as festas da comunidade faziam parte do currículo das crianças. Era proposta do projeto discutir com os familiares o conceito de Educação e de criança. Daí a importância de ter antropólogos trabalhando. A coordenadora do projeto conseguiu que a direção do Mobral e pré-escola mandasse para o Paranapanema o pessoal que tivesse o 2º grau do magistério. Aí parou o projeto, e era uma comunidade muito complicada. Já havia no ano anterior um projeto que atendia as crianças maiores e, terminou. Essas crianças ficaram sem pai e sem mãe, com muito ciúmes dos pequenos. Que parece que era uma pessoa ótima que tocava. Essas crianças maiores acabavam interferindo muito no trabalho da pré-escola e a gente sentindo que era ciúme.

Quer dizer, 1983, eu fiquei com 2 trabalhos voluntários. Em Paranapanema, que eu ia todo dia, a minha atuação foi tão cheia de altos e baixos que eu nem cheguei a fazer o que era pra fazer no projeto. No projeto era a formação do pessoal em serviço para este tipo de proposta, eu seria uma espécie de coordenadora pedagógica, mas eu

atuaria em sala de aula junto com as professoras. Por falta de pagamento, de material, de tudo, ocorria que muitas vezes eu tinha que substituir professora. Cheguei a ficar com 50 crianças de uma vez. Poucas vezes eu fui numa sala para ficar junto com a professora, ou então eu estava fazendo isso a gurizada maior invadia, começava a depredar, eu tinha que sair prá resolver.

Muita confusão política, de igreja católica, protestante. Teve uma época de uma das salas de aula era da igreja, ela fechou com cadeado.

Esses tipos de professores tumultuou muito e daí a decisão de não continuar, por não ter condições, embora a estrutura material fosse razoável, dias sakas de bom tamanho, piso de cimento, janelas boas e mais um salão de igreja que era enorme e mais um quartinho pro material. Mas muito roubo de material, esse tipo de coisa acontecia.

A intenção inicial era: se envolvesse os pais, melhorar as salas, como pintar, colocar mais lâmpadas, mas o MOBREAL não mandava material suficiente. Se a gente estivesse lá levando sucatas e pepelce computador durante muito tempo não teria nada nas salas.

Depois a professora paga pela prefeitura era lotada numa escola, prá onde ela voltou e se formou um grupo que trabalhou mais um ano no projeto, mas eu não acompanhei.

A. E o outro trabalho?

X. Eu ia duas vezes por semana, a gente conversava, via material e nesses dois dias eu trabalhava com ela. Foi muito bom.

A. Daí você começou na prefeitura?

X. No fim de 83, me formei, prestei concurso em outro município e comecei a trabalhar lá. A outra colega estava fazendo um proje

to pra 84, pegou mais uma classe. A gente continuou conversando muito, mas eu não ia mais na sala com ela.

O Secretário de Educação de onde esta colega trabalhava, na época, pediu prá ela escrever um projeto pra ampliar a experiência dela pra outras salas de aula. A gente ponderou que não devia ser um projeto que a prefeitura implantasse. Fizemos um pré-projeto onde a primeira iniciativa seria a gente ter um espaço pra expor o trabalho dela e se alguém quisesse trabalhar de uma forma semelhante, se engajaria no projeto e a gente se proporia a dar um curso e reuniões.

Esse projeto foi engavetado, porque o secretário disse que quanto à ela tudo bem, mas ele não teria como me pagar. Aí em 84, no concurso deste município, dei azar de passar em primeiro lugar e chove mal-olhado. Aí a idéia era entrar pra trabalhar no projeto, que aí se desfaria esse motivo ridículo, do pagamento. Mas a assessoria pedagógica deve ter entendido de uma maneira muito errada, porque circulou na prefeitura deste município que a colega estava querendo passar para a assessoria pedagógica e eu que nem tinha entrado já estava querendo ser "AP". Não entenderam nada em nenhum momento a gente reivindicava mudança de quadro. A gente ia ser professora sem sala de aula. A gente ia assessorar quem aderisse ao projeto. Durante um período, até as pessoas dispensarem a presença da gente. E então teria um grupo de reuniões e voltaríamos prá sala de aula. Nessa época a gente chegou a fazer um ciclo de palestras. Agora prá você ver como são as coisas, na primeira reunião, logo depois do concurso foram cerca de 50 pessoas e na segunda foram 10. A gente percebeu que tinha havido interferência, buchichos e uma série de boicotes. O pessoal ligou pra minha escola pra saber qual o meu horário de trabalho.

O pessoal disse de 08 às 12, só que na escola que eu trabalhava era das 07 às 11 e aí mandaram, corria buchicho que eu tinha falsifica

o documentos. Aí mandaram ir pra comissão de acúmulos de cargos, tive que ir para São Paulo, chegando lá não era nada, não tem nenhuma escola do estado. Eu fui cedo e a primeira pessoa a ser atendida e o pessoal muito delicado disseram que não ia sair nada no ârio oficial: - se você quiser sai que esteve em consulta, mas não é o caso. Perguntei informalmente, que se fosse o caso de ser a escolã do estado e não municipal, se o estado autorizaria o âmulo. Disseram que o estado não tem essa rigidez do tempo de loção, eles pedem o mapa, a situação das duas escolas pra ver se possível. Sô que este município foi tão intransigente, então eu ei posse, escolhi classe próxima a outra que eu trabalhava e, pe pra ver se conseguia amarrar as coisas na prefeitura, porque es exigia duas horas de intervalo. Um absurdo porque as distências escolas era menor do que entre duas escolas dentro do mesmo mupio. Aí chegamos à conclusão de que "pros amigos tudo, pros inis a lei" e me deram a tal lei di "carro de boi", que eu consefazer o trajeto em duas horas, de ônibus meia hora. Pra revero processo todo, se eu quisesse ficar aqui, eu seguramente teque contratar um advogado porque era uma lei municipal. eguei a sala no outro município. Ia ser assim, uma sala mal insta com 30 e poucas crianças de 3 a 6 anos, pra esse número 2 essoras em cada período e as crianças ficavam o dia inteiro na a. Aí eu reuni p pessoal que ia trabalhar junto e resolvi dicomo é que eu ia trabalhar, que era a única forma de eu trabado jeito que queria. O pessoal topou, achou interessante a disção da sala e, depois dessa conversa a gente foi arrumar a sa minha proposta até com colega que ia trabalhar de manhã era trabalhássemos juntas. Aí ela nunca tinha trabalhado junto com pesoa e a gente achou melhor dividir o grupo, mas pelo me nha essa vantagem, como era uma sala sô pra duas turmas a fez rodízio. Enquanto uma estava lá fora a outra estava na

sala e depois trocava. Então a sala já ficou organizada em ateliês. Só que a professora da tarde ficava com a minha turma, durante o ano inteiro trabalhou da forma mais tradicional possível. Fora isso enfrentar confrontos com orientador, etc. De repente a gente percebeu que tínhamos a simpatia da coordenadora da prefeitura que apoiava bastante o nosso trabalho. Mas foi um trabalho lento, de conquista, tinha que fazer como mandava o figurino, até que não foi muito difícil. Até o fim do ano a gente já tinha conquistado por direito de não trabalhar com mimiôgrafo, aliás eu nunca trabalhei, só que no primeiro semestre eu ficava morrendo de medo que ela viesse cobrar isso, que já era uma mais aberta, não era folhinha pra pintar, era de coordenação motora, de formas, de conceitos e eu achava que nem isso era necessário. Foi bom pra mostrar como você passa tudo aquilo que elas queriam atingir com as folhinhas de outra maneira, em outras atividades, com outros materiais. Houve uma con fusão meio institucional que era que embora eu ficasse com as crianças de 5 e 6 anos eu era oficialmente a professora do nível 3 (5 anos). Isso era pra ficar só no papel, eu fazia a caderneta das crianças de 5 anos e as professoras do nível 1 e 2, assumiram bastante isso, elas se sentiam responsáveis pelas crianças de 3 a 4 anos. Só que a minha colega que trabalhava à tarde era oficialmente responsável pelo nível 4, e ela trabalhava diferente, ela só as sumia as nível 4. No ano seguinte (1985) essa colega saiu e entrou uma colega do trabalho Freinet e a gente escolheu a mesma escola. Aí fechou completamente, era tudo Freinet e à tarde a gente até trabalhava juntas na classe.

Em 1986 diminuí o número de crianças e ficou uma professora por período. Aí a gente já tinha dado um curso lá. Então outras pessoas aderiram, começaram a trabalhar cada uma na sua escola e a gente já tinha um grupo. O grupinho da minha escola aumentou pra umas 12 pessoas, começamos a fazer reuniões mensais fora do horá-

rio e em 86 a gente tinha duas reuniões. Aí a gente conseguiu até fazer o planejamento separado e com a coordenadora tínhamos o total apoio. A coordenadora sempre dizia que se preocupava muito com as crianças "período integral" porque ficavam 8 horas sendo comandadas. Desde que ela entrou na prefeitura, ela sempre quis que as professoras, principalmente as do período integral, tivesse um outro tipo de postura com as crianças. Agora isso mudou, se tem clas se tem classes só de crianças de período integral.

Antes, de manhã, as crianças ficavam nas "classes de nível" e à tarde juntava todas as crianças de período integral numa só classe. Era muito sofrido para a criança. Além dela ter que agüentar 2 adultos num só dia, tinha também que agüentar 2 grupos. Eu por exemplo, metade da minha classe era de meio período e metade era de integral. Uma confusão total, os do integral faziam um grupo à parte, faziam panelinhas. A discriminação era feita pelos do integral, que se sentiam donos da escola.

A gente trabalhou bastante prá que houvesse sala só de integral, que só mudasse a professora.

A. O primeiro curso foi em 86?

X. Sim, a gente deu o curso em 86 e outro em 87.

A. Quando foi o contato com São José, Angatuba?

X. Tem uma outra história paralela, as saídas para o movimento de divulgação que até aconteceu meio por acaso e por contatos. Eu acho que o primeiro trabalho de ir pra outro município falar, foi em Americana. Quando eu estava na Curumim eu fiz um curso de iniciação à matemática e usei um livro de "construa seu material" que acabei deixando na Curumim. Quando eu fui na UNICAMP procurar comprar de novo e fiz contato com uma pessoa que tinha participado do projeto e fizemos um bom contato. Ela que trabalhava na delegacia

de Ensino de Americana, me convidou para ir lá conversar com professoras da pré-escola e acabei participando de 4 reuniões organizadas pela delegacia. Fizemos uma espécie de mini-curso, com oficinas, com relatos de experiência. Foi muito interessante. Foi a primeira divulgação a nível de trabalhar com professoras. Fui dar um curso em Cambé, que era o suporte pedagógico do projeto e teve um espaço e num outro dia fiz um relato de experiência de 4a. série.

Em Cambé, tinha gente ligada à secretaria do Estado que encaminhou o meu nome para um seminário de Educação e Política. Aí já eram 1000 pessoas (em Londrina) e não deu mais pra segurar. Dessa palestra, surgiu um curso, e o pessoal do Paraná começou a pedir curso. Aí em 85 surgiu o primeiro curso em Curitiba junto com a Cleuza junto ao SETEPAR. No ano seguinte em Paranaguá com a Cleuza e em Castro com a Ana, depois em Maringá e Mandaguari, onde já fomos duas vezes.

Então começou a bola de neve. Ah! Tem Bauru, que foi em 84, fui uma vez com a Cleuza, outra vez sozinha, elas chegaram a organizar salas de aula. Depois fui pela Faculdade de Educação (que é particular). Agora, em Bauru eu realmente não sei o que aconteceu.

A. Segundo o Penteado foi problema político.

X. Sim aí é questão da autonomia do professor e das coisas estão rolando via prefeitura.

A. Mas aí como é que ficam os outros que estão rolando via prefeitura?

X. Aí é uma história da gente de aprendizagem da gente está alertando as pessoas pra isso. Daí a necessidade do CREM está organizado. Por que se a gente perde o apoio institucional prefeitura, tem que ter o apoio CREM, tem que ter um vínculo. Agora se a

pessoa já é descolada e fanática por uma opção super consciente , não perde, vai à luta. Agora, se pessoa começando, fica difícil. O CREM tem que se estruturar. A gente percebe que tem pessoas que nunca vão deixar essa opção, até porque quando você chega, você não muda a cabeça de ninguém, você conquista pra pedagogia Freinet quem já estava conquistado, não pra pedagogia Freinet, porque elas não conheciam, mas pra um caminho que já estava delineado na cabeça da pessoa. Você não convence ninguém, a pessoa já está convencida. Mesmo pra essas, é fundamental a presença de um grupo porque as dificuldades institucionais e até de sala de aula são muito grandes. Fatura entrou em contato com a UNESP, porque ela tem um projeto de educação popular, e consultarm se conheciam alguém, que pudesse ir lá falar Freinet.

A. Mas esse projeto da UNESP era Freinet?

X. Não, eles ficaram sabendo de Freinet via Sueli Masile que é minha coordenadora da UNIMEP. Aí ela deu o meu nome, mas nessa data eu já tinha outra palestra. Aí a gente estava dando um curso e a Ana se preparou para ir sozinha.

Dentro do nosso grupo o movimento que a gente fez foi o seguinte... Porque é meio barra você assumir um curso, o contato é muito intenso e, fora do seu município, não é como um curso na faculdade que você tem o semestre inteiro, que se você der uma mancada você tem tempo pra se avaliar. Mas um curso de 40 horas numa semana você não tem esse tempo. Então é uma coisa que exige muito, é muito desgastante. Então a gente assumiu a postura de começar juntas, depois uma pessoa lidera atividades de ateliês, de debate de discussão, a abordagem teórica. Assim que a gente fez em Paulínia: Aí a Ana foi sozinha em setembro.

O primeiro curso que a gente deu não estava nem engrenada nesta escola, com o pessoal do DA da PUCC.

Quem fez esse curso, porque ele foi reconhecido, tinha uma supervisora e ela ficou apaixonada pelo curso. Ela praticamente fez o curso e chegou a levar colegas dela. E depois ela pediu esse curso para diretores, supervisores e professores do Estado. Quer dizer manteve a referência, o contato a partir daquele curso em 84. Depois Curitiba - PR, junho de 84, junho de 85, Bauru (setembro de 85), Angatuba (começo de 86), mas Angatuba já tinha contato com Lucinha (SP), aí pediram pra ela indicar alguém de pré-escola e ela me indicou e eu fui.

A. Angatuba é na prefeitura?

X. Sim e lá aconteceu uma coisa interessante, a pessoa que indicou Freinet era um assessor político da prefeitura que era físico e não exercia a profissão, mas se formou em física, na época do núcleo Freinet da FEUSP, então ele conhecia, ele foi da época do nascimento do Movimento Freinet na USP, que foi quando veio o Launay, então ele tinha boas referências. até algumas interpretações de Freinet que eu discordo, ele também discordava. Ele achava que não era tão próximo de Rousseau assim, etc.

Então ele indicou, primeiramente a Lucinha, depois eu e foi em frente. E lá em Bauru também tem uns "cruzamentos" interessantes, o secretário de saúde de Bauru, numa reunião boa que a gente fez em São Paulo, ele foi e até propôs que a gente fizesse uma tradução brasileira de "A Saúde Mental da Criança" (Freinet), disse animadamente que a gente faria o lançamento desse livro, que divulgaria para a área médica também.

## Depoimento 7

X. O meu contato com a pedagogia Freinet eu não me lembro exatamente a data, mas foi no início dos anos 70. Havia um pessoal na linguística que trouxe um francês chamado Michel Launay e tinha toda uma badalação em torno de um nome francês que vivia na UNICAMP e a discussão que fazia era em torno de Rousseau.

Eu não estava absolutamente interessada em Rousseau, mas quase que intuitivamente eu queria saber que abordagem ele fazia. Bom, nesse bojo, eu conheci uma moça de São Paulo, cujo nome não me lembro que é do movimento Freinet uma delas, tem uma tese Freinet, então aí numa coincidência da gente fazer um trabalho juntas em São Paulo a gente conversou mais e ela me passou um livro. Eu me identifiquei com a proposta porque era estruturada, contrariamente ao Paulo Freire, que eu lia, e não conseguia encontrar meios de viabilização do método Paulo Freire, a medida que ele parte de pressupostos e de uma ideologia do tipo popular, mas ele não tinha uma proposta concreta.

O que eu queria era uma proposta concreta, estava insatisfeita com o rumo da minha vida. Eu estava terminando o curso de graduação em linguística e aí, sem perspectiva nenhuma de trabalho. Aí se abriu a possibilidade de um mestrado na teoria literária, a UNICAMP abriu um curso, e eu acabei indo para esse curso, e eu me desviei de novo, né? Fiquei 4 anos nesse curso, fiz tese, não tinha nada a ver com Freinet. Fiz uma tese em literatura brasileira, e nesse interim, eu comecei a dar aula de teoria literária em Bragança, numa fundação Municipal. Dava aula, tinha uma militância política, ainda não partidária, mas no movimento popular, com pessoal de favela, onde um dos temas centrais era a nossa atitude com pessoal de favela, no sentido em que a gente levava coisas prontas para os favelados. Nesse sentido não havia resposta, a gente não conseguia em-

polgar, por outro lado, na minha atividade profissional em Bragança, nos cursos todos que eu montava, apesar de eu procurar montar os cursos com os alunos, a partir da necessidade que eles colocassem, era sempre uma coisa muito desgastante, por que empolgava nos primeiros meses, depois havia uma debandada. Eu fazia um esforço para que os alunos continuassem frequentando o curso, mas aquilo não diziam nada pra eles. Eles tinham atividades profissionais em várias áreas, eram professores, funcionários públicos, faxineiros, comerciários e tal.

Aquele curso à noite era tão somente uma fonte de diploma e Bragança pe conhecida como "cidade Industrial do Diploma", algo assim. Então eu trabalhei 6 anos em Bragança e sempre nessa luta. Bem no final da década de 70 se forma o PT, e a minha militância política se volta para o PT por uma proposta democrática vinda das bases, e a discussão passando pelas bases, um processo lento, inclusive se critica muito isso no PT, que o partido é decisões muito lentas.

Eu gostava e gosto disso no PT, inclusive é por isso que eu continuo no partido, porque essa lentidão é pra quem vê a política de um ponto de vista de que um grande líder toma a decisão, então ele rápido e eficiente. A minha militância política me colocou totalmente em cheque com a minha militância profissional e aí eu começo a ver que tem alguma coisa errada. E ficou uma dicotomia, com o sofrimento, eu tenho uma militância no partido, eu saio das lutas diárias no partido e chega na sala de aula eu sou autoritária. Eu fico em aulas expositivas, eu tento organizar a sala em seminários, mas não dá certo porque a palavra final é sempre minha e a coisa não andava mesmo.

Eu continuei com essa ambiguidade e depois em 84 eu prestei o concurso da prefeitura para professor PI, e eu estudei para o concurso com uma colega que trabalha Freinet. Nós estudamos muito por-

que a gente ia concorrer numa situação de desvantagem em relação aos professores que já eram da rede, porque eles já tinham pontos. Na realidade o concurso era pra inglês ver, pra regularizar a situação dessa mão de obra que já tinha há muito tempo na prefeitura. Nós estudamos muito e passamos a debater em torno do trabalho necessário. A colega que trabalha Freinet já estava trabalhando em outro município e passei a conhecer mais o trabalho dela.

Passamos no concurso e este concurso nos colocou numa situação muito incômoda, estou colocando isso porque terá importância para frente. É o seguinte, 50% das vagas foram preenchidas pelo pessoal da rede que já tinha 15 a 20 anos de magistério. O restante das vagas foram preenchidas por um pessoal chamado de "as meninas da UNICAMP". Esse pessoal acabou passando acima das notas tiradas na prova.

Era um pessoal que realmente estava capacitado para aquele tipo de prova, que era uma prova de altíssimo nível e inclusive Freinet entrou na prova.

Então com a burocracia de 84, eu assumi em 85, mas já naquela de "as meninas da UNICAMP".

A. Eu fiz esta prova também e já tinha me esquecido que Freinet entrou na prova.

X. A prova foi organizada pelo pessoal da UNICAMP e uma das pessoas trabalhava Freinet. Continuando, eu assumi a classe em 85 e numa conjuntura difícil, porque eu tirei uma moça de 7 anos de prefeitura, em março, ela já tinha começado um trabalho com as crianças no método tradicional.

Escolhi esta escola porque eu já conhecia parte da comunidade pela minha militância política no PT.

Bem, então a situação era muito desfavorável, como a menina da

UNICAMP, apesar de minha idade. Aí eu fiz várias abordagens. A primeira foi que eu tentei ficar na sala com a moça prá ver como ela trabalhava, uma semana, comuniquei esse fato a uma superiora e ela me deu o impurrão fatal, ela disse prá não fazer isso que eu estava fazendo a maior burrada da minha vida, que eu ia aprender todos os vícios da moça, etc.

Aí assumi. Pensei, porque já em março as crianças estavam fazendo as "cobrinhas". Então no meu primeiro dia, na sala de 40 alunos, um moleque me perguntou: - Tia, que palavra eu faço com tanta perna?

Eu já sabia, no plano teórico que aquilo não servia prá nada, mas eu não sabia trabalhar aquilo com as crianças. Quer dizer, o moleque me deu ul golpe fatal, me botou realmente em cheque. Eu tive que ser honesta e disse que não servia pra nada.

- Então prá que é que estamos fazendo? Não vamos fazer mais.

Isso foi numa sexta-feira, no domingo eu fui a um churrasco e coincidentemente tinha uns 20 alunos, inclusive o pai de uma criança tinha matado o boi. Todo mundo me apresentou para os seus pais.

Na segunda-feira, eu entro na sala e o assunto era o churrasco, quem foi estava se sentindo feliz da vida. Aí fizemos a roda da conversa, surge o primwiro texto livre e aparece a frase: - Ontem nós comemos um boi, e meu pai era o açougueiro". Eu fiquei feliz e na hora do lanche eu mostrei pra diretora. Quando ela viu a palavra açougueiro, ela ficou roxa, desconcertada e já me disse: - Você está em algum projeto?

- Não, eu não estou em nenhum projeto, mas eu tenho algumas idéias a respeito do que seja alfabetização, eu trabalho com primeira série. Aí ela disse:

- Olha, você é nova aqui eu quero deixar a situação muito clara, porque eu sou uma mulher que fala tudo pela frente, e aqui não entra projeto.

Aí eu já senti a barra, mas eu tinha uma situação privilegiada, porque era a única primeira série e o meu trabalho não seria comparado com o de nenhuma outra. Comecei a tocar, e a primeira vez que ela percebeu a sala, como ele diz, em convulsão, ela me deu uma bronca.

Ela chegava a entrar na sala, várias vezes e pedir silêncio aos alunos, porque ela não conseguia trabalhar.

Fui trabalhando, mas muito disfarçadamente, nós desmontávamos a sala, e nós tínhamos uns armários de alvenaria, onde colocávamos todo o material. Nós tínhamos marcenaria, biblioteca, museu.

A. Como você conseguiu esse material?

X. Os alunos traziam, não recebíamos nada da direção. Apesar de sabermos que o MEC mandou uma verba razoável para projetos em alfabetização, nós nunca recebemos nada.

Eu já cobreí o secretário, publicamente em assembléia, mas ele diz que o dinheiro era muito pouco e eles optaram por transformar em material de limpeza.

Os resultados foram surpreendentes, apesar da minha insegurança, eu cheguei em junho com 24 alunos alfabetizados.

Aí alguns professores me diziam assim: - "Você não se assuste porque em julho eles vão esquecer tudo".

Só que tinha uma professora que dizia assim: - Olha esse jeito de trabalhar vai dar muito bom resultado, porque quando a gente menos esperar, vai dar um "click" na cabecinha dos alunos dela e eles vão estar sabendo ler e escrever".

E em agosto eles estavam melhor, ainda. Eu continuei meu trabalho e no final do ano dos 40 alunos, 6 não estavam alfabetizados. Um deles é um caso que me preocupa até hoje, é um menino que lê a cartilha, escreve a primeira cartilha, mas fora disso ele não lê nem escreve mais nada.

Está há 6 anos na escola e na segunda série, uma das aprovações foi comigo. Bem, aqui nós resolvemos que como a contribuição dele para a sala foi muito grande, de muita iniciativa, muito criativa, então ele deveria ser aprovado. A prioridade da gente não é a alfabetização, ela poderia ocorrer nas séries seguintes.

Em setembro a diretora ficou preocupada, porque os meus alunos escreviam textos longos, mas de uma maneira muito errada. Num dia que ela me disse qualquer coisa, apareceu na escola uma AP (coordenadora pedagógica), só que ela já tinha ouvido falar de mim, e ficou com a gente o período inteiro.

Nesse momento eu já estava muito segura. Ela ficou, viu a produção, levou as pastas dos alunos e deu um retorno para a diretora. Disse: - "Olha, fique sossegada, porque está indo bem, isso até o final do ano resolve, pode ser resolvido em uma semana".

Então a diretora chegou, me deu um abraço público e me disse: - "Agora eu estou aliviada, porque você sabem a gente tem um monte de tarefas burocráticas e não pode acompanhar o professor, dar uma assistência. O diretor não pode pra isso, mas eu estou sossegada".

Aí no ano seguinte eu senti um problema com outro professor. A diretora disse que estava preocupada e não sabia como resolver. Eu sugeri continuar com a turma, fizemos uma reunião com as mães delas e elas toparam. Eu tenho um laço afetivo enorme com as crianças, e isso é conjuntural porque esta relação veio de trabalho anterior no bairro, Esse laço existe até hoje, eu continuo até hoje frequentando.

Continuei com a turma, vieram novos alunos e, eu tive problemas com eles, Muitos representantes pela terceira vez.

**A.** A diretora sabia que você estava se baseando em Freinet?

**X.** No começo não, depois eu comprei um livro e dei a ela. Essa AP conhecia o trabalho Freinet porque acompanhou o trabalho de uma

colega que trabalha Freinet em outra escola e ela vinha trabalhando com um grupo de alunos de uma professora que trabalhava Freinet, da UNICAMP. Com muitas críticas inclusive, porque havia um preconceito em relação ao pessoal da UNICAMP, esse grupo da professora, é um grupo que se manteve unido mas cujo trabalho não foi adiante, além do primeiro ano.

Porque aquela empolgação inicial foi se derretendo no confronto com as dificuldades burocráticas.

A. A notícia que eu tenho é que o pessoal não aguentou a barra , que era muito teórico e pouco prático.

X. Bem, aí eu comecei com a segunda série com 43 alunos. Aconteceu uma coisa interessante, a minha sala foi colocada de frente à diretoria, ou sejam eu tive que assumir a coisa, ela estava ali controlando tudo.

Uma vez numa reunião, ela me disse assim: - "Estou cada vez mais apaixonada por um aluno. Esse menino cresceu demais", e repetiu uma frase que ele tinha dito no dia anterior, Então, ela estava em cima, ouvia e via tudo. Mas ao mesmo tempo que havia esse controle rígido, a assistente de direção que vai à escola duas vezes por semana, me dava a maior força. Foi a primeira que acreditou no meu trabalho, divulgava junto aos professores. Durante a segunda série eu tive menos problemas com ela, porque no fundo eu fui como que me afirmando. Tendo mais clareza de como agir naquela estrutura burocrática.

Junto às crianças, frente ao autoritarismo da direção, para a gente poder brincar mais. O currículo tem que obrigatoriamente ir para fora 3 vezes por semana, 1 hora e meia por semana, mas não é cumprido.

As outras séries também tem que ficar lá fora, brincar, jogar, fa

zer educação física, mas isso não acontece. O que ocorre é lanche, supervisionado pelo professor, não no sentido do controle. Aí na segunda série, da metade do semestre, para frente, não teve mais problemas, ela chegou a declarar que estava me entendendo e que inclusive ela ficou tão desesperada no começo que chegou a pedir para a prefeitura me trocar de escola porque ela não sabia o que fazer. Que eu tinha levado um rebuliço tão grande para dentro da escola, que ela tinha perdido o controle. Aí ela ficou bem comigo.

A. Como era a relação com os outros professores?

A partir do momento que seu trabalho vai dando certo e que você é a única a fazer um trabalho diferente, como ficou sua posição com os colegas?

X. No começo era muita interferência, uma interferência até positiva, pois o pessoal me levava material, cartilhas das mais diversas.

A gente não falou da questão da cartilha, mas quando eu cheguei lá não havia a cartilha, a professora tinha tido o bom senso de não recomendar cartilha, mas tinha recomendado cadernos, coisa que eu não trabalho.

Os professores me levaram muito material e diziam: - "Faz assim, eu fiz e deu certo. Tudo bem você está com uma frase boa para trabalhar, mas você tem que chegar na sílaba, sem a sílaba você não vai a lugar nenhum". E também teve a interferência negativa de eu me moldar ao sistema deles, de avaliação inclusive. No primeiro semestre, eu acabei fazendo bobagem, que foi a questão de notas. Eles falavam que no primeiro e segundo bimestre eu tinha que dar "R" e no terceiro bimestre pe que você vai diferenciando. Eu fiz isso, mas foi uma bobagem porque essa avaliação não correspondia ao crescimento da criança e era desestimulo. Eu não sei explicar isso, mas a nota tem o poder de "botar a criança para baixo" de

colocar a criança no último patamar, prá ela sentir lá embaixo e depois ela cresce e então você dá a nota. Isso não é verdade, você tem que dar a avaliação do estímulo e não do desestímulo.

"E se essa criança depois do terceiro bimestre ela dá uma evoluída". Ora, se ela dá uma evoluída você registra, se no grupo ela não vai em, se ela é uma criança defasada do coletivo, se ela não propõe... Teve muito isso do pessoal fazer a minha cabeça, no primeiro semestre eu entrei nessa, mas depois nunca mais.

A. Na segunda série você sentiu que o pessoal colocava você contra a diretora? Tinha picuinhas?

X: Tinha, mas não propriamente em cima da questão pedagógica, mas uma questão mais geral que era a seguinte: Os meus alunos incomodavam muito, não no sentido da disciplina, mas na coisa da biblioteca, que nós brigamos para tê-la. Os alunos de outros professores não tinham tido acesso a biblioteca quando na primeira e segunda séries, terceira e quarta sim. Aí até o momento em que eu consegui o estatuto e provei para a diretora que não tem limite de idade para frequentar a biblioteca. Não sei se você sabe que tem um estatuto estadual sobre a questão da biblioteca e é um negócio muito bom. Então se ela abre a biblioteca para a primeira série, tem que abrir para o resto.

Eu tive a questão da merenda, gente reclamando da qualidade, fizemos várias cartas ao prefeito. Essas cartas eram dos professores e os alunos direto para o prefeito, nós avisávamos a diretora.

Eu me lembro de um fato interessante, que nós recebemos uma equipe do projeto "cinema vai à escola", eles levaram aquele filme "do gaúcho" e houve uma discussão boa na sala.

Aí nós resolvemos mandar uma carta para o Secretário, no sentido de que isso fosse incentivado, não só uma vez por semestre, mas que fosse um processo contínuo. Por outro lado, eu sabia que o projeto

estava pra ser extinto, então também era uma forma de tentar segurar. Nessa ocasião houve um "bafafã", porque nós colocamos a carta com assinatura dos professores num quadro de avisos da diretoria. Aí a diretora achou que estávamos passando por cima da autoridade dela e no dia seguinte duas assinaturas estavam riscadas.

Mas em geral, existe um certo corporativismo na escola pública, não sei como é na escola privada. O corporativismo é no sentido de encobrir falhas e acertos uns dos outros. Mesmo internamente existe isso. Esse ano eu estou sentindo muito isso. A escola tem duas quartas séries, uma é minha e a outra é de uma professora que é diretora aposentada. Essa professora propôs que nós trabalhássemos por área, eu ficaria com Português e Ciências e ele com Matemática e Estudos Sociais. Nós estávamos fazendo isso e o trabalho seguia bem, e o corporativismo agora apareceu com clareza. Ela sempre diz que nós devemos resolver os nossos problemas internamente e isso é um recado que nós também não devemos interferir nas outras salas. Isso é uma coisa que emperra a democratização do processo educacional.

Outro exemplo, foi a festa junina, o pessoal da segunda série participou com um entusiasmo tão grande que chegaram até a montar uma barracinha, por conta própria cujo objetivo era levantar dinheiro pra comprar uma bola de capotão. Na hora de fazer o balanço da festa em geral, a diretora queria que o dinheiro da segunda série entrasse na compra geral, eu argumentei que não, porque além da barraca eles tiveram total participação na festa. Desde a montagem, passando por recolhimento de prendas, até a desmontagem da festa. É uma turma muito ativa mesmo.

Bem, só houve uma professora que não concordou, aí ela recuou. Mas de qualquer forma ficou uma situação horrível.

**A.** Como é a postura do Secretário com esse pessoal que está traba-

lhando Freinet?

X. Ele tem um discurso muito positivo, diz que é preciso renovar a escola, mas não dá nenhuma condição. Tanto é que nós fizemos concurso, houve uma proposta de se montar um projeto Freinet e aí isso foi desmobilizado em cima de uma "diz-que-diz" e ele não teve peito para enfrentar.

Com esses discurso progressista ele sustenta a proposta de educação popular, mas ele manteve o mesmo pessoal nos cargos, a relação com os diretores é a mesma, o trabalho dos assessores pedagógicos continua no entigo e tradicional. Porque na prefeitura, cada assessor pedagógico é responsável por 7 escolas e vão a cada 2 ou 3 meses numa escola.

A. Como os pais receberam o seu trabalho?

X. Eu tive problema com uma mãe, que queria cartilha a todo custo, que achava que o filho não ia aprender. Até foi interessante porque o garoto foi um dos que melhor se saiu.

O resultado no final do ano foi claro, eles puderam ver. Por outro lado, o que acontece muito na periferia é que mãe sai muito cedo de casa e volta muito tarde então a vida escolar da criança não é acompanhada.

A. Pelo que conhece dos pais, que tipo de ansiedade eles tem em relação ao filho?

X. É que a escola forme o filho para ter boa profissão, para subsistir na vida.

A. Essa boa profissão seria o que?

X. Até a oitava série, muitos colocam pelo menos até a quarta série, saber ler e escrever. A escola é vista como um trampolim

social e ainda como orientação sexual. Os pais chegam a falar is so, uns por falta de tempo, outros por vergonha.

Acabamos não fazendo um trabalho sobre isso, porque nós esperávamos que aquilo estivesse dentro de um projeto e não estava, está solto. Agora está se falando alguma coisa sobre AIDS.

Os pais esperam que o professor realmente se responsabilize totalmente pelo filho. Uma coisa que me ajudou muito é que na minha escola os professores faltam muito e coincidentemente eu não faltei nenhuma vez. De fato a falta do professor desorganiza a vida da mãe e do aluno. Então tinha isso a meu favor e salvo a questão da cartilha eu não tive nenhum problema.

**A.** As reuniões com os pais são bimestrais?

**X.** Sim, com maior frequência da mãe.

Interessante é que tem muita criança de pais separados, a gente pensa que isso é coisa de classe média, não pe não. Inclusive desde a primeira série eu discuto essa questão com as crianças. A presença de pais é de 90% em média.

**A.** Os outros professores trabalham com o esquema tradicional?

**X.** Sim todos. Nesse ano duas professoras da primeira série foram convidadas para participar de um projeto, na prefeitura, em que se começaria ensinar nos moldes de Emilia Ferrero. Uma das professoras foi em uma reunião, a outra foi em duas e vieram dizendo que não iriam mais porque não conseguiram aprender nada, não conseguiram aplicar nada.

Uma delas fez uma leitura do projeto, que eu acho até correto, mas na hora de aplicar apareceu aquela coisa das palavras aprendidas viessem do Universo da criança. Uma das crianças queria aprender ANTÁRTICA, ela ensinou. Veio um pai furioso dizendo que a filha

disse que a professora havia recomendado que os pais comprassem ANTÁRTICA. Não adiantava nem discutir com ele, ela se desistiu e acabou desistindo. Essa moça é até interessante mas até um certo ponto, e sabe qual é esse ponto? É trabalho, e pedagogia Freinet é uma pedagogia que dá trabalho.

A. Por que o pessoal, mesmo os novos, não busca outras alternativas? Tem algumas coisas acontecendo quanto a autoridade do professor em sala de aula, tem uma certa abertura. Será que é comodismo, medo de perder autoridade?

X. Veja, essa autonomia só existe a nível do discurso, tem que ser conquistada ainda. Ela até existiria a partir do fato de que o diretor se ocupa muito com tarefas burocráticas e não tem condições de acompanhar o cotidiano do professor em sala. Então o controle escapa por aí também, é bom observar estas brachas. O problema é que o pessoal me via chegar carregada de coisas (Freinet) o trabalho nos toma totalmente e o pessoal percebe isso. Outra coisa, eu duvido que um professor Freinet, coloque a "trazeira" na cadeira e fique sentado 4 horas, como uma parcela considerável faz.

**Depoimento 8**

A. Eu queria que você falasse da sua experiência com Freinet na escola em que trabalhou como professora.

X. Em termos de trabalho, foi por um lado, desgastante, porque eu trabalhava sozinha. A nível do trabalho fora da sala de aula não tinha infra estrutura. Todo o trabalho era feito com as crianças, desde a arrumação de sala. Existia uma diferenciação de você e do resto dos professores porque estava trabalhando sozinha. Era um trabalho isolado que te caracterizava diferente e a tua criança também. Nesta época eu trabalhava com a quarta série. Isoladamente eu não vejo sentido nesse trabalho. Trabalhei 5 anos nesta escola. No começo eu era a professora que inovava, porque antes a sala era enfileirada tudo dentro do tradicional. O importante era o aluno ficar quieto. Na pedagoga Freinet você vai trabalhar o grupo, o coletivo e o individual. E este individual é o que demanda trabalho. Afinal, você vai trabalhar o conflito da criança. A diretora achava que na minha sala tinha muito barulho, mas a sala tinha uma organização que era diferente da escola.

A. A diretora colocou impecilhos, porque você tinha um plano pré estabelecido para desenvolver, mas trabalhava com uma técnica diferente?

X. Bem diferente. Desde a sala de aula, que tinha uma disposição diferente, tinha até biblioteca. À tarde era outra turma que freqüentava a sala e não entendiam muito essa disposição. As minhas crianças iam no período da tarde. Todo o início do meu trabalho foi com o apoio de uma colega. Ela ia duas vezes por semana na minha sala e a gente trabalhava juntas. Porque qualquer mu

dança de metodologia, de técnicas envolve uma mudança de postura tua. Por mais democrática que você seja, é uma retomada constante. Você não tem parâmetro. Os outros estão desenvolvendo trabalhos na linha tradicional. Veja bem, você dá uma varinha para as crianças pescarem e elas vão pescar sozinhas. Claro, que elas vão questionar. Os meus alunos começaram a questionar a estrutura da escola e a diretora. A diretora era uma pessoa muito sabida, que fingia gostar de crianças. Eu na época estava organizando com o grupo de professores da prefeitura a valorização do profissional, e quando ela foi para lá, como eu tinha uma liderança ela aparentemente apoiou meu trabalho. Mas eu sabia que ela não engolia porque foi uma professora de pré-escola que bota aluninho em fila e faz ficar quieto. Mas o trabalho foi muito gratificante porque quando você consegue desenvolver tudo que as crianças têm de bom é sempre gratificante. Quando você vê que uma criança está indo mal, por exemplo, em português, e você coloca ela em um ateliê. Ela vai pro limógrafo e quando você assusta ela tá trabalhando, escrevendo. O texto livre é uma catarse. Deixa a criança escrever o que quer pra depois escrever o resto. Agora, a coisa mais séria e a dificuldade maior foi a seguinte: a nível de educação a gente tem que ter um compromisso muito sério. As classes populares; esse é um discurso meio antigo, mas elas têm direito a uma educação melhor. Agora, têm direito também, a uma continuidade. Você trabalha um ano Freinet com a criança aí ela muda de professor e você puxa o tapete. É uma experiência isolada. No outro ano ela pega um professora tradicional, por exemplo, eu coloquei para o professor que iria pegar a minha turma no ano seguinte, o que poderia ser trabalhado com aquelas crianças. Elas construíram limógrafo e se dispuseram a trabalhar textos. Os alunos eram capazes de avançar pegaram professores tão neuróticos que

massacraram a turma.

A. Como os professores da tua escola recebiam o teu trabalho?

X. Vou falar da experiência. As pessoas querem receitas, o que significa que  $a + b = c$  acontece, que quando se trata de ser humano você não tem respostas prontas. Por mais que você diga, vai, investe, as pessoas querem garantia que vai dar certo. Elas querem coisas prontas, porque educação está tão em baixa, que mesmo a hora/atividade que o professor ganha, é tão pouco que ele não investe nele.

A. Existe na relação hierárquica da escola uma coisa que o professor tem que conseguir, que seus alunos dêem certo, se não automaticamente ele não deu certo.

X. É muito mais fácil trabalhar o que já se conhece para se ter garantia. E se o professor não conseguir responder às dúvidas dos alunos? A maior desculpa que se dá é que a gente ganha pouco. Eu acho que está na hora de nós retomarmos uma militância dentro da sala de aula e repensar o papel do educador. Colocar um pouco mais de você naquilo que está fazendo. Em geral, os professores não estão nem aí com a criança e com a família desta criança. O que está por trás desta criança que não aprende? Atrás de educadores imbecis, mesquinhos existem pessoas mesquinhas. A nossa sociedade é classista e cria pessoas altamente competitivas. O Freinet propõe que a criança esteja feliz em uma sociedade mais justa. Quando chega o início do ano e tem 100 crianças que querem estudar com você é porque tem alguma coisa boa que você está passando pra eles.

... Jogava de lado, agora eu vou ser sincera, no último ano que trabalhei eu catei o programa e amarrei muito, eu fazia questio

nário e verificava o aprendizadi formalmente e acho que foi a tuma que mais deu resultado.

A. Embora na outra escola tivesse gente que estava disposta a trabalhar fora do traducional...

X. Não trabalhavam. na hora do "vamos ver" Freinet era mito, por que você tinha que trabalhar fora do horário de trabalho.

A. A diretora concordou com você?

X. Sim, claro ela tinha medo de mim.

A. E a questão da disciplina?

X. De vez em quando. A minha classe não fazia fila, não tem hora pra ir ao banheiro. Eu percebia que ela não falava na minha frente mas os alunos começara, a perceber a implicância que ela tinha. Eles até escrevera, uma carta pra ela e colocaram is so. Ela veio até a classe, conversou, e era trabalhado isso com eles. Que a gente não estava sozinho, que tinha o grupo e as regras da escola.

Eu acho, que apesar de tudo, vale a pena! O trabalho marcou muito porque nós fomos muito perseguidas pelas colegas. Quando a gente propôs mudança, você mexe com o medo das pessoas à mudança, com a postura de vida deles.

Você propõe um monte de coisa nova e eles dizem assim: - Tudo is so eu já fazia. Quer dizer não tem nem a crítica, não tem nem disposição a fazer, não tem auto crítica!

Um exemplo foi um atraso de professoras com as mães lá.

Tem 10 minutos de tolerância e o pessoal chega 15, 20 minutos.

Tã certo isso? Vamos tentar resolver isso pra eu não estar todo dia no pé de vocês.

Nessa classe, a professora é mais frênético do que ela imagina, ela não usa as técnicas específicas do Freinet, é aberta prá tudo, é a pessoa mais eclética que eu conheci. Conhece uma colega que trabalha Freinet, Piaget, tudo. Se ela se atrasa um pouco os alunos cantam: Tá atrasada professora... Ela não fica brava com isso. Mas se acontece com outra professora, ela "cai dos tamanhos". c

A. Como era a sua relação com os pais?

X. Muito boa, até hoje eu tenho daudade. Quem fala que pai é pen<sup>ta</sup>telho, é conversa. O mínimo que a gente tem que fazer é chamar os pais no começo do ano e expor a forma de trabalho, de avaliação. Eu fazia isso e também muito acompanhamento individual. Era uma relação boa, e nas avaliações a gente convidava as mães e fazia uma exposição dos trabalhos, apresentavam peças. Eles produziam tanto que não dava pra eu aproveitar tudo que eles fizeram. Quando eu vejo um aluno apático, me dá uma tristeza, porque eu sei que qualquer um pode fazer. Precisa acabar com esse mito e também com um outro mito. Essa coisa, que não aprende porque está mal alimentado, que o cérebro não funciona. Não uma "droga"! Dá estímulo pra ver se não aprende.

O que eu questiono sou eu mesma, eu não dava conta, eu não tinha tempo, eu precisava de um dia inteiro. Eu fui procurar esse dia inteiro na prefeitura, eu me propus a ficar o dia inteiro com as crianças. ao invés deles ficarem na rua, eles ficam na escola.

Existe uma coisa que é mais séria e isso também vale prá sala de aula e diretora. Se fala, mas não se investe na educação, tinha um secretário que dizia: - Vai ter aula em baixo de árvore. Eu até concordo, mas não todo dia.

Uma colega que trabalha Freinet andava com serrrote e outras fer

ramentas pra baixo e pra cima. Há necessidade de se investir numa infra-estrutura mínima com banheiro decente por exemplo.

A. O que eu estou questionando também é a proposta do governo Montoro. A idéia de participação e democratização da escola. Será que isso é viável, será que realmente foram esses os objetivos do governo Montoro? Pelo que eu tenho visto nas escolas, além das pessoas não entenderem não tem estrutura (a nível de conhecimento) para aplicar essa proposta.

X. O que a gente sente e que muda a forma e não muda o conteúdo ou vice-versa.

O Freinet colocou muito bem no seu livro: "Nós estamos numa escola moderna que anda de carro de boi". Na era do informática e da televisão, a escola ainda está do mesmo jeito. Continua tradicional, artificial, faltando meios materiais e humanos. Imagina uma proposta como esta que depende de pesquisa e de biblioteca e tem a lei do Montoro que diz que as escolas com mais de um ano são obrigadas a fazer biblioteca. E é tão sério, que não se define uma linha de trabalho.

A. Conta um pouco de você como diretora.

X. Estou há dois anos na atual escola. Eu saí da sala de aula da prefeitura e fui para a direção. A escola tem 1200 alunos e é de primeiro e segundo graus e em um bairro de classe baixa que quer status de classe média. A experiência que eu tive com Freinet valeu para que eu não fizesse as coisas de cima para baixo. As propostas vêm dos alunos e não dos professores. O governo teoricamente é democrático, mas é muito autoritário. A escola é prestadora de serviços, ela é assistencialista. A função primeira da escola, que é transmitir conhecimentos, foi esquecida. A escola

8093

é um veículo que dá merenda, saúde, sem ter estrutura. A nível do sistema, é cobrado cada papel para a véspera, ao mesmo tempo que você tem que ser democrática, aberta, ter iniciativa e inovar. Você fica presa às burocracias e não sabe quem é o patrão. Mas se você fizer uma coisa errada, o superior e o delegado te pegam. Se não são eles é o professor ou o aluno. Hoje, para você colocar um zelador dentro da escola, você enfrenta uma burocracia enorme. Com falata de pessoal, ou pessoal desqualificado que ganha uma miséria. Por mais que você tenha idéias é muito difícil realizá-las. Faz um ano que saiu a regulamentação do coordenador de área e cadê o coordenador?

A. Quando você tenta fazer alguma coisa mais democrática a nível de professores, funcionários e alunos, como você faz?

X. Eu escamotei o sistema. Pego o dia de semana do aluno, solto um pouco mais cedo e faço reuniões. O meu supervisor dá be. A hora/atividade do professor é uma faca de dois gumes. Quando você tem sorte, que venha alguém para a escola que está se formando e que te atende, tudo bem, mas quando você pega esses "macacos velhos" que até agora estão aí fazendo concurso querendo ganhar ponto, a coisa fica difícil.

A. Como é o esquema de reunião com os professores?

X. Por grau, e eu não tenho orientador pedagógico, falo tudo sozinha, além disso, a nova perspectiva é que o diretor trabalhe também a parte pedagógica. Então nós temos que ser administradores, pedagogos e psicólogos. Mesmo você tendo funcionários, as decisões é você quem toma, é você quem assina qualquer papel que sai da escola. Teu ombro pesa muito e você não é recompensado. Como você pode deixar de se envolver com uma remoção de pro-

fessores? Eu tenho um inspetor de alunos. No período da manhã eu ponho a mãe pra tomar conta e não tá certo, mãe não ganha pra fazer isto. Eu não acho justo mãe e aluno trabalhar de graça, mas como eu tenho alguns bem problemáticos, eles estão olhando o recreio pra mim e estão gostando de fazer isso. Só que todo dia você tem que dizer pra eles que eles não são policiais. Você não tem alternativa, como pode um sistema altamente burocrático ser democrático? As delegacias agora vão se transformar em unidade de despesa, só que eles fizeram o seguinte: todo o adicional que for mandado, vai ter que ser feito uma cartão e é a escola quem vai fazer tudo. Uma publicação no diário oficial, a lauda, tem que ir pronta. Ai de você se errar alguma coisa, corre o risco de uma funcionariazinha subalterna chamar sua atenção. Porque na burocracia cada um que acha que manda um pouco quer montar encima do outro. Você quer uma escola democrática, mas se avança um pouco nisso, os alunos começam a questionar e os professores te cobram. Ultimamente eu estava policial. Você não tem uma equipe, porque se tem, você tem que investir. Alguns professores avançam mas a maioria vai contra você, e toda a culpa recai no aluno. O professor olha o aluno, o aluno o professor, e ninguém se olha. Eu, como diretora, tempo que administrar tudo isso.

A. Quais são as facilidades institucionais que o governo lhe dá para fazer um trabalho democrático?

X. De repente, você vai na delegacia, numa reunião e todo mundo te elogia. E às vezes por saber que eu estou investindo em alguma coisa o delegado me dá algumas facilidades. Por exemplo, eu tinha o projeto IPE que funcionava na escola sem televisão, eu mandei um ofício pra lá e veio a televisão. Se você tem um apoio tudo bem, mas se não o trabalho fica difícil. O meu supervisor é

bom mas é muito legalista. O diretor é importante, o supervisor e o delegado também são, no entanto a impressão que eu tenho hoje é que o Quêrcia é um todo poderoso.

A. A nível pedagógico, como você sente os professores?

X. Tem alguns professores novos que se você der um pouco de cor da eles avançam. Embora façamos o planejamento juntos, em última instância a sala de aula é do professor. Ele tem autonomia, por exemplo, eu sou uma diretora que para entrar em sala de aula bato na porta e peço licença. E por mais que você queira acompanhar o trabalho pedagógico de perto existem outras tarefas, que você perde de vista. Tem dois anos que eu estou investindo e falando, pelo menos pra P1 e P3 para trabalhar texto livre. Eu cheguei a ir na classe e fazer o trabalho. Agora, se eu fico em cima, o trabalho não continua. A nova proposta curricular está toda em cima do professor. Isto é impossível. Nós, diretores, tivemos dois dias para discutir esta proposta. Eles falam para o professor fazer curso, mas cada vez que isso acontece, a sala de aula fica desguarnecida, não existe um esquema de substituição automático.

A. Quais as críticas que vocês fixeram à reestruturação curricular?

X. Nós fizemos um documento de três páginas. Uma delas é de não preparar o professor para a mudança. Existe uma necessidade de sensibilização. Os professores criticaram muito essa reestruturação, mas a maioria não entendeu nada. Como uma proposta pode dar certo se veio de cima para baixo? Quantas mudanças e a escola ainda andando de "carros de boi".

## Depoimento 9

X. A gente trouxe todo tipo de especialista ligado à educação infantil. Isso nós desenvolvemos desde 84, porque em 83 quando nós entramos, nós não tínhamos dinheiro pra nada, a prefeitura estava praticamente falida, nós não tivemos como trabalhar. A gente montou toda uma estrutura, pra 6 anos de administração, pra aplicar em 84. Em 84 a gente criou este setor de cursos e treinamentos que vem até hoje oferecendo toda a parte de especialização, aperfeiçoamento e reciclagem com os professores. Então nós trouxemos especialistas em Freinet, como de outras linhas também, como Emília Ferrero e Método Natural. Os professores que se identificaram com Freinet já formaram um grupo que hoje está sendo aplicado e vai se consolidando, já com 50 e poucos professores que vem desenvolvendo Freinet na pré-escola, sob a coordenação da Kátia.

A. Como você teve contato com a pedagogia Freinet?

X. Nós fomos conhecer, porque não resistíamos. Isso que você está fazendo. O nosso primeiro contato foi através da Ruth ela trabalhou muito tempo com a gente, ela deu assessoria para o pessoal. Onde a gente sabia que tinha Freinet a gente foi pra conhecer. Em pré-escola é mais difícil, Freinet é mais para o primeiro grau. A gente começou o trabalho através da Kátia, que foi a primeira professora da rede a desenvolver Freinet, e gente foi se ampliando e se formou esse grupo com uma estrutura oficializada. São 3 ou 4 escolas que todos professores desenvolvem Freinet. Eles fazem encontros entre escolas e tem toda uma linha de ação estratégica que foi desenvolvida nesse programa.

A. Quais são as dificuldades institucionais pra você trabalhar uma proposta pedagógica menos autoritária?

X. Nenhuma, basta você abrir para que os professores possam fazer essa opção de trabalho, Foi o que a gente fez, nós trouxemos todas as linhas que conhecíamos pra que eles fossem se aprofundando e pudessem fazer a opção. A gente tem na real Emília Ferrero, o Método Natural e Freinet também.

A. A diretrix da proposta de administração era exatamente essa?

X. Sim, autonomia é a nossa filosofia, tanto na pré-escola como no primeiro grau. Nós temos uma rede de primeiro grau pequena (10 mil alunos), mas muito reconhecida pela comunidade. A procura de vagas é incrível, os pais passam 4 ou 5 noites na fila "acampados" na porta da escola pra conseguir uma vaga. Como não é intenção da gente investir no primeiro grau a gente investe na qualidade dessas 10 escolas (pré-escolas).

A. A nível de primeiro grau existe também interesse de trabalhar Freinet?

X. Sim, e com esse grupo da pré-escola já está sendo feita uma integração com os professores de primeira série. Já tem até escolas de primeiro grau, por exemplo, no Jardim das Indústrias, onde a pré-escola trabalha Freinet e o primeiro grau também já está trabalhando.

A. Qual o número de professores Freinet?

X. Esse projeto de integração dos funcionários técnico-administrativos e técnico-pedagógico das escolas municipais de educação infantil de São José dos Campos, do pessoal que trabalha com Freinet. Deixa eu ver se aqui tem o número exato de professores. Por volta de 40 professores nas duas escolas só Freinet e nas outras, são esporádicos...

- A. Pelo que eu tenho observado nas escolas, como é que é o trabalho com os diretores?
- X. Eles participam de toda essa sistemática de reciclagem e especialização. Às vezes a gente até traz primeiro o diretor, quando a nossa intenção é vender idéias. Ele comprou a idéia, entra, você sabe que partindo do diretor as coisas facilitam. No início foi assim, alguns professores comprara, a idéia e o diretos abriu como consequência da secretaria ter aberto e aos poucos que um ia conhecendo o trabalho do outro e viam que a coisa era tão boa qua acabavam aderindo.
- A. O que é interessante é essa possibilidade do professor poder escolher.
- X. A filosofia nossa é a mesma.
- A. Administração de vocês termina agora?
- X. Sim dia 31/12 e nós estamos tentando deixar tudo oficializado para haver continuidade. Nós conseguimos estruturar a secretaria de tal forma que existe norma pra tudo. Existe documento oficial pra tudo, a gente tem hoje por volta de 260 publicações oficiais que normatiza toda a vida da secretaria, desde a vida do professor, etc. Isso vai facilitar para próximo, para que haja continuidade e vai também dificultar para ele o término de todo esse trabalho, por se oficial. Nós temos duas assessorias prático-pedagógica e também um departamento de documentação e divulgação. A Kátia faz parte da coordenação de orientação infantil. Nós temos 6 divisões de desenvolvimento pessoal:
- . Departamento de Educação Infantil;
  - . Departamento de Ensino Profissionalizante;
  - . Departamento de Primeiro Grau;

- . PRONAC - Reeducação e Analfabetismo e,
- . Departamento de Apoio às Escolas.

Esta última dá apoio necessário à estrutura de manutenção. Nós temos aqui a secretaria da COPEM que é ligada ao secretário, que é um órgão criado dentro da lei do magistério, composta de uma comissão que estuda e reavalia permanentemente a lei e faz as alterações necessárias. Nós temos o CETRO (Conselho para Estudos e Projetos) que é ligado a essa unidade pedagógica. Temos o SIPPI (Sistema de Informações de Propaganda e Projetos através da informática) que agregou todos os dados da secretaria e através dele você tem uma visão geral de tudo que a secretaria desenvolve. Você pode conseguir os programas desenvolvidos com a Kátia.

## Depoimento 10

- A. Eu queria que você falasse um pouco, primeiro da estrutura da escola na Itália, como funciona a hierarquia.
- T. Na Itália temos: os níveis de um a três anos, que se chama "nido" (ninho). Nesse nível temos uma legislação muito boa, isto é, diz que em todos os lugares devem ter seus "nidos" etc. etc. Com uma lei regional de atuação e um regulamento municipal feitas pelos próprios "nidos". Acredito que é um modelo legislativo muito bom, garantias nacionais e normativas municipais. São todos municipais, além de existirem alguns privados, são divididos em três partes, geralmente por crianças pequenas, lactantes, os de dois e três anos. O segundo nível, de 3 a 6 anos, se chama escola maternal, na escola estadual, na municipal das melhores municipalidades, na maioria das privadas... Neste nível nós temos mais ou menos 30% para cada uma das gestões estaduais, municipais e particulares. A particular é prevalentemente religiosa. A qualidade: temos uma qualidade muito alta em algumas das municipais, que são especialmente na zona de Bologna e Perugia. Acredito que nestes lugares temos as escolas infantis mais desenvolvidas da Europa e que é o único nível onde a Itália pode ter uma proposta a fazer aos outros. Hoje parece que não temos outras experiências válidas a propor no exterior. Outro aspecto importante é que os professores, quase todos são professoras, desde o nível pré-escolar saem da escola aos 17 anos. Esta é uma vergonha típica italiana, é a última, é o último país que tem este nível tão baixo na Europa, de formação de professorado. O 3º nível da escola, que chama elementar (primária) de 06-10 anos. São cinco anos com um professor fazendo tudo. As crianças vão a escola das 08:30 hs à 12:30 hs. Também aos sábados pela manhã, comem em suas casas etc. Existe também uma experiência experimental, que começou em 72, que se chama "tempo cheio", quer

dizer, neste caso as crianças estão na escola das 08:30 hs às 16:30 hs e não vão aos sábados. Neste caso são dois professores por classe. A comida está incluída no período escolar, almoçam na escola. Agora estamos passando para um terceiro tipo de horários, que chama "tempo longo", no qual as crianças vão durante 5 dias da semana, de 08:30 hs às 12:30 hs. comem em suas casas e voltam a escola duas ou três vezes por semana... Neste tipo de escola participam uma relação de professores e alunos de 3 professores para cada duas classes. O 4º nível de 10-14 anos são 3 anos, 11-14 chama "escola média". Há uma escola elementar, precedente, os professores têm um diplomaum título que conseguem aos 18 anos. Até o momento na Itália não existe nível universitário de formação profissional, de nenhum tipo. para este nível de escola. Neste caso também, nós somos os últimos na Europa. Tem o nível de escola média, 10-14. Deste nível acima, todos os professores são licenciados (3º grau) e cada um ensina sua matéria, sua disciplina, o estranho, bobo, grave é que querem que todos os professores que ensinam na escola média inferior (10-14), superior (14-19) nenhum dos professores têm uma formação em ciências da educação, de nenhum tipo, não existe. Portanto, as duas idéias que saem deste problema é que para ensinar às crianças é necessário menos formação do que ensinar matemática, por exemplo, é suficiente saber a matemática. Estes são dois tópicos muito graves. Nesse caso as crianças vão à escola, mais ou menos 10-14 anos sempre. das 08:30 às 13:30 hs; tem vários professores nas diferentes disciplinas, são formados (superior) os que ensinam matérias mais importantes como língua (italiano), matemática, história, língua estrangeira etc. Sendo somente necessário diploma de escola superior os que ensinam matérias práticas, educação física, educação musical. O último nível da escola, antes da universidade é a escola média superior de 5 anos, medianamente, porque a escola normal. de onde nascem os professores até agora, é de 4 anos, mas dizemos

medianamente 5 anos, mais ou menos com a estrutura da escola média procedente, cada professor com sua disciplina. Os alunos vão à escola das 08:30 às 13:30 hs, todos os dias, inclusive aos sábados. Em alguns tipo de escola retornam à tarde para atividades práticas em laboratórios. Este tipo de escola é diferenciada, existe o liceu prático, para os que estudam latim, grego, língua etc.; científico com mais enfoque nas matérias científicas, lingüístico, artístico, musical, instituto comercial, instituto técnico industrial etc. etc. vários tipos. A escola obrigatória é de 06-14 anos, inclui a escola elementar e a escola média inferior. No momento há uma proposta de lei para que a escola obrigatória suba aos 16 anos. Neste caso a escola superior se divide em duas partes, dois anos obrigatórios e iguais para todos e, três anos que se articulam e se diferencia,. A organização interna da escola é esta: cada escola é dirigida por um diretor, na escola elementar, e o presidente, nas escolas médias inferior e superior. O diretor na Itália é concursado, é um dirigente estatal, não eletivo...

A. Eu queria saber: O diretor, dentro do funcionamento escolar é a autoridade máxima?

T. É um funcionário, representante do Estado na escola. Tem autoridade, seja administrativa, seja a nível didático. No momento, com as leis novas, temos a gestão da escola exercida por um conselho. O conselho da escola é formado por representantes eleitos diretamente dos vários componentes. Os componentes são os docentes, os pais, os funcionários, os alunos (quando são de escola superior). No momento, são mais ou menos, penso que, 18... Alguns representantes dos pais, quando são maiores, dos funcionários, dos professores e o diretor fazem parte do conselho diretor.

A. Existe um interesse da participação deles na escola?

T. A participação das pessoas está baixando muito. Isto começou em 74, temos 14 anos de experiência. Nestes anos a participação das pessoas caiu. Este conselho tem um poder real. É o conselho que tem que aproveitar tudo o que se refere à gestão da escola, às gestões da escola. Pode-se utilizar o dinheiro somente através do conselho e o presidente deste conselho, por lei é um pai de aluno. Mas a participação às eleições caiu a cada ano. Isto por muitas razões dentre as quais é a responsabilidade de uma lei que não foi modificada nestes últimos anos e não funciona. As escolas não têm autonomia administrativa e tudo isso faz com que este conselho não tenha sentido completo. Ocupa-se de tudo menos da didática. A didática pertence a outra organização, que se chama "colégio docente" o claustro (junta) de todos os professores de uma escola. O presidente deste é o diretor. Mais ou menos está é a estrutura, uma escola tem os professores ou mestres, que tem um número de horas, que são 210 ao ano, mais do que utilizam com os alunos; estas são horas para o trabalho de claustro, para o trabalho com os pais, para os deveres etc. Estas são horas demais.

A. E como o professor pode escolher trabalhar com Freinet, ou simplesmente chega à escola e começa a trabalhar, ou não é assim?

T. Teoricamente não. Existem dois aspectos que me parecem conflitivos, de fato são conflitivos. Por um lado, existe uma formação solene, constitucional de liberdade de ensino, agora, a lei de organização da escola diz que ...

A esquerda, o movimento mesmo, participou muito diretamente ou indiretamente desta modificação da legislação. A legislação, hoje, é, mais ou menos, somente os princípios do movimento. Inserção de deficientes físicos na escola normal, possibilidade de não utilizar um livro texto e de eleger outros instrumentos, uma avaliação

AT04

não numérica, senão qualitativa, uma importância do conhecimento da criança. sair sempre, iniciar sempre do conhecimento da criança. Tudo isto a escola não mudou e eu pessoalmente tenho uma posição minoritária na esquerda contra esta legislação, que servia sempre mais a nível qualitativo e está sempre mais distante da realidade da escola. A esquerda tem pensado muitas vezes vencer uma luta, uma batalha, para que pudesse afirmar no parlamento uma lei muito boa, muito progressista. Para mim o erro fundamental é que não se dedicou todos os esforços na formação do professorado. Eu acredito que que o efetivo de uma democracia no campo da educação é existir um professorado a nível tal que requer, o professorado requer leis novas. Nós somos, por outro lado um professorado que tem medo das leis. Estas pedem coisas que o professorado nunca compreende e este é um momento muito crítico, eu acredito. O professorado tem medo, as pessoas não querem a escola, as crianças, como sempre, não a querem e, a escola acaba tendo um poder, uma credibilidade muito baixa. É um momento muito difícil.

A. E como está o movimento Freinet, muitos professores trabalham do Freinet?

T. O movimento Freinet na Itália tem muitos anos, é bastante antigo, nasceu em 51 e foi muito forte, num período muito particular, a nível político, que era bastante típico em toda a Europa e praticamente em todo o mundo. É o período da guerra fria, é o período do antagonismo muito forte entre ocidente e URSS. É o momento em que os comunistas em todo o mundo, na Itália também, eram controlados pela polícia. Estes professores eram de esquerda e viveram momentos muito difíceis e se encontraram porque era difícil seguir sozinhos, isto a nível político. A nível profissional era gente insegura que não estava satisfeita do que sabia,

do que sabia fazer, procurando experiência com a qual confrontar-se, conheceram este movimento. E justamente meu professor de práticas escolar foi o fundador do movimento Freinet na Itália, se chama Tomagnini e conheceu Freinet. Foi a um curso na França, um estágio, contactou com professores. Bruno Ciari, Mario Loti e outros que se encontravam periodicamente, quase mensalmente em uma forma típica de cooperação educativa. Trocavam experiências, porque cada um vivia sozinho e isolado. Isto foi típico por muitos anos do movimento. Gente isolada, que se confrontava com gente na mesma situação. Por muitos anos não existiu quase uma comunicação imediata na mesma escola. Os professores se encontravam a nível nacional. O período mais rico da atividade do movimento foi o dos anos 60, quando o movimento começou a organizar-se a nível nacional e, pessoas como Ciari, Mario Loti produziram as coisas mais conhecidas. Isto foi um momento muito rico, de repercussão muito forte. Depois foi em 68. O 68 foi um momento mais difícil para todo o mundo: O movimento se remediou muito. Os velhos deixaram o movimento. No movimento começou a idéia que se deveria abandonar a didática, que se deveria ver a fábrica, o escritório, os obreiros e tudo isso. Sofreu muito. Muitos dos velhos, dos fundadores, não participaram mais na vida do movimento. Alguns voltaram, alguns ficaram. Mario Loti ficou sempre no interior do movimento, participando um pouco menos e, agora, o que é interessante é que o movimento sempre produziu muitas idéias. As pessoas que vivem no movimento são pessoas que vivem uma experiência experimental própria, sua. Viver no movimento é bastante difícil, serve a um trabalho pessoal, não é uma associação na qual inscreve e nada mais. Isto ocorreu no movimento a um nível de participação numérica muito baixa sempre. Nunca excedeu mais que 2 mil pessoas participantes e... mais ou menos a este nível. Todavia, quando na Itália em 76, a esquerda subiu muito, agora baixou, tendo o poder em muitos

municípios, surgiu o problema do movimento popular de professores democráticos de esquerda e nasceu outro movimento que chama CEDI: Coordenação de Educadores Democráticos Italianos. Este movimento, próximo do partido comunista, feito para educadoras mulheres de deputados comunistas, tem bastante poder, elevou em poucos anos a 30-40 mil inscritos, mas é um movimento muito mais frouxo no sentido, que organiza coisas, convênios, conferências, participam das atividades parlamentares, faz parte de comissões de estudo, muito formal; mas provocam uma mudança muito baixa, por outro lado o movimento tem um nível muito alto de qualidade de escola em seus membros; mas é muito pouca gente, não? Isto não muda uma escola nacional. Bem, isto parece sempre uma contradição ou uma característica deste movimento.

Houve momentos nos quais algumas pessoas, Mario Loti em particular, foi mais conhecido a nível nacional. Seu livro "O país errado" (...?) vendeu mais de 100 mil cópias, que é muitíssimo para uma obra pedagógica. Isto foi um caso particular, porque saiu depois da "Carta de uma professora", não sei se aqui chegaram a conhecer. "Carta de uma professora" foi um livro que vendeu mais do que 500 mil cópias na Itália e se difundiu em todo o mundo, por isso...

A. Aqui no Brasil um professor de uma classe Freinet, dentro de uma escola pública, não é bem visto pelo diretor, pelos colegas professores, porque exercem uma prática democrática e isto desestrutura a hierarquia autoritária da escola. Como é isto na Itália?

T. Não, não parece tão forte, eu acredito que na Itália, na escola, se pode fazer de tudo, menos dar escândalo sexual, mas quase tudo o resto se pode fazer. É muito difícil que alguém faça um controle qualitativo. Isso não é bom. Mas muita gente diz que is-

to não é verdade, as pessoas também do movimento. E eu acredito que existem pessoas que querem a perseguição e chegam a obtê-la, mas existe gente que trabalhou bem durante toda sua vida e nunca... Maria Loti é um exemplo de que fez sempre sua escola, uma escola democrática. Acredito que teve alguns problemas, mas nunca saiu nos jornais por seus problemas. São maneiras de viver sua vida. Na Itália eu acredito, se pode fazer uma escola democrática. Hoje, pelo que está escrito na lei, não se deveria poder fazer uma escola democrática.

A. E as leis são seguidas?

T. Não, isto é o que te dizia, mas, por exemplo, uma idéia hierárquica rígida não existe. Não existe uniforme, não existe mais as criança que vão em fila, não existe mais a "preghera" (que ora) a pregoar na classe, não existe, tudo isso é muito frouxo, alguns o fazem, alguns não. Continua existindo uma escola muito velha, que é contrária às leis. onde se faz, as letras no caderno A-A-, um pouco, uma percentagem baixa, mas existe. Existe uma porcentagem, baixa de escola muito boa, e no meio tudo é possível. Um professor Freinet hoje na escola, o que faz de particular? Faz técnicas particulares, se interessa muito pela vida social de criança, sai da classe, mas tudo mundo pode sair. Parece que hoje ser um professor Freinet tem um sentido ideológico muito baixo, muito baixo, mas é muito mais, e eu estou de acordo com isso, uma atitude pedagógica e metodológica.

Isto é uma eleição mais forte, eu acredito muito na escola, como se diz, uma escola de confrontação pluralística e, se uma escola é pluralista não pode ser ideológica porque a escola ideológica é sempre uma escola convencional: seja de direita, seja de esquerda. Isto não está muito bem reflexionado, às vezes, também os pro

fessores Freinet, a despeito do método de referência, terminaram por doar uma ideologia distinta, diferente, da oficial e isto cria conflito, mas era uma ideologia. Isto me parece grave, porque isto significa não acreditar que as crianças são capazes de conhecer e que as crianças podem confrontar. Eu acredito que a escola é um lugar de confrontação e não lugar de ensino.

**Depoimento 11****Professora de Recife - PE.**

R. A gente abriu a escola em 1969 e a gente começou a trabalhar in tensamento. E nós começamos. Não conhecíamos nada de Freinet. Aí começamos a trabalhar com educação através da arte é a Escolinha de Arte de Recife. Tinha Augusto Rodrigues que mantinha uma correspondência com Freinet. E Augusto me falou desta correspon - dência. Deste educador a gente trabalhava muito na linha assim de arte-educação. Em 70 começamos a alfabetizar as crianças através de textos dela e neste mesmo ano elas começaram a produzir os livros e a gente achando que estava fazendo uma coisa altamente ino vadora. E em 1972 chegou este nosso amigo da França que fazia mes trado em Educação e quando ele visitou a escola ficou encantado. E disse que tudo que a gente fazia era semelhante a escola Freinet na França.

Nós decidimos, estruturamos um grupo de estudo e começamos a sistematizar o que estávamos fazendo. Começamos com 1º grau. Então as sumimos a Pedagogia Freinet. Ainda não tínhamos impressora. Tive contato com Roger Uberchlag na França e depois fui prá lá.

Posteriormente o professor Penteado esteve em Recife e foi conhecer a Escola. Soube que havia um grupo Freinet no sul. A Flaviana me ligou em 1984 e então fui para o encontro a Blumenau. Logo sis tematizei com o pessoal da França uma correspondência e depois com a FIMEM.

Em Recife na Escola Pública, desde esta época, como eu sou profes sora da universidade, eu tentei concluir no currículo. Fundamos o movimento no Nordeste e promovemos cursos. Este ano veio um pro fessor da Dinamarca e trabalhou com o pessoal da rede pública com o respaldo institucional, querendo trabalhar a questão teórica e

a parte de ateliê. O curso é de 6 semanas e eu dou assessoria a alguns, mas a resistência é enorme, porque não dá pra ser uma coisa de cima pra baixo. O pessoal tem que sentir necessidade. A resistência é enorme, porque primeiro elas se acham um instrumento do poder pra aplicar as novidades que vão ser utilizadas pela Secretaria de Educação.

A secretária agora é uma pessoa muito competente e tem dado respaldo. Alguns professores sensibilizados, mas ainda não existem classes Freinet na prefeitura.

Na Universidade com este professor, que é PHD a coisa melhorou.

## Depoimento 12

Nós estamos juntos na Prefeitura, ela entrou antes, está há 6 anos.

A. Você trabalha Freinet desde quando?

X. Uns 2 anos mais ou menos, Nós estamos procurando meios para se realizar, se aperfeiçoar.

A. Como vocês ficaram sabendo do Freinet lá em Angatuba?

X. Tivemos um contato com a Maria Lícia e com Ruth, que foram dar um curso lá. Nós temos um grupo formado de pré-escola e 1º grau.

A. Quantas pessoas tem lá trabalhando Freinet agora?

X. 40 professores na rede Municipal. Todos procurando se aperfeiçoar.

A. Você tem total apoio da prefeitura?

X. Temos. Sempre procuram dar apoio. Prá gente vir aqui, neste encontro, foi tudo por conta deles.

A. Vocês é que quiseram trabalhar Freinet ou foi uma coisa que a Prefeitura decidiu?

X. Bem, a gente não sabe bem. Iniciou com o Sílvio. Eme mostrou trabalhos e livros prá gente ler. Então a gente adotou a prdagogia. Foi passado o filme de onde a Maria Lúcia trabalhava. A gente se interessei muito. Nós fomos para São Paulo fazer estágio. A gente aprendeu e a gente tá procurando aprofundar.

Também foram feitas várias reuniões. A gente se dividia em grupos e pegava um livro de Freinet e discutia. Cada grupo pegava um assunto. Faz 3 anos que eu estou na Prefeitura e já estava assim. O trabalho foi bem divulgado. Este ano, a nossa Coordenadora, não es

tá cobrando do pessoal, mas foi distribuída uma apostila, onde cada professor deveria participar com jornal de classe, correspondência. Ela não está exigindo, mas ela quer ver este trabalho. Ela quer que o professor se interesse por isto. Ela quer que dê certo. Ela quer que dê certo.

No caso eu e ela fomos professores de pré-escola e as três são do primeiro grau.

A. Quem é o secretário de Educação de Angatuba, que está dando apoio a pedagogia Freinet?

X. Ana e também a Cristina e o Sílvio. A proposta foi do Sílvio e do Emílio, que resolveram mudar.

A. Vocês têm apoio da Prefeitura. Como vocês semtem os outros professores que não trabalham Freinet. Em relação aos seus trabalhos, existe disputa?

X. Eles não receberam bem não. 60% da rede estadual não aceitam.

Não reconhecem. Acho que é isto que eles criticam. Principalmente nós que damos aula no pré. Se a criança faz bagunça na classe, eles relacionam com a Pedagogia.

A. É isto que eu quero saber. O pessoal diz que as classes Freinet são sujas, bagunçadas e que não têm disciplina.

X. Teve um fato muito importante lá. Então saiu uma aluna da minha turma. Aí a professora estava contando uma estória. A criança interrompeu e disse que dava prá fazer um teatrinho. Aí a professora disse que interromper a aula prá fazer aquilo era o "fim da picada", que a criança não tinha disciplina. Nós estamos sabendo por que foi um relatório prá prefeitura das crianças indisciplinadas e esta criança estava entre elas. Tudo é motivo prá falar.

A. E os diretores das escolas como reagem?

X. Têm uns que conhecem mais ou menos. Acham até bonito nosso trabalho, só que não procuram muito conhecer.

A. Mas colocam dificuldades para vocês trabalharem com esta Pedagogia?

X. É que muitos não aceitam. A gente trabalha a liberdade da criança. Então a gente aceita a opinião das crianças e muitos não aceitam. O professor que não aceita faz uma reclamação para o diretor e o diretor encaminha até o setor de Educação da Prefeitura.

A. Se você está trabalhando com a autonomia da criança, ela vai questionar o professor, o diretor; vai questionar toda a estrutura da escola e, na escola, quem dá a última palavra é o diretor. Como ele recebe isto?

X. Pelo pouco que a gente tem contato, as crianças nem têm chances de chegarem ao diretor. A criança nem entra na sala de direção. A criança não tem liberdade e, quando a criança tenta questionar alguma coisa, o que já aconteceu. É mandada embora, é expulsa por uma semana. A gente tenta conversar com a criança, mas o professor tradicional não admite isso.

A. E como os supervisores, coordenadores recebem o trabalho de vocês?

X. Nós temos uma orientadora, que dá total apoio a nós.

A. A Prefeitura é de que partido?

X. PMDB

A. E vocês acham que isto pode ter a ver? A partir do momento que

muda o partido, como fica o trabalho? Pode vir outro Prefeito que mude tudo. Vocês acham que estão trabalhando Freinet porque estão com apoio da Prefeitura?

X. Prá mim, independente de mudar o prefeito. Eu não quero mudar o trabalho. O prefeito anterior que começou e o novo prefeito está dando o maior apoio.

O prefeito, agora, vai fazer visitas nas escolas, porque lá em Angatuba, o município é muito grande e a maior parte das escolas são na zona rural-pré. Ele pediu prá gebte fazer relatório de trabalho.

A. Dentro da Prefeitura tem 40 professores trabalhando Freinet, e o resto?

X. Têm os novos que não trabalham Freinet, mas já estão se introduzindo. Nós vamos passar prá eles.

A. Existe a opção de trabalhar ou não Freinet?

X. Existe a opção, mas você não pode trabalhar o tradicional, tem que trabalhar o jornal, a correspondência. Pelo menos uma vez por semana tem que trabalhar livre com a criança.

Primeiro você tem que mostrar qual é o trabalho, a proposta, para depois trabalhar.

## Depoimento 13

X. A administração nunca apoiou meu trabalho mas nunca se declarou contra.

A. A relação é muito sutil. Você não impede mas não apoia. Você não dá respaldo para que o trabalho aconteça.

X. Pelo contrário, na escola tem 5 mimiógrafos guardados e daí eu digo que preciso de um na sala. Se não dá prá ceder um. Aí a diretora diz que não dá. que os alunos vão quebrar. Aí a gente começa a mentir e diz: - Me empresta que eu vou usar a máquina. Daí eu peguei a máquina levei prá sala de aula e deixei os alunos usarem. Descobriram e começaram a dizer que como eu deixava os alunos usarem o mimiógrafo. Então do lado da escola era isto que acontecia.

Por outro lado um jornal do bairro criticou a escola, pediu e extenção e desativação da escola. Segundo ele a escola não fazia nenhum trabalho de integração. Então a diretora pediu que eu desse uma entrevista pro jornal falando do meu trabalho. Aí eu me fechei. Como eu que era considerada a pior professora da escola, inclusive tinha aquela coisa de avaliação que graças a Deus caiu: era Bom. Muito Bom e Regular. Regular era zero. Bom você ganhava 1 ponto e com Muito Bom 5 pontos que você passava a receber mais. Daí ela me deu R e eu fui perguntar quais eram os critérios prá ela me dar regular. - Porque eu dei MB prá quem fez trabalho extra classe. Mas aí eu disse:- E todo o meu trabalho na construção de uma sala fora do horário de aula. Ela me disse que a sala era prá mim. Estas coisas vão minando você por dentro. Ela bloqueiou papéis meus. Solicitações da minha vida vida profissional, que ela atrapalhava. Até hoje eu tenho problemas de contagem de tempo que aconteceu lá. De uma contagem errada. A gente com pedi

do prá rever e aquilo ficou preso. Eu disse prá ela como eu iria representar a escola se eu não represento a filosofia da escola e que ela deveria chamar um professor de confiança- Ela ficou louca da vida e disse que era uma convocação: - Não estou te convidando é uma convocação.

E eu disse: - Bom, se é uma convocação eu tenho que ir. E fui. Depois de uma briga. Eu fui violenta com ela e ela comigo. Colocou delegacia no meio. Bom como eu tive que aceitar ela me levou de carro. Só falsidade. Aí eu falei para o repórter que eu não tinha o que dizer, porque o trabalho está lá e convidei eles prá verem e perguntarem pras crianças. Eles foram e ficaram encantados com o trabalho. Dêram livros prá biblioteca. E tinha um texto que os meninos fizeram sobre " Construção de uma sala diferente" em que eles contava, como tinha sido o trabalho, eram alunos de uma sexta série. O repõeerte publicou na Íntegra o texto. Um ano depois ele solta um artigo sobre a escola. "Era uma escola marginaliza - da" que ele tinha mudado a visão sobre a escola.

O que ficou prá mim é que a administração usou o trabalho quando foi conveniente, E mesmo tendo usado não valorizou. E a coisa ficou de tal maneira que eu saí da escola. Não tinha estrutura. Tinha um diretor que conhecia meu trabalho e falou vai prá minha escola. Fui prá lá e o diretor deu um apoio além das expectativas. É diferente você trabalhar junto com a administração. Tanto que lá a gente também construiu uma sala, só que em 2 meses. O negócio é que na outra demorou quase um ano e não estava equipada. Aquele começo difícil que não dá prá dialogar com os alunos. Eles eram de quinta a oitava série. E a idade variava de 11-12 anos até 20 anos. As mesmas pessoas canalizando uma energia, uma experiência. Eles liam Shekespeare. Debateram Romeu e Julieta. E começaram lendo "A galinha dos ovos de ouro". Mas foram lentos. Não tinha contato com livro. Eles aprenderam. Um dos alunos foi selecionado para um con

curso. Eu fui para a escola em 77 e fiquei só até 80. E a diretora dizia que o meu trabalho era subversivo. Por exemplo: teve uma vez que tirou o recreio das crianças, porque outros professores reclamaram do barulho. Então ela resolveu tirar, eles desciam tomavam a merenda e tinham de subir. Não tinham tempo para brincar. Aí na reunião de cooperativa eles colocaram: - Ai Maria Lúcia não dá, a gente fica com dor de cabeça na aula. A gente quer um tempo de recreio. Porque foi tirado?

Aí eu disse: - quem pode dizer porque foi tirado, as razões por ter sido tirado e vocês podem colocar as razões de vocês e como resolver isso, é a diretora. Quem tem o poder de decisão é a diretora. Aí, podemos tirar uma comissão pra falar com ela. Aí eles foram falar com ela e ela disse que não ia receber alunos e, numa reunião pedagógica ela coloca que eu estou subvertendo o ordem da escola. Que eu deixo os meninos fazerem tudo e até isto eles foram questionar. Porque isto é uma ameaça ao poder.

Eu tive outra experiência em outra escola que a gente fazia o jornal falado. Aí as crianças fantasiavam-se e vinham os pais para assistir o trabalho. E isto atrapalhava a ordem, daí a diretora proibiu. E eu disse que tinha autonomia e que não ia parar este trabalho. E vi que tinha uma revista pedinfo artigos. Aí eu escrevi sobre o jornal falado e sabia que ela não ia proibir. E foi o que aconteceu. Tem algumas saídas.

Eu acho que tem o autoritarismo embutido não só na administração, como nos alunos. Os alunos não aceitam alguém que chegue lá e conversa e quer ouvir. Eles queriam exigir um comportamento autoritário se não, não é professor. "A senhora tá matando aula".

O Freinet tem razão quando diz que sem uma infra estrutura não vai. A palavra está tão desacreditada.

E mudou tudo quando eles entraram para construir juntos a sala. É uma nova filosofia de trabalho, é um novo papel para o profes-

sor, para as crianças e para a família que vem e ajuda. É o redirecionamento de todas as relações.

## Depoimento 14

A. Eu gostaria que você contasse quantas pessoas estão trabalhando lá com a pedagogia Freinet e como foi o processo de chegar Freinet lá.

X. Eu entrei depois do processo começado, mas posso te falar algumas coisas. Você conhece a nossa coordenadora? É a nossa atual coordenadora e está desde o começo. Bom, acho que hoje temos de 54 a 60 professores trabalhando Freinet.

Como começou eu não sei dizer porque eu ainda não estava na rede. Quando eu entrei na prefeitura eu estava super insatisfeita com o trabalho que estava fazendo. Eu vinha de uma escola Montessoriana e tomei contato com uma professora que trabalhava Freinet e aí a gente começou a estudar. A gente tinha um apoio, entre aspas, da Prefeitura, que nos ajudava a trabalhar assim. Este ano a gente retomou, pensou e montou um plano de metas que a gente queria desenvolver e uma das prioridades era votar e escolher uma coordenadora. Nunca tinha acontecido isso. A gente conseguiu. Estão acontecendo outros processos paralelos como Emília Ferrero. Agora o que mais chama atenção e me preocupa é o Método Natural da Gilda Rizzo que está virando uma massificação eu tinha medo que eles queiram implantá-lo na rede toda. O Freinet sempre foi discriminado pelas outras professoras. A impressão que eu tenho é que se tem medo de mudar a postura e as outras professoras que mudavam tinham resultados melhores e o trabalho se destaca. E isto começou incomodar as próprias crianças. Elas questionavam. Porque eles podem ter assim e eu não posso? Eu quero ir para aquela sala. E as próprias professoras torciam o nariz pra gente.

A. E isso acontecia com as diretoras da escola?

X. Acontecia e acontece. Tem diretor de escola que diz que profes

sor Freinet não entra na escola dela. E o que entra ela não deixa participar do grupo de estudo. Porque o grupo de estudo é separado. Esse ano foi bem fácil a gente fez reuniões com as diretoras, mas a postura delas não muda.

A. E elas têm autonomia, elas podem decidir se aceitam ou não o professor Freinet na sua escola?

X. Não, não podem.

A. Mas existem mecanismos de coerção?

X. Existem. Elas não podem decidir porque você escolhe a escola pelos pontos que tem, mas depois o seu trabalho fica dificultado: por exemplo, tipo em reunião de planejamento ela te econsta na parede perante as outras professoras. Todos os mecanismos que ela puder usar para atrapalhar o seu trabalho Mas ela não pode proibir sua entrada na escola. Aí hoje, eu fiquei sabendo de uma professora que queria trabalhar Freinet na escola, a diretora disse que ela não poderia trabalhar Feinet, porque prá trabalhar Freinet tem que ser um projeto da prefeitura. E fica parecendo que quem está atrapalhando o trabalho do projeto da prefeitura é o grupo Freinet. Como se a gente fosse um grupo fechado, o que não acontece.

A. Eu acho isto importante porque ao mesmo tempo que vocês podem escolher trabalhar Freinet em uma escola, vocês podem sofrer esses mecanismos de controle de uma diretora que atrapalha o trabalho.

X. Eu não sinto assim, eu sinto que os diretores apoiaram e a rede deu uma abertura muito grande para esse projeto e para os professores. Isso é uma coisa pronta é um método que não mexe com o tradicional; é um tradicional mascarado e não tira a segurança

que eles têm. É uma maneira de ser diferente que tem o apoio de toda a rede.

A. Agora eu sei que quando Freinet começou em São José era uma prefeitura, daí mudou. Vocês ainda têm o apoio da nova prefeitura ?

X. Com a mudança do prefeito, a gente não tem apoio, a pré-escola toda não tem apoio. Entre outras coisas, a nossa Secretaria de Promoção é incompetente para o cargo que está. Ela disse em uma reunião, que o professor de pré-escola e pré-escola era PERFUMARIA. Ela confirmou isso. O prefeito incentivava a pré-escola construindo prédios. Na verdade ele estava preocupado com grandes obras. Muito preocupado com futebol. As pessoas que ele coloca lá, são de interesse dele, o que não tem favorecido a pré-escola e muito menos a gente.

A. O processo lá foi democrático? Quem escolheu trabalhar com Freinet?

X. Foi, foi sim. Começou assim aos poucos. Vários professores queriam partir para outra prática pedagógica. Estava todo mundo cansado de trabalhar a mesma coisa. As pessoas não tinham conhecimento de como trabalhar. Aí aconteceu o 1º Congresso de Educação do Município, daí a Ana Travaine de Campinas foi dar um curso lá, então alguns professores fizeram o curso e isoladamente o trabalho começou. A gente em julho de 85 começou a sentir necessidade de trocar experiências. Em 1986 teve a semana de Educação Celestin Freinet lá. Daí nós convidamos a Gláucia e a Ruth e outras pessoas. Foi uma grande oportunidade. A partir disso ainda em 86, vários professores começaram o trabalho Freinet na prefeitura. Cada um no seu lugar. Em 1987 nós estamos querendo fazer

um grupo. A Secretaria de Educação vendo que a gente estava procurando uma sistematização, e as orientadoras pedagógicas não conheciam este trabalho, ela colocou uma pessoa para coordenar esse grupo. Em 1987 a Ruth foi o ano todo para São José dos Campos dar uma assessoria.

**A.** Hoje como está. mudou a prefeitura, vocês têm o mesmo apoio?

**X.** No final do ano de 88 a gente sentiu a necessidade de apresentar um projeto para a prefeitura porque nós sabíamos que o prefeito ia mudar e queríamos assegurar nosso trabalho. Elaboramos um plano de metas para 1989. Pedimos que a orientadora fosse eleita pelo grupo de professores. Pedimos uma coordenadora e monitora. Por falta de dinheiro o projeto não foi atendido. Eu sou uma coordenadora eleita e o processo continua.

## Depoimento 15

A. Eu queria que você me contasse a experiência no seu município.

Como Freinet chegou lá e como foi implantada esta Pedagogia?

X. Primeiro o Secretário chegou lá e trouxe junto com o professor Penteado um filme sobre o Freinet para toda a rede assistir.

Após este filme surgiu um curso de 40 vagas que a Ruth foi dar 2 dias de curso, daí quem quisesse teria a liberdade de implantar e eu comecei em agosto. Na época eu era professora.

X<sub>2</sub> Mas antes disso, a gente tem que lembrar que a proposta foi imposta de cima prá baixo. Todo mundo tinha que trabalhar.

X<sub>3</sub> Não, não, eles apresentaram para a rede toda a proposta e 40 pessoas faziam o curso. Quem quisesse começava. Este curso foi dado no começo de julho (fim de semana), férias e tinha limite de vagas. Em agosto eu comecei na minha escola.

X<sub>4</sub> Eu fiz o curso e logo comecei. Eu vim do 1º grau e não tinha prática com pré-escola. Daí eu me preparei e comecei. Participei dos cursos na minha cidade e fui para São Carlos.

X<sub>5</sub> Eu inaugurei uma escola com 4 professoras. Eu sou diretora. A minha escola foi inaugurada com as técnicas Freinet e aos poucos outros professores começaram a aderir. Daí foi mudando o mobiliário da sala. A nossa escola umas mais, outras menos todas aderiram.

Como veio de cima prá baixo as pessoas que não estudavam perceberam que aquele que aquele grupo tinha um apoio da administração, então todo mundo começou a dizer que era Freinet sem estar preparado.

A. Isto foi em que ano?

X. Em 1984. Em 1985 pegou fogo, porque muitas escolas se diziam Freinet mas com o mesmo erro, sem embasamento e fazendo só o que convinha para o professor então: "prá sair fora da sala eu sou Freinet, agora dentro eu é que imponho porque eu quero comandar, tem que ter disciplina, Então a maioria era iso aí sem embasamento e virou um caos total porque as pessoas que chegavam achavam que onde era Freinet era bagunça. E todo mundo era Freinet. E acabou que num grupo de 190 a 200 professoras só ficaram 12 trabalhando. Daí houve uma mudança de secretário e houve uma podede total. Acabou em 1986. O Secretário teve a impressão de que era uma bagunça e ele quis saber de onde tinha vindo esta proposta. Se era dos professores. Não tinha vindo de cima. Daí esta secretaria resolveu fazer uma nova proposta. Foi elaborada por diretores da rede mas sem uma pessoa especializada. E foi mais um amontoado de idéias. Todos os professores receberam a proposta, todos que vão fazer concenso recebem isto. Nesta proposta foram colocadas algumas técnicas Freinet para contentar aquela minoria que já trabalhava. Só que são técnicas por técnicas sem o espírito da Pedagogia.

X<sub>2</sub> Eu trabalhei de agosto de 84 a dezembro, depois eu peguei uma substituição de fevereiro até setembro de 85. Era uma escola onde todos trabalhavam Freinet. Foi um período maravilhoso, de 2 meses e meio de todos acreditavam no que faziam. A escola comprou uma imprensa e em seguida veio uma diretora que acabou com o trabalho. A imprensa tá lá sendo usada como mimeógrafo, só para bilhetes. Essa diretora dizia que Freinet era bagunça.

A. Então com os colegas vocês sentem problemas para trabalhar estas propostas?

X. Lá tem remanejamento tanto de professor como de diretor. A re-  
de está com 278 classes municipais e o pessoal tradicional é  
muito fechado. Se eu não acredito deixo o outro fazer, mas os di-  
retores podam e não deixam os professores trabalharem.

Embora essa secretaria atual dê mais abertura. Os últimos concu-  
sos, lá o pessoal só entra através de concursos públicos. Os con-  
cursos têm trazido uma biblioteca bem aberta até com livros de  
Freinet, mas mesmo assim o pessoal não entende, é muito mais cô-  
modo o que já está pronto, no livro bonito. O pessoal passa o con-  
teúdo e só.

A. E o pessoal da prefeitura que está acima de vocês?

X. Acima da gente na Prefeitura tem a Secretária que está com uma  
abertura, desde que você saiba o que está fazendo e ligada as  
classes populares, porque nossas escolas são na maior parte na  
periferia e o prefeito não tem impedido do trabalho, inclusive,  
foi aprovado por ele um projeto, ligado a UNESP, com as técnicas  
Freinet. É um projeto da educação ligado a arquitetura.

A. É um antigo projeto do Penteado?

X: Sim é este. O Penteado entrou pela educação e um arquiteto com  
o projeto arquitetônico. O prefeito aprovou e a Secretaria de  
Educação também, então está recomeçando. Na época o Penteado foi  
podado, inclusive a verba que ele arranhou foi usada para outra  
escola. A verba foi desviada.

X<sub>1</sub> Agora, uma experiência minha como diretora onde eu queria que  
os professores entendessem que aquilo não era bagunça. Pas-  
sando por uma escola eu propus trabalhar as técnicas Freinet sob  
minha orientação e todo mundo foi unânime em dizer que sim. En-  
tão eu passei a orientar as professoras acreditando que era ver-

dade. Fiquei só seis meses nesta escola e, no final eu descobri por uma professora que eu tinha sido mandada lá e que eles eram obrigados a fazer as técnicas. Então não valeu nada. Depois eu fui para a escola onde estou atualmente e fiz a mesma pergunta e trabalhei do mesmo jeito e percebi que não era por aí.

A colega está como diretora de divisão, seria supervisora. Na época as supervisoras eram extremamente autoritárias e obrigavam todos a seguir a proposta.

A. Que proposta, a do Freinet?

X. Não, a da Prefeitura, feita pelas diretoras. Verificavam o planejamento se estava de acordo. Era uma proposta tirada da SEMP em 1980. Uma proposta de objetivos e conteúdos.

X<sub>1</sub> O erro desta proposta foi de ser implantada de maneira errada.

Ela foi elaborada e imediatamente todo mundo tinha que seguir. A maioria tinha a proposta como Bíblia e chegou um momento que ninguém sabia para onde ir. E não é a proposta que define. Hoje está tudo como uma colcha de retalhos, sem a prática definida. Agora nós estamos escrevendo um documento do município para dar elementos para a lei orgânica e, com liberdade do professor trabalhar como quiser, desde que, não esqueça da criança.

Nós estamos reestruturando a Secretaria.

X<sub>2</sub> Na poda de quem trabalhava Freinet não houve uma avaliação, uma justificativa para a poda. Nós temos isto engasgado. Como o pessoal que não trabalhava tem Freinet engasgado, porque achava Freinet uma bagunça.

X<sub>3</sub> Eu não tinha experiência com pré-escola. Estudei e trabalhei

Freinet durante 2 anos. Com a nova proposta da Prefeitura a diretora me podou e eu tive que dar um corte e começar a nova pro-

x<sub>3</sub> A Secretaria de Educação hoje está dando muito apoio aos professores.

P.S. Uma professora que estava junto sô escutou a entrevista e me chamou pedindo que eu não gravasse o que ela iria dizer, sobre as diretoras e supervisoras que alí estavam.